## BRASILIANA

5. SÉRIE DA

#### PEDAGOGICA BRASILEIRA BIBLIOTECA

SOB A DIRECÃO DE FERNANDO DE ÁZEVEDO

#### VOLUMES PUBLICADOS:

1 - Batista Pereira: Figuras do Imperio e outros ensaios - 2.ª edição. 2 - Pandiá Calogeras: O Marques de Barbacena - 2.ª edição.

3 --- Alcides Gentil: As idéias de Alberto Torres (sintese com indice remissivo). 4 - Oliveira Viana: Raça e Assimila-

cão - 8.ª edição (aumentada).

5 - Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo (1822) — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay.

6 - Batista Pereira: Vultos e episcolic. do Brasil.

7 - Batista Pereira: Diretrizes de Rui Barbosa -- (Segundo textos escolhidos). 8 — Oliveira Viana: Populações Meri-dionais de Brasil — 8.ª edição. 9 — Nina Rodrigues: Os Africanos no

Brasil - (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente ilustrado

- 2.ª edição.

10 — Oliveira Viana: Evolução do Povo Brasileiro — 2.ª edição (ilustrada).

11 - Luis da Camara Cascudo: O Conde d'Eu - Vol. ilustrado.

12 - Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe Vol. ilustrado.

13 - Vicente Licinio Cardoso: A' margem da Historia do Brasil.

14 - Pedro Calmon: Historia da Civili-

zação Bras.leira — 3.ª edição. 15 — Pandiá Calogeras: Da Regencia á quéda de Rozas - 8.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").

16 - Alberto Torres: A Organização Na-

cional.

17 - Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro.

18 -- Visconde de Taunay: Pedro II.

19 — Afonso de E. Taunay: Visitantes do Bras.l Colonial (Sec. XVI-XVIII).

20 — Alberto de Faria: Mauá (com tres ilustrações fóra do texto).

21 — Batista Pereira: Pelo Brasil Maior. 22 - E. Roquete-Pinto: Ensaios de Antropologia Brasileira.

23 - Evaristo de Morais: A escravidão

afr.cana no Brasil.

24 — Pandiá Ca'ogeras: Problemas de Administração. 25 - Mario Marroquim: A lingua do

Nordeste.

26 - Alberto Rangel: Rumos e Perspectivas.

27 - Alfredo Ellis Junior: Populações Paulistas.

28 - General Couto de Magalhaes: Viagem ao Araguaia - 8.ª edição.

29 - Josué de Castro: O problema da alimentação no Bras.l - Prefacio do prof. Pedro Escudero.

30 - Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central - Ed. ilustrada.

81 — Azevedo Amaral: O Brasil na crise atual.

82 - C. de Melo-Leitão: Visitantes do Primeiro Imperio — Ed. (com 19 figuras).

83 - J. de Sampajo Ferraz: Meteorolog.a Brasileira.

34 — Angyone Costa: Introdução á Arqueologia Brasileira - Ed. ilustrada.

85 - A. J. Sampaio: Fitogeografia do

Brasil - Ed. ilustrada.

86 - Alfredo Ellis Jun or: O Bandeirlsmo Paulista e o Recúo do Meridiano - 2.ª edição.

87 - J. F. de Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil - (Ed. ilustrada).

88 - Rui Barbosa: Mocidade e Exillo (Cartas ineditas. Prefaciadas e anotadas por Americo Jacobina Lacombe) Ed. ilustrada.

89 - E. Roquete-Pinto: Rondonia - 3.4 edição (aumentada e ilustrada).

40 - Pedro Calmon: Historia Social do Brasil - 1.º Tomo - Espirito da Sociedade Colonial - 2.a edição.

41 — José-Maria Belo: A inteligencia do Brasil.

42 — Pandiá Calogeras: Formação Histórica do Brasil - 2.ª edição (com 8 mapas fóra do texto).

48 - A. Saboia Lima: Alberto Torres e sua obra.

44 -- Estevão Pinto: Os indigenas do Nordeste (com 15 gravuras e mapas) — 1.º volume.

45 --- Basilio de Magalhães: Expansão Geografica do Brasil Colonial.

Mendonca: A influencla 46 - Renato africana no português do Brasil --Ed. ilustrada.

47 - Manoel Bomfim: O Brasil - Com uma nota explicativa de Carlos Maul.

48 - Urbino Viana: Bandeiras e serta-71 - F. C. Hoehne - Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI nistas baianos. (Pesquisas e contribuições). '49 - Gustavo Barroso: Historia Militar 72 - Augusto de Saint-Hilaire - Sedo Brasil - Ed. Ilustrada, (com 50 eravuras e mapas). gunda viagem ao Interior do Brasil -"Espirito Santo" - Trad. de Carlos 50 - Mario Travassos: Projeção Conti-Madeira. nental do Brasil - Prefacio de Pan-78 - Lucia Miguel-Pereira: Machado de diá Calogeras' - 2.ª edição ampliada. Assis - (Estudo Critico-Biografico) 51 - Otavio de Freitas: Doencas afri-- Edicão ilustrada. canas no Brasil. 74 - Pandiá Calogeras - Estudos His-52 - General Couto de Magalhães: O toricos e Politicos - (Res Nostra...) selvagem - 8.º edição completa, com - 2.ª edição. parte original Tupi-guarani. 75 — Afonso A. de Freitas: Vocabularie 53 - A. J. de Sampaio: Biogeografia Nhêengatú (vernaculizado pelo portudínamica. guês falado em S. Paulo) — Lingua 54 - Antonio Gontijo de Carvalho -Tupi-guarani. Calogeras. 76 - Gustavo Barroso: Historia secreta 55 - Hildebrando Accioly: O Reconhecido Brasil - 1.ª parte: "Do descomento do Brasil peios Estados Unides brimento á abdicação de Pedro I" da America. Edicão flustrada. 56 - Charles Expilly: Mulheres e Cos-77 — C. de Melo-Leitão: Zoologia do tumes do Brasil - Traducão, prefa-Brasil - Edição ilustrada. cio e notas de Gastão Penalva. 78 - Augusto de Saint-Hilaire: Viagem 57 - Flausino Rodrigues Vale: Elemenás nascentes do Rio São Francisco e tos do Folciore musica! Brasile.ro. pela Provincia de Goiaz -- 2.º tomo 58 - Augusto de Saint-Hilaire: Vlagem - Traducão e notas de Ciado Riá Provincia de Santa Catarina (1820) beiro Lessa. - Traducão de Carlos da Costa Pe-79 — Craveiro Costa: O Visconde de Sinimbú — Sua vida e sua atuação 59 - Alfredo Elis Junior: Os Primeina politica nacional - 1840-1889. 80 - Osvaldo R. Cabral: Santa Catarina ros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano. - Edição ilustrada. 81 — Lemos Brito: A Gioriosa Sotaina 60 - Emilio Rivasseau: A vida dos Indo Primeiro Imperio - Frei Caneca dios Guaicurús - Edicão ilustrada. - Edição ilustrada. 61 - Conde d'Eu: Viagem Militar ao Rio 82 - C. de Melo-Leitão: O Brasil Visto Grande do Sul (Prefacio e 19 cartas Pelos Ingleses. do Principe d'Orleans, comentadas por 88 - Pedro Calmon: Historia Social do Max Fleiuss) — Edição ilustrada. Bras.1 - 2.º Tomo - Espirito da Sc-62 - Agenor Augusto de Miranda: O ciedade Imperial, Rio São Francisco - Edição ilustrada. 84 - Orlando M. Carvalho: Problemas Fundamentais do Município - Edição 63 - Raimundo Morais: Na Planicie Amazonica - 4.ª edicão. ilustrada. 85 - Wanderley Pinho: Cotegipe a sen 64 - Gilberto Freire: Sobrados e Mu-Tempo — Ed. ilustrada. cambos - Decadencia patriarcal ru-86 - Aurelio Pinheiro: A' Margem do ral no Brasil - Edição ilustrada. Amazonas — Ed. ilustrada. 65 — João Dornas Filho: Silva Jardim. 87 - Primitivo Moacir: Instrucão A 66 - Primitivo Moacir: A Instrução e e o Imperio -- (Subsidios para a o Imperio (Subsidios para a historia História da Educação no Brasil) de educação no Brasil) - 1828-1858 2.º volume - Reformas do ensino - 1.º volume. — 1854-1888. - Pandiá Calogeras: Problemas de 88 — Helio Lobo: Um Varão da Repú-Governo - 2.ª edição. biica: Fernando Lobo. 68 - Augusto de Saint-Hilaire: Vlagem 89 - Coronel A. Lourival de Moura: ás Nascentes do Rio São Francisco 🗸 As Fôrças Armadas e o pela Provincia de Go.az - 1.º tomo Histórico do Brasil. - Tradução e notas de Clado Ribei-90 - Alfredo Elis Junior: A Evolução ro Lessa. Ecônomia Paulista e suas Causas -69 - Prado Maia: Através da Historia Edição ilustrada. Navat Brasileira. 91 - Orlando M. Carvalho: O Rio da 70 - Afonso Arinos de Melo Franco: Unidade Nacional: O São Francisco, Conceito da Civilização Brasileira.

- 92 Almirante Antonio Alves Camara; Ensaio sobre as Construções Navois Indigenas do Brasil — 2.º edição ilustrada.
- 93 Seratim Leite: Páginas de História do Brand.
- 94 Salomão de Vasconcelos: O Fico Minas e os Mineiros da Independencia Edição ilustrada.
- 95 Luiz Aginstiz e Elizabeth Cary Agassiz: Viagem ao Brasil — 1865-1868 — Trad. de Edgar Süssekind de Mendonca.
- 96 Osorio da Rocha Diniz: A Politica que Convém ao Brasil
- tica que Convém ao Brasil. 97 — Lima Figueirêdo: Oéste Paranaense — Edicão Hustrada.
- 98 Fernando de Azevedo: A Educação Publica em São Paulo — Problemas e discussões (Inquerito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).
- 99 C. de Melo-Leitão: A Biologia no Brasil.
- 100 Roberto Simonsen: H.storia Economica do Brasil. Edição illustrada.
   101 Herbert Baldus: Ensaios de Eteroria Produit Produit
- nologia Brasileira. Prefacio de Affonso de E. Taunay. — Edição ilustrada.
- 102 S. Fróes Abreu: A riqueza mineral de Brasil. Edição illustrada.
   103 Sousa Carneiro: Mitos Africanos no Brasil. Edição ilustrada.

- 104 Araujo Lima Amazonia A Terra a o Homem.
- 105 A. C. Tavares Bastos: ▲ Provincia 2.ª edicão.
- 106 A. C. Tavares Bastos: O Vale do Amazonas — 2.a edição.
- 107 Luis da Camara Cascudo: O Marquês de Olinda e seu tempo (1798-1870) Edição flustrada.
- 108 Padre Antônio Vieira: Por Brasil a Portugal — Sermões comentados por Pedro Calmon.
- 109 Georges Raeders: D. Pedro II e o Conde de Gobineau (Correspondencia inedita).
- 110 Nina Rodrigues: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Com um estudo do Prof. Afranio Peixoto.
- 111 Washington Luis: Capitania de São Panlo — Governo de Rodrigo Cesar de Menezes — 2.º edição.
- 112 Estevão Pinto: Os Indigenas do Nordeste 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos indigenas do nordeste brasileiro.
- 113 Gastão Cruls: A Amazonia que eu Vi — Ob'dos — Tumumaque — Prefacio de Roquete Pinto — Ilustrado — 2.º edição.



## SILVIO ROMERO

2016

#### DO MESMO AUTOR

- O QUE SE ENSINA E O QUE SE APRENDE NAS ESCÓLAS DE DIREITO DO BRASIL, discurso de grão, 1.º ed., 1.º m.º, 102 pgs. (1920); 2.º ed., 2.º a 3.º milheiros, 96 pgs. (1923).
- POR QUE NÃO RECEBI O PREMIO "MACHADO PORTELA" DE 1920, protesto dirigido á cangregação da Faculdade da Direito da Universidade do Rio de Janeiro, 1.º ed., 1.º m.º, 40 pgs. (1921).
- O ESPORTE ESTA\* DESEDUCANDO A MOCIDADE BRASILEIRA, polemica sobre o valer do esporte como agente educativo, 1.4 ed., 1.º e 2.º milheiros. 160 pgs. (1922).
- INICIANDO UMA CAMPANHA CONTRA A AÇÃO CATÓLICA NO BRASILde colabreação com Edgar Süssekind de Mendonça, 1.º ed., 1.º m.º, 102 pgs. (1924).
- O QUE O BRASIL JA' FEZ PELA RADIOCULTURA, historia des primeiros passos de "broadcasting" entre nós, de colaberação com Edgar Süssekind de Mendonça, 1.º ed., 1.º a 3.º milheiros, 48 pags. "Radio" (1925); 2.º ed. em 18 arts. n° 4 Patria" (1926).
- HISTORIA DO TEATRO BRASILEIRO, de 1565 a 1840, 1.ª ed. 1.º a 3.º milheiros. 250 pgs. (1926).
- ALGUMAS SUGESTÕES A' EDUCAÇÃO SEXUAL DOS BRASILEIROS, conferencia, 1.º ed., 1.º m.º, 64 pgs. (1927).
- BASES PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL, tese aprovada pela 2.º Conf. Nac. de Educação, de Belo Horizonte, 1.º ed., 1.º m.º, 32 pgs. (1928).
- QUEM FOI PEDRO II, golpeando de frente o "saudesismo", 1.ª ed., 1.º e 2.º milheiros, 170 pgs. (1929); 2.ª ed., 3.º a 5.º milheiros, 190 pgs. (1931).
- AFIRMAÇÕES ACATÓLICAS EM TORNO DE VÁRIOS TEMAS, 1.º ed., 1.º m.º, 150 pgs. (1930).
- EDMUNDO REGO, JUIZ o caracter, a oultura, e coração e o civisme, 1.8 ed., 1.º m.º, 48 pge. (1930).
- O SENSACIONALISMO suas caness, suas fórmas, ssus efeitos, suas eulpas, seus remédios, conferencia, 1.º ed., 1.º m.º, 80 pgs. (1931).
- O SENSACIONALISMO, A IMPRENSA E A DITADURA, conferencia, 1.º ed., 1.º m.º, 48 pgs. (de pgs. 43 a 90 do volume "Sensacionalismo") ed. da Casa do Estudante. (1933).
- HOMICÍDIO OU SUICÍDIO?, promoção no inquérito policial para apurar a causa da morte de Sergio Cartier, em edição especial do "O Globo", de 2-9-1934.
- O CATOLICISMO, PARTIDO POLITICO ESTRANGEIRO, 1.4 ed., 1.0 ao 3.0 milheiros, 240 pgs. (1934); 2.4 ed., 4.0 a 8.0 milheiros, 362 pgs. (1935).
- LUCIO DE MENDONÇA, ensaio bis-bibliográfico, de colaboração com Edgar Süssekind de Mendonça, edição da Academia Brasileira, 1 vol. com 184 pgs. (1934).
- SILVIO ROMÉRO, SUA FORMAÇÃO INTELECTUAL, 1.º ed., I vol. com 344 pgs... Cia. Editora Nacional, S. Paulo, (1938).

### CARLOS SÜSSEKIND DE MENDONÇA

# SILVIO ROMERO

sua formação intelectual

1851 - 1880

com uma indicação bibliografica



1938

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo - Rio de Janeiro - Recife - Porto Alegre



A' memoria de

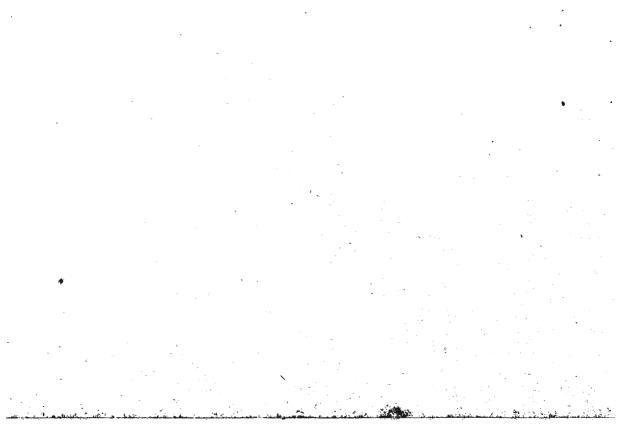
## MABILLON LOPES,

grande e nobre coração de nortista



"...Como me orientei, entre as leituras e os estudos que tenho feito — o que aprendi dos mestres — o que tirei de mim proprio — a critica que procure por si mesma descobrir e refazer, si achar nisso algum interesse..."

SILVIO ROMÉRO



#### **EVOCAÇÃO**

Conheci Silvio Roméro em 1906 num hotel de Terezópolis.

Tinha eu, então, apenas sete annos.

Meu pai, Lucio de Mendonça, já no fim da vida, esquecêra o rancôr com que o tratara n'"A Semana" de Valentim Magalhães. E o apontava á nossa admiração incrédula como uma figura excepcional da inteligencia brasileira.

Não sei si o olhei com "os olhos assombrados do menino Heine ao vêr passar Napoleão", que seriam os mesmos com que Machado de Assis, ainda crisálida, olharia, tambem, pela primeira vez, para Alencar, já em pleno vôo.

Tudo o que sei é que nunca esqueci sua figura de "bom homem canhestro e simplório" — tal como a fixou, um dia, Coelho Neto — "lerdo, bamboleando o corpo flácido, sempre com livros e papeis debaixo do braço, os olhos languidos de fadiga, parecendo na sua aparencia pacata de burguez mal enjorcado e móle, descer a vida na correnteza do destino como uma folha mórta ao léo das aguas".

Meu irmão Edgard, este já mais idoso, beirando os seus dez anos, e, desde então, precócemente austéro, como andasse nas varandas do hotel preferindo a companhia de Julio Verne á nossa, e seguindo nos mapas, de que nunca se apartava, o roteiro das "viagens maravilhosas", era tratado por Silvio como "o seu geógrafo".

Nove anos depois, em 1915, o conhecimento da obra do grande brasileiro começava a me empolgar.

A série dos estudos de literatura contemporanea, presenteada por Francisco Venancio Filho, foi o maior regalo que me dei nas minhas ultimas férias de colegial.

"O Parlamentarismo e o Presidencialismo na Republica Brasileira", que, então, ainda se vendia na Livraria Alves, garantia-me, mais tarde, a minha distinção no ezame de Direito Constitucional.

Desde aí, braço dado a Edgar, eu, estudante de Direito, ele, de Belas Artes, tinhamos dia certo para correr os "sêbos" a procura dos opúsculos esgotados de Silvio.

E era de vêr o orgulho com que todos os domingos, nas sessões, a esse tempo semanais, do Gremio Euclides da Cunha, em nossa casa, verificavamos, com os amigos, na estante, as aquisições da semana, e, no calor das discussões, que nos levavam pela noite a dentro, o quanto ia crescendo em nós ambos a admiração comum pelo grande critico e a identificação de vistas, que as suas diretrizes nos impunham ao trato dos problemas brasileiros.

Em 1919, quando assumi a direção d'"A Epoca", a tradicional revista dos alumnos da Faculdade Livre de Ciencias Jurídicas e Sociaes do Rio de Janeiro, seu editor foi Edgar.

E como tudo o que faziamos era, já a esse tempo, e sempre, em comum, o segundo numero da minha administração, aparecido em 31 de Maio daquele ano, e consagrado a Silvio, teve dele carinhos excepcionais de redator e de tipografo.

Foi, tambem, com o seu estimulo, e com a ajuda dos seus argumentos, que fundamentei a proposta, vitoriosa na "Sociedade de Estudos Nacionaes", de se denominar Silvio Roméro a sala em que funcionava a biblioteca da Faculdade, onde até hoje se conservam o seu nome e o seu busto.

Ainda em 1919, foi pelas suas mãos que recebi de Edgard Roméro, filho de Silvio, o trabalho inédito do pai sobre "Pragmatistas e Intelectualistas", publicado n'"A Epoca" de 31 de Outubro daquele ano (pgs. 8 a 10) e os apontamentos com que se organizou, pela primeira vez, a "distribuição sistemática de todos os livros, teses, opúsculos, monografías e escritos ainda inéditos dos ultimos anos de vida" de Silvio ("A Epoca", ano XIV, n.º 89, pgs. 29 a 31).

Dez anos depois, em 1929, fundava eu, com Edgar, a "Revista Bibliografica", "publicação mensal de informação e critica do que se lê e escreve no Brasil."

Os dois primeiros numeros, consagrámol-os a Rui e a Euclides. O terceiro, a Silvio.

Colaborando na homenagem, Silvio Roméno Filho forneceu-nos minuciosa indicação dos trabalhos publicados pelo pai, desde o tempo de estudante.

A revista não chegou a dar o numero prometido.

Mas, desde então, a indicação passou a ser por nós cuidadosamente anotada e escrupulosamente refundida, através de constantes leituras e indagações de toda sorte.

Em 1931, quando Afranio Peixoto organizou a "coleção bibliográfica" da Academia Brasileira, tomei a mim o encargo de cuidar do volume referente a Silvio.

Edgar se incumbiu do de Lucio de Mendonça.

Em 34, todavia, para aproveitar a oportunidade de coincidir o 80.º aniversario do nascimento de Lucio com o 25.º da sua morte, como visse que Edgar não dispunha de tempo para se desobrigar, sósinho, da tarefa, a que se comprometera, ajudei-o a cumpril-a.

Demos o volume, efetivamente, em Novembro. Em retribuição, assegurou-me ele que colaboraria comigo no estudo sobre Silvio.

Todo um ano, entretanto, se passou sem que pudessemos pensar na ezecução do compromisso, já agora

comum.

Ocorrido o levante militar de 27 de Novembro de 1935, sete dias depois, a 4 de Dezembro, Edgar era preso por suspeita de participação no mesmo.

O golpe doloroso que este fato vibrou na nossa intimidade, privando-me, ha um ano, da companhia de um irmão que sempre fôra para mim o maior dos amigos, o colaborador incomparavel de todos os meus trabalhos intelectuais e a maior força moral de que disponho em minha vida, concorreria, não obstante, contra toda espetativa possivel, para a realização que planejáramos juntos.

E' que, em meio ás preocupações de toda especie que o acontecimento me trouxe, a idéa do livro passou a constituir um derivativo inestimavel.

Por outro lado, reconstituindo, passo a passo, a vida acidentada do grande lutador, através das inúmeras vicissitudes que se lhe antepuzeram, como que me aproximava do colaborador ausente, confundindo-lhes as pégadas na mesma caminhada trabalhosa e incompreendida.

Conclúo, hoje, este volume, correspondente ao primeiro periodo, á formação intelectual de Silvio, sem que a Justiça tenha ainda restituido á nossa casa o irmão querido, que de tanto a desfalca.

Possa o outro volume, que se lhe seguir, sorpreendendo o extraordinario historiador da literatura brasileira já na sua maturidade gloriosa, no seu periodo mais fecundo de ação e reação social, contar com a colaboração do meu insubstituivel companheiro, reintegrado no lar, que tanto quer, e na sociedade, que tanto dignifica, livres, ele e o Brasil, das incertezas de que se anuvía a hora presente, dignos ambos de uma vida mais calma e um futuro melhor.

4-XII-1936.

C. S. M.

#### (1851 - 1868)

O nascimento — A terra — O nome — Os pais — A infancia acidentada e triste — O «Engenho Moreira» — A moagem e os tangedores — A «mãe-preta» — As historias sombrias que escutava á noite — O Lagarto — O regresso á casa — As saudades do engenho — A inadaptação á familia — Seus primeiros estudos em Sergipe — A leitura aprendida nos autos forenses — Rocha Pila e Camões — A escola mixta do professor Badú — Os entretenimentos predilectos — Os amôres infantis — Os preparatorios no Rio — O «Ateneu Fluminense» — Os «vicios, safadezas e infâmias» do internato — Lopes Trevão e o apito do padre Paiva — Os primeiros méstres e as primeiras influencias — Tautphœus e Primo de Aguiar — O aprendizado de linguas estranhas ao curso — «Nenhuma precocidade» — Colegial austero, sem recreios, nem colegas.

Silvio Roméro nasceu a 21 de Abril de 1851 na vila sertaneja de Lagarto, da então provincia de Sergipe.

O que poderia ser Sergipe nesse tempo disse-o Silvio mais tarde: "um centro de atrazo e de abandono intelectual, sem nada de cultura literaria ou científica; ao muito, era a patria da modinha, com seus versos langues e sua musica lasciva, retiro dos méstres-régios e dos professores de latim..." (1).

Mas, apezar de tudo, Silvio sempre gostava de dizer que nascera "num belo recanto do Brasil" (2).

Durante toda a infancia, e mesmo já depois de chegado á mocidade, costumava assinar-se Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos.

Com esse nome ainda se bacharelou, em 1873, aos 22 anos de idade (3).

O fato se prestou ao comentario pérfido de um inimigo atocaiado no anonimato.

"No século — escrevia Labieno, que só mais tarde se revelou ser o conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira (4) — o sr. Silvio Roméro, quando aqui nos apareceu, chamava-se Silvio Ramos. Este nome de Ramos soava como o de Juan Fernandes e tantos outros que dão aos que os trazem uns ares de vulgaridade. Era preciso, pois, transformal-o em outro, que, por alguma coisa de estranho, ferisse a atenção e conciliasse umas aparencias de distinção e dignidade. Mem Bagalho Pataburro, celebre casuista do seculo XV, ao comparecer deante do mundo sabio como autor de um in-folio, transformou-se em

(4) Labieno, «Vindicice», pgs. 52 e 53.

<sup>(1)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 142.

<sup>(2)</sup> Silvic. Roméro, «Zéverissimações», pgs. 141
(3) Clovis Bevilaqua, «Historia da Faculdade de Direito do Recife», vol. I, pg. 209, nota 313

Mater Gallia Asinipes, acreditando encobrir com asgravidade do latim o ridiculo do nome. O cavaleiro da Mancha, quando teve de sair mundo fóra e afrontar os perigos da gloria e da celebridade, com um fino sentimento do que valem os nomes, de D. Quijada passou a chamar-se D. Quixote. O sr. Silvio Roméro seguiu a praxe que tem em seu favor a autoridade de tão insignes varões. E de Silvio Ramos se fez Silvio Roméro..."

Mais tarde, respondendo a um inquérito organizado por João do Rio, Silvio, depois de haver citado por extenso os nomes de seus pais e avós, pediu desculpas, dizendo: "Ha disso uma razão — é que meus desafétos, por me eu assinar, a principio, Silvio da Silveira Ramos, para abreviar o nome, e, depois, só Silvio Roméro, por o encurtar ainda mais, andaram aí a tecer uns libelos sem graça e sem verdade. No Rio, ha muita gente que conheceu e conhece toda a minha familia..." (5).

\* \* \*

Silvio era filho de André Ramos Roméro e Maria Vasconcelos da Silveira Ramos.

De um lado e de outro, gente lusa, profundamente enraizada na terra.

O pai, "portuguez do norte", provinha de André Roméro e Josefa Vaz de Carvalho.

A mãi, filha de Luiz Antonio de Vasconcelos, "outro portuguez do norte, de bondade nativa, inesgotavel, espontânea" e de Rosa Ludovina da Silveira, esta "neta do ultimo capitão-mor portuguez que houve em Sergipe e

<sup>(5)</sup> Igão do Rio, «Momento Literário», pgs. 45.

que de leixou fama pela severidade do caracter" (6) — José Joaquim da Silveira.

Silvio, mesmo, se incumbiu, um dia, de dizer o que

devia a essa acendencia.

Do pae, "muito inteligente e muito satírico", julgava ter herdado "a propensão analista e critica". A' mãe, "cujo coração era uma herança de Luiz Antonio de Vasconcelos" filiava "a sua bonhomía, para não dizer a sua bondade" (7).

Sua infancia foi acidentada e triste.

Não tinha ainda seis semanas quando uma epidemia de febre amaréla invadiu o Lagarto e se extendeu por cutras provincias do Norte.

"Fui transportado para o engenho dos meus avós maternos — diz ele — a quatro léguas de distancia, na região chamada Piauí, de um rio deste nome, que ali corre aguas turvas e cortadas no tempo das sêcas. O sitio era delicioso, com trechos de mata virgem, belos outeiros fronteiriços, riachos correntes e o engenho. Este era dos de animaes. São os mais poéticos nas cenas de sua movimentação específica. Basta a almanjarra ("manjarra" chama-se lá) para pôr em tudo uma nota festiva" (8).

A "casa-grande", a julgar por uma fotografia conhecida (9), era ampla, mas pobre. Abria muitas portas, oito ou dez, para uma varanda estreita, com coberta de zinco sobre estacas de pau tôsco. A cerca, que ladeava a casa, era toda de bambú, grosseiramente feita. Através

<sup>(6)</sup> Artur Guimarães, «Silvio Roméro de perfil», pg. 19

<sup>(7)</sup> João do Rio, ob. cit. pg. 42.
(8) João do Rio, ob. cit. pg. 38.

<sup>(9)</sup> Artur Guimarães, ob. cit. pg. 47.

dos paus que faltavam ao corrimão notavam-se alinhas e cachorros. Ficava, todavia, a cavaleiro do sitio, numa pequena elevação, o que mais devia concorrer para os deslumbramentos do menino.

Ficou Silvio aí, no "Engenho Moreira", como era conhecido, até os cinco anos de idade.

"Dos tres anos em diante — conta ele (10) — a moagem era para mim um encanto. Quando os bois ou os cavalos eram bem mansos, eu trepava tambem na almanjarra e ajudava a cantar a alguns dos "tangedores":

«Pomba voou meu camarada, Avoou, que hei de faser? Quem, de noite, léva á bôca, De dia, que ha de comer?»

Cincoenta anos mais tarde, escrevia: "Ainda agora, sinto no ouvido a melodia simples e monótona desses e de outros versinhos do genero, e me invade a saudade, dôce companheira a quem devo, nos dias tristes de hoje, as raras horas de prazer de minha vida. Tudo o que sinto do povo brasileiro, todo o meu brasileirismo, todo o meu "nativismo" vem, principalmente, daí. Nunca mais o pude arrancar da alma, por mais que depois viesse a conhecer os defeitos da nossa gente, que são tambem os meus defeitos" (11).

<sup>(10)</sup> João do Rio, ob. cit. pg. 38.

<sup>(11)</sup> João do Rio, ob. cit. pg. 39.

Tem, ainda, dessa quadra, outra razão da sua saudade — a velha Antonia, "essa adorada Antonia" — dizia ele — a quem me acostumei a chamar tambem de mãi", e que, em verdade, o fôra, durante toda a sua estadia em casa dos avós. "Era uma mucama de estimação, a quem foram encarregados os desvêlos da minha meninice. Nunca vi creatura tão meiga e nunca vi rezar tanto. Dormia comigo no mesmo quarto e, quando, por alta noite, eu acordava, lá estava ela, de joelhos, rezando..." (12).

Dessa bonissima mãe-preta, que sobreviveu a Sílvio, centenária, sempre em Sergipe, na casa dos seus (13), recebeu ele a unica lição que ela lhe poderia dar — as "orações", que "bem cêdo aprendeu". Mais tarde, as esquecerá. Nunca, porém, a ela, que dizia ser "um dos seus idolos, dos mais recatados e dos mais queridos". Nem ao sentimento religioso, que o seu acendente afetivo lhe incutira, e que o fazia, mesmo depois de velho, consideral-o "uma coisa séria" e o ter "na conta de uma creação fundamental e irredutivel da humanidade" (14).

Outra recordação, que lhe ficou para sempre da infancia, foram as "historias" que as "velhinhas" lhe contavam, á noite, depois de um dia inteiro de folguedos e de travessuras.

<sup>(12)</sup> João do Rio, ob. cit. pg. 39.

<sup>(13)</sup> Artur Guimarães, ob. cit. pg. 81.

<sup>(14)</sup> João do Rio, ob. cit. pg. 39,

«Eu criei-me na largueza — dizia ele a Coelho Neto (15) - correndo campinas, varando cerrados, comendo o que me ofereciam as árvores, bebendo nas fontes vivas, e, quando o calor abafava, despia-me, pendurava a roupa num galho e atirava-me n'agua nadando contra a corrente... Mas o meu maior encanto era, á noite, no copiar ou na eira, entre crianças, ouvir as velhinhas, que, com a almofada ao colo, urdindo o crivo, contavam xácaras peninsulares, narravam conselhos, ou espavoriam o auditorio ingenuo com historias sombrías em que o sací saltava num pé só, alumiando a brenha com o olhar esbrazeado, quando não era o caapora, senhor da mata, que rompia das profundezas com estardalhaço de ramos, montando num caitetú monstruoso que afocinhava as sapopemas, grunhindo e estralando os colmilhos. E fábulas e lendas, umas irradiando com o aparecimento de Rudá, o sol, outras melodiosas do canto múrmuro das iáras, ou então os contos que faziam rir os pequeninos com as astucias do jaboti, as manhas do macaco e as palermices da onça, sempre ludibriada pela esperteza dos animais matreiros. A'l meu amigo. nunca livro algum, por mais notavel que fosse o seu autor e celebrada a sua fábula, conseguiu atraír-me como aquelas vélhas o faziam com o iman dos seus racontos. A's primeiras palavras que caiam lentas no silencio atento - «Era uma vez...» o coração batia-me comovido, um calor inflamava-me muito os olhos e eu via, via os caminhos do encanto, as árvores de folhas de ouro, as grutas de esmeraldas, os dragões que bufavam chamas. as serpentes, os císnes, que eram principes encantados, as princezas cativas de mouros, todas as coisas e figuras desses poemas da infancia, primeiros alimentos da imaginação... E quando toda a casa dormia, e, lá fóra, no silencio da noite escura. as cornias chirriavam, quanta vez cobri a cabeca com o lençol e

<sup>(15)</sup> Coelho Neto, «Revista Americana», ano VI, n.º 3, Dezembro de 1916, pg. 81,

figuei tremendo, a rezar baixinho, sentindo abrir-se a porta e alguem entrar em passos surdos... A'! mêdo....

Em 1856, outra epidemia, essa de "cólera", o faz deixar o "Engenho Moreira" pela vila do Lagarto, de onde saíra havia cinco anos e onde se demoraria até 1863.

O Lagarto era, na época, "uma terra onde os festejos populares, reisados, cheganças, bailes pastoris, taiêras e bumbas-meu-boi imperavam ao lado das festividades religiosas" (16).

Só mais tarde, porem, se beneficiaria Silvio dessas festas "dirigidas pela velhice alegre para encanto dos

moços e da creançada" (17).

No anno em que chegou do engenho, o "cólera" as substituira pelas cenas mais tristes.

«Lembra-me bem a chegada á casa paterna, em meio á epidemia - conta ele a João do Rio (18). Numa vasta sala (era a sala de jantar), junto a uma das parêdes laterais, em colchão posto no chão, agonizava minha irmã Lídia, a primeira deste Minha mãi, chorosa, sentada perto da doentinha, punhalhe botijas de agua quente, fervendo, aos pés. Meu pai, ainda muito vigoroso, e um senhor que eu não conhecia (era o médico) preparavam numa meza, ao meio da sala, um emplastro de não sei que substancia. A menina, muito formosa, nos seus quatro anos, muito esperta, muito inteligente, muito pegada com minha mãi, só tinha, então, vida nos seus enormes olhos. Que estranho olhar! Alumiou-me tristemente a entrada na casa de meus pais

<sup>(16)</sup> João do Rio, ob, cit. pg. 43.

<sup>(17)</sup> Coelho Neto, ob, cit. pg. 83.

<sup>(18)</sup> João do Rio, ob cit. 40

e tem-me brilhado através da ezistencia por cincoenta anos seguidos sem se apagar. A volta á casa era, assim, feita em meio de tristeza. A peste continuou a lavrar com intensidade. Lídia morreu. Minha mãi, atacada depois, esteve a se partir tambem. Muitos escravos de estima faleceram. Eu nada tive, mas acendeu-se-me n'alma uma tão intensa saudade do «engenho» que me torturou por anos inteiros. Quando, aos domingos, meus avós vinham á missa na vila, minha alegria era sem par. Os encontros com Antonia eram festejados com lágrimas de contentamento. Mas as separações, quando tinham de regressar ao «engenho», eram o inferno!»

\* \* \*

Dos cinco aos doze anos, ficou Silvio no Lagarto, em casa dos pais.

Nada, então, lhe faltava, pois o pai "era negociante de bons haveres" (19).

A saudade do "engenho", todavia, aumentava de ano para ano.

Não tanto pelas separações dos avós e da Antonia, que, nos primeiros tempos, tanto o torturavam.

Mas por outra consequencia da educação fóra de casa — a inadaptação inevitavel á familia.

"Criado fóra até aos cinco anos, eu era, no principio, como estranho aos meus irmãos mais velhos, que me faziam tróças e me maltratavam muitas vezes com essa malignidade propria dos meninos. Daí um estado d'alma que se produziu em mim e ainda hoje perdura. Habituei-me, cêdo, a ser paciente, sofredor, ao mesmo tempo desconfiado, suspicaz talvez, e, ainda por cima, resistente e belicoso..." (20).

<sup>(19)</sup> Artur Guimarães, ob. cit. pg. VI.

<sup>(20)</sup> João do Rio, ob. cit. pg. 41.

•

Seus primeiros estudos, Silvio os fez mesmo no Lagarto.

O que poderia ser, naquele tempo, a escola primária de uma vila sertaneja, não é dificil de conceber.

Dentre as recordações, que lhe ficaram, uma foi

particularmente significativa:

"Ainda alcancei o tempo — escreveu ele em 1884 (21) — em que nas aulas de primeiras letras aprendia-se a lêr, em velhos autos, velhas sentenças fornecidas pelos cartorios dos escrivães forenses. Historias detestaveis e enfadonhas em sua impertinente banalidade eram-nos ministradas nesses poeirentos quartapácios. Eram como clavas a nos esmagar o senso estético, embrutecer o raciocinio e estragar o caráter. Era, então, precisa uma abundante seiva nativa para resistir a semelhante devastação. As sentenças manuscritas eram secundadas por impressos vulgares, incolôres, proprios para ajudarem a destruição. Era o lêr por lêr, sem incentivo, sem préstimo, sem estímulos nenhuns".

Mais tarde, a situação lhe melhorou bastante.

"Não devo ocultar certa ação de dois livros, que foram, nos ultimos tempos de escola primária, a base do ensino do meu derradeiro mestre de primeiras letras. Um - o "Epiotome da Historia do Brasil" de J. P. Xavier Pinheiro, por causa da descrição de nossa terra, de Rocha Pita, que ocorre logo nas primeiras páginas: "...o Brasil,

<sup>(21)</sup> Silvio Romérc, «Estudos de Literatura Contemporanea», pg. 163.

vastissima região, feracissimo terreno, em cuja superficie tudo são frutos..." Outro — os "Lusiadas", por muitos trechos que me encantaram. O Brasil da descrição de Pita ficou sendo o meu Brasil de fantasia e sentimento. A poesia de Camões ainda hoje é uma das mais elevadas manifestações de arte, no meu vêr e sentir, e, com seu ardente amor da patria, fortaleceu meu "nativismo". Apezar das inumeras palmatoadas que apanhei na leitura e na análise dos dois livros, nunca perdi a simpatia por Luis de Camões e pelo mais tarde tradutor do Dante..." (22).

\* \* \*

Mas a escola do professor Badú, onde Silvio, no Lagarto, fez os seus primeiros estudos, era "mixta".

Os livros e as palmatoadas não poderiam ser a unica recordação que lhe ficaria dessa quadra.

Numa de suas poesias escreveu:

«Não é p'ra mim um mistério Que não se possa explicar Que, entre as lembranças queridas, Meu peito traga incluidas As desse tempo escolar» (23),

Noutra, evocava a propria escola:

«Pela manhã, a escola aberta espera, Como um laço que as aves prende a tôa, Vingar os desvarios dos travessos Que não trazem lição e escrita bôa.

<sup>(22)</sup> João do Rio, ob. cit. pgs. 43-44.

<sup>(23)</sup> Silvio Roméro, «Ultimos Harpejos», pgs. 80.

Como um pequeno rei absoluto, Refestelado no seu trono egregio, Sobre o naris os oc'los impagaveis Lá estava sentado o méstre-régio.

Mas, em compensação, naquele tempo, Prelibando as delicias do progresso, Havia escola-mixta na provincia...» (24)

Já no fim da vida recordava-se, com saudade, dos seus entretenimentos prediletos desse tempo — das feiras "que enchiam de povo o largo da vila" — das visitas que fazia ás fazendas de gado e aos engenhos de assucar, dos casamentos da roça, das missas aos domingos na matriz, das procissões, principalmente as do "encontro", da "sextafeira santa" ou a "de pedir chuva", com as suas "cinco ou seis mil pessõas de ambos os sexos e de todas as idades" que se ezibiam numa gradação completa de classes, profissões, trajes, costumes e côres" (25).

E' nos seus versos, entretanto, que se acolhe o melhor dessas reminiscencias.

«Eu me lembro de tudo. Era, então, bem criança!

O sôpro do trabalho e a gelidez da vida

Passaram sobre mim, levando-me a esperança

De tornar a viver naquela dôce lida.

O' tempos de ventura e plácido folguêdo

Pelas mansões da patria em noites de luar!

Dos passaros o canto, a sombra do arvoredo,

De mim tudo fugia em doido galopar...

<sup>(24)</sup> Silvio Roméro, ob. cit., pgs. 75.

<sup>(25)</sup> Silvio Roméro, «Zéverissimações», pgs. 141.

O' bons tempos de festa em inocencia imersos,
Em que o riso é doçura e o sonho um mago enleio
Que as noites frescas vêm a desfolhar dos versos...
A vida era ridente, amena e prasenteira
O povo tinha n'alma o raio que relus
No sol deste pais...

De uma feita, se revê em meio aos meninos da vila no "tempo será".

«São tudo rumôres. Travessas creanças Que o som dos folguedos em grupo ajuntou Parolam soltando risadas que turvam Os hinos melifluos que a noite entoou.

As moitas copadas ao longe farfalham Os dôces sussuros que o vento lhes dá; Os brados, os gritos repassam, renovam Nas doidas corridas do tempo será...

As frontes suadas, cabelos esparsos As almas rompendo dos labios á flôr, Quaes aves, prendidas em laços estreitos, Que buscam do mundo banhar-se ao rumor.

Os fortes meninos das plagas agrestes Das noites brilhantes os bons folgazões São rolas selvagens das varseas imensas Voando em cardumes ao sol dos sertões.

E arrulam, suspiram nas santas doidices, Nas louras lembranças do jogo infantil, Nas graças, nos ditos, nas belas tolices, A' lus das estrelas do céo do Brasil. De outra, se diverte ao vêr chegar á vila um "casamento tabaréo".

> «Que forte reboliço.! A vila inteira Aprecia algum fáto inesperado, As moças nas janelas. As matulas Aos magotes na rua, em fraseado!

E' que um moço da roça se casava Com a filha de um vaqueiro da Caruma. E' um dia de feira... A tarde bôa. «São horas de partir! Aprontal Arruma!»

Lá do lado da praça emfim desponta A grande comitiva do noivado: Matutos de jaqueta e calças pardas Vêm botando os cavalos no picado.

Vão pensando no samba que hoje, á noite, Que fogo de vaiano, em rodopios! Mas no lombo do noivo atoleimado Vão passando sutis un calafrios...

E' que ele, embevecido e cabisbaixo, Entre a gente que o bródio assim agrupa, Todo fóra de si, a trote largo, Vae montado com a noiva na garupa » (26)

· Acabadas as aulas, Silvio se entretinha com os filhos de Domingos Calanzo (26-a) e outros "amigos e amigas" no "tantanguê", ou no "brinquedo do anel".

<sup>(26)</sup> Silvio Roméro, «Ultimos Hampejos», pgs. 73, 74 e 59. (26-a) Silvio Roméro, «Zéverissimações», pgs. 142.

«Laranja da China?

— Tabaco em pó.

«Quem é o durão?

— Sou eu só.

«Olha lá que eu te pégo»

— Não péga, não.

— Ora, bate, coió...»

\*Tantanguê
Sae-te daqui
Vae-te esconder\* (27)

«Aos rôgos da meninice Ninguem se mostra revel. Todos entram na folia. «Quando eu fui para a Baía A quenr deixei meu anel?»

Os risos entrelaçados
Os ditos sempre a granel
Dentre as bulhas da alegria,
«Quando eu fui para a Baía
A quem deixei meu anel?»

O' criancices ditosas
O' castos beijos sem fel!
Ail o tempo em que eu dizia:
«Quando eu fui para a Baía
A quem deixei meu anel?» (28)

<sup>(27)</sup> Silvio Roméro, «Poesia Popular no Brasil», pgs. 239-340.

<sup>(28)</sup> Silvio Roméro, «Ultimos Harpejos», pgs. 73.

Depois, nas férias, nas fogueiras de S. João, nas marujadas, nas feiras do Espirito Santo, no Natal, nos ranchos de Reis, a brincadeira continuava e enchia então os dias todos.

Mas não havia só meninos no colégio. E entre as meninas...

«Entre as meninas meigas e inocentes Que douravam ali aquele meio.

Havia tres que a todas excediam...

A filha do juiz lá da comarca,

A do tabelião... e, quem diria?

A filha do mestre-escolat» (29)

A creançada dividiu-se em tres partidos "disputando a beleza das pequenas".

O de Silvio foi o da filha do mestre-escola.

Dela faria, nos versos e na vida, o centro dos seus "amôres infantis" (30).

\* \* \*

Aos doze anos, em 1863, veio Silvio estudar os preparatorios na Côrte.

Cursou até 1867, como aluno interno, o antigo "Ateneu Fluminense", dirigido por um sacerdote católico, monsenhor Antonio Pedro dos Reis.

Prestou os seus exames satisfatoriamente perante as bancas da Instrução Publica.

E regressou ao Norte em principio de 1868.

<sup>(29)</sup> Silvio Romero, «Ultimos Harpejos», pgs. 76.

<sup>(30)</sup> Silvio Roméro, «Ultimos Harpejos», pgs. 77.

E' curioso assinalar que, em toda a sua obra, Silvio, que tanto se aprazia em recordar as menores passagens de sua vida, poucas vezes tenha tido uma palavra para lembrar esses seus quatro anos de internato.

Nenhuma reminiscencia especial. Nenhuma observa-

ção. Nenhuma critica. Nada.

Só em 1907, estudando a figura de Démolins, as excelencias da "Ecole des Roches" lhe provocam duas expansões.

Uma, contra "o colegio instalado no enorme casarão, com aparencia de caserna, hospicio, quartel ou hospital". Ao seu feitio especial de menino de engenho encantaria, sem duvida, muito mais, o padrão da escola ingleza, "colocada no campo, em sitios adrede escolhidos, com as suas verduras, suas varzeas, suas árvores, suas aguas correntes ou os seus lagos", pondo a creança, como já o fizera a casa na primeira meninice, "em contato com a natureza e suas cenas mais aptas a lhe fortalecer a saúde, despertando, ao mesmo tempo, o interesse pelas coisas práticas" (31).

Outra, contra "as desvantagens, em geral, dos internatos, cujos vicios, safadezas e infamias são assaz conhecidos" (31).

\* \* \*

De outra feita, tambem, a proposito de Lopes Trovão, que foi seu coléga de "Ateneu", narra Silvio este episódio, que sempre abre uma fresta sobre o seu ambiente nesse tempo:

<sup>(31)</sup> Silvio Roméro, «Provocações e Debates», pgs. 93.

<sup>(32)</sup> Silvio Roméro, «Provocações e Debates», loc. cit.

«Conheço Lopes Trovão desde 1863. Começavamos, então, os preparatorios. Roçava ele pelos dezesseis e já tinha aquela mesma figura asseiada, aquela mesma linguagem limpa de plebeismos, de laraxas grosseiras, de estouvamentos incorretos e impuros. filhos, quasi sempre, de uma educação desleixada. Nas maneiras, no porte, nas pilherias, nos brinquedos proprios da idade e da vida descuidosa do estudante, o mocinho angrense era já o que sempre foi — um caráter anistocrático, selecionado por uma educação finissima.

«E' por isso que ele atravessou, aqui, no Rio de Janeiro, a nossa velha boemía romantica, bem diferente da boemía pacata do realismo de nossos dias, e não contraíu nenhum de seus vicios, nenhuma de suas deformações incuráveis. Esses vicios não eram poucos e nem de pequena monta. Brincalhão, pilhérico, alégre, espansivo, era ele — porém sabia sê-lo com graça e elevação.

«Basta-me, agora, referir uma anecdota, que reputo caracteristica e apta a definir o espirito do moço estudante.

«Estávamos em época de ezames, naquele tempo em que eram todos eles prestados na antiga igreja de S. Joaquim e suas dependencias. No páteo central, espécie de claustro, reunia-se a estudantada, quasi sempre disposta á vaia contra as esquizitices do inspetor de instrução, o velho visconde de Jequitinhonha. Lopes Trovão era o cabecilha mais habil dos desafôgos dos preparatorianos.

«Havia, naquele tempo, aqui, um grande e bom estabelecimento de instrução secundária, célebre pelo seu rigor diciplinar, o «Colegio de S. Pedro de Alcantara», sob a direção de um rigido e sevéro sacerdote — o reverendo padre Paiva. Este conduzia para os ezames um tróço enorme de estudantes e levava as ezigencias ao ponto de dirigil-o lá dentro do páteo sob certa forma e aspéto militar. Era assim que, findos os ezames de todos, acabada a tarefa do dia, o bom do padre chegava ao claustro, sacava do bolso um apito, emitia com ele os sons caracteristicos, a rapaziada acorria de todos os lados, punha-se em

fórma e marchava militarmente pelas ruas em fóra na direção do colégio. Isto era vexatório, especialmente para alguns rapazes já crecidos, moços feitos, movidos aos tons daquele minúsculo e ridiculo apito. Não sabiam como livrar-se daquela especie de compressão, que os humilrava aos olhos dos alunos dos outros colégios, livres em seus movimentos por uma diciplina mais léve. Não atinavam com um meio de libertação e dirigiram-se a Lopes Trovão para tira-los daquela formatura em linha, daquela marcha a militar e, mais ainda, daquele apito. «Não ha duvida — respondeu-lhes Trovão — isto vae acabar amanhã».

«A noticia correu entre a cascabulhada, e, no dia seguinte, queríam todos vêr como o José Lopes se havia de saír da empresa. Na ocasião oportuna, quando o padre embocou o instrumento, apitou, e a porção enorme dos seus estudantes perfilou-se em sua frente, préstes a marchar, assomou, de um lado, Trovão, dirigindo-se desembaraçadamente ao padre — «Perdão, perdão, padre-mestre, a espada de comando não lhe vae bem com a batina do sacerdote — deixe-me dirigir esta gente. Rapazes! Perfilar! Hombro, armas!»

«A gargalhada reboou desatinada e turbulenta por todo o páteo, de todos os lados; o padre escamou-se, enfiado, os alunos dispersaram-se e nunca mais se ouviu o apito e viu a desfilada militar dos dicípulos do S. Pedro de Alcantara...» (33)

A não serem essas passagens, nada mais disse Silvio dessa quadra de sua vida.

Mesmo quando solicitado por João do Rio a historiar as várias fazes de sua formação intelectual, não lhe veiu á pena um episódio, uma figura ao menos de coléga dos cinco anos de ginasial.

<sup>(33)</sup> Silvio Roméro, «Sociologia e Literatura», pgs. 248-250.

Só se refere a professores, e isso mesmo a alguns, aos que mais influiram nas futuras diretrizes que depois imprimiria ao seu espirito.

«Da minha aprendizagem de preparatorios no Rio de Janeiro, de 1863 a 1867 — diz ele (34) — guardo saudosas reminicencias de cinco homens que influiram assaz no meu pensamento.

«Padre Gustavo Gomes dos Santos, professor de latim, pelas muitas coisas que profusamente, com muito gosto e muito saber, comunicava em aula, não só das letras antigas, como das portu guezas e brasileiras. Foi quem me despertou o prazer literário.

«Joaquim Verissimo da Silva, lente de filosofía, pelas espozições da metafisica alemã, principalmente de Kant, de que se mostrava grande sabedor.

«Padre Patricio Moniz, mestre de retórica e poética, pelas escursões que, em conversa, fazia tambem pelos dominios germanicos, de cuja filosofia era muito admirador, combinando-a, já se vê, com a escolástica.

«Estes dols fizeram-me divisar, ao longe, os sistemas filosóficos.

«Francisco Primo de Souza Aguiar, a cujo cargo estavam as cátedras de historia e geografia, por suas adoraveis lições em que salientava o papel e o valor historico das gentes germânicas, e pelas muitas cenas da terra alemã, que, com intenso prazer, e num acento muito comunicativo, punha deante dos olhos de seus ouvintes.

«Finalmente, o Barão de Tautphoeus, o idolo da mocidade do tempo, verdadeiro tipo lendário, que a enchia de respeito, admiração e amôr. Não foi meu lente. Mas, por ser a bondade em pessôa, deu-me a honra de inumeras palestras nos tempos de ezames em que o procurava. A filosofia deste sabio tinha uma raiz etnográfica poderosa, que me fez longa impressão e me ficou até ao presente.

<sup>(34)</sup> Jodo do Rio, ob. cit., pgs. 44.

«Aos dois ultimos, Primo de Aguiar e Tautphoeus, devo, é claro, o meu germanismo historico, político, social, diverso do alemanismo literário prégado em Pernambuco por Tobias Barreto, de 1870 em diante...» (35)

\* \* \*

.. De outros professores que teve, no "Ateneu Fluminense", a acusação que, de uma feita, lhe fizeram, de não saber o alemão, ofereceu-lhe ensejo para recordal-os (36).

"Preocupado alem de tudo, no terreno das letras, pelas idéas, doutrinas, teorias e sistemas, nunca tive tempo, nem lazer, nem gosto para me entregar de corpo e alma ao estudo de linguas.

<sup>(35)</sup> Tautphoeus continuou por toda a vida amigo de Sílvio, que o recorda em várias passagens da sua obra.

Ao morrer, confiou-lhe uma negra profecia sobre o futuro do Brasil em face da Republica, que Silvio publicou.

<sup>«</sup>O Barão de Tautphoeus — escréve Artur Guimarães — companheiro de Silvio no Internato Pedro II, ocupava logar escolhidissimo no seu coração «Não vi ainda sabedor mais completo, bondade mais perfeita, carater mais integro», dizia-me o mestre emocionado, ao recordar a dôce convivencia que tiveram, tamanha que Silvio, inimigo de andar, só pelo gozo da companhia, fazia grandes cantinhadas, para ser agradavel ao andejo sábio. As vezes internavam-se pelas matas, na Tijuca, em Santa Tereza, e ficavam horas esquecidas a palestrar e a ezaminar plantas. «Tautphoeus — esclamava Silvio — atirado para o Brasil por uma revolução, e pertencente a uma ilustre familia alemã, foi-nos mandado pela Providencia. E' incalculavel o beneficio prestado a várias gerações brasileiras por esse sábio. E, impressionado, concluia — tive aviso da sua morte, acorri, mas já o achei sem fala...» (ob. cit., pgs. 55).

<sup>(36)</sup> Silvio Roméro, «Zéverissimações ineptas da critica», pgs. 67.

"Apezar disso, aprendi muito regularmente o latim com o Padre Gustavo Gomes dos Santos — o francez com Primo de Aguiar — o inglez com o impertinente velho, ecelente professor aliás, José da Maia.

"Estas linguas, estudei-as por fazerem parte do canon dos preparatorios no meu tempo e cheguei a

sabel-as bem.

"Como residissem no Colegio Ateneu Fluminense, onde estudei humanidades, um espanhol muito inteligente — D. Fernando Planas y Branca, censor de minha classe — e um italiano — o excelente e sabedor Padre Romazza — por curiosidade tomei com êles lições de espanhol e italiano, linguas que ainda hoje, depois de mais de quarenta anos, traduzo com facilidade".

\* \* \*

Da figura, que fez, do que possivelmente tenha produzido em gremios literários ou em jornaes manuscritos, uns e outros tão em móda nos colégios do tempo, nada se sabe.

Um de seus biógrafos — Samuel de Oliveira — escreveu que "uma coisa que logo chama a atenção dos que estudam a vida de Silvio Roméro, impressionando bem. é que ele não teve a febre das ezibições prematuras, a mania das precocidades; não pensou jamais em ser menino prodigio" (37). "Durante o tempo em que esteve no Rio estudando os prepatatorios — acrecenta — não poetou uma só vez" (38).

O proprio Silvio, aliás, fez questão de dizer a João do Rio: "Nunca tive precocidades literárias, científicas ou

(38) Samuel de Oliveira, ob. cit., pgs. 332.

<sup>(37)</sup> Samuel de Oliveira, «Rev. do Brasil», vol. II, pgs. 330.

outras quaesquer. Quando escrevi a primeira poesia e o primeiro artigo de critica tinha 18 anos e meio bem puchados e já andava matriculado na Faculdade do Recife" (39).

\* \* \*

Silvio nos aparece, assim, no colegio, como um menimo sem amigos, sem recreios, sem conversas, prematuramente austero, a ruminar nas horas vagas o suculento bolo filosofico que lhe serviam nas aulas, e que lhe dava "a intuição católica e especialmente jouffrouyanesca" a que aludiria depois (40), e a recalcar sósinho, com aquela "resistencia belicosa, suspicaz, desconfiada, paciente e sofredora" que trouxera de casa, e as orações ingenuas que aprendêra no engenho, "os vicios, as safadezas e as infamias" de que se faria, mais tarde, como vimos, a sua unica imagem do internato.

<sup>(39)</sup> João do Rio, ob. cit., pgs. 37.

<sup>(40)</sup> Silvio Roméro, Prefacio á «Filosofia do Direito», pgs. III.

## (1868 - 1870)

A volta ao Norte — A Faculdade do Recife — Colégas e contemporâneos — A etemperatura espiritual do tempo» — O que eram a poesia, o romance, o drama, a critica, a filosofia e a política da época — Um bando de idéas nóvas — Os primeiros passos da Escola do Recife — Tobias Barreto e as suas lutas no Norte — Castro Alves e os seus sucessos no Sul — Os dois primeiros anos de Silvio na cidade academica — Estudando, calado» — As primeiras leituras — Scherer, Rénan e, sobretudo, Taine — A iniciação no efolk-lore», na critica literaria e na filosofia moderna — A influencia ocasional de Abreu e Lima — Quem era o general evoltaireano» — Sua polemica com o padre Pinto de Campos — A influencia profunda de Tobias Barreto — Necessidade de retificar o ezagero desse ascendente — As seis rebatidas do proprio Silvio.

Em fevereiro de 1868 Silvio chega ao Recife para cursar a Faculdade de Direito.

Sua passagem pelo Lagarto, de regresso da Côrte, deve ter sido curta.

O internato acabára de matar o menino, forçando, pelo estudo, pela preocupação intelectual absorvente e excessiva, a eclosão prematura do homem.

\* \* \*

A Faculdade de Direito do Recife tinha, a esse tempo, por diretor o visconde de Camaragibe.

Faziam parte da sua congregação os professores José Antonio de Figueiredo, José Bento da Cunha Figueiredo, João Silveira de Souza, Jeronimo Vilela Tavares, Bras Florentino Henrique de Souza, João José Ferreira de Aguiar, Trigo de Loureiro, João Capistrano Bandeira de Mello, Paula Batista, Pedro Autran da Mata e Albuquerque, Vicente Pereira Rego, Machado Portela e Antonio Vasconcelos Menezes Drummond.

Os compendios adotados eram — para direito natural, Autran — para direito romano, Waldeck — para direito eclesiastico, Jeronimo Vilela — para direito publico, Autran — para direito civil, Loureiro — para teoria e pratica do processo civil, Paula Batista — para processo criminal, Ramalho — para economia politica, Autran — para direito constitucional, a propria Constituição e para o direito criminal e o comercial, os respetivos códigos.

E' de interesse assinalar alguns fatos ocorridos em anos anteriores ao da matricula de Silvio para que se possa fazer uma idéa mais nítida do ambiente academico, que não era o que hoje geralmente se supõe.

Em 1862 — relata Clovis Bevilaqua (41) — deu-se "um caso que caracteriza a ecessiva tutela não sómente administrativa mas ainda intelectual a que o Governo submetia as Faculdades do Imperio". No curso anexo, o

<sup>(41)</sup> Clovis Bevilaqua, ob. cit. v. I, pgs. 156.

compendio adotado para o ensino de Filosofia era o de Barbe. Como o lente da cadeira. Antonio Herculano de Souza Bandeira, houvesse, todavia, traduzido o livro de Charma, "Questões de Filosofia", adotou-o em suas Sabedor disso, o ministro do imperio, Souza Ramos, "chamou a contas o diretor da Faculdade e exigiu uma explicação dessa grave irregularidade". Estava no seu direito o ministro — diz Clovis — porque a centralização onimoda, que a monarquia apurava progressivamente, asim o exigia. Mas, si é triste vêr-se um jurista do valor de Autran consultar o ministro sobre coisas de nonada, para evitar desconsideração e censura, segundo opinasse a secretaria do Ministerio, é doloroso que o professor não pudesse transmitir aos seus alunos senão as doutrinas e as idéas que a sapiencia governamental determinasse. Certamente, a mocidade não deixava acorrentar seu pensamento; mas era grandemente prejudicada no seu labor intelectual, perdia tempo e desviava-se da corrente espiritual da época".

Em 1864, o estudante Francisco Prisco de Souza Paraiso, ao prestar seus exames no ultimo ano do curso, não obtem o gráo de aprovação a que se julgava com direito. Irritado, aguarda a cerimonia da colação de gráo, e, uma vez tirada a carta, distribue um folheto injurioso à congregação, chamando aos lentes de "injustos, ignorantes e despóticos".

O diretor da Faculdade oficía ao ministro do Imperio, que era Liberato Barroso, representando contra o fato. O Governo nenhuma providencia toma por entender que o autor do opúsculo já não estava sujeito á policia academica. Os lentes "que se considerassem injuria-

dos" deveriam recorrer aos tribunaes. Nenhum, porem, o fez (42).

Em 1865, o Governo, pelo dec. 3.454, de 26 de Abril, deu novo regulamento ás Faculdades de Direito do Imperio. A congregação da do Recife se reúne, critica o decreto e sugere alterações. O Governo não atende á sugestão. Mas o decreto não se cumpre (43).

Em 1867, um estudante é espancado ao passar pela ponte do Recife. Toda a classe academica se ergue exigindo a punição dos culpados. A' sua frente, Castro Alves. O povo faz causa commum com os estudantes, pondo a cidade em pé de guerra.

Mezes depois, outro estudante, Tito Antonio da Cunha, desacata, na porta da Faculdade, o professor Vasconcelos Drummond. A congregação instaura processo diciplinar. Como o estudante se móstre arrependido, Drummond o perdôa e a congregação o acompanha no gesto. Mas o ministro do Imperio, sabedor do ocorrido, ordena que o processo tenha andamento pois "a pena cominada em casos taes não o era para desagravo do lente ofendido e sim para manter a disciplina e a bôa ordem indispensaveis nos estabelecimentos de ensimo" (44).

Tal era a Faculdade para que entrava Sílvio, aos 17 anos de idade.

\* \* \*

Sílvio nunca teve ocasião de aludir a nenhum de seus colégas de turma.

<sup>(42)</sup> Clovis Bevilaqua, ob. cit. v. I, pgs. 162.

<sup>(43)</sup> Clovis Bevilaqua, ob. cit. v. I. pgs. 166.

<sup>(44)</sup> Clovis Bevilaqua, ob. cit., v. I, pgs. 179.

Referiu-se, de uma feita, a um "condiscipulo" — Martinho Garcez, formado em 1872, da turma, pois, imediatamente anterior á sua (45).

Mesmo de Celso de Magalhães, que fez com ele todo o curso, do primeiro ao ultimo ano, e que com ele redigiu o jornal academico "Crença", em que Silvio publica os seus primeiros artigos de crítica, fala como companheiro de campanhas intelectuaes, mas não como coléga.

A sua turma, todavia, que entrou para a Faculdade em 1868, e nela se formou em 1873, compunha-se de quasi

cem alunos, noventa e sete ao todo (46).

Desses, um era portuguez e só nove do sul (5 do Rio, 1 de Minas, 1 do Espirito-Santo e 2 do Rio Grande do Sul); todos os outros oitenta e sete eram do norte (38 de Pernambuco, 20 da Paraíba, 9 de Alagôas, 6 do Ceará, 6 da Baía, 5 do Maranhão, 3 de Sergipe, 2 do Piauí, 1 do Pará, 1 de Goiaz e 1 do Rio Grande do Norte).

Dignos de destaque, uns dez, si tanto.

Alem de Silvio e Celso de Magalhães — Antonio Clodoaldo de Souza, que depois foi lente da Faculdade — Antonio Frederico Cardoso de Menezes e Souza, filho do Barão de Paranápiacaba, autor de peças de teatro e de várias composições musicaes — Antonio Herculano de Souza Bandeira Fiho, professor da Escola Normal e depois director da Instrução Publica Municipal, com quem Silvio travou sua primeira polemica em terras cariócas — Antonio de Souza Pinto, poeta, jornalista, historiador e jurista — Domingos Olimpio Braga Cavalcanti, ou, simplesmente, Domingos Olimpio, o romancista de "Luzia — Homem" — Fernando Luiz Osório, filho do general, e que foi deputado e por fim ministro do Supremo —

(46) Clovis Bevilaqua, ob. cit., v. I, pgs. 205 a 209.

<sup>(45)</sup> Silvio Roméro, «Novos Estudos de Literatura Contemporânea». pgs. 177.

João Telésforo da Silva Fragoso, depois Secretario da Faculdade — Joaquim Ferreira Chaves Junior, mais tarde desembargador, governador do Rio Grande do Norte, senador e ministro da Marinha e da Justiça — Enéas Galvão, depois ministro do Supremo Tribunal Federal e Venancio Neiva, senador pela Paraíba e depois ministro do Supremo Tribunal Militar (47).

<sup>(47)</sup> Os outros: Adelino da Silva Pinto, Anésio Augusto. de Carvalho Serrano, Augusto Emilio da Fonseca Galvão, Alexandre Correia de Castro, Artur Annes, Jácomo Pires, Argemiro Martiniano da Cunha Galvão, Alfredo Carneiro Brandão, Alipio Zacarias de Carvalho, Augusto Pinto Alves Pequeno, Avelino Ildefonso de Oliveira Azevedo, Antonio Alfredo da Gama e Melo, Antonio de Souza Gouveia Filho, Antonio de Amorim Garcia, Antonio Gomes Tavares Junior, Antonio Martins de Miranda. Antonio Pereira de Castro, Bernardo Ildefonso Mendonça. Carlos Emilio de Andrade Peixoto, Carlos Tomaz de Almeida, Custodio Domingues dos Santos Junier, Candido Alves da Nobrega, Caio Lustoso da Cunha, Manoel de Menezes Fraga, Democrito Cavalcanti de Albuquerque, Eduardo Jaime Gomes de Araujo, Epaminondas Bandeira de Melo, Estevam Carneiro Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, Eugenio de Ataíde Lobo Moscoso, Felipe Pereira Nabuco de Araujo, Francisco Barbosa Aranha de Franca, Francisco Caraciolo de Freitas, Francisco de Gouveia Cunha Barreto, Francisco Fernandes Vieira, Francisco Leal de Miranda, Francisco Marques da Cunha, Francisco Pedro da Costa Moreira, Gentil Augusto de Moraes Bitencourt, Getulio Augusto de Carvalho Serrano, Honorio Hermeto Correia de Brito, Henrique Marques de Holanda Cavalcanti, Henrique de Ataide Lobo Moscoso, Inácio Lucas de Souza Rangel, Julio Apolonio Vaz Curado, Jovino Antero de Cerqueira Musa, João Americo de Carvalho, João Coelho Monteiro França, João Batista Gitirana, João Francisco de Arruda Falcão Junior, João Gonçalves de Azeredo, João Maria Carneiro de Albuquerque, João Ribeiro de Campos Carvalho, Joaquim José Godinho Junior, Joaquim Guedes Alcoforado, José de Barros Franco, José da Cunha Teixeira, Jasé Jacinto Borges Diniz, José Francisco Ribeiro Machado, José Joaquim Neves, José Leandro Dantas Serra, José Maria Ferreira da Silva, José Rodrigues Elvas, José de Souza Reis, Leopoldo

Dos condicipulos ou contemporâneos, ha que destacar, alem de Martinho Garcez, Aristides Milton, Araripe Junior, Amfilófilo de Carvalho, Luiz Guimarães Junior, Joaquim Nabuco, José Mariano, Sancho de Barros Pimentel, Eduardo Ramos, Lacerda de Almeida e Tomaz Pompeu.

O que era a "temperatura espiritual" do tempo, Silvio se encarregou, por várias vezes, de dizel-o.

Nunca será demais repetil-o para que melhor se compreendam as características de que se revestiu a sua ação e os primeiros rumos que teve de imprimir á sua obra.

E' preciso ter vivido no Rio de Janeiro — diz ele (48) — espreitando, mesmo de longe, o circulo dos estudantes, dos professores, dos jornalistas, dos literatos e dos políticos de toda ordem, para se haver sentido a temperatura espiritual do tempo, nos anos de 1862 a 68, ezatamente o periodo em que se agitava a Escola do Recife no seu sturm und drang e preparava o inicio de sua fase critica.

(48) Silvio Roméro, Discurso na Academia de Letras, recebendo a Euclides da Cunha, «Provocações e Debates», pgs. 247 e seguintes.

Vitor Duque Estrada de Figueiredo, Luiz Acióli Pereira Franco, Luiz de Almeida Araujo Cavalcantí Filho, Luiz Antonio de Andrade Junior, Luiz Demétrio Dias Simões, Luiz José de França Oliveira, Manoel Feliz Gitirana, Manoel Pessõa de Siqueira Campos, Manoel da Trindade Pereti, Manoel Florentino de Alhuquerque Montenegro, Manoel Pedro Cardoso Vieira, Manoel do Nacimento Pontes, Manoel Rodrigues Nogueira Pinheiro, Nilo Rodrigues de Miranda, Otavio Pereira da Cunha, Olimpio da Silva Costa, Rufino Pereira de Abreu, Samuel Tertuliano Henriques, Teófilo Moreira Guerra, Tomaz Argemiro Ferreira Chaves, Tomaz Coelho de Gusmão, Tomaz Francisco do Rego Muniz e Vicente Simões Pereira de Lemos.

A poesia movia-se mofina, pálida e tísica, a tossir umas cansadas maguas de monótono realejar. A «minh'alma é triste como a rôla aflita» e o «si eu moresse manhã» andavam nos lábios de todas as bélas - e o equal quebra as vagas o mars ressoava dos peitos dos namorados, sonhadores e lamartinescos. O burguez retrucava com o «Waterlool Waterlool licão sublime... e o rapazio patrioteiro com a eminha terra tem balmeiras onde canta o sabiás... O nativista atento, a fantasiar caboclismos de opereta, desfiava como palavras de uma ladainha 0 - 40' querreiros da taha sagradal ó querreiros da tribu tupíl> Alguns cismadores de tristezas indefinidas, enevoadas, dessas que cingem os Hamletos de chapéos descaídos e olhares chumbados nos luares místicos, divisando monias em cada canto dos céos. seguiam monologando o «Quem passou pela vida em branca nuvem e em plácido regaço adormeceu... Como diversão, meio bregeira, cheia de efluvios das confidencias romantisadas de um mundo feérico, no qual a banalidade sabe falar em rimas dôces, modulavam mocinhas pálidas, num devaneiar de descuidosas incolas de sonhos e miragens, o - «Lembras-te, Iná? Belo e mago, da névoa por entre o manto, erquia-se ao longe o canto dos pescadores do lago...> - numa terra que não tem névoas. nem pescadores de lagos... Ao que a caixeirada sensata, fazendo frases a moda geral, retrucava com a - esimbatia, meu aniinho. é o canto do passarinho»... E os pianos roufenhavam por todos os lados o recitativo que acabava de ser introduzido por Furtado Coelho - Era no outono, quando a imagem tua... Asphi xiava l

O romance e o drama moviam-se entre a erótica, meio burgueza, meio fantástica, engalanada de lantejoulas baratas e penas de pavão dos heroes e heroinas de Macedo, de um lado, e, de outro, os cabôcios hiperidealistas, méstres em platonismo alexandrino, e a avultada galeria de bélas raparigas histericas, nevropatas, de Alencar.

Em filosofia ainda Vitor Cousin era esse Deus que, na frase declamatória do retórico Montealverne, tinha trazido a ordem ao cáos dos sistemas. Como supremo esforço do genio nacional nesse genero de assuntos recordavam alguns a doutrina de Magalhães da possibilidade de não ter o universo ezistencia real, não passando de um sonho em nós sucitado pela inteligencia divina, na qual o vemos pela mesma fórma que o magnetizado vê as idéas na mente do magnetizador... Era o tempo em que o Dr. Dias da Cruz e o Padre Patricio Moniz discutiam com toda a seriedade a teoria da afirmação pura... Um pavôr!

.

A inteligencia nacional andava encurralada num circulo de romanticismo caduco e de metafisicismo banal, envoltos ambos numas retoríces sovadas, balófas, inanes, em que velhas frases eram glorificadas e erigidas á altura de teses cientificas, de pilastras eternas do verdadeiro.

Em politica, o Visconde do Uruguai e o Conselheiro Zacarias de Góes esbofavam-se por estabelecer a exata doutrina ácerca da natureza e dos limites do poder moderador.

Nunca o bisantinismo tinha alcançado mais nitido renacimento depois do século XV. Era o justo pendant da disputa da teoria da afirmação pura.

Em critica literária, o conego Dr. Fernandes Pinheiro ensinava com todo o sério — «preseriu Barros a tuba épica ao buril da historia, e, assim como precedera Herodoto a Heméro, publicou ele a sua primeira década no mesmo ano em que Camões partia para a India». E interpretava — «tinherabos, non tinherabos» — por tinhe-rabos, non tinhe-rabos... Que tal? Coisas prosessadas no collegio de Pedro II e repetidas deante do Imperador...

Em critica de religião e de direito... nem é bom falar. Tapareli, Ventura de Raulica e o Padre Gaume eram a ultima palavra.

Foi nestas condições que um ar fresco de reforma e renovamento, que coincidia em Paris com a decadencia crecente do despotismo napoleonico e a ação inovadora dos mais fecundos escritos de Vacherot, Scherér, Taine, Renan, passou os mares e tocou em Pernambuco, primeiro porto nacional destacado para o oriente, esperando, anhelante, as nóvas do velho-mundo.

Tudo começava a revestir-se de nóvos rebentos e de nóvas folhagens.

Até os velhos chefes romanticos, os Hugos, os Quinets, os Michelets, sempre sequiosos de liberdade e cheios de ardor pelo progresso, modificaram as tardas liras, meteram-lhes córdas nóvas em que deviam soar as aspirações do povo, as dôres sociais, as máguas da multidão.

A Polonia estorcia-se sob a pata do cossaco, o Mexico sob as carabinas de Bazaine, os Estados Unidos com os Grants e os Lincolns feriam tremendas batalhas para libertar alguns milhões de escravos. A Alemanha preparava em Sadóva a sua transformação. Até o Brasil se começava a mover e embarcava na aventura das lutas com o Uruguai e o Paraguai.

A expressão desse «aspirar tumultuario e intenso» tinha de se afirmar.

Até 1868, o catolicismo reinante não tinha sofrido nessas plagas o mais leve abalo; a filosofia espiritualista, católica e eclética, a mais insignificante oposição; a autoridade das instituições monarquicas, o menor ataque sério por qualquer classe do povo; a instituição servil e os direitos tradicionaes do aristocracismo pratico dos grandes proprietarios, a mais indireta opugnação; o romantismo, com seus doces, enganosos e encantadores cismares, a mais apagada desavença reatora. Tudo tinha adormecido á sombra do manto do principe ilustre que havia acabado com o caudilhismo nas provincias e na América do Sul, e preparava a engrenagem da peça política de centralização mais coesa que já uma vez houve na historia em um grande paiz.

De repente, por um movimento subterraneo, que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofisma do

imperio apareceu em toda a sua nudez. A guerra do Paraguai estava a mostrar a todas as vistas os imensos defeitos de nossa organização militar e o acanhado de nossos progressos sociaes, desvendando repugnantemente a chaga da escravidão; e, então, a questão dos cativos se agita e logo após é seguida da questão religiosa; tudo se põe em discussão: o aparelho sofístico das eleições, o sistema de arrôxo das instituições policiaes e da magistratura e inumeros problemas economicos; o partido liberal, expelido do poder, comove-se desusadamente e lança aos quatro ventos um programa de extrema democracia, quasi um verdadeiro socialismo; o partido republicano se organiza e inicia uma propaganda tenaz que nada faria parar.

Na politica, é um mundo inteiro que vacila. Nas regiões do pensamento teórico, o travamento da peleja foi ainda mais formidavel, porque o atrazo era horroroso.

Um bando de idéas nóvas esvoaçava sobre nós de todos os pontos do horizontes. (49)

Ainda é Silvio quem nos vae descrever essa outra faze, que precedeu imediatamente a da sua entrada em campo.

"...Era o tempo da guerra com o Paraguai. As festas patrioticas multiplicavam-se. O teatro, sob o influxo de dignos artistas, estava tambem numa faze de esplendor. O salão tomára, por outro lado, com o recitativo, um brilho novo.

<sup>(49)</sup> Silvio Roméro, «Provocações e Debates», pgs. 359 e segs,

Acima de tudo isto, dois espiritos, dotados em gráo muito elevado do talento poetico, fizeram escola.

O mais velho e fecundo — Tobias Barreto de Menezes — introduziu, pela primeira vez, entre nós, o estilo de Vitor Hugo. O nobre poeta fôra, porem, sempre moderado. O outro — Antonio Castro Alves — seguiralhe as pisadas com um talento mais que muito apreciavel. Este, comtudo, era um homem de imaginação mais que de sentimento. Exagerára o estilo. Uma turma de anônimos, em seguida, encarregou-se de transformal-o ainda mais e deu-nos essa maneira áspera e retumbante de poetas, que, de então para cá, tem valido por uma aluvião. Estava creado o regimen da bomba, como apelidaram.

Depois, Castro Alves levada a doutrina para S. Paulo, morreu, e Tobias Barreto atirou-se á critica.

O desaparecimento dos dois poetas rivaes, que tinham cada um o seu partido, coincidiu com o incendio do teatro e a terminação da guerra. A poesía recitatoria não tinha mais razão de ser. Todavia, os desconchavos romanticos continuaram, dilacerando-se intimamente, tal o desperdicio de exageros que se multiplicavam..." (50).

\* \* \*

Mas ainda não é tudo quanto se faz necessario conhecer para situar Silvio no ambiente em que se desencadearam suas primeiras reações.

Para tanto, se faz mister seguir os passos de Castro Alves.

"Castro Alves — diz Silvio — tinha deixado o Recife em 1867, passado á Baía e logo após ao Rio de Janeiro e a S. Paulo, onde se tornára conhecido, creára adeptos e passára por iniciador de um movimento de que

<sup>(50)</sup> Silvio Roméro, «Hist. da Lit. Bras.», v. II, pgs. 483.

fôra apenas co-participe. Castro Alves, alem de ser bajano, a gente mais feliz do Brasil, era filho de um lente da Academia de Medicina da cidade do Salvador, pertencia a uma familia altamente colocada, tinha excelentes relações, entrava na vida rodeado de facilidades. amigo, o poderoso politico e orador Fernandes da Cunha, incitára-o a ir continuar o curso juridico em S. Paulo e déra-lhe carta de recomendação para seu correligionário, o célebre José de Alencar, potencia literária de primeira ordem no Rio de Janeiro. O autor de "Iracema" recebeu o poeta do "Navio Negreiro" na Tijuca, com honras principescas. Para o apresentar ao publico do Rio, o que importa dizer ao publico brasileiro, usára do expediente, muito acertado aliás, de dirigir a seu respeito uma carta pela imprensa a Machado de Assis, que respondeu no mesmo tom encomiástico enaltecendo os méritos do poéta. Este, já muito conhecido no Recife e na Baía, tornou-se de súbito popular no Rio e em S. Paulo, para onde pouco depois seguiu..." (51).

Já assim se casavam, desde então, para Sílvio, a essa Côrte, por que sempre foram tão grandes senão o seu odio ou a sua antipatia, pelo menos a sua reserva — a essa Côrte que sempre se lhe afigurou "opulenta e distraída", "despreocupada e vária", "a menos nacional de todas as capitaes do mundo", "onde a fama se fabrica neste paiz e as reputações são consagradas" — o odio e a antipatia, ou, pelo menos, a reserva, com que sempre tratou a Alencar, a Machado de Assis e ao proprio Castro Alves.

<sup>(51)</sup> Silvio Roméro, «Historia da Literatura Brasileira», v. II, pgs. 487.

E isso não pode ser desatendido por quem quer que se proponha a compreender certos aspetos das primeiras investidas de Silvio em seu periodo academico.

Ouando Silvio chegou ao Recife, em Fevereiro de 1868. Castro Alves acabáva de deixal-o.

Mas Tobias ficára, e iá se impunha á admiração da mocidade.

"Levei os dois primeiros anos (1868-1869) calado - informa ele (52) - no estudo das diciplinas que mais me preocupavam".

Samuel de Oliveira atribúe essa atitude discreta de Silvio não só "á sua propria organização psicologica, mas tambem ao contato dele com Tobias".

E justifica assim a sua opinião (52):

"Silvio não era propriamente um literato, isto é. um artista da palavra. Natureza de pensador, detestava a superficialidade, o saber pela rama, e se comprazia no estudo penetrante das cousas, que ele via sempre como partes de um mesmo todo. Era homem das observações profundas. Chegando ao Recife antes dos dezessete anos, lá encontrou Tobias contando quasi vinte e nove, quartanista de direito, festejado como um dos primeiros poetas brasileiros de então, autor de varios artigos de critica e já com a inteligencia aparelhada para produzir escritos como o "A proposito de uma teoria de S. Tomaz", que é de Abril de 1868 e "A teologia e a teodicéa não são ciencias", de Junho do mesmo ano. Tobias tinha um talento verdadeiramente superior, a cabeça cheia de idéas

<sup>(52)</sup> João do Rio, ob. cit., pgs. 45.(53) Samuel de Oliveira, ob. cit., pgs. 334.

nóvas e um modo de dizer inteiramente novo: era arrogante, impetuoso, conversador eximio, dotado, em suma, de muitas qualidades para triunfar. Silvio, já por natureza inclinado a dar primazia ás idéas, a preferir o pensamento á frase, ficou, em presença de Tobias, duplamente obrigado a se entregar a estudos sérios, para então aparecer. E foi o que fez — entrou a estudar com a sofreguidão de um forte espirito sequioso de saber."

"O ambiente da academia — diz Silvio — ainda era puramente romantico.

"Começamos a devorar os modernos livros de literatura, de filosofia, de critica, de religião — Vacherot, Litré, Scherer, Taine, Rénan, Buckle, Max Muller, Burnouf e Spencer caíram-nos, sucessivamente, nas mãos".

Isso diz ele em 1896, na introdução ao estudo sobre

Machado de Assis (54).

Em 1909, é mais minucioso na informação que dá dessas leituras (55):

«Transportado para o progressivo e agitadissimo centro espiritual do Recife, em 1868, aos 17 anos de idade, isto é, na força da vivacidade e do entusiasmo, entendi de tomar parte nas lutas ali então travadas, escolhendo o campo intelectual mais de harmonia com o meu temperamento — a crítica.

«Os meus verdadeiros mestres foram, então, Taine, Rénan, Max Muller, Scherer, Gubernatis, Bréal, Lenormant e Gobineau.

«Taine, principalmente, com seu belo livro «Filosofie de l'art en Grèce», o primeiro dele que li,

«Rénan, por seus admiráveis ensaios sobre «As Religiões da Antiguidade», «A Poesia das Raças Celticas» e os livros sobre

<sup>(54)</sup> Silvio Roméro, «Machado de Assis», intr., XXV e XXVI.

<sup>(55)</sup> Silvio Roméro, «Zéverissimações», pgs. 126-127.

«Averrhocs e o Averrhoismo» a «Vida de Jesus», «São Paulo», «Os Apóstolos» e «O Anti-Cristo».

«Max Muller, por seus livros sobre linguagem, religião e mitologia.

«Scherer, por seus belos artigos «Notre race et ses ancêtres», «Mahomet et le Mahometisme», «Mythologie Comparée», «La Vie de Jésus» (a proposito de Renan) e outros e outros.

«Gubernatis, por sua «Mitologia Zoológica» principalmente.

«Bréal, por seu belo estudo «Hercule et Cacus» e Em. des Essarts no magnifico ensaio «L'Hercule Grec».

«Lenormant, por sua admiravel obra — «Les Civilisations de l'Antiquité».

«Devo juntar, tambem, o ecelente Emile Burnouf com o magnifico livro «La Science des Religions» e o conde de Gobineau com seu ecelente «Essai sur l'inegalité des races humaines».

Na resposta ao inquérito de João do Rio, acrecenta ainda estes dados:

«As influencias recebidas (desses autores) não fizeram senão desenvolver o que em mim já ezistia desde os tempos do engenho, da vila, da aula primária e dos preparatórios.

«As tres primeiras leituras que fiz no Recife, por um feliz acaso, me serviram para abrir definitivamente o caminho por onde já tinha enveredado, fortalecendo velhas tendencias. Foram um estudo de Emilio de Laveley ácerca dos «Niebelungen» e da antiga poesia popular germanica, um ensaio de Pedro Lerroux sobre «Gœthe» e um livro de Eugenio Poitou sobre os «Filósofos Francezes Contemporaneos». O primeiro meteu-me nessas encantadas regiões do folk-lore, da critica religiosa, da mitologia, da etnografia e das tradições populares. O segundo, nas acidentadas

paragens da critica literária moderna. O teceiro, no mundo áspero e movediço da filosofia». (56)

\* \* \*

Silvio tinha 18 anos quando começou a aparecer na imprensa do Recife.

Fêl-o, confessadamente, sob a pressão de duas grandes influencias.

Uma, transitória, toda ocasional — a polemica em que se debateram o general Abreu e Lima e o padre Joaquim Pinto de Campos, a proposito das Biblias falsificadas.

"Tal acontecimento teve sobre nós grande influencia — disse Silvio, mais tarde (57). O general era ainda um simples voltaireano, sectario de uma critica méramente racionalista, bem diferente da moderna critica historica. Mas, mesmo assim, seu grande espirito liberal agitou-nos vivamente".

•Abreu e Lima não é, para mim, mais do que um autor terciario, medido pela bitola dos seus congêneres europeus» — dizia Silvio, em 1888, vinte anos depois da polemica com o padre Pinto de Campos (58). •Aferido, porém, pelo padrão brasileiro, ele se ostenta muito acima do nivel de seus rivaes pátrios, por mais endeusados que tenham sido em detrimento seu. Foi o primeiro, entre nós, a encetar a critica sem reserva, profligando as autoridades de palha, engrandecidas por nossa fatuidade. Independente e ousado, nunca se prostrou aos pés de nossos governos insensatos. E foi tambem quem primeiro brandiu o látego da

vol. II, pgs. 472 e seguintes.

<sup>(56)</sup> João do Rio, ob. cit., pgs. 45 e 46.

 <sup>(57)</sup> Silvio Roméro, «Machado de Assis», intr., XXV.
 (58) Silvio Roméro, «Historia da Literatura Brasileira»,

critica sobre a enfumada lenda de homens como Cunha Barbosa, Varnhagen, Feijó e outros tantos semi-deuses que giram na atmosféra empoeirada de nossa politica e de nossas letras. Ele, por certo, ignorava, como todos do seu tempo, o grande tesouro que constitue a moderna ciencia da ezegese biblica. A nova critica religiosa lhe era desconhecida. De um ponto de vista voltaireano, porém, e com a intuição de um velho católico, muito antes da Infalibilidade e da cisão de Doelinger, ele delucidou a questão das biblias protestantes, ditas falsificadas, e discutiu outros pontos controversos, como o purgatorio, a inquisição, o culto das imagens, etc.».

O padre Pinto de Campos era, para os seus correligionários, um expoente.

«Sacerdote de vasta cultura e grande erudição — diz dele o cônego Alfredo Pedroza, professor do Seminário de Olinda e autor de uma historia da literatura pernambucana (59) — mereceu representar a provincia de Pernambuco em sete legislaturas, durante 28 anos. Na Revolução Praieira foi delegado de policia, comandando o batalhão que devia submeter, no interior, os rebéldes. Ralado de desgostos pelo abandono em que o poz D. Pedro II, retirou-se para a Europa, onde viveu mais se ocupando com as letras que com outra coisa. Como escritor, deixou «A India Cristã», tradução, «Jerusalem», que os seus inimigos rotularam injustamente de plágio, «Impressões de Viagens», «O Inferno», tradução da «Divina Comédia», «Vida do Duque de Caxias» e «O Deus dos Cristãos», que mereceu a bençam de Pio IX».

Para o cônego Pedrosa foi o padre quem levou a melhor na polemica com o general. Ao menos, tendo essa "viva e rigida luta da pena" feito "decer os conte-

<sup>(59)</sup> Cônego Alfredo X. Pedrosa, «Sobre Literatura Pernambucana, pgs. 88 a 90.

dores a referencias pessoaes", Pinto de Campos "foi polido apesar das indelicadezas do seu antagonista" (60).

Já Silvio via o fato por outro prisma.

"Velho e proximo do túmulo, Abreu e Lima sustentou pela imprensa uma luta renhida cujos resultados foram dois livros intitulados "As Biblias falsificadas" e "o Deus dos Judeus e o Deus dos Cristãos". Ao total, tres respostas a um padre imprudente, que ocupava um alto assento na Igreja brasileira. As qualidades deste contedor não eram das mais proprias para engrandecer a pugna e dar fulgor ao adversario liberal. Todavia, dentro do nosso horizonte, Abreu e Lima brilhou". (61).

A outra influencia, esta profunda, que o acompanha-

ria pela vida inteira, foi a de Tobias Barreto.

Exagerou-se muito esse acendente de Tobias sobre Silvio.

Tanto que ele foi obrigado, por diversas vezes, a precisal-o, retificando as amplificações inverdadeiras com que a má fé ou a ignorancia o apresentavam.

Vale a pena acompanhal-o nessas varias rebatidas, porque elas como que filtram, depurando-o, o assunto.

De seis tenho eu noticia: a 1.ª, em 1884, nos "Estudos de Literatura Contemporanea"; a 2.ª em 1892, na introdução aos "Estudos de Direito" de Tobias; a 3.ª em 1896, no prefacio ao volume sobre "Machado de Assis": a 4.ª, em 1904, respondendo a um inquerito de João de Rio; a 5.ª, em 1904 nos "Outros Estudos de Literatura Contemporanea", e, finalmente, a 6.ª em 1914, nas Minhas Contradições".

"Não tenho repugnancia — dizia ele, da primeira vez — em indicar os motivos publicos que me prendem ao

<sup>(60)</sup> Cônego Alfredo Pedrosa, ob. cit., pgs. 90.

<sup>(61)</sup> Silvia Roméro, «Hist da Lit, Bras.», vol. II, pgs. 472.

escritor sergipano, e até as razões particulares que me levam a estimal-o. Aqueles são de ordem literária e já têm sido por vezes expostos, pertencendo á critica averigual-os. As outras justificam-se por si mesmas: Tobias Barreto é meu patricio, foi professor de meus irmãos; sua familia teve amizade á minha, e, sobretudo, tanto convivi e aprendi com ele que o considero meu méstre nas letras" (62).

Na segunda se alonga extraodinariamente pois se propõe a "indicar historicamente" a natureza de suas relações com Tobias, no intuito de definir as suas "reciprocas posições".

Já então diz ele ser isto necessario "para desfazer alguns erros atirados mais de uma vez à imprensa por espiritos levianos e ignorantes dos fatos".

Filhos ambos de Sergipe, não nos conhecemos ali. Só em Pernambuco, em fevereiro de 1868, é que vi aquele patricio pela primeira vez. Cursava ele o quarto ano da Faculdade de Díreito; eu ia do Rio de Janeiro, com os preparatorios feitos, para matricular-me naquele curso. Tobias foi, portanto, meu contemporaneo nos estudos academicos. Nunca foi meu professor.

Quando o conheci, suas ocupações espirituaes diletas eram a poesia e a filosofia. Naquela tinha sido o inaugurador do lirismo condoreiro a datar de 1862, e ainda era um eterno recitador de versos nos teatros, nas festas patrióticas e nos salões. Este prurido acabou quasi completamente em fins de 1870. Na filosofia, que sempre o preocupou de modo especial e caracteristico, já ele havia feito em 1867 o célebre concurso em que aniquilára o afamado tomista pernambucano Dr. José Soriano de Souza. De 1868 datam as suas primeiras publicações nessa materia. Cournot, Taine e Vacherot já lhe eram familiares. Em fins daquele ano

<sup>(62)</sup> Silvio Roméro, «Estudos de Lit. Cont.», pgs. 243.

travou conhecimento com o positivismo dirétamente pelo «Cours de Philosophie Positive» de Comte. Stuart Mill e Littré vieram mais tarde e não foram nunca muito apreciados. Em tal assunto o meu amigo preferia dirétamente o chefe da escola. O velho espiritualismo francez já estava posto de lado. Ainda tambem não havia o conhecimento de Darwin, de Hæckel, de Hartmann, de Noiré, do monismo e do transformismo em suma. Tudo isto veio depois, a datar de 1871.

Nessas condições é que encontrei o poeta. Eu levava do Rio de Janeiro bons estudos de preparatorios, feitos de 1863 a fins de 1867, o amor dos livros, a ancia de saber. Atirei-me á leitura de etnografia, linguística, antropologia, critica literária e filosofia. As predileções eram, pois, diferentes, as leituras diversas pela diversidade ingênita dos dois espiritos. Em nossas longas conversações comunicávamos mutuamente as nossas impressões, as nossas idéas, os nossos planos de trabalho. Pór ser ele um tanto mais velho, mais adeantado no curso academico, já imensamente popular em Pernambuco, e, sobretudo, por conhecer-lhe o vigor e a força da inteligencia, acostumei-me, eu que chegava simples caloiro, a ter-lhe peculiares atenções e verdadeiro respeito. Mas nunca lhe sacrifiquei minhas idéas, nem lhe subordinei o meu sentir, nem apaguei jamais deante dele as diferenças nativas do meu temperamento.

Outro tanto praticava-o ele, havendo sempre em nossas relações espirituaes plena liberdade e decidida franqueza. Dando conta do meu livro publicado em 1878, «A Filosofia no Brasil», depois de alguns elogios iniciaes, escrevia Tobias: «Tudo isto, porém, não significa, não quer significar que eu me limite a formar um duetto, que eu acompanhe em todos os motivos, fazendo segunda voz, o pensamento de Silvio Romero. Em mais de um ponto estamos separados; e como, numa ou tal comunhão de principios, que entre nós eziste, avulta o da mais lhana despreocupação pessoal, o da mais pura sinceridade reciproca, indicarei precisamente as razões do meu desacordos.

Como quer que fossem diversas entre nós as indoles mentaes. cada um foi fazendo a sua obra e a mais rapida observação é suficiente para notar facilmente as diferencas de estilo, de assuntos de métodos, de doutrinas. E' assim que, em poesia. Tobias não passou do lirismo condoreiro e eu combati desde 1869 esse hugonismo e iniciei a nova intuição da poesia transfigurada pela filosofia de nossos dias; que, em critica literária, ele fugia dos assuntos brasileiros e do brasileirismo, e eu os procurava sempre de preferencia; que, em filosofia, não admitia a psicologia e a sociologia como ciencias o eu lhes reconheço esse carater; é assim que jamais pude admitir e explicar o desdenhoso modo de tratar Herbert Spencer. Não é tudo: ha especialmente dois assuntos em que o meu modo de sentir e de pensar foi sempre completamente oposto ao seu: a poesia popular e a etnografia. Sabe-se que uma das bases da minha critica aplicada á literatura, á historia e em geral á vida espiritual brasileira, foi a apreciação etnografica das raças que constituiram o nosso povo. Sabe-se mais que uma das primeiras aplicações desse modo de pensar foi justamente o estudo, a pesquisa da poesia, dos contos, das tradições populares, do folk-lore, em suma. Pois bem: Tobias Barreto não achava isto e tivemos interminaveis discussões a respeito. Não conseguiu modificar as minhas convicções neste assunto, nem alterar o sistema de meus trabalhos. A despeito do seu desacordo, coligi os «Cantos Populares do Brasil», os «Contos Populares do Brasile e escrevi os Estudos sobre a Poesia Popular Brasileiras.

Outro ponto digno de nota de nosso constante desacordo era o da adoção da forma republicana em nosso paiz. Espirito muito liberal, inimigo das vilezas e miserias perpetuas da politica brasileira, Tobias, todavia, não foi jamais um sectario da republica. Não concordei nunca com o meu amigo neste modo de pensar e, ainda muito moço, desde 1869, alistei-me entre os republicanos.

Poderia, si fosse preciso, levar por diante estes pontos de desacordo. Não o farei, porque os indicados provam de sobejo a minha teze: a independencia do meu modo de sentir e de pensar deante dos sentimentos e opiniões de Tobias Barreto em pontos e assuntos capitaes. Isto mesmo foi mais de uma vez por nós ambos proclamado para confusão de malévolos e intrigantes. O que nunca sofreu diminuição ou restrição de qualquer ordem foi a minha admiração pelo seu talento e a minha estima por sua pessõa. E ele bem as merecia, porquanto, de todos os homens que, na minha qualidade de crítico e propagandista, tive de elogiar e vulgarisar, foi, talvez, o unico que me não pagou o serviço com traições que constituem a essencia da alma dos ingratos». (63)

Na introdução ao seu volume sobre "Machado de Assis", de 1896, Silvio voltou á carga:

"Tobias era quasi de nossa idade. Foi nosso contemporaneo na academia. Era nosso patricio, nosso camarada, nosso amigo. Nunca foi nosso mestre, no sentido especial do termo. Tinhamos muitas idéas em comum porem nos separávamos em varios pontos gravissimos em literatura, em ciencia, em direito, em filosofia. Em nossas conversações sempre os discutiamos e cada um ficavacom as suas opiniões capitaes.

Em todo o Brasil, nunca teve, nem tem ainda hoje, o escritor sergipano, maior defensor e maior apreciador do que nós. Mas não é preciso mentir para o elevar. Ele, mesmo, era o primeiro a reconhecer aquilo em que, de quelquer forma, tinha sido antecedido, o que lhe não tira em grao algum o mérito, antes o realça. E' o caso da critica sistematisada e científica, do folk-lore, da etnografia, da historia literaria e de outros assuntos de que ele

<sup>(63)</sup> Silvio Roméro, prólogo aos «Estudos de Direito», pgs. XIII a XX.

ou não se ocupou, ou só o fez per accidens. Houve, porem, assuntos de que só ele se encarregou, e nós não, e é o caso da critica religiosa, do direito penal, da literatura comparada, da critica musical, etc., e os houve em que ele principiou e nós chegamos mais tarde, como a filosofia.

Em suma, nós e Tobias, que demos ao Brasil o exemplo da mais completa fraternidade espiritual, fomos dois camanadas, dois obreiros amigos, mas independentes, que procuravamos trabalhar sem rivalidades e sem submissão um ao outro; de acordo, porem autonomos; ele, a final, quasi todo haeckelista e nós mais — spencerianos.

Nossa posição foi, é e será a do amigo e camarada, reconhecedor e propugnador de sua elevada capacidade, de seus grandes méritos, sem, comtudo, julgarmos preciso, jurar indistintamente em todas as suas idéas" (64).

No mesmo livro, em nota, quasi ao fim do volume, Silvio ainda insiste: "Nunca hesitei em reconhecer e proclamar que Tobias em muitas coisas me antecedeu: na vida, pois que naceu antes de mim, na poesia, na propria critica, em sentido geral, na filosofia, na política, no direito; e o merito, todo o merito que, porventura, eu possa ter, em todos esses ramos da atividade espiritual, tem consistido exatamente em, tendo aparecido depois dele e estimando-o sempre, conseguir pensar em tudo aquilo diferentemente dele na maior parte dos casos" (65).

Em 1904, respondendo ao inquérito de João do Rio que lhe indagava quaes os autores que mais haviam contribuido para a sua formação intelectual, dizia — "Deixei para o fim a influencia em mim exercida por Tobias

<sup>(64)</sup> Silvio Roméro, «Machado de Assis», pgs. XXIX a XXXI.

<sup>(65)</sup> Silvio Roméro, «Machado de Assis», nota a pgs. 327.

Barreto, para ter o prazer de destacal-a com mais força. Não recebi dele propriamente idéas; aprendiamos, por assim dizer, em comum. Dele aproveitou-me intensamente, e nunca fiz disso misterio, o entusiasmo de combater, o calor da refrega, o ardor da luta, o espirito de reação, a paixão das letras, o amor pela vida do pensamento, pelo espetaculo das idéas" (66).

No mesmo ano, em carta-aberta a Artur Orlando sobre a Escola do Recife, tem oportunidade de tornar ao

assunto:

«E' bem verdade o dizer-se ser a historia que mais se desconhece a que fica mais proxima do tempo em que se vive, porque nem é a velha historia que já anda escrita, nem é a atual a que se está a assistir... E' ezatamente o que se dá com o que eu e Tobias Barreto praticámos em Pernambuco, de 1868 a 1876, vae por perto de quarenta anos.

Cá no Rio de Janeiro, os inimigos dele não lhe falam no nome e os meus ou não referem o meu, ou, si o referem, é para dizer as maiores barbaridades.

Fazem-me mais moço do que aquele amigo vinte ou trinta anos. Metem-me no numero dos seus alunos na Faculdade do Recife. Baralham os fatos. Confundem as idéas, com o maior desconhecimento da natureza e da indole das doutrinas diversas que andavamos sempre a sustentar.

Ora, a verdade é a seguinte, como já tenho afirmado muitas vezes: Tobias me precedeu em Pernambuco pura e simplesmente nos cinco anos de sua ação poética, primeira faze da escola do Recife, ou periodo condoreiro (1863-1868). A datar de 1868 em diante, sendo ele ainda aluno da Faculdade e eu tambem, é que se iniciou a segunda faze da escola, ou periodo critico-filosofico.

<sup>(66)</sup> João do Rio, ob. cit., pgs. 46-47.

Aí, nós fomos companheiros: nos fuimus simul in Garlandia. No primeiro periodo teve por auxiliares ou rivaes a Castro Alves, Vitoriano Palhares, Guimarães Junior e outros de menor vulto. No segundo, teve-me a mim, Celso de Magalhães, Souza Pinto, Pereira Lagos, Generino dos Santos, Inglez de Souza e outros menos conhecidos. Em 1871 retirou-se para a Escada, sem descontinuar, é certo, as lutas. Eu fiquei; e só em 1876 é que deixei o Recife, após oito anos de polemicas constantes. Em 1882, quando já era eu no Rio de Janeiro lente do Ginásio Nacional, é que foi iniciada a terceira faze da escola do Recife ou periodo juridico-filosofico. Já então estava dali ausente, mas fui um precursor do movimento.

Lembro estes fatos porque, em que pese a quem quer que seja, não estou disposto a deixar ser bifado o meu logar na historia intelectual brasileira.

Tobias influiu sobre todos os que trabalharam a seu lado, nas tres fazes de sua vida, pelo espirito de reação, pela intuição critica, pelo temperamento de luta, e não por um complexo de idéas feitas, reduzidas a sistema.

Dest'arte, eu, por ezemplo, sendo sempre muito amigo e muito admirador seu, sempre estive separado dele nas doutrinas mais sérias. Em poesia — ele foi pelo romantismo de Hugo, eu, pelo cientificismo, seguido mais tarde por Martins Junior e contra o romantismo que ataquei com força. Em critica literária — ele foi pelo alemanismo, como coisa a ser imitada pelos brasileiros; eu, do alemanismo só aceitava a influencia historica da raça germanica e seu espirito critico. Ele era em letras preferentemente pelos assuntos estrangeiros; eu, pelos nacionaes. Ele desdenhava da poesia popular e da etnografia, como base das reproduções quaesquer dos povos; eu atirava-me a ambas, como bases para a compreensão da vida nacional. Em critica historica, eu era por Buckle; ele não era sectario deste grande inglez. Em filosofia, eu fui, depois de procurar um caminho seguro, por Herbert Spen-

cer; Tobias não admirava este notavel genio, ao qual antepunha Haeckel e Noiré, depois de haver passado por Vacherot. Schopenhauer e Hartmann. Em filosofia do direito, ele foi pelo transformismo baeckeliano e pelo monismo noicrista em toda a linha; eu, por uma concepção mais aproximada de Spencer e S. Maine. Finalmente, ele não admitia a psicologia e a sociologia como ciencias, no que, desde muito cedo, não o pude acompanhar.

Nossa ação teve, pois, pontos de contato e linhas de divergencia que só uma critica obtusa desconhecerá». (67)

Por ultimo, nas "Minhas Contradições", acusado de "ter dito poder considerar Tobias Barreto seu mestre e referir mais tarde, narrando certos fatos de suas relações, que aquele seu patricio, condicipulo e amigo não havia sido seu professor", revidou neste termos:

"Ora, louvado seja Deus! Desgraçado meio em que um escritor, que se bate ha mais de quarenta anos, é citado a explicar coisas tão simples, tão claras, tão banaes,

tão terra a terra. Misericordia!

Não sei em que escrito, não mais me lembra qual foi esse em que proclamei poder considerar Tobias como meu mestre, por muito haver convivido com ele. Mas podia tel-o dito em cem, em duzentos, em quinhentos escritos, sempre o fato seria o mesmo! Era isto um rasgo de delicadeza que, ainda agora, repetiria, si tivesse o prazer de o ver a meu lado. Em parte por sua idade, maior doze anos que a minha, e mais pelo seu grande saber, pela sua indefêssa dedicação ao culto das idéas, pelo seu fervor nas lides, pelo seu devotamento à verdade, eu podel-o-ia chamar mestre, porque ele merecia, como todos os nobres e todos os desinteressados guias e chefes intelectuaes da

<sup>(67)</sup> Silvio Roméro, «Outros Estudos de Lit. Cont.», pgs. 208 a 211,

nação, esse titulo. Isto é commum entre gente que se preza.

Daí, como, mais tarde, tivesse sido aquele inolvidavel amigo nomeado lente da Faculdade de Direito do Recife, onde eu me formára, concluirem que eu tinha sido aluno das aulas de Tobias Barreto. Não advertem que, quando foi da entrada do meu amigo para o corpo docente daquela Faculdade, já eu, havia nove anos, dali tinha saído. Eu me tinha diplomado em 1873 e Tobias foi lente em 1882. Discipulo de aula de Tobias, aluno dele, não tive, ai de mim, a fortuna de ser! Mas, para o apreciar e distinguir, preciso eu de falsear a historia, dando-me como estudante no Recife quando já era lente no Colégio de Pedro II desde anos antes?" (68).

Foi pelo estimulo que lhe adveio da companhia de Tobias Barreito, a que seria grato a vida toda, e da polemica entre o padre Pinto de Campos e o general Abreu e Lima, fato que até então desconhecia, que Silvio se

decidiu a aparecer em publico.

<sup>(68)</sup> Silvio Roméro, «Minhas Contradições», pgs. 83 a 85.

## (1870 - 1873)

O aparecimento do estudante em publico - «A Poesia Contemporanea e a sua intuição naturalista» — Os primeiros artigos — A critica aos «Harpejos Poéticos» de Santa Helena Magno — O ponto de partida para os seus combates - As «Falenas» de Machado de Assis — As primeiras restrições a Castro Alves — Couto de Magalhães e Goncalves Dias - Pelo lirismo impessoal - Fixando as futuras diretrises - A impressão produsida nos meios academicos — «O vácuo em torno do agressor» — Capistrano de Abreu — A inaptidão dos estudantes para as cogitações sérias - «Um começo por onde muita gente quizera acabar» -A dificuldade na publicação dos seus trabalhos - Os quatro artigas contra o romantismo no Brasil — A falta de originalidade de Domingos de Magalhães - O eluxo de cepticismos de Alvares de Azevedo - Os ecabôclos móles» e as eindias faceise de Alencar - Macêdo e os seus cromances de balaios - Defendendo a sua posição em meio aos criticos do Brasil - «A Poesia de Hoje» -Da bôa teoria aos máos versos — A conclusão do curso — Si a Economia Politica é uma ciencia» — A Faculdade e «o privilegio do estacionamentos.

O aparecimento de Silvio na imprensa do Recife se verificou em fins de 1869, quasi ás portas do ano de 1870.

Tinha ele, então, conforme declarou, e nós já vimos,

"dezoito anos e mcio bem puchados" (69).

Fêl-o, primeiro, com uma monografia — "A poesia contemporanea e a sua intuição naturalista".

Depois, entremeadamente, ora com versos, ora com a série de artigos, a que alude sempre, de combate franco ao romantismo em geral, e, particularmente, á poesia da epoca, que se afastava daquela intuição, unica a seu vêr capaz de lhe imprimir as verdadeiras diretrizes.

A monografia nunca chegou a aparecer em livro, como o fez supôr o proprio Sílvio a alguns de seus biógrafos, numa passagem, realmente ambígua, do prefacio aos "Ultimos Harpejos" (70).

Foi publicada nos jornaes do Recife e teve repercussão em todo o Norte. Mais tarde, quando Silvio começou a reunir toda a sua produção jornalistica desse periodo, pensou em dar ao volume que enfeixasse a série inicial de artigos a que já aludimos, e que ele reputava o primeiro brado erguido no Brasil contra o romantismo, o titulo de "A poesia contemporanea e a sua intuição naturalista". O volume, entretanto, nunca foi publicado.

O primeiro dos artigos que se seguiram à monografia, escrito ainda em 1869, mas publicado apenas em 1870, foi sobre o livro "Harpejos Poéticos" do poeta paráense Santa Helena Magno.

Diz Artur Guimarães que esse artigo "que se pode considerar como uma profissão de fé do autor e era uma critica muito sevéra, levantou grande assuada nos circulos academicos. Geral foi a grita contra o novo icono-

<sup>(69)</sup> João do Rio, «O Momento Literario», pgs. 37.

<sup>(70)</sup> Silvio Roméro, «Ultimos Harpejos», pgs. V.

clasta. Seja, porem, constatado - pondera ele- que Silvio, em sua longa carreira, estendida por 45 anos de lutas, não fez mais do que desenvolver as tezes então formuladas, modernizando-as, lapidando-as, facetando-as com os conhecimentos adquiridos dia a dia" (71).

Vieram, depois, o artigo "O que entendemos por poesia critica", em que, como já fizera na monografia ha pouco referida, Silvio apresentava a idéa da poesia fundada no criticismo contemporaneo, da qual fazia, como declarou, "o ponto de partida para o seu combate ao indianismo e ao romantismo choroso" (72) e as "Cartas a Manoel Quintiliano da Silva" (13) ou Manoel Quintiliano de Oliveira, obedecendo, ainda, ao mesmo proposito de difundir as bases de sua concepção poética.

A seguir, Silvio publica um artigo sobre "A-poesia das Phalenas". Por ele se vê que, desde rapaz, desde estudante, Silvio já se insurgia contra Machado de Assis. E' um indice irrecusavel da coerencia que mantinha nos seus pontos de vista, tão ao contrario do que se assoalha ácerca da sua indole "contraditoria". Mas não é esse o unico merecimento que oferece o artigo. Ele serve, tambem, para caracterizar a verdadeira razão da diversidade que, desde aí, se assinalava entre os dois grandes espiritos. Silvio viria, mais tarde, a admirar o Machado procador. Dar-lhe-ia, mesmo, ainda que com muitas restrições, a palma que os contemporaneos lhe não regateavam. O poeta, entretanto, sempre lhe pareceu, nele, artificial. O seu "lirismo subjetivista" e, sobretudo, o seu "humorismo pretencioso" não exprimiam, a seu vêr, outra coisa (74).

Autur Guimarães, ob. cit., pgs. 20-21. (71)

<sup>(72)</sup> Silvio Roméro, «Machado de Assis», intr., pgs. XXVI. (73)

Silvio Romero, «Hist. da Lit. Bras.», vol. II, pgs. 466. (74)Silvio Romero, Hist. da Lit. Bras., vol. II, pgs. 466.

A 27 de Novembro de 1870, aparece no "Americano" outro artigo de Silvio, este sobre "A poesia das Espumas Flutuantes" (75). Tambem quanto a Castro Alves se nota que o juizo de Silvio, fundamentalmente, não mudou. Nesse artigo, como no outro que se lhe seguiu, o critico reprova em Castro Alves o mesmo que lhe reprovaria depois por toda a vida — a falta de espirito filosofico, que lhe permitisse mais controle sobre as proprias emoções, e, por conseguinte, sobre as hipérboles, impedindo-o de se escravizar servilmente ao modelo hugoano.

No começo de 1871 publica o "Sistema das contradições poéticas", demonstrando "a extenuação já adeantada das diferentes doutrinas que haviam figurado na historia literária do seculo XIX" (76). Era, pois, a seu vêr, o momento indicado para surgir uma poesia nova, de nova inspiração, com bases nóvas.

A esse artigo se segue, logo, outro, sobre "A poesia e os nossos poetas". Nele, Silvio combatia os poetas de maior renome no momento, principalmente Domingos de Magalhães e Gonçalves Dias. Do primeiro censurava, sobretudo, "o romantismo religioso". Do segundo, o

"gentilismo" (77).

A 23 de Junho, publica o "A proposito de um livro", ocupando-se das "Peregrinas" de Vitoriano Palhares. Salientando as qualidades do poeta, em quem sempre reconheceu uma figura de primeira plana nas letras nacionaes, Silvio aproveitava a ocasião para defender, contra Scherer, o "lirismo impessoal" (78) que dizia ser o de

<sup>(75)</sup> Silvio Romero, «Hist. da Lit. Bras.», vol. II, pgs. 466; «Zéverissimações», pgs. 54

<sup>(76)</sup> Silvio Romero, «Hist. da Lit. Bras.», vol. II, pgs. 467.

<sup>(77)</sup> Silvio Romero, «Hist. da Lit. Bras.», vol. II, pgs. 467. (78) Silvio Romero, «Hist. da Lit. Bras.», vol. II, pgs. 467.

Palhares, distinto do lirismo individualista ou subjetivista, que condenava, entre outros, em Machado de Assis.

Mais tarde, ainda em 71, vem a lume com "O carater nacional e as origens do povo brasileiro" (79).

Nesse ensaio ha que se deter a gente, pois constitue, sem duvida, a contribuição mais notavel de Silvio no seu periodo academico.

Começa ele por dizer que ha dois fatores principaes na formação de um carater nacional — a natureza e a aglomeração de populações distintas.

«Os povos modificam-se pela natureza que os cerca, mas para isso são necessarios muitos séculos. Com relação á população brasileira, não se devia cogitar dessas modificações, pois «somos um povo moderno, oriundo de outros tambem comparativamente nóvos ou já civilisados».

Quanto ao agente humano, os nossos historiadores têm-se descuidado de delinear as origens de nossa população. O que os preocupa são os indios. E o que têm escrito a esse respeito ou é estéril, ou é erroneo. Atribuir-lhes qualquer contribuição apreciavel na formação do nosso carater, por modificação do substractum portuguez, é absurdo. Nossos selvagens estavam no gráo de atrazo do homem geologico, do homem da idade da pedra, não podendo ser muito numerosos, nem ter uma religião que conhecesse um ser supremo, como assoalham». A seu vêr, na modificação do ascendente europeu influiu muito mais o enegro» do que o cindio». E, a esse proposito, investe impiedosamente contra o «indianismo», não tanto pelo que «exagerou na exaltação do aborigene, como pelo que esqueceu na estimação do africano. Seus ataques se dirigem, sobretudo, a Alencar, a Gonçalves Dias e a Domingos de Magalhães. Não pelo que fizeram propriamente na ficção. Mas, pelo que tiveram a veleidade de tentar no proprio

<sup>(79)</sup> Silvio Romero, Etnologia Selvagem, apendice.

terreno critico — o primeiro, com o «Nosso Cancioneiro», o segundo com «O Brasil e a Oceania» e o terceiro com «Os indigenas do Brasil perante a Historia».

Depois, ainda acha meios de verberar, tambem, o exclusivismo lusitano de Varnhagen tão erroneo como os outros.

E conclúe por essa esplendida síntese:

«O brasileiro ficou um quasi retrato do portuguez. A natureza, como agente de transformação, pouco ha feito para alteral-o, tendo a lutar contra a estreiteza do tempo e a civilisação européa. O caboclo, tipo quasi perdido, que se vae esvaecendo cada vez mais mui fracamente contribuiu tambem nesse sentido. O africano, rebelde aos progressos intelectuaes, tem alterado, sem vantagem, nossa fisionomia preterita. Do consorcio, pois, de velha população latina, bestamente atrazada, bestamente infecunda, e de selvagens africanos, estupidamente indolentes, estupidamente talhados para esoravos, surgiu, na maxima parte, este povo, que se diz, que se supõe grande, porque possue, entre outras maravilhas, «o mais belo paiz do mundo». E' necessario buscar na historia as condicões de sua cultura, de sua civilisação. Indicar os elementos diversos e concurrentes que formaram seu pensamento, mostrar a marcha que seguiram, pesar-lhes o valor, é bem diferente do simples indagar do estado hedierno de seu lavor intelectual. Assim devêra se assinalar por suas pretéritas posições, seguindo-as passo a passo até hoje, as causas do nulo desenvolvimento de nossas letras e da nenhuma originalidade do nosso genio».

Depois, já em 1872, publica "Uma pagina sobre Literatura Nacional". E' um estudo da influencia que ezercem o meio e a raça sobre o espirito brasileiro (80). Mais tarde serviria de base ás "Idéas Propedeuticas" que figuram como introdução ao "Compendio de Historia

<sup>(80)</sup> Silvio Romèro, «Hist. da Lit. Bras.», vol. II, pgs. 467.

da Literatura Brasileira", escrito em colaboração com Ioão Ribeiro.

Scrue-se um artigo sobre "Realismo e Idealismo", condenando a especulação que se fazia em torno das falsas noções "que parecem outorgar as duas expressões". Não se devia entendel-as senão relativamente, pois não ha um ideal absoluto, dependente como é das idéas que formamos de tudo, do mesmo modo que o "realismo" nada mais é do que o que de positivo vae a ciencia apontando. Idealismo e realismo são, portanto, principios que se não combatem, unem-se. E a poesia vive, justamente, "do consorcio entre um e outro" (81). N' "As Legendas e as Epopéas,", "A Poesia e a Reli-

gião" e "A Poesia e a Ciencia", o que Silvio procura é o combate aos velhos erros e ás reformas pouco firmes" (82). No "Camões e os Lusiadas" ocupa-se, sobretudo, da questão do indianismo (83). N'"A Rotina Literaria" faz "a sintese das direções errôneas da literatura brasileira no século XIX" (84). N'"As cartas de Sempronio e Cincinato contra Senio" entra numa das muitas polemicas literarias da epoca (85). Era a polemica, então, o entretenimento predileto dos intelectuaes do Recife no tempo. O estudioso, que queria aparecer, já sabia o recurso mais eficiente de que dispunha: aguardava uma oportunidade para entrar em polêmica com quem quer que fosse, a proposito dos assuntos em que se sentisse mais a vontade. O fato, apezar da sua frequencia, despertava sempre a atenção dos circulos intelectuaes e fazia ou

<sup>(81)</sup> Silvio Roméro, «Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 81-87.

<sup>(82)</sup> Silvio Roméro, «Hist. de Lit. Bras.», vol. II, pgs. 467. (83) Silvio Roméro, «Hist. da Li.t Bras.», vol. II, pgs. 467.

<sup>(84)</sup> Silvio Roméro, «Hist. da Li.t Bras.», vol. II, pgs. 467.

<sup>(85)</sup> Silvio Roméro, «Hist. da Li.t Bras.», vol. II, pgs. 467.

inutilizava para sempre o polemista. Como, ás vezes, todavia, a "polemica" já se apresentava completa com seus dois contendores, o terceiro, que não queria perder a vasa para mostrar o que sabia, também entrava no brinquedo. discutindo com os primeiros. Silvio, nesses artigos, foi mais longe - entrou "de quarto". Como discordasse tanto de "Senio", que era José de Alencar, como de seus dois adversarios, um dos quaes "Cincinato", era Franklin Távora, "bateu os tres com igual independencia". N' "Uns versos de moça" critica as "Nebulosas", de Narcisa Amália, censurando-lhe outro séstro que parece existir nos poetas brasileiros — o fazer da "alegria" e da "tristeza" fontes absolutas de inspiração, quando uma e outra raramente se apresentam isoladas na vida, de que são apenas "momentos excepcionaes", "horas de anomalia" (86).

Em 1873, publica, de início, o artigo intitulado "A Critica Literária", combatendo o preconceito dos que vêm na critica um elemento de destruição, capaz de prejudicar o desenvolvimento espiritual de um povo, quando, ao contrario, longe de lhe ser nocivo, constitue um estimulo, uma fonte perene de animação, como se verificou por exemplo, na Alemanha, "cuja literatura só tomou o soberbo acendente que a distingue fundada na critica, depois do grande movimento provocado por Lessing" (87).

Surge, depois, com os quatro artigos que constituem a série admiravel d' "O Romantismo no Brasil", e com os ensaios sobre "A Poesia fundada na intuição critica moderna" e "A Poesia de Hoje", aos quaes teremos de voltar

<sup>(86)</sup> Silbio Roméro, «Estudos de Lit. Cont.», pgs. 121-129. (87) Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e a Critica

<sup>(87)</sup> Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna».

para uma apreciação mais demorada pois conteem as idéas de que Silvio faria, segundo as suas proprias expressões, "o ponto de apoio para o seu combate ao romantismo no Brasil", objetivo principal, senão unico, de toda a sua produção nessa primeira faze.

Ao mesmo tempo que lançava esses artigos de critica e polemica, publicava Silvio os seus primeiros versos, que reuniria, mais tarde, nos "Cantos do Fim do Século".

Por fim, ainda aluno da Faculdade de Direito, em 1873, publicou a dissertação — "Si a Economia Politica é uma ciencia".

### \* \* \*

O que foi a impressão produzida pelos artigos de Silvio no meio academico do Recife é facil de avaliar.

Araripe Junior fixou-a nestes termos:

"A irrupção do polemista foi tremenda e nos circulos academicos operou-se o mesmo que numa reunião popular quando um homem audaz avança brandindo uma lâmina afiada. Formou-se um vácuo em torno do agressor. Uns fugiram. Outros puzeram-se, de longe, a invetival-o. A estranheza do instrumento, tido como perigoso, deu que falar á gente ignára..." (88).

### \* \* \*

Quasi no fim da vida, em seu ultimo livro, Silvio atribúe a iniciativa desse estardalhaço a Capistrano de Abreu.

"Conhecêra-o, desde 1870, no Recife — escreve ele. Sempre seboso, exquisitão, lingua terrivel na maledicencia soturna, vivia, a meia voz, ferindo toda a gente.

<sup>(88)</sup> Araripe Junior, «Silvio Roméro, polemista», Rev. Bras.», vol. XV, pgs. 190.

"Quando, em Março daquele ano, publiquei o meu primeiro artigo de critica, "A poesia dos Harpejos Poeticos" de Santa Helena Magno, o trêfego e maldoso cearense, ao que fui imediatamente informado, cobriu-me dos mais feios chingamentos nas palestras da estudantada com que morava" (89).

\* \* \*

Daí foi fácil alastrar-se o fogo, pois a mocidade academica, pelo menos a daquele tempo, sofria, para Silvio, de dois grandes males — um, de implicar com os estudos sérios, preferindo-lhes sempre a frivolidade literária, de pouco fôlego, mas de imediato efeito — outro, de se não saber libertar da rotina, a que tanto nos escravisam, ou, pelo menos, nos escravisavam, ha setenta anos, no Brasil.

«No periodo academico, a maioria, a grande maioria dos jovens estudantes evita as arduas pesquizas da historia, as penosas indagações da erudição, do manejo de documentos, de toda indagação em suma que demande anos e anos de aturada aplicação. Atiram-se, os que se supõem mais habeis, aos devaneios da bela literatura. E' uma facinação para todos os espiritos agitadiços e incapazes de esforço sério...» (90)

Para os poetastros faceis, para os novelistas de primeiro jato, todos os incitamentos, todos os aplausos, todos os galardões.

Para os que se aventuram a cometimentos sérios, que demandam esforço, desassombro, tenacidade, constancia — para esses, o desprezo, quando não o apôdo.

<sup>(89)</sup> Silvio Roméro, Minhas Contradições, pgs. 186.

<sup>(90)</sup> Silvio Roméro, «Outros Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 81.

Durante os nove anos que residi no Recife — diz Silvio — vi deslisarem pela academia, ébrios de clogios, tontos de lisonja, muitos e muitos desses apregoados devoradores do mundo, que tinham de mudar a face das coisas. Onde param eles? Dois ou tres pensam um pouco. Os mais abismaram-se nas sombras ou perderam o geito de raciocinar. Alguns moços que receberam o gráo academico vão perdendo já o uso da fala. Mais de uma eira já está aí desmontada. Mais de um profeta deixou de amaldiçoar. Mais de um enfant terrible perdeu o sabre do combate... De quem a culpa? De todos aqueles que fazem o vácuo em torno dos verdadeiros talentos e asfixiam com seu incenso réles as mediocridades felizes... ▶ (91)

· Por outro lado, os artigos de Silvio arremetiam, todos, contra a muralha inviolavel da "rotina".

Ora, «o Brasil é um paiz de legistas — escreveu ele de uma feita. A formalistica nos consome. Todas as nossas questões se resolvem pela praxe. Todos os modos de viver, até os intelectuaes, estão aqui de antemão determinados: seguir a rotina, que é o mais seguro, é maxima que nossos paes cuidadosamente nos ensinam! O espirito publico, de mãos dadas com o poder, pune com o mais duro abandono qualquer tentamen de levantamento. Os mais empenhados no castigo são os chamados literatos. Tidos e havidos, na linguagem forense, pelos guias seguros do pensamento brasileiro, são os mais tenazes defensores da rota-batida. Um sistema completo de cativeiro intelectual, tendo a sua base na primeira educação e passando pela escola e pelas academias, garante o triste resultado. O peór é que a liberdade de pensar parece ter guarida no seio de nossas leis e tem-na de certo até um ponto. O vicio radical, o germen da fatal molestia, vem de longe, está

<sup>(91)</sup> Silvio Roméro, «Outros Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 86.

enraizado no amago dos nossos habitos. Todas as manifestações da vida espiritual brasileira, todos aqueles santos impulsos porque as nações procuram realçar, são vasados em moldes carunchosos; tudo tem um certo ar de senilidade. O fato é, porém, no todo inconciente — o povo brasileiro possue tambem seus desejos e suas esperanças de reformas e de verdadeiro progresso; mas são completas veleidades... (92)

#### \* \* \*

Como não se podiam atracar, entretanto, com o critico, que pisava com firmeza nas investidas que fazia, desforravam-se no poeta, realmente vulneravel (\*).

O estratagema, aliás, não passou desapercebido a Silvio.

"Os versos que compuz de 1868 a 1873 — diz ele — foram feitos com longos intervalos de um a outro. Muitos sairam publicados nos jornaes de Pernambuco. Quasi todos sofreram criticas acerbissimas, que eram completas verrinas. Alguns tiveram a honra de muitas paginas insultuosas, valendo ao autor, hebdomadariamente, o ser chasqueado em imundos pasquins. Nunca teve ele na imprensa uma voz amiga que o animasse ou aconselhasse em algum mérito ou defeito, que, porventura, concientemente, descobrisse. A razão, ele a conhecia: o poéta era injuriado por causa de algumas duras verdades demons-

<sup>(92)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 148.

<sup>(\*)</sup> Escrevendo sobre os «Cantos do Fim do Século», Machado de Assis não perdeu a oportunidade de fazer a proposito desse procedimento dos criticos de Silvio esta perfídia: «Criticados que se desforçam de criticas literarias com impropérios dão logo idéa de uma imensa mediocridade — ou de uma fatuidade sem freios — ou de ambas as coisas — e para lances taes é que o talento, quando verdadeiro e modesto, deve reservar o silencio do desdem — non ragionar de lor, ma guarda e passa...»

tradas pelo critico. Entretanto, nunca foi provocado a uma discussão regular. Era simples e patrioticamente atassalhado..." (93).

\* \* \*

Faz-se, portanto, antes de mais nada, necessario conhecer as diretrizes que Silvio imprimia aos seus artigos nesse tempo.

O conhecimento direto deles é dificil. Os jornaes, em que foram publicados, desapareceram por completo. Não os tem a Biblioteca Nacional. Muitos faltam ás proprias bibliotecas do Recife. O que se pode ler deles, por conseguinte, a menos que os possua o arquivo do proprio Silvio, foi o que elle publicou em vida em alguns de scus livros, como na "Etnologia Selvagem", no "Compendio da Historia da Literatura Brasileira", nos "Estudos de Literatura Contemporanea" ou na "A Literatura Brasileira e a Critica Moderna".

Na "Historia da Literatura Brasileira" (2.ª ed., vol. II, pgs. 466 e 467) ha, tambem, uma ligeira referencia feita, em nota, a cada um deles de per si. .

Onde, porem, Silvio mais se ocupa desses seus primeiros artigos é no ensaio sobre "Os Novos", publicado em 1895 em S. Paulo e depois reproduzido como introdução ao livro sobre "Machado de Assis", em 1897.

«Os anos de 1869 e 1870 — dizia ele aí — foram os da crise de emancipação espiritual em Tobias Barreto e em mim.

«Por uma especie de divisão do trabalho, e por diferença de indoles, ele se ocupou de preferencia da filosofia e eu da critica literaria

<sup>(93)</sup> Silvia Roméro, «Cantos do Fim do Século», nota no fim do volume.

Os seus primeiros escritos de reação foram um artigo publicado no periódico «A Regeneração» sob o titulo «A proposito de uma teoria de S. Tomas», em 1868, e, no ano seguinte, mais dois artigos aparecidos no «Correio Pernambucano», um sobre os «Fatos do Espirito Humano» de Gonçalves de Magalhães e outro a respeito da «Religião Natural» de Jules Simon.

Acompanhei, de perto, esta mutação do poeta romantico, que se transformava pouco a pouco em filósofo evolutivo e naturalista.

Por meu lado, não descansava, e, em Novembro de 1869, escrevi o primeiro estudo de critica, publicado logo após no jornal «A Crença». Versava sobre o livro de um poeta paraense, moço de muito merecimento, de nome Santa Helena Magno. Seu livro de versos intitulava-se «Harpejos Poéticos». A esse primeiro artigo seguiram-se, imediatamente, e no mesmo jornal, um estudo sobre as «Falenas» de Machado de Assis, outro sobre as «Espumas Flutuantes» de Castro Alves no «Americano» e um quarto sobre as «Peregrinas» de Vitoriano Palhares, no «Diario de Pernambuco».

Nesses artigos, com um entuziasmo verdadeiramente juvenil, atacámos violentamente o romantismo sob suas diversas fórmas — religiosas, sentimentaes, cepticas, indianas, condoreiras et le reste.

Como se está a vêr, o proprio hugoanismo socialista de Tobias e Castro Alves foi batido. Tobias, porém, que era homem de espirito, e já ia, na propria critica, mudando de intuição, não se deu por ofendido, e, ao encontrar-nos, após a publicação do primeiro ensaio, disse-nos naquele seu tom incisivo, que «tinhamos começado por onde muita gente quizera acabar, isto é, dando mais largas á logica do que á imaginação».

Até hoje — remata Silvio — foi, talvez, a animação mais espontânea e sincera que temos encontrado na região sáfara e ingrata das letras nacionaes». (94).

<sup>(94)</sup> Silvio Roméro, «Machado de Assis», pgs. XXV-XXVII.

#### \* \* \*

Não se faz necessario dizer que o desassombro com que eram escritos esses artigos dificultava muito a Silvio sua publicação.

O simples conhecimento dos jornaes em que vieram

a lume revéla já essa dificuldade.

Para os primeiros se serviu de um periódico academico, denominado "Crença" que ele proprio dirigia com Celso de Magalhães.

Já em fins de 1870, comtudo, passou a publical-os

no jornal "Americano".

No anno de 1871, frequentou, de começo, o "Correio Pernambucano". Depois, o "Diario de Pernambuco".

Em 1872, já aparece em outras colunas — nas do "Movimento". Não tarda muito a que torne ao "Diario de Pernambuco". E, daí passe ao "Jornal do Recife".

Já em 1873 se utiliza da "A Republica". Nos meiados do ano, todavia, levanta acampamento e vae para "O Liberal". Antes já se fizera colaborador do "Trabalho".

Silvio teve, comtudo, ocasião de tratar do assunto mais de perto. Foi no prefacio dos "Cantos do Fim do Século". Depois de historiar certas hesitações que punham no acolhimento de seus escritos, conta:

«De uma vez, o jornalista publicou a primeira parte de um artigo e se negou a proseguir: — «Ora, você enganou-me! Aquilo estava muito forte! O meu socio está muito zangado comigo por eu ter deixado sair a publicação. Emfim... você só continúa porque já começou — mas ha de moderar as censuras»! O referido escrito — diz Silvio — si era brando, ainda mais brando ficou, para continuar a sair. Daí por diante, nenhum outro foi publicado no célebre jornal, ainda que lá adormecesse por

mezes. E não era por falta de criterio e segurança de vistas, nem pelo estilo que foi até por cles elogiado. «Era o odio á critica, era a oposição ao pensamento livre! E' que entre nós — remata — se tem mêdo e se procura afugentar tudo aquilo que tem ares de critica. O jornalismo de todo o paiz está em mãos, em sua quasi totalidade, de individuos que, longe de reagirem contra as trévas que nos deprimem, parece que se esforçam por consolidal-as». (95)

A série contra o "Romantismo no Brasil" marca o momento culminante dessa primeira faze da produção

intelectual de Silvio.

Foi o seu primeiro "ensaio de generalisação" critica. O artigo inicial abordava o nacimento, "o ponto de partida "do romantismo entre nós. "O romantismo — dizia Silvio — não foi um produto espontaneo da alma brasileira chegada ao periodo historico de produzil-o; foi, simplesmente, uma implantação de estranhos para umá atmosfera mental não adaptada" (96).

Essa "implantação" foi feita por Domingos de Magalhães com os seus "Suspiros Poéticos" aparecidos em 1836.

Não ha que vêr nisso, porem, um "grande feito". Tel-o-ia sido si Magalhães houvesse "compreendido" o que fazia. Mas não o compreendeu. Seu livro "escrito na Europa em sua quasi totalidade" limitava-se a substituir, aqui, um modelo por outro. "O autor tomou por lá conhecimento de Lamartine, buscou despir a crôsta classica e vestir-se á nova escola". Era, evidentemente,

<sup>(95)</sup> Silvio Roméro, «Cantes do Fim do Século», nota no fim do volume.

<sup>(96)</sup> Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna», pgs. 12.

pouco. Para Magalhães "o romantismo era a exclusão das pinturas pagans para dar logar ao cristianismo, e sómente ao cristianismo". Ora, "a romantica não está na sucessão de pinturas de uma religião por quadros de uma outra". Isso é infantilidade. "A poesia tende a abandonar a religião, que se vae transfigurando debaixo do peso da filosofia e da critica e a arte em geral é que ficará em todo o tempo para nos falar do sentimento estético". Magalhães "enganára-se". A sua tentativa não poderia ser das mais felizes.

No segundo artigo, Silvio cuidou do "desenvolvi-

mento" do romantismo no Brasil.

"Diz-se que uma doutrina progride quando elementos nóvos se lhe aglomeram; novas operações adeantam-n'a e a levam ás ultimas consequencias" (97).

O romantismo, entre nós, ficou estacionário, si não

voltou atraz.

Logo, não ha que cogitar do seu "desenvolvimento".

Ainda assim, Silvio se propõe a estudar os "seguidores" de Magalhães: primeiro, Gonçalves Dias; depois, Alvares de Azevedo.

De Gonçalves Dias se diz que "creou uma poesia nacional no Brasil". Não é verdade.

«A chamada poesia indiana é uma poesia bifronte, que não é brasileira, nem indigena. A raça selvagem, com todos os encantos e alucinações do homem creança, virgem e travêssamente agradavel, com todos os aparentes eflúvios de poesia imensa, é, hoje, um vulto mudo a esvair-se ao centro de nossa vida no marulho de nossa civilisação. Não quiz ou não poude sentir as agitações de um outro viver. Está morta. Não temos nada mais a

<sup>(97)</sup> Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna», pgs. 38.

temer ou a esperar dela». Ademais, cem muito pouco modificou o carater dos conquistadores. Um povo que fugiu dificilmente poderia deixar impressos no vulto do que lhe ocupou o logar os seus toques, ainda os mais decisivos». «O indio não é brasileiro. O que este sente, o que busca, o que espera, o que crê, não é o que sentia, cria ou esperava aquele. São, portanto, o genio, a força primária do brasileiro, e não os do gentío, que devem constituir a poesia, a literatura nacional». (98)

# Alvares de Azevedo ainda fez menos.

«Teve um luxo de cepticismo um pouco forçado num tempo em que a poesia já se antolhava uma posição mais estavel. A literatura do principio deste século só podia ser ceptica e sentimental. Mas esse tempo já tinha passado. A poesia não devia ser mais a chorosa ainda que brilhante poesia que a precedera. O tempo do sentimentalismo indiscreto e desabrido, das incertezas e desconfianças, havia cedido ao tempo dos pensadores resolutos e esperançosos, esses que se vão atirando ao mundo das realidades, tão poético como o ido, porém mais consolador, porque é o que cala a sêde do pensamento. Alvares de Azevedo desnorteou-se. Era um cismador mórbido, uma construção nervósa, sem grande fundo mental, que teve a imensa vantagem e a imensa desdita de ter vivido num meio pouco adeantado. A mocidade do tempo andava em estado lamentavel de anemia de idéas. Eis que apa rece o moço Azevedo, rapaz de 20 anos, sabendo o inglez, falando om Byron... O sobresalto tinha de ser imenso. O sucesso, infalivel, «Morto, o entusiasmo recrudece. Surgem suas obras. São quasi decoradas! Mas o que o destacava, o que o engrandecia. não era o proprio porte, era a depressão do meio em que surgia.

<sup>(98)</sup> Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna», pgs. 46.

Foi este, e só este, to segredo da vantagem que adquiriu seu nomes. (99)

No terceiro artigo da série, Silvio deixava a poesia e passava a estudar o romantismo no drama e no romance, sobretudo no romance (100).

Fixa, então, principalmente, Alencar e Macêdo.

Alencar, mais pretencioso, mais metido "a sério", começou por "querer investigar" e "voltou-se para a Historia". Nas Minas de Prata", todavia, "embalde se busca a fizionomia dominante dos tempos coloniaes". Passou, depois, ao "indio". Mas não foi mais feliz. "O Guarani" — diz Silvio — é um livro franzino, onde o caboclo é môle qual um casquilho". "Iracema", por sua vez, dada como "uma pintura dos tempos prehistoricos da nossa terra", é, apenas, "um livrinho em que figura uma india indecisa e fácil". "Nada tem de verdade, nem historica, nem artistica, porque está longe de ser um vivo drama que mova o selvagem com as suas arrogancias e porque não traça um só busto ezato do homem de todos os tempos" (101).

Macêdo, mais modesto, se apresenta mais simpático, mas, nem por isso, mais feliz. "Tem escrito uma série de romances ligeiros, cujo fundo e cuja forma são sempre os mesmos — o mesmo estilo pálido, opilado, cobrindo o mesmo enredo sem animação, falho de toda a vida". Tanto "A Moreninha", como os outros, são "romances

<sup>(99)</sup> Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e a · Critica Moderna», pgs. 58.

<sup>(100)</sup> Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna». pgs. 86

<sup>(101)</sup> Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna», pgs. 104

de balaio", que "só podem fazer as delicias de costureiras pouco lidas" (102).

No quarto e ultimo artigo, (103) aborda, com a mesma desenvoltura, o tema, sobre todos delicado, do "nacionalismo literário".

Começa por investir contra o que chama "o preconceito patriótico". "O patriotismo — diz ele — é um sentimento anacrônico. Ia muito bem em nossos antepassados do seculo XVI, quando Camões mimoseou-o na epopéa. Compreende-se um patriota portuguez de 1500, nunca um heróe brasileiro da epoca atual. O tempo é de um vasto desenvolvimento cosmopolita. Não ha sacrificios das tendencias intimas dos póvos. Mas devem se calar os falsos incentivos. Seremos, note-se bem, mais nacionaes, quando menos procurarmos sêl-o" (104).

Nosso "nacionalismo literario" — proseguia — não foi mais, ele proprio, do que "um produto de imitação estrangeira". A maneira de Chateaubriand, com "Atala" e "Natchez", "alguns dos nossos literatos acreditaram que, com pinturas mais ou menos poetico-prosaicas dos nossos campônios, estava feita tambem a nossa literatura" (105).

O caminho, entretanto, tinha de ser outro.

«O prurido das imitações ha sido tão esteril como o do nacionalismo a capricho. Quando todos despirem os velhos preconcei-

<sup>(102)</sup> Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna», pgs 107.

<sup>(103)</sup> Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna», pgs. 133 e segs.

<sup>(104)</sup> Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e o Critica Moderna», pgs 138.

<sup>(105)</sup> Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna», pgs. 154.

tos, e o pensamento brasileiro, original e sério, lançar-se despreocupado a procura de um grande ideal, então, sim, teremos literatura nacional». Para isso, não será preciso ocupar-se de assuntos indigenas ou sertanejos. Deve aceitar o fato da civilisação e não querer se por fora dela. Deve apoderar se das novas inspirações que ilustram a ciencia atual e procurar acompanhal-as, entrando na pugna como combatente e não como espectador. A literatura brasileira, a de toda a America, deve ser adeantada, como filha mais nova da civilisação atual. Deve dar a lição de uma literatura que paira muito alto sobre os prejuizos das racas, embriagada pelo incentivo da liberdade. Deve ser pensadora e democratica, séria e imperturbavel, viril e fecunda, como a força de nações novas que se aparelham para representar a terceira faze da civilisação, o mundo americo-europeu. Ela não ha de ser a reprodução de um passado que já morreu, quer ele haja sido americano, quer não. A' America cumpre não pedir inspirações á morte, ou ela se lhe antolhe no Velho ou no Novo Mundo. Cabelhe formar a conciencia clara do seu futuro e começar desde já a trabalhar para elle. (106).

Foi isso o que nos deu o romantismo? Não. Ainda assim, não ha como lhe recusar, ao par dos erros que teve, dos "crimes" mesmo que cometeu, algumas "vantagens" indiscutiveis.

«Seus crimes podem-se resumir nisto: falta de critica; paixão da palavrosidade com prejuizo das idéas; e um optimismo extravagante sobre os nossos homens e as nossas coisas, desde a natureza física, declarada a mais prodigiosa do mundo, até nossos pobres moços insuflados como os mais inteligentes da humanidade. Suas vantagens — dar-nos a idéa de uma literatura nossa,

<sup>(106)</sup> Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna», pgs. 187.

que os classicos em sua mofineza nunca poderiam sugerir; jogarnos para fóra dos livros portuguezes, que, continuando a alimentar-nos, levar-nos-iam á mais completa paralisía da inteligencia». (107).

#### \* \* \*

O que representou para a cultura brasileira essa primeira fase da atuação critica de Silvio ainda não se disse.

A conspiração do silencio não foi uma invenção dos nossos dias.

Como, entretanto, alem de se desconhecer o merito ecepcional do seu esforço, ainda se pensou diversas vezes em atribuil-o a outrem, foi preciso que ele proprio se incumbisse de reivindicar o seu quinhão.

"Não estou disposto a deixar ser bifado o meu logar na historia intelectual brasileira" disse ele, de uma feita, na sua esplendida simplicidade (108).

E se poz a gisar, a traços largos, "a sua posição", "o seu papel", em relação á "arte de criticar no Brasil".

«Nos tempos coloniaes, a critica não existiu entre nós. Seus primeiros rebentos são do tempo da Regencia, com Januario Barbosa, Abreu e Lima e o proprio Evaristo da Veiga. Era ainda muito vacilante. Pouco depois apareceram os primeiros e parcos ensaios de Magalhães, Porto Alegre e Sales Torres Homem. Mais alentada se mostrou nos primeiros anos do Segundo Reinado pelo orgão de Santiago Nunes Ribeiro e Norberto de Souza e Silva. Já então tinha preocupações nacionalistas e cogitava de

<sup>(107)</sup> Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna», pgs. 186.

<sup>(108)</sup> Silvio Roméro, Novos Estudos de Literatura Contemporanea, pgs. 123.

nossas origens. Pouco mais tarde descaíu imensamente nas mãos de Fernandes Pinheiro e Sotero dos Reis Vestira então a velha túnica da retórica, tendo despido o amplo manto da historia. Depois, seguiram-se algumas tentativas de José de Alencar e Macedo Soares, c, mais tarde, de Quintino Bocaiuva e Machado de Assis, segundo as doutrinas do romantismo francez posterior a 1830.

Estavam as coisas neste ponto quando apareceu o autor destas linhas. Era em 1869-1870. Compreendeu a extenuação e a morte inevitavel do romantismo e lançou os germens de outra fórmula literaria para a poesia, para o romance, para a arte em geral. Avaliou convenientemente a necessidade de rever toda a velha base da estezia patria e introduziu na critica e na historia brasileira o verdadeiro principio etnográfico, até então falsificado pela mania do indianismo. Quiz ser homem de seu tempo, sem deixar de ser homem de seu paiz, e aplicou as idéas novas européas sempre a assuntos nacionaes, como é facil verificar pela simples inspeção dos titules de suas produções. Presentiu, logo, a importancia extraordinaria do conhecimento da psicologia popular, como fator das creações literarias, e empreendeu colecionar o nosso «folk-lore» de que dantes não tinhamos quasi conhecimento algum. Não lhe passou despercebida a necessidade de levar a critica, ás vezes rude, a varios esconderijos da nossa ignorancia...

O autor não pretende vangloriar-se, porque não tem motivo para tanto. O que ele leva em mira é rebater a perversidade de alguns zangões que já andam por aí a inverter uma historia de hontem, a ocultar o seu nome e a pôr em seu logar cutras figuras.

E' tempo de reclamar.

Alguns, para tramar intriga, atiram-lhe em cima o nome, o grande nome de Tobias Barreto. E' uma estolidez, filha de crassa ignorancia, ou de requintada má fé. Tobias nunca se ocupeu de critica literaria propriamente dita, a menos aplicada a escritores

e a produções do Brasil. Sua vida está estudada e conhecida. Não permite logar a duvidas. Deixando de parte sua existencia em Sergipe até Novembro de 1862, porque ela pouco avulta em sua obra literaria, vemol-o no Recife, de Dezembro daquele ano até 1868, quando o autor o encoutrou pela primeira vez, inteiramente entregue á poesia, de que foi o crefe do condoreirismo a principio e depois de um puro lirismo de cunho especial. Ainda no curso de 1868 escreveu ele os seus primeiros artigos de reação filosofica, mais ou menos no sentido do positivismo francez, tarefa em que proseguiu nos dois anos subsequentes. De 1871 em diante começou o seu alemanismo, isto é, o gosto e o cultivo das letras alemas; mas alemanismo não é, como talvez suponham alguns ingenuos, um sistema de oritica ou de filosafia. ou de politica, é apenas a predileção pela vida espiritual de um povo, como o helenismo, e importa, sempre e em todo caso, determinar nos dominios da vasta literatura alema aqueles que o sabio sergipano cultivou mais a miudo e de que nos deu provas e noticias em seus escritos. Foram a critica religiosa, a filosofia, a historia e o direito, deste ultimo especialmente o direito publico e o direito penal. A literatura propriamente dita e a historia literaria, conquanto as manuseasse por prazer e como entretimento, não fez delas jamais objeto especial de seus escritos. Para um homem, é mais do que suficiente. Mas que tem isto que vêr com a critica literaria e especialmente como o autor a compreendeu e propagou entre nós desde 1869-1870? Apenas a adoção. de algumas intuições de carater mais ou menos geral, de que o autor jamais fez segredo. Em essencia, a obra literaria e cientifica de Tobias Barreto possúe estrutura, designios e tendencias diversas da do autor

Outros lembram infundadamente o nome do malogrado Celso de Magalhães. E' disparate bravío, proprio de cabeças desvairadas. Celso cultivou especialmente, na sua fase academica, em que foi condicipulo do autor, a poesia, o romance, o conto, o folhetim.

Em critica, deixou apenas os fragmentados artigos sobre poesía popular, escritos em 1873, epoca em que nós já eramos velho nos combates da imprensa. A Celso já foi feita justiça nos «Estudos sobre a nossa poesía popular». Mas 'só aquilo. Nós não aprendemos dele nada nesta vida.

Menos ainda do obscuro, ainda que habil Rocha Lima, que nunca teve nome no Recife, nem publicou ali jamais duas linhas em qualquer assunto. Esteve rapidamente, ao que dizem os seus biógrafos, na capital pernambucana, pelos anos de 1871 e 1872. Imbuiu-se das intuições então ali correntes e, de volta ao Ceará, publicou alguns ligeiros artigos, que nunca foram por nós lidos senão ultimamente aqui no Rio de Janeiro, onde deles fizeram parca edição.

Ha tambem quem se tenha lembrado de Araripe Junior, como o iniciador e propagador do moderno criticar no Brasil. E' formidavel erro historico. Araripe Junior, no decenio de 1860 a 1870. em que viveu no Recife, não fez, ao que nos conste, uma só publicação sobre crítica. No decenio de 70 a 80, em que residiu em varias paragens do imperio, cultivou o conto e o romance. De 80 para cá é que tem cultivado seguidamente a arte de Taine, com distinção é certo, mas sem iniciativa, porque este não é o seu temperamento.» (109)

Portanto...

## \* \* \*

No que diz respeito, propriamente, á poesia, um artigo, a bem dizer, resumia e condensava todos os outros — foi o que Silvio publicou em 1873 com o titulo de "A Poesia de Hoje" e reproduziu, em 1878, como intro-

<sup>(109)</sup> Silvio. Roméro, Novos Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 123 a 127.

dução á primeira coletânea de seus versos — os "Cantos do Fim do Século" (110).

Depois de definir a poesia como "um fato comum, ordinario, vulgar, da vida humana" que "nada tem de absoluto, nem de sobrenatural", e que "como a linguagem, como a mitologia, como a religião, perdeu todos os ares de misterio depois que a ciencia do dia, imparcial e segura, penetrou, um pouco amplamente no problema das origens", formúla esta pergunta: "no meio das mutações por que hão passado todos os ramos do pensamento humano, qual será o estado a que deve ter chegado a poesia? — qual o seu caráter, hoje?".

Respondendo-a, dizia:

∢Todos sabem que a religião, a linguagem, a historia, o direito, a política e a literatura são agora tratados por método bem diverso daquele por que o eram ha trinta anos. Esta nova maneira de sentir e de pensar de sábios e filósofos, num tempo como o nosso, não fica incognita e misteriosa, sem ação sobre a massa de leitores. Toda descoberta é logo espalhada aos quatro ventos pela voz do livro, das revistas, dos jornaes. A popularisação da ciencia é um fenomeno dos ultimos tempos e a melhor conquista da expulsão do sobrenatural. Assim, a intuição do grande publico vae mudando, como alterada já se acha, de ha muito, a dos homens competentes.

Na evolução de todas as manifestações espirituaes, a poesia não pode ficar estacionária.

A nova intuição literária nada conterá de dogmático. Será o resultado do espirito geral da critica contemporanea. Acima dos combatentes, sem duvida necessarios, que, obsecados por um ponto de vista qualquer das nóvas ideias, falseiam a noção do grande

<sup>(110)</sup> Silvio Roméro, «Cantos do Fim do Século», intr.

todo, estão os espiritos sem dogma particular, que se empenham em traçar as grandes linhas do edificio moderno. Acima de todas as doutrinas está a intuição genérica da Critica. A poesia não se pode fazer sistematica. Conseguirá, sómente, embeber-se dos grandes principios da filosofia geral». Conseguirá «ser uma consequencia e uma sintese de todos os principios que até aqui vão agitando o século», de acordo assim com «a intuição novissima que a ciencia, desapaixonada e imparcial, vae divulgando». (111)

Não se pense, porem, que esteja em seus propositos transformar a poesia num veículo da ciencia.

Contra isto ele se insurge, categoricamente.

A teze capital, que tenho desenvolvido, poderá ser tomada pelo didatismo poético. Será uma bem grave dissonancia. Eu tenho horror á poesia didática. Ela parte de um equivoco: que perdure hoje ainda o desejo de um passado pouco conhecido — a metrificação das noções científicas e religiosas, para, dest'arte, se tornarem mais perduraveis na memoria. E' a morte da imaginação, já se o disse — é um erro de psicologia, cumpre acrecentar. A poesia indômita, a unica que pode viver, não deve despir sua roupagem de encantos. A ciencia é toda grave. Seu método deve ser o jogo de principios incontestaveis. A prosa é sua natural expressão, prosa sevéra, como as conexões que sabem ter as idéas claramente definidas numa cabeça de sábio. Nada pode emprestar á arte além da grande intuição do mundo e da humanidade. E é quanto lhe basta para alçar o vôo, despreocupada e fecunda.

O poeta deve ter as grandes idéas que a ciencia de hoje certifica em suas eminencias — não para ensinar geografia ou linguística, pre-historia ou matemática, mas para elevar o belo com os lampejos da verdade, para ter a certeza dos problemas, além das miragens da ilusão». (112)

<sup>(111)</sup> Silvio Roméro, «Cantos do Fim do Século», intr. (112) Silvio Roméro, «Cantos do Fim do Século», intr.

Essas idéas, ele as conservaria sempre. E, por elas, haveria de investir contra todos os que, mais tarde, pensando orientar-se pelos seus ensinamentos, os comprometiam, falseando-os.

Ao poeta Matias de Carvalho, da "Linha Réta", dirá ele:

«O autor conseguiu fazer um livro que, afinal, não é uma obra de poesia, nem uma obra de ciencia, é um mixto infelizmente incolor. A razão principal desta anomalia consiste em um equivoco muito em vóga em nosso tempo. Nós cansamo-nos da poesia piégas, anêmica e inconsistente do romantismo em decadencia. Sentiamos que esta poesía era falsa, afetada e não era a expressão de fatos sérios. Animava-a uma decrépita intuição das coisas. Naturalmente apareceu a idéa de uma poesia mais séria, mais verdadeira mais em harmonia com a intuição vigente. Daí um mal entendu: começaram alguns a nos impingir gato por lébre, a ministrar-nos triagas medonhas de falsa ciencia e política em verso... E' horrivel! Entretanto, é simples: a natureza não mudou o fato: o espetaculo das cousas, as peripecias da vida são sempre os mesmos: o que mudou foi a nossa visualidade, a nossa intuição. O assunto da poesia é sempre o mesmo; a impressionabilidade humana é que se altera. Coloquem-se o selvagem, o homem antigo, o da idade média, o do seculo XVII e o dos nossos dias diante de um mesmo fenomeno poético, ou seja uma cena da natureza ou da alma humana, uma bela paizagem ou um idilio de amor, e, si taes individuos fôrem poétas, decantarão o fenomeno cada um a seu modo. O selvagem usará das grandes metáforas míticas, da poesia primitiva; o homem antigo, filho da civilisação artistica dos gregos, usará de seu lirismo ondulante, são e sensual: o medieval cairá talvez em efusões místicas; o do século XVII nos falará a linguagem cavalheiresca, medida, polida, de Racine; o contemporaneo indicará os refinamentos, as efusões, o tumulto de uma alma trabalhada e vasculeiada em mil preocupações. Este é o elemento móbil da poesia. O erro dos ultimos romanticos foi consideral-a uma futilidade: o erro de alguns poetas recentes é consideral-a um teorema. De todo o livro do sr. Matias de Carvalho, só me agradam verdadeiramente os versos a que ele proprio parece ligar pouco apreco. Nos outros, só vejo a mesma objurgatoria, a mesma ênfase perene, o mesmo desconcerto, o mesmo barulho de principio a fim. São amplificações e personalisações por toda parte. São a Luz, o Bem, a Verdade, a Observação, o Direito, o Crime, o Erro, a Redenção e cem outras palavras todas trajadas de letras maiusculas, tudo personificado e a nos meter mêdo... Não, isto não é a poesia. Pelo que me tóca, e tenho susto em dizel-o, pelo que me tóca, eu não releio esta barafunda. Quando eu sinto sêde de poesia vou bebel-a em outras fontes; vou procural-a onde se acham retratadas as peripecias, as lutas e as efusões da alma humana». E concluia: «Como panfleto, gosto mais do Libelo do Povo». Como ciencia, aprecio mais a «Algebra» de Ottoni...» (113).

De outra feita, falando de Luiz Murat, terá ensejo de dizer:

«Deixemo-nos de confusões: uma coisa é a arte, outra coisa é a ciencia, outra a moral, outra a religião. A arte não deve sair de seus dominios para se fazer a caudataria, a criada, a ancilla da ciencia, ou da moral, ou de outro qualquer dominio do pensamento que lhe seja estranho. O artista, o poeta nada tem a vêr com as teses da mecânica, ou da biologia, ou da ciencia social. Da ciencia, em quaesquer de seus dominios, ele poderá ter apenas as conclusões e intuições geraes, toda aquela parte que se evapora, por assim dizer, dos estudos particulares, e vae constituir o que

<sup>(113)</sup> Silvio Roméro, «Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 76 a 78.

se pode chamar a atmosfera intelectual de um periodo historico. O poeta, como homem de seu tempo, ha de, por força, respirar no ambiente de sua epoca, ha de entrar na mente espiritual do periodo humano que atravessa, e daí o interesse que todos os grandes artistas revelaram sempre pelos sérios problemas que lhes foram coevos. Mas esse interesse é indiréto: mostra, apenas, a emoção, o afeto, que na alma dos poetas ficou, determinado pelo espetaculo da luta das idéas, espetaculo representado por outros - sabios e filósofos - idéas oriundas de outras cabecas que não as cabecas dos sonhadores, artistas e poetas. E a prova, a prova experimental e historica disto, está em que, num periodo qualquer da evolução humana, a missão de descobrir e formular idéas e doutrinas coube sempre a um grupo bem diferente do outro, que teve por tarefa notar a vibração dos sentimentos provocados justamente por aqueles sistemas e teorias. Em nosso século - os primeiros tiveram os nomes de Hegel, Humboldt, Comte, Darwin, Spencer, Hartmann, Broca ou Claude Bernard: os outros se chamaram Byron, Lamartine, Hugo, Lenau, Manzoni ou Lecomte de Lisley. (113a)

# Ainda, de outra vez, dirá a João Ribeiro:

«A exposição de doutrinas fica muito bem nos livros de ciencia, e cada um de nós, quando quizer ler uma teoria positivista, ou transformista, do universo, sabe onde deve ir buscal-a. A poesia, em tudo quanto a ciencia ensina, tem apenas por missão despertar os sentimentos novos que as novas doutrinas devem inspirar. O trabalho do poeta é como o das abelhas, cujo mel, vindo de muitas flôres, não se confunde com elas. Montaigne teve razão em dizer naquele seu trecho tantas vezes citado: «Les abeilles pilletent de ça et de là les fleurs; mais elles en font après le miel qui est tout leur; ce n'est plus thym, ni marjolaine». E' o caso

<sup>(113</sup>a) Silvio Roméro, «Luiz Murat», pgs. 19.

da poesia: pode inspirar-se na ciencia, mas não faça ciencia, não tratadize em verso». (114)

Era a isso que Silvio chamava de "poesia critica" de "poesia fundada na intuição critica moderna".

Era isso o que todos os seus artigos da primeira faze, do seu tempo de academico, defendiam, e o que lhe servia de razão para investir contra os poetas da época, mesmo quando eles fossem Castro Alves, Gonçalves Dias ou Machado de Assis.

#### \* \* \*

Ora, um estudante que se pronunciava desse modo, com esse desassombro, que raiava ás vezes pela insolencia, tinha de dar de si próvas muito completas para vencer a prevenção que despertava.

No terreno da critica, ele sempre se manteve á altura

do que preconizava.

Na produção poética, entretanto, já o mesmo não se deu.

E a reação do meio foi brutal.

Não era, como se afigurava a Silvio, apenas uma vingança contra o critico.

Mas era — e não podia deixar de o ser — uma oportunidade esplendida de convencer ao critico que a maior dificuldade que apresentava a poesia não era oriental-a, mas fazel-a...

Silvio, a despeito de toda a sua "intuição critica", era um máo poéta.

Ou, como pareceu mesmo a um de seus biógrafos mais amáveis, o sr. Samuel de Oliveira — "não era poéta".

<sup>(114)</sup> Silvio Roméro, Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 152.

Das suas poesias, "o que fica é a concepção, é o trabalho do pensador, que já no prefacio dos "Cantos do Fim do Século" aparece consideravel, atirando o verseiador para um plano muito abaixo daquele em que ficam os verdadeiros artistas do verso. Demais — continuava o erudito observador — durante o tempo em que esteve aqui estudando os preparatorios, Silvio não poetou uma só vez. Transportando-se para o Recife, onde Castro Alves tinha acabado de cantar, e onde Tobias cantava ainda. continuou sem poetar, até que, passados dois anos de silencio, produziu o primeiro trabalho em prosa, traçando o programa de uma nova poesia e logo depois... os primeiros versos. E' significativo. Si se tratasse de um legitimo poeta, o estro não teria ficado sem manifestação, a espera de uma fórmula; não teria a lira solicitado á bussola do filósofo que lhe apontasse um nórte..." (115)

De resto, ninguem melhor que o proprio Silvio sabia disso.

«A poesia — diria ele, mais tarde, num de seus ensaios deve ser sempre a expressão de um estado emocional, subjetivo, intimo. E' como a musica -- é vaga e não deve ser submetida a ezigencias demonstrativas. Eis por que todos os formuladores de tezes, quando passam á experiencia, nada fazem de aproveitavel; é sempre uma poesia de «arrière pensée», premeditada, vestida em umas japonas doutrinárias, sem espontancidade, sem limpidez. sem efusão, sem graça, uma coisa terrivel em suma», (116)

Ainda assim, seus versos não teriam despertado a desaprovação que despertaram si partissem de um principiante anônimo.

<sup>(115)</sup> Samuel de Oliveira, ob. cht., pgs. 329-330.
(116) Silvio Roméro, «Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 119-120.

Porque não ha como negar-lhes qualidades que se não apresentam muito mais avantajadas nos contemporaneos. "Bons ou máos — disse deles, com justiça, Clovis Bevilaqua — têm uma feição unica, propria, que os destaca a primeira vista: si, por vezes, a forma deixa a desejar, as idéas são sempre nóvas e elevadas — seus temas não são desses que se encontram em todos os livros de versos — são seus e falam a todos" (117).

Mas, sabendo-se dele, de um homem que passara os cinco anos de seu curso a demolir impiedosamente a obra alheia, e levára o seu rigor a invectivar não só os idolos nacionaes, como Gonçalves Dias e Castro Alves, mas as proprias divindades universaes, como Victor Hugo, a cujo plano da "Legenda dos Séculos" teve a ousadia de propôr varias alterações — era perfeitamente natural que outro fosse o padrão por que se houvesse de aferir o seu merecimento.

Com o tempo, Silvio melhorou consideravelmente. Entre as poesias feitas no periodo academico — e que foram reunidas nos "Cantos do Fim do Século" — e as que mais tarde produziu — e enfeixou nos "Ultimos Harpejos" — a diferença é sensivel. Não, apenas, de fórma, como lhe pareceu no prefacio da segunda coleção, mas tambem de concepção, que se afastava das diretrizes rigidas e artificiaes, que, de começo, se impuzera, para ganhar a naturalidade das recordações da infancia ou se aquecer á chama de entusiasmos mais comunicativos como os que lhe advinham dos "Palmares" ou do "Poema das Americas".

Não se pode, pois, sem injustiça, considerar o poeta como um só, nos dois periodos em que tanto se diferenciou.

<sup>(117)</sup> Clovis Bevilaqua, «Èpocas e Individualidades», pgs. 128, nota,

\* \* \*

Em 12 de Novembro de 1873 concluía o seu curso na Faculdade de Direito.

Antes, ainda publicou uma dissertação sobre a teze — "Si a Economia Politica é uma ciencia".

Segundo Silvio, "avaliava-se, nessa teze, do valor do socialismo contra a economia politica, da critica religiosa contra a teologia e do positivismo contra a metafisica" (118).

Silvio não sustentava que a Economia tivesse" todos os caracteres da ciencia". Em todo caso — dizia — "não é para julgar-se totalmente aérea. Pode ser, e é de fato, uma ciencia, sem bases positivas: mas naceu de uma necessidade fundamental do espirito humano". Concluindo, afirmava:

«Na classificação das ciencias, na ordem ultimamente proposta pelo sabio Spencer, a Economia Politica não deve vangloriar-se
de achar assento. Não manifesta com verdadeira segurança uma
teoria ezata ou das relações, ou das propriedades, ou dos agregados que equivalem ás leis apontadas (leis das fórmas que dão
nascença ás ciencias abstratas; leis dos fatores que geram as
ciencias abstrato-concretas e as leis dos produtos que formam as
ciencias concretas). Mas, a ser classificada provisoriamente, será
entre as ciencias que estudam os fenomenos em si mesmos, considerados em seu todo, isto é, as concretas, em cujo numero Spencer
coloca a astronomia, a geologia, a biologia, a psicologia e a sociologia. «Tudo isso se dirige á Economia Politica, incongruente e
abstrusa, diletantismo de retóricos letrados, cujo prestigio é crear
embaraços ao progresso humano. E' a maior inimiga das classes

<sup>(118)</sup> Silvio Roméro, cHistoria da Literatura Brasileira», vol. II. pgs. 467.

trabalhadoras, essa divinisação do capital amontoado, suprema depravação, que vae passando á força das ruinas amontoadas por toda parte. A que se lê em nossos compendios, a que se espalha em nossas pobres academias e se declama em nosso misero parlamento, deve ser rechassada com todas as armas, desde o argumento ezato e irrespondivel até o ridiculo implacavel e turbulento». «E' esta a declaração franca de nossas idéas. Fazemol-a, tanto mais ostensiva, quanto se nos prende mais no espirito que a liberdade do pensamento foi sempre um direito e a sua manifestação sincera uma virtude». (119)

Já a ousadia dessas asseverações, e, sobretudo, a petulancia com que eram feitas, bastaria para condenar o moço, ainda academico.

Peior que isso, porem, foi o "ezordio" que escreveu para a dissertação.

A Faculdade de Direito do Recife — dizia ele aí — tem o privilegio do estacionamento. Ha cincoenta anos agita-se o mundo cientifico por fóra e ainda ali não se ouviram os ruidos de tantas pugnas. Ha cincoenta anos a sua congregação togada vae recebendo, como religiosa herança, o mesmo punhado de principios vertidos nas mesmas fórmulas programáticas. Quem intentasse escrever a historia daquele instituto da ciencia achar-se-ia, de pronto, deante do fato anômalo de um corpo docente que repete as mesmas noções, repisa as mesmas idéas, declama as mesmas decrepitudes, e, ao todo, ordena as mesmas dissertações no vasto periodo de meio século. São estas ultimas uma série limitada de teses caducas, que se hão de guardar santamente para o selo dos estudantes e o tormento dos doutorandos. Sempre identicas no fundo, são alteradas na forma, segundo as preocupações estilisticas

<sup>(119)</sup> Silvio Roméro, «Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 15-16.

de seus autores. A que hoje nos ocupa é uma das mais bem fundamentadas, pois ao certo corresponde a uma questão ainda aberta. Seus termos, porém, tráem vistas inezatas, que devem logo ser expostas. Presentem-se ao través dela as idéas estreitas sobre o que seja uma ciencia, que lhe serviram de origem. «A Economia Politica tem todos os caracteres da ciencia?» E quaes são todos os caracteres da ciencia? Qual foi o sabio, ou o filósofo, que nol-os tenha determinado de um modo positivo, a ponto de podermos contal-os, como se contam os ministros de Estado ou as pessoas da Trindade? Não é ezato que se conteste á teologia, á metafisica, á psicologia, a nota de ciencias, ao mesmo tempo que espiritos abalisados lhes prestam esse caracter? O mesmo não se ha repetido, em nossos dias, com a historia e a critica, e até com a fisiologia e a geologia? O'1 Seguramente os escritores ali empenhados ainda não enumeraram todos os caracteres da ciencia. «E a que ramo científico pertence?» O que aqui se requer seria bem determinado si a parte antecedente não demovêra a suspeita de acredital-o. Depois daquele especimen, um espirito logico persiste em vêr neste final que o seu intento é indicado por uma educação essencialmente transcendentalista...» (120)

Assim saía Silvio dos bancos escolares para a vida.

Artigo. A proposito do livro de Santa Helena Magno. Escrito em 1869. Publicado em Abril de 1870 no periódico

A Poesia Contemporânea e a sua intuição naturalista.
 Monografia. Publicada na imprensa do Recife em 1869.

<sup>2 —</sup> A poesia dos «Harpejos Poéticos».

<sup>(120)</sup> Silvio Roméro, «Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 5 a 7.

academico «Crença», do Recife, redigido por Silvio e por Celso de Magalhães,

- 3 O que entendemos por Poesia Critica.
  - Artigo. Publicado no periódico academico «Crença», do Recife, em Abril de 1870.
- 4 Cartas a Manoel Quintiliano da Silva.

Artigo. Publicado no periódico academico «Crença», do Recife. em Maio de 1870.

5 - A poesia das «Falenas».

Artigo. A proposito do segundo livro de versos de Machado de Assis. Publicado no periódico academico «Crenca», do Recife, a 30 de Maio de 1870.

6 - A poesia das «Espumas Flutuantes».

Artigo. A proposito do livro de Castro Alves. Publicado no jornal «Americano» do Recife, em 27 de Novembro de 1870.

7 - Ainda a poesia das «Espumas Flutuantes».

Artigo. Em continuação ao precedente. Publicado, tambem, no jornal «Americano», do Recife, em 11 de Dezembro de 1870.

8 — Sistema das contradições poéticas.

Artigo. Publicado no jornal «Correio Pernambucano», do Recife, em 1871.

9 — A Poesia e os nossos poétas.

Artigo. Publicado no jornal «Correio Pernambucano», do Recife, em 1871,

10 - A proposito de um livro.

Artigo. A proposito do livro «Peregrinas» de Victoriano Palhares. Publicado no jornal «Diario de Pernambuco», do Recife, a 23 de Junho de 1871.

11 — O caracter nacional e as origens do povo brasileiro. Artigo. Publicado na imprensa do Recife, possivelmente no «Diario de Pernambuco», em 1871. Foi, mais tarde, transcrito, em apendice, no opúsculo «Etnologia Selvagem».

# 12 - Uma pagina sobre Literatura Nacional.

Artigo. Publicado no jornal Movimento», do Recife, em 15 de Maio de 1872

### 13 - Realismo e Idealismo.

Artigo. Publicado no jornal «Movimento», do Recife, em 23 de Maio de 1872, reproduzido nos «Estudos de Literatura Contemporanca», pgs. 81 a 86.

# 14 - As Legendas e as Epopéas.

Artigo. Publicado no jornal «Movimento», do Recife, em 1872.

# 15 - A Poesia e a Religião.

Artigo. Publicado no jornal «Movimento», do Recife, em 1872.

## 16 - A Poesia e a Ciencia.

Artigo. Publicado no jornal «Movimento», do Recife, em 1872.

## 17 — Camões e os Lusiadas.

Artigo. A proposito do livro de Joaquim Nabuco. Publicado no «Diario de Pernambuco», do Recife, em 1872.

# 18 - A Rotina Literária.

Artigo. Publicado no «Jornal do Recife», em 1872. Aproveitado, depois, no livro «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna».

19 — As cartas de Sempronio e Cincinato contra Senio. Artigos. Publicados no «Diario de Pernambuco», do Recife, em 1872.

## 20 - Uns versos de moça.

Artigo. A proposito das «Nebulosas» de Narcisa Amália. Escrito no Recife, em 1872. Publicado no jornal «A Republica», do Rio de Janeiro, em 1873. Reproduzido, com o titulo de «A alegria e a tristeza na Literatura», nos «Estudos de Literatura Contemporanca», pgs. 121 a 128.

### 21 - A Critica Literária.

Artigo. Publicado no jornal «O Liberal», do Recife, em Junho de 1873. Aproveitado no livro «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna»

- 22 O Romantismo no Brasil seu ponto de partida.

  Artigo. Publicado na revista «Trabalho», do Recife, em

  Abril de 1873. Aproveitado depois, no livro «A Literatura

  Brasileira e a Critica Moderna».
- 23 O Romantismo no Brasil seu desenvolvimento. Artigo. Em continuação ao precedente. Publicado, como ele, na revista «Trabalho», do Recife, em Maio de 1873. Aproveitado no livro «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna».
- 24 O Romantismo no Brasil o Romance e o Drama. Artigo. Publicado, tambem, na revista «Trabalho», do Recife, em Junho de 1873. Aproveitado, depois, no livro «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna».
- 25 O Romantismo no Brasil e em Portugal o nacionalismo literário.

Artigo. Conclusão das considerações espendidas nos artigos anteriores. Publicado, ainda, na revista «Trabalho», do Recife, em Julho de 1873. Aproveitado, como os outros, no livro «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna».

# 26 - A Poesia fundada na intuição critica moderna.

Artigo. Publicado na imprensa do Recife, em jornal e data ignorados, presumindo-se que tenha sido ainda no jornal «Crença» ou no «Americano» em fins de 1870 ou principios de 1871.

27 - A Poesia de Hoje.

Artigo. Publicado na imprensa do Recife, em jornal ignorado, no ano de 1873. Incorporado, depois, como prólogo, ao livro «Cantos do Fim do Seculo».

## 28 — Si a Economia Politica é uma ciencia.

Dissertação escrita sobre a tese dada pelo lente de Economia Politica do I.º ano da Faculdade de Direito do Recife. Publicada em 20 de Setembro de 1873. Disso ha certeza. Não se sabe, porém, em que revista ou jornal. Mais tarde, Silvio a incluiu nos «Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 5 e 16. O titulo acima foi o que Silvio deu á tese, quando a publicou no livro a que acabamos de aludir. A tese fôra formulada assim — «Si a Economia Politica tem todos os caracteres de ciencia e a que ramo científico pertence».

## (1873-1876)

Depois de bacharelado - No Lagarto, «já doutor» - Promotor e jornalista na Estancia - Deputado provincial em Sergipe - Seu primeiro e ultimo discurso na assembléa de Aracajú - A colaboração na imprensa do Recife - A critica geral ás correntes literarias do pais — As questões etnográficas — O estudo do efolklores nordestino - O everdadeiro creador da nossa Porandubas - O positivismo e as suas investidas intelectuais - O Colegio das Artes - «Oficinas da ignorancia organizada» - O precedente de Tobias - Seu primeiro concurso - A anulação de sua vitória - A defeza de téses para o doutoramento - Rasões justificativas da art.º 482 do Codigo Comercial Brasileiros - Incidente culminante na vida de Silvio - Como o descreve Araribe Junior - Como o adultera José Verissimo - Os testemunhos de Tobias e Artur Orlando - A sua reconstituição pelas atas da propria congregação da Faculdade — A smorte da metafísica» — Coelho Rodrigues — Processado por injurias — O caso sobe ao governo imperial - O parecer de Franklin Távora - O comentário de Clovis Bevilaqua - A metafísica que Silvio matou :- Positivista. não: materialista e spenceriano — Um passeio ao Rio — «O romantismo ainda era o tom geral» — Um repto amavel a Couto de Magalhães — De volta ao Recife — O primeiro livro — A

in the same of the time

«Etnologia Selvagem» — O segundo concurso para o Colegio das Artes — Melo Vieira — O corpo de delito da prevaricação — Silvio recorre para a Princesa Imperial — Justiça humana e justiça absoluta — O seu primeiro casamento — Emigrando para o Sul — A sua posição na Escola do Recife.

Ossip-Lourié, no seu ensaio sobre "A Filosofia de Tolstoi", disse que "a Universidade nada deu ao romancista de "Ana Karenine".

«Na epoca em que ele fez os seus estudos, a Universidade russa levava uma ezistencia abaixo de mediocre. Os professores recitavam préces antes de começar as aulas. Um estudante posto de castigo não podia saír senão depois de receber a absolvição de seus pecados. Não se permitia aos professores falar da Revolucão Francesa, nem mesmo da Reforma. Em 1839, Nicolau I visitou a Universidade de Kiew, e, em discurso aos estudantes, expoz com franqueza as suas idéas sobre educação, idéas essas que foram religiosamente observadas pelos seus sucessores - «Vós estudais bem, mas não é disso que eu preciso. A ciencia, por si só, não produz bons resultados. Eu tenho necessidade de súditos fieis ao trono, de um devotamento sem limites, de uma submissão que não raciocine, de uma obediencia absoluta». Dirigindo-se, depois, aos professores, disse-lhes - E vos, atentae bem. A ciencia pode seguir o seu curso, mas si vós não tiverdes o cuidado de desenvolver as noções da minha moral aos estudantes, si vós não influirdes sobre as suas convicções políticas, eu procederei comvosco a minha maneira». Não, Tolstoi nada recebeu da Universidade. Mais tarde, ele o confessou - «Toda instrução séria se adquire sómente pela vida, não pela escola». (121)

<sup>(121)</sup> Ossip Lourié, «La Philosopie de Tolstoi», pgs. 17-18.

De Silvio Romero não é preciso que se diga o mesmo. Porque ele proprio o disse.

"Deve-se distinguir entre o que se aprende nas nossas nulas academias e o que fóra delas se pode estudar. Para dar-se uma direção positiva ás idéas é preciso comprimir e afugentar delas tudo quanto ali se ensina.

Pelo que me toca, ha sido a minha vida intelectual uma constante e dolorosa luta para arredar da mente o que nela foi depositado pelo ensino secundario e superior que me inocularam e substituir tão frágeis e comprometedoras noções por dados científicos" (122).

\* \* \*

Bacharelado em Novembro de 1873, Silvio vae ter com a familia no Lagarto.

Aí se demora até meiados de 1874.

A principio, é de crêr que despreocupadamente. Em contato com a gente simples do logar. Observando-lhe os costumes. Anotando-lhe os cantos e os contos, o que mais tarde chamaria "a linguagem genuina do nosso povo". Frequentando-lhe as festas. Comungando nas suas diversões caracteristicas.

O Lagarto não deveria ter mudado muito durante os cinco anos do seu curso.

Ainda assim, sempre os irmãos creceram, os pais se fizeram mais velhos, mais velha se tornou tambem a Antonia, e as meninas de outrora, aquelas "meninas meigas e inocentes, que douravam ali aquele meio", como ele um dia as descreveu, lembrando o tempo da escolamixta, já estavam feitas moças.

Tanto bastou para que a sua fantasia achasse tudo mudado...

<sup>(122)</sup> Silvio Romero, «A Filosofia no Brasil», pgs. 182.

«Os anos se passaram. Mas um dia Voltando á terra já feito doutor Achei tudo mudado». (123)

As suas distrações têm de ser outras, pois.

Já não brinca de "anel" com as antigas colégas.
E' perigoso perguntar ás que se conservaram solteiras —
tanto mais que ainda se encontra nesse numero "a filha
do mestre-escola" —

Quando fui para a Bala
A quem deixei meu anel»?

Já não póde, tampouco, espreital-as ao banho no rio, "alvas, brilhantes, despidas", "tendo ciumes de tudo", até da lua que lhes beija a péle.

Já nem pensa na "caça aos cambuís"

«Pelas belas colhidos e guardados Como sonhos de amor bem escondidos Nos seios...» (124)

Devia ser, realmente, encantadora a brincadeira

Mete-se o punho em busca dos frutinhos Colhidos e guardados com ciumes. Toca-se a mão nos peitos escondidos Que palpitam ali duros...> (125)

Mais simples, mais prudente, é cantar á viola, no terreiro. Ainda que ele afirme que a acha

<sup>(123)</sup> Silvio Roméro, «Ultimos Haspejos», pgs. 81.

<sup>(124)</sup> Silvio Roméro, «Ultimos Harpejos», pgs. 63.

<sup>(125)</sup> Silvio Roméro, «Ultimos Harpejos», pgs. 65.

ebôa da roça nos festejos Quando as morenas languidas, astutas, Afinam pela prima o som dos beijos» (126)

ha, sempre, mais possibilidade de contrôle...

\* \* \*

Acabadas as férias, entretanto, Silvio tem de decidir o que fará na vida.

Para a advocacía não sente, no momento, inclinação nenhuma. Dirá, mais tarde, quasi no fim da vida, que errou com isso. Sobretudo pelos proventos economicos que deixou de ter e tanta falta lhe faziam na velhice, a que chegou bem proximo da miséria. Ao seu idealismo virgem dos vinte anos, a advocacia se afigurava, apenas, como já se apresentára a outro grande caracter de nortista, Farias Brito, "a arte de legalizar a fraude" (127).

Para a judicatura, mesmo na provincia, não se considerava, na perplexidade dos primeiros passos, suficientemente habilitado. Achava que julgar era "qualquer coisa de muito sério", de que "o ensino superficial da academia não dava nem a intuição".

Aceitará, então, uma promotoria publica na Estancia, localidadesinha do interior de Sergipe.

Não são todos os biógrafos de Silvio que aludem a essas funções.

O proprio Artur Guimarães, tão cioso de todas as minucias no seu carinho filial pela memoria do mestre e do amigo, as esquece.

<sup>(126)</sup> Silvio Roméro, «Ultimos Harpejos», pgs. 62.

<sup>(127)</sup> Jackson de Figueired, Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito, pgs. 219.

Ele, entretanto, as ezerceu — disso não ha a menor duvida — pelo menos até Junho de 1874.

Sabe-se, mesmo, mais, que acumulou o ezercicio do ministerio publico com o da imprensa, colaborando num pequeno periódico local — a "Tribuna do Povo".

Dos artigos, que aí teria escrito, só se sabe de um, a que ele alude no seu livro "A Filosofia no Brasil" (128).

Este chega, porem, para que se lhe tome o pulso. O começo é calmo Alude ao erro, frequente no Brasil, de se culpar o governo por tudo o que acontece no paiz. Depois, vae se ezaltando, a pouco e pouco. Até que acaba assim:

«Digamol-o, portanto, francamente — o povo brasileiro, por seu viver historico e por todas as máculas que atualmente desfiguram-lhe o semblante, é um povo mediocre, sem alto arroubamento moral, que não deve ter a pretenção esteril e infantil de ezigir o impossivel para si. E' uma nação sem cultura, eivada de caducos prejuizos, que tem a habilidade de crear problemas epígonos justamente para serem resolvidos por seus estadistas pigmeus. Uns e outros se compreendem e se completam. O paiz está envolto em sombras. Pode-se-lhe aplicar o estigma teológico de Job — ≪et circumdebit eum Deus tenebris». Estadistas e povo estão em equação adequadissima». (129)

\* \* \*

Enfastiado da promotoria aventura a politica.

Com os haveres do pai e o nome da familia, a que já soma o seu, a eleição é facil. Em pouco tempo es-

<sup>(128)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 92.

<sup>(129)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 93.

tá feito deputado provincial. O seu temperamento, todavia, irrequieto e belicoso, não consente que ele faça da cadeira conquistada na assembléa de Aracajú um posto inutil e parasitário. Imagina-o, logo, uma trincheira. Não para as lutas da Politica, que essas ainda o não seduzem, nem para as da politicagem, que a essas nunca baixou, nem baixaria, em toda a sua vida. Mas para os proprios prélios intelectuais. Ha de mostrar aos seus adversarios que não dispõe apenas das colunas dos jornaes de Pernambuco. Na sua terra, vae falar da mais alta tribuna política. Dali, doutrinará...

\* \* \*

Seu discurso de estréa foi, porem, o primeiro e o ultimo.

A pretexto de apresentar um projéto sobre a historia da provincia de Sergipe, investiu contra "o método retrógado e anti-científico dos nossos historiadores" (130).

E' provavel que a oração tivesse merecido o aplauso dos colégas.

Foi, pelo menos, publicada em folheto e elogiada por toda a imprensa do paiz.

Mas, não havendo outros projetos a apresentar, do mesmo genero, Silvio preferiu não voltar mais á camara regional.

\* \* \*

Deputado e promotor, Silvio nunca deixou de colaborar na imprensa do Recife, aonde iria ter em fins de 74 para tentar o verdadeiro rumo que imprimiria á vida — o magisterio.

<sup>(130)</sup> Silvio Roméro, «Cantos do Fim do Século», nota ao fim do volume.

Os seus artigos, a esse tempo, se repartem entre a critica geral ás correntes literarias do paiz e as questões etnograficas.

Ainda em 74 escreve "O problema historico das raças", "O indianismo e o sentimento nacional em literatura", "Sintese do movimento literário brasileiro atual" e "Um etnólogo brasileiro: Couto de Magalhães".

Outra preocupação que se assinála em Silvio, nessa epoca, é a do estudo do "folk-lore" nordestino.

Si a necessidade do combate intransingente aos erros do romantismo arrastou-o, por vezes, a desmerecer do valor da poesia popular brasileira (131) — nunca, entretanto, nem mesmo nos periodos agudos daquele combate, deixou de reconhecer que "a poesia popular revela o carater dos povos" e que, por isso mesmo, os romanticos brasileiros, "quando não buscassem formar cancioneiros e romanceiros, porque seriam quasi nulos, deveriam ao menos procurar as leis da formação de nossa vida mental", porquanto só assim veriam que "ao lado de peças antigas, ainda hoje cantadas em nossas festas de Natal e Reis, como a Não Catarineta, por ezemplo, de origem portugueza, e que dá idéa de um povo navegador, ouvemse entre nós os verdadeiros cantos que nos definem e individualizam" (132).

Com essa convicção, não poupa esforço no sentido de realizar "a sondagem na alma do povo" e foi por eles que, em 1879, escreveu que "nós possuimos uma poesia popular especificamente brasileira, que si não se presta a bordaduras de sublimidades dos romanticos, tem contudo

<sup>(131)</sup> Silvio Roméro, Estudo sobre a Poesia Popular do Brasil», pgs. 5.

<sup>(132)</sup> Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna», pgs.

enorme interesse para a ciencia; um estudo mais aturado e desprevenido trouxe-nie, durante os ultimos quatro anos, esta convicção; minhas pesquizas foram até muito alem de meu cálculo" (133).

Ora, essas "pesquizas" foram iniciadas, precisamente, nessa quadra, quando, depois de bacharelado, Silvio ainda não se deixa absorver por nenhuma das atividades a que se dedica — nem a promotoria, nem o jornalismo, nem a deputação.

Mais tarde, já em Parati, escreve que "pretendia em algumas provincias do paiz, por onde tinha de passar, fazer uns apanhados de cantos e contos de nosso povo, como base para uma refutação ao escrito de José de Alencar, "O Nosso Cancioneiro" (134). As contingencias da vida, entretanto, não o deixam explorar outros campos alem de Pernambuco "onde havia aliás habitado durante o curso academico", Sergipe, sua "terra natal, que mais aturadamente estudou" e a provincia do Rio, onde passou a residir, de 76 a 79.

O trabalho que empreende em Pernambuco e Sergipe é extraordinario.

Não se limita a lêr as produções já coligidas. Não confia nélas. O que foi feito pelos jesuitas traz o pecado original que imprimem a tudo quanto fazem "incapazes de compreender os mitos e crenças selvagens pelo aferro fanático a sua propria religião e pelo obscurantismo de seu tempo para questões de tal ordem".

O que se teve dos "viajantes e escritores" do século XIX, "incomparavelmente mais autorizados e desprevenidos", ainda assim pouco vale pois "o que de melhor podem

<sup>(133)</sup> Silvio Roméro, «Estudo sobre a Poesia Popular do Brasil», pgs. 7.

<sup>(134)</sup> Silvio Roméro, «Estudo sobre a Poesia Popular do Brasil», pgs. 7.

adeantar se refere a tribus indias que não estão no caso de nos interessar diretamente" e "pelo que toca aos africanos, é notorio que a maior parte dos aqui chegados era tirada das possessões portuguezas de alem mar dentre os negros já desviados das suas antigas crenças e costumes" emquanto "os negros novos, esses vinham, por via de regra, ainda na primeira idade e sem idéas e doutrinas nativas portanto" (135).

O unico recurso que se lhe afigura possivel, pois, é procurar esses "elementos esquecidos, de que se formaram as crenças, os habitos e a poesia do nosso povo" no contato direto, imediato, com os seus depositarios atuaes.

E' o que faz com um escrupulo e uma dedicação apostolares

«Quando outros se preocupavam com o que ia lá fóra, em alheios climas — disse, insubstituivelmente, Coelho Neto — ele, encerrando-se na historia doméstica, como um aceta no seu cubiculo, refolhava-se na tradição, decendo ao mais profundo das suas origens.

Foi ele o explorador da lenda, o interprete dos mitos, o verdadeiro creador da nossa Poranduba, do folk-lore brasileiro, e não só descobriu e revolveu o espelio poetico das raças primitivas como o estudou com paciencia beneditina, penetrando por ele no passado das tres gentes que concorreram para a formação da nossa nacionalidade.

Não sei, em verdade, quem mais admire, si o sertanista afoito que se entranha na brenha dévia, desbravando espessuras invias, escalando montanhas ásperas, arremetendo á soberbia de aguas acachoadas, disputando passo a passo o terreno ao selvagem e á féra para fundar povoas á sombra tranquila de capelas, reunir

<sup>(135)</sup> Silvio Roméro, «Estudo sobre a Poesia Popular do Brasil», pgs. 8.

socialmente bandos de aventureiros, vinculando-os ao solo pelo interesse da posse, semear seáras, espalhar rebanhos, construir oficinas e estabelecer, sob o regimen da lei, uma sociedade com diciplina e ordem e um deus velando sobre os corações — si aquele que se embrenha nos intrincados labirintos da pre-historia, seguindo devezas revessas, onde tudo é misterio escuro.

Aqui, num páramo, depara-se-lhe o vestigio da passagem remota de uma horda, surge-lhe da terra um idolo truculento ta-lhado em pedra ou falquejado em lenho, afunda-se-lhe o piso em camadas cinereas, restos de fogos de acampamentos nômades, topa rocalha, afofa o passo em dunas ou em lençoes de areia, restos de mares refluidos, encontra detritos de cozinha, urnas funerárias, logo adeante ruinas de muros de maceria, tocos em circulo demarcando antigas caiçaras, inscrições hieroglificas abertas em rochas, esculturas rudimentares, gravados grosseiros contrastando com delicadas gregas e sigmoidais ornando vasos de formas graciosas que lembram os da ceramica asiática.

Em volta de taes reliquias, como a parietária e a hera que amparam as ruinas, crece, viceja, alastra a lenda, pululam mitos, eriçam-se superstições, florece uma poesia ingenua.

Assim passam os povos semeando no seu caminho, como sementes, as suas construções materiaes e as suas fábulas, as suas crenças, os seus cantares, e basta que o sabio recolha um só de taes decíduos e o fecunde com o ezame, como faz o faquir com o olhar ao grão de trigo, para que logo rebente, viçosa, a arvore sagrada das genealogias.

Si o paleontologista só com uma vértebra reconstróe o arcabouço de um monstro antidiluviano, e o arqueólogo só com uma métope restaura um edificio das eras dóricas, o folklorista faz resurgir de uma quadra rustica toda uma epoca e um povo, explica uma fábula, tira a razão de um mito.

Assim, os que entram pela Poesia no rasto de um ente fantástico ou enlevado no som de uma cantiga, regressam de tal incursão bemdizendo-a, tornam contentes como os emissarios israelitas que chegaram a Canaan, volvendo aos tabernáculos do povo errante com os varaes recurvados ao peso dos frutos e novas da terra bem regada e fertil em pão, azeite e vinho...» (136)

\* \* \*

A orientação filosofica de Silvio, por esse tempo, já não se pode dizer nitidamente positivista.

Alem de Taine, Rénan e Scherer, que, desde 68, lhe traba!ham o espirito, o acendente de Spencer se lhe vae impondo dia a dia, até que chegue a epoca em que ele possa declarar que, tão distante dos "anathemas de Comte" como das "manías sistemáticas" de Haeckel, "si tivesse de tomar um chefe entre os modernos, elegeria Spencer, nas linhas geraes do seu pensar, posto que distanciado de algumas de suas afirmações, especialmente em sociologia e moral" (137).

Já em 76, quando conclúe "A Filosofia no Brasil", ele assevéra que "o célebre escriptor inglez, como pensador, é mais profundo que Litré" e a sua obra filosofica, "tomada no seu todo, é mais imponente que a do proprio Comte" (138).

Mas, inegavelmente, era o positivismo que lhe dava, pelo menos, a força de convicção imprecindível aos combates a que se aventura.

<sup>(136)</sup> Coelho Neto, «Revista Americana», vol. VI, Dez.º de 1916, pgs. 80-81.

<sup>(137)</sup> Silvio Roméro, Pr. aos «Ensaios de Filosofia do Direito», pgs. IX.

<sup>(138)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 185.

«Inteligencia vivaz — observa Araripe Junior (139) — Silvio bebêra a teoria positivista a longos sôrvos e sentira-se tomado de súbita embriaguez. Invadira-o, logo, um pessimismo objetivo intransigente. E o que ha de mais truculento na política de Augusto Comte traduzira-se-lhe em aplicações brutaes.

Só quem nunca houver trocado idéas com os dicipulos ortodoxos do filósofo de Montpellier desconhecerá o orgulho e a segurança com que um positivista responde ás objeções opostas á doutrina do méstre.

Arquitetado com um arrojo verdadeiramente genial, desenvolvido com uma logica de bronze, partindo das idéas mais gerais e percorrendo toda a escala dos fenômenos até chegar aos mais complexos sob o triplice predominio das concepções sobre a ordem cosmica, do desenvolvimento historico e da gradação didática, o positivismo, como todos sabem, extinguiu todas as duvidas e vacilações do espirito humano, fechou o inquérito ás curiosidades do pensamento, deu solução a todas as questões e fez a alma acender para regiões inaccessiveis ao vulgo profano e vertiginosas para os espiritos intolerantes.

E' facil avaliar o gráo de soberba que penetrou na alma desse critico ardente e impulsivo, vendo-se de subito colhido nas malhas de um aparelho filosófico, do qual raramente o sectario se liberta e que, por isso mesmo, comunica uma inezorabilidade sem nome áqueles que se lhe tornam familiares.

Silvio Roméro, pois, apezar de um percurso imperfeito da serie hierarquica das ciencias fundamentais de Augusto Comte, se julgou logo apto para a luta em todos os terrenos, e começou a medir a estatura dos homens e a analizar a vida da sociedade brasileira com o aprumo dos generais victoriosos já antes do combate...»

<sup>(139)</sup> Araripe Junior, «Silvio Roméro, polemista», «Rev. Brasileira», vol. XV, pgs. 191.

\* \* \*

No ano de 1875, as preocupações de Silvio se voltam, todas, para o seu concurso á cátedra de filosofia no Colegio das Artes, nome por que designavam o curso de preparatorios anexo á Faculdade do Recife.

Havia-os, em numero de tres, áquele tempo, no Brasil — um em Pernambuco, outro na Baía e o terceiro em S. Paulo.

Na Côrte, o seu equivalente, como instituto oficial de ensino secundário, era o "Colegio de Pedro II".

Silvio não tinha em bôa conta esses colegios.

Chamou-os, mesmo, certa vez, de "verdadeiras oficinas de ignorancia organizada" (140).

Para isso, não devia ter concorrido pouco o insucesso de Tobias verificado dez anos antes. Cursava, então, Tobias, ainda, a Faculdade, quando, em 1865, tentou, pela primeira vez, fazer concurso para a cadeira de latim. Era seu concorrente um padre, que Silvio chama de Felix Diniz (141), mas Clovis Bevilaqua informa ter o nome de Felix Barreto de Vasconcelos (142). As provas de Tobias são brilhantes. Consegue ser classificado em primeiro logar. Mas anulam o prélio. No ano seguinte, renova-se a disputa. Tobias se sáe do mesmo modo. Obtem, ainda uma vez, a primeira classificação. Mais uma vez, porem, o atraiçôam, nomeando o padre.

O precedente não podia ser de bom augurio...

<sup>(140)</sup> Silvio Roméro, «Ensaios de Sociologia e Literatura», pgs. 166.

<sup>(141)</sup> Silvio Roméro, Pr. aos «Estudos de Direito», de Tobias, pgs. XXXIX.

<sup>(142)</sup> Clóvis Bevilaqua, «Historia da Faculdade de Direito do Recife», vol. II, pgs. 79.

O concurso de Silvio tem logar em Janeiro de 75.

Como dez anos antes sucedêra a Tobias tambem a ele, depois de próvas excelentes, a congregação classifica em primeiro logar.

Tal decisão, porem, não prevalecerá.

Sorpreendidos com o merecimento revelado pelo jovem bacharel, seus desafetos se dispõem a invalidar-lhe o ezito.

A Faculdade se prestava a isso. Dirigia-a, a esse tempo, Paula Baptista. Um praxista. Desses a quem parece um pedantismo querer vêr no Direito mais que as regras ditadas pela experiencia ás praticas do fôro. Na teze, com que se despedira do seu curso academico, Silvio investira, violentamente, contra "as fórmulas programaticas", que, justamente por falta do bafejo filosofico, asseguravam ao velho centro de cultura do paíz "o privilegio do estacionamento". A intriga se tornava fácil. Só restava encontrar quem dela se incumbisse. E isso não foi dificil, dados os odios que o candidato espalhára com as suas lutas pela imprensa.

Sob um pretexto futil, que envergonharia a quem o formulasse, a congregação anulou o concurso, convocando os cinco candidatos a nóvas próvas em 1876 (143).

Dois mezes depois, porem, ainda em Março de 75, Silvio levanta a luva arremessada para um novo desafio.

Candidata-se á defesa de tezes para o doutoramento. Será um episódio culminante nessa fase de iniciação da sua vida.

<sup>(143)</sup> Clóvis Bevilaqua, «Historia da Faculdade de Direito do Recife», vol. I, pgs. 217.

\* \* \*

A dissertação que escreve é de direito maritimo.

"Razões justificativas do art. 482 do Codigo Comercial Brasileiro".

Não se poderia conceber nada aparentemente mais calmo, mais inofensivo.

O art.º 482 do Codigo Comercial Brasileiro cogita do fato de não poderem "ser embargados, nem detidos, ainda mesmo que se achem sem carga, os navios estrangeiros surtos nos portos do Brasil, por dividas que não forem contraídas no territorio brasileiro, em utilidade dos mesmos navios ou da sua carga".

Entretanto...

Desde o começo da sua exposição Silvio fazia assinalar:

«Não serei eu que me deixe tomar de incomodo pela esterilidade do assunto. Em regra, chamamos estéril áquilo que se não presta a nossos caprichos imaginosos ou á nossa sêde de palavreado. A materia em questão é uma dessas, e eu me congratulo com isso». (144)

Em meio, tem passagens como esta:

«Eu acho essa disposição util e em harmonia com as idéas seguidas, em geral, no Direito das Gentes. Não é que eu forme do Direito Internacional uma idéa que ele não comporta. Ele não tem a efetividade de outros ramos da ciencia. Não está codificado. E' puramente doutrinal. Todos os dias, a marcha das nações lhe traz desmentidos bem pungentes. Seria, entre parentesis,

<sup>(144)</sup> Silvio Roméro, «Novos Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 69.

um dos estudos proveitosos o que, marcando a ação das idéas dos publicistas do direito das nações sobre a marcha historica dos acontecimentos, notasse tambem a reação que elas sofrem por parte destes ultimos...» (145)

# Pouco adiante, avança outro reparo:

«Não desprezo o ensejo de notar, aqui, a maneira esdrúxula por que um escritor portuguez justifica uma disposição análoga do Codigo Comercial de sua patria. O grosso comentario que faz a esse Codigo o sr. Forjaz de S. Paio, em cinco volumes, tem o condão de atrazar os seus leitores. E' um livro sem filosofia e sem critica, onde o professor coimbrense se revela um decendente de Lobão. Eis o segredo...» (146)

# Por fim, quasi a acabar, diz:

Antes de concluir, eu quero depór aqui uma ponderação. A doutrina do direito, pelo seu lado científico, vae muito descurada entre nós. Não temos um filósofo do Direito. Não eziste um só livro brasileiro onde o dogma juridico se levante áquela altura de principios, áquela serenidade de leis que deve reinar na esfera dos estudos elevados. A ciencia juridica não pode ser uma instituição da inteligencia anormal, exquisita, sem relações com o movimento geral e harmonico de todas as manifestações mentaes. Não é inviolavel e sagrada, como certas entidades por ela creadas. Deve, tambem, receber a investigação, a contra-prova por verdadeiras ciencias. Como todas as grandes creações da humanidade, o direito não se desenvolve á parte, mas por elas e no meio delas.

<sup>(145)</sup> Silvio Roméro, «Novos Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 71.

<sup>(146)</sup> Silvio Roméro, Novos Estudos de Literatura Contemporanea, pgs. 74.

Deve, pois, indagar do seu estado para ser ezato, ajustando-se por ele. Acantoado lá com sua vaidade numa Babel de textos decrépitos, o legislador retrógrado se julga morrinhento. E' uma triste figura! O lavor da larga intuição lhe escapa. A ciencia não está num montão de fatos incoerentes, sem nexo e sem lei. Vive nas vistas do complexo, na concepção vasta e geral do grande todo. «O direito, que é de um lado a prosa, torna-se na luta por uma idéa a poesia, porque o combate pelo direito é, em verdade, a poesia do carater», disse o alemão Ihering. E' uma nobre verdade. Este insigne romanista trouxe a idéa de luta para a efetividade do direito Não posso deixar de notar, nesse fato, uma invasão do espirito darwiniano na jurisprudencia. E' o amplexo das ciencias naturaes, rejuvenecendo as velhas nocões... Conclúo declarando que nas minhas idéas nada vae de absoluto. Em categoria alguma, sobretudo na ordem sociologica, nutro a crença na ciencia do absoluto... (147)

Era, evidentemente, o rastilho.

Depois disso, quaesquer proposições sobre que tivesse de versar a arguição oral provocariam a deflagração inevitavel...

### \* \* \*

Comentando o epísódio, alguns anos mais tarde, Silvio o qualificaria de "uma das originalidades mais profundas que já vira em toda a vida".

E acrescentaria: "Estamos ainda em puro reinado teologico — metafísico. Ainda se sofre neste paiz por causa de uma opinião filosófica. Quem nos livrará de tanta obscuridade?" (148).

 <sup>(147)</sup> Silvio Roméro, «Novos Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 79.
 (148) Silvio Roméro, «Cantos do Fim do Século», nota.

Tambem Araripe Junior se demora na analise do incidente.

"E' célebre — diz ele — a cena que o critico provocou quando, pela primeira vez, encontrou-se em tête-atête com a ciencia oficial. Defendia ele teses para obter o gráo de doutor em ciencias juridicas e sociaes perante a congregação da Faculdade do Recife. Fôra incumbido de cortar-dhe as azas no vôo temeroso o Dr. Antonio Coelho Rodrigues, ex-senador federal e então uma das mais recentes e fogosas ilustrações daquela corporação. arguição tinha comecado sob os auspicios das doutrinas filosoficas de Cousin, e os lentes, de Charma em punho, buscavam amordacar o doutorando com argumentos fariscados em Benjamin Constant, Oudot, Tapareli, Troplong, Berguer, Ortolan e tutti quanti. O arguido ouviu as primeiras objecções. Não tardou porem em inflamar-se e, estranbando que professores ilustrados se ocupassem ainda com as célebres distinções entre o direito e a moral, érgueu-se por ultimo escudado nas grandes autoridades do século e apostrofou os seus arguentes classificando-os de ineptos e ignorantes. A's apóstrofes responderam os Cujacios do Recife com o sorriso catedrático de quem apanha o máo estudante em flagrante delito de ignorancia da postila ezata, correta e aceita pela unanime aclamação da rotina. Não se imagina a indignação que se levantou no espirito daquele que já ousára criticar os melhores poetas e escritores do Brasil. No decurso da discussão, que se travára mais acesa com o ilustre romanista ácima citado, surgiu incidentemente a frase: metafisica morreu".

Não é aqui a ocasião de estabelecer confronto entre os dois contendores. Todavia, direi que o dr. Coelho Rodrigues pertence á classe dos literatos cujo goso primacial consiste em sentir-se sempre em desacordo com o presente, defendendo as usanças do passado. Em França, com um pouco mais de imaginação, seria um outro Barbey d'Aurevilly e teria escrito, em vez do Manual do Sudito Fiel, uma biografia à la diable do regente Feijó, ou realizado conferencias sobre as primazias de Amador Bueno e Anhanguêra, ocupar-se com a apologia de pae João e mãe Maria, os bons pretos velhos du temps jadis. Tendo, porém, a sorte determinado que a sua atividade intelectual se ezercitasse sobre as Pandectas e as Ordenações do Reino, depois de um longo tirocinio na aula régia em que se entalhavam as carnes das nádegas das creanças para introduzir com sangue as primeiras letras da arte latina do Padre Pereira, sucedeu ao ilustre romanista o que sucede a todos aqueles que se habituam a graceiar através dos satíricos' latinos.

Para responder a Silvio foi pedir a Horacio um dos seus disticos e aos reinicolas o grotesco filipino. — "Declarou-se o doutorando, acrecentou ele então, que a metafisica morreu. Quem a matou? Dar-se-á o caso que fosse o senhor?" A pergunta pedia uma réplica de espirito. E os textos caricatos do livro quinto das Ordenações do Reino teriam fornecido mais de um mote para ser vantaiosamente glosado pelo arguido. O polemista, porem, perdeu a calma, e, levantando-se, cheio de uma ira holofernica, passou a invectivar nos termos mais acrimoniosos toda a corporação docente. Não fôra ele quem assassinára a idéa caduca, mas Comte, Darwin, Spencer, Haeckel, Stuart Mill, Littré, Taine, Buckle e todo o estado maior do positivismo, tanto ortodoxo, como heterodoxo. explosão de desrespeito universitario deu logar á interrupção do ato e a um processo que se tornou célebre. Passando, assim, aos seus mestres o diploma de incompetentes e taxando-os de "espiritos largamente impregnados do almiscar seminaristico", Silvio Romero precindiu do capêlo de doutor e com o seu titulo de simples bacharel penetrou na vida real" (149).

\* \* \*

Ocupando-se do mesmo incidente, José Verissimo o desfigurou desta maneira:

Os rapazes do meu tempo ouviram anunciar, com a insolencia das convicções mais de sentimento que de razão, a morte da metafísica. Foi, então, muito celebrado um deles, que, com a petulancia da idade e do meio saber, da sua banca de ezaminando afirmára seguro aos lentes pasmados que a metafisica morrêra. Na véspera havia aparecido aqui a filosofia de Comte. E nos moços, que dela tinham ouvido falar, não faltavam apôdos ao velho professor carrança, que, com benigna e superior ironia, perguntára, entre risonho e escarninho, ao jovem futuro doutor — quem foi que a matou? foi o senhor? Pois quem tinha razão não eram os que anunciavam a morte da sedutora afilhada, senão filha de Aristoteles, nem os rapazes que ingenuamente os acreditavam, nem o moço que a repetiu com a certeza de quem lhe houvesse assistido ao trespasse ou verificado o obito. Quem tinha razão era o enfezado velho, o mestre atrazado e caturra, malsinado de tal forma por aquela mocidade por não ter logo crido no que ela, confiadamente, sem maior estudo, repetia. Não só a metafisica não morreu, mas, depois de um rapido sumiço e decadencia, talvez para se refazer em melhores climas da anemia de que, em verdade, enfermára, voltou mais forte, mais louçan, e, o que mais é, com ares da antiga dama e senhora do pensamento humano. E, em

<sup>(149)</sup> Araripe Junior, ob. cit., pgs. 195-196.

vez de modesta e humilde, vexada como partira, altaneira, soberba, falando grosso. E ainda quando aquela rapaziada, como gatos pingados que lhe houvessem acompanhado o féretro, já a davam por de uma vez enterrada, já ela reflorecia com uma porção de coisas em ismo, na França, na Alemanha, na Inglaterra, na Italia, e em toda parte em que se filosofava, porque, si ecetuarmos o comtismo ortodoxo, ou a síntese spenceriana, e, ainda assim, que são as locubrações do néo-kantismo ou néo-criticismo, os diversos sistemas oriundos do evolucionismo, as filosofias de Hartmann, de Schopenhauer, do proprio Haeckel, tanto quanto ele é um filosofo? ... E estava morta a metafisical Como si pudesse morrer de repente uma maneira de pensar que, sobre ser talvez a mais acomodada á nossa miseravel constituição cerebral, não ezige outro esforço que o de pôr em movimento os orgãos correspondentes a essa função. Quando a deram aqui por morta, já Frederico Nietzche afrontava com as suas ousadias o pensamento geral e as concepções positivas». (150)

Comentando essa verrina, Silvio chamou-a — "um tecido de erros, de tautologias, de anacronismos, de ignorancia dos fatos mais simples". "Não conhece as condições e a data em que se deu o fato que se atreve a adulterar" — diz, a seguir, de Verissimo. "Fantasia a ezistencia de um velho lente carrança a defender a metafísica, quando o lente em questão era um moço de 28 anos no maximo, um dos mais jovens professores da Faculdade. Ignora, por completo, o que se poderia chamar a literatura do assunto no meio em que se déra a luta" (151).

Não é, pois, em Verissimo, que se pode buscar um testemunho do incidente.

<sup>(150)</sup> Silbio Roméro, «Zeverissimações», pgs. 72-77.

<sup>(151)</sup> Silvia Roméro, «Zeverissimações», pgs. 77-78.

\* \* \*

Artur Orlando, que, alguns anos depois, repetiu, a seu modo, a ousadia de Silvio — pois, tendo dito na sua defesa de tezes, perante a mesma congregação que Silvio enfrentára, que "a ciencia do direito era uma ciencia de seres vivos, entrando, por conseguinte, na categoria da fisiofilia ou filogenía das funções vitaes, á qual só poderia convir o método filogenetico preconizado por Eduardo Strasburger, apressou-se em declarar, logo a seguir: "si entendem isso, tanto melhor; caso, porem, não entendam, não é culpa nossa. Talvez nos perguntem quem é esse sr. Eduardo Strasburger? Só podemos responder que não é lente da nossa faculdade, nem candidato á deputação geral" (152) — Artur Orlando referiu-se á defesa de tezes de Silvio nestes termos:

◆Em Março de 1875, Silvio Roméro, por ocasião de uma defesa de tezes perante a Faculdade de Direito, apresentou uma belissima dissertação, na qual citava o notavel júrista alemão von Ihering. A novidade da citação causou espanto á congregação, e foi talvez essa uma das circunstancias que concorreram para que o ilustre candidato não se doutorasse e lhe fosse instaurado um processo. Tobias Barreto, que a uma extraordinaria largueza de vistas reunia uma prodigiosa generosidade de coração, tomou a peito vingar algum tempo depois ao seu comprovinciano e amigo e fel-o escrevendo aquelas brilhantes paginas onde se respira um tão delicado perfume de amizade ao mesmo tempo que se trava conhecimento com um dos mais ilustres juriconsultos da Alemanha». (153).

<sup>(152)</sup> Artur Orlando, Pref. ás «Questões Vigentes» de Tobias Barreto, pgs. XVI.

<sup>(153)</sup> Artur Orlando, Pref.º ás «Questões Vigentes», de Tobias Barreto, pg. XVIII.

#### \* \* \*

Tobias, realmente, melhor do que ninguem, poderia dizer acerca do episodio, pois a ele assistiu.

E o disse, por duas vezes.

Uma, tres anos após, em 1878, na sua "Jurispruden cia da Vida Diaria".

Outra, em 1881, no ensaio sobre "O fundamento do direito de punir", dos "Estudos Alemães".

A' primeira se refere o proprio Silvio dizendo:

«A nova concepção do direito, cujo representante magno na Europa era Rudolf von Ihering, foi pela primeira vez pregada no Brasil por mim. E' uma prioridade que ouso reivindicar por ter sido fato publicamente acontecido numa defesa de tezes que se tornou célebre perante a Faculdade Juridica do Recife. isto em Marco de 1875. Tobias Barreto, que assistiu á publica discussão, e naquela epoca não se ocupava ainda de estudos juridicos de que mais tarde foi tão ousado quão ilustre propugnador. deu-me então calorosos parabens, e em ocasião oportuna, rendeume pela imprensa a indispensavel justica. Em seu interessante escrito «Jurisprudencia da Vida Diaria», publicado em 1878, disse aquele saudoso amigo e alentado pensador - «Ao meu ilustre comprovinciano e amigo Silvio Romero cabe a honra de ter sido o primeiro que ousou convidar o dr. von Ihering para vir á Faculdade do Recife, lembrando-se de cital-o na sua bela dissertação apresentada por ocasião das tézes que pretendeu sustentar, porém que tiveram, como é sabido, para gloria sua e eterna vergonha dos mestres, aquele triste resultado metafísico-criminal. Isto em Março de 1875. Dóe-me dizel-o, e Deus me perdôe si péco em dizel-o, mas é verdade — naquela ocasião, a autoridade e o nome do jurista germanico achavam tanto eco nos salões da Faculdade, tinham tanto veso e influencia sobre a maioria dos espiritos docentes, quanto puderam ter o nome e a autoridade, verbi-gratia,

do defunto major José Severino, velho rábula de Santo Antão... Talvez que ainda menos; pois este sempre era um dos nossos e o alemão, quem sabe mesmo si ele existiria? No conjunto de circunstancias que concorreram para o não doutoramento do illustre moço sergipano, não foi, porventura, uma das menos agravantes a citação de um autor desconhecido, inteiramente fóra do circulo visual da ciencia ex-cathedra. Quem pode assegurar o contrario? (154).

# Na segunda, escreveu Tobias:

«Ha já alguns anos, em 1875, quando meu amigo Silvio Roméro, em defesa de tezes na Faculdade de Direito do Recife, afirmou que a metafísica estava morta, e esta asserção produziu no corpo docente espanto igual ao que teria produzido um tiro de revolver que o moço candidato tivesse disparado sobre os doutores, já eu nutria as minhas duvidas a respeito da defunta, que o positivismo tinha dado realmente por morta, que ainda porem se sentia palpitar. E tanto assim era que comecei, então, a publicar no «Deutsche Kämpfer» um estudo filosofico com o unico intuito de mostrar o que havia de ezagerado na pretensão da seita positivista, que entretanto já hoje tem de positivo pouco mais que o nome. O que me pareceu sobremaneira estupendo foi que se tivesse tomado por uma herezia o que já era de certo modo um atrazo». (155).

Conheçamos, porem, o incidente, mais de perto, tal como o narra Clovis Bevilaqua, com os dados fornecidos pela propria ata da congregação da Faculdade.

<sup>(154)</sup> Silvio Roméro, «Novos Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 203-204.

<sup>(155)</sup> Silvio Roméro, «Zeverissimações», pgs. 94.

"No dia 12 de Março de 1875, designado para a defesa de tezes de Silvio Romero, depois de lida a dissertação (as "Razões justificativas do art. 482 do Código Comercial Brasileiro") deu-se começo á prova oral.

Iniciou-a Tavares Belfort, que escolheu uma teze de Economia Politica.

Emquanto expunha a sua opinião e deduzia os seus argumentos, Belfort era interrompido pelo defendente nestes e em termos semelhantes: "Ouça-me, sr. doutor, não vá adiante. Quero que cada argumento seu seja imediatamente destruido...".

Multiplicando-se essas interrupções, no correr dos debates, e a medida que o terreno destes ia sendo circumscrito pela arguição do arguente, foi o mesmo obrigado a observar ao doutorando que, si continuasse daquele modo, ele, Belfort, se calaria.

Então, Paula Baptista, como presidente do ato, chamou-o á ordem, e esta foi felizmente restabelecida na discussão durante os poucos minutos que lhe restavam para argumentar.

Seguia-se na arguição o dr. Coelho Rodrigues, que começou opondo uma objecção á segunda teze de Direito Constitucional, á qual procurou responder o defendente.

O arguente voltou á carga, dizendo que a sua objeção ficava intacta e o doutorando procurou provar-lhe o contrario.

Dito isto, o dr. Coelho Rodrigues acrecenta: "Desde que, em uma discussão qualquer, perco a esperança de convencer, ou de ser convencido, mudo de assunto. Passemos á teze seguinte".

A respeito desta, passou-se tudo como na primeira, mutatis mutandi. Mas, antes que passe a outra, observa o arguente, como para moderar o azedume das respostas que obtinha — "não tenho a presunção de vir aqui ensinar-

lhe alguma coisa. Si insisto nisso é, sómente, porque tenho necessidade de formar o meu juizo".

Em seguida, passou á segunda teze de Direito Ro mano concebida nestes termos — "O jus in re compreende tambem a posse?". E, depois de uma discussão mais moderada do que as precedentes, perguntou: "Qual a ação que garante esse direito real, no seu entender?" - "Isso não é argumento", responde o doutorando. -"Por que?", pergunta o arguente. — "Porque não se pode conhecer a causa pelo efeito", responde-lhe o arguido. -"Pois admira-me, torna o primeiro, que, tendo-se mostrado o senhor tão contrario ao método metafisico na epigrafe das suas tezes (a qual repetiu, traduzindo o inglez em que estava escrita) recuse, agora, um argumento a posteriori". - "Nisto não ha metafísica, sr. doutor, ha lógica", diz o segundo. — "A lógica, replica o arguente, não exclue a metafísica". - "A metafísica - treplica o doutorando - não eziste mais, sr. doutor. Si não sabia. saiba!" - "Não sabia...", retruca este. - "Pois vá estudar e aprender para saber que a metafísica está morta". — "Foi o sr. quem a matou?" pergunta-lhe, então. o dr. Coelho Rodrigues. - "Foi o progresso, foi a civilização!" responde-lhe o bacharel Silvio Romero, que, ato continuo, se ergue, toma dos livros que estavam sobre a meza e diz: "Não estou para aturar essa corja de ignorantes, que não sabem nada!" E retira-se, vociferando pela sala afóra..." (156).

A congregação da Faculdade, composta de Francisco Paula Baptista , Vicente Pereira do Rego, João Silveira

<sup>(156)</sup> Clovis Bevilaqua, «Historia da Faculdade de Direito do Recife», vol. I, pgs. 212-213.

de Souza, João Pinto Junior, Joaquim Corrêa de Araujo, Antonio Coelho Rodrigues e Tavares Belfort se reuniu em seguida e resolveu:

- «1.º que se levasse o fato ao conhecimento do Governo Imperial, consultando-o sobre saber si é extensiva aos doutorandos a disposição do art. 12 do dec. 4.675 de 14 de Janeiro de 1871, que não admite a continuar as suas provas os estudantes, que, lepois de começada uma, interrompem-n'a, retirando-se do ato;
- 2.º que se oficiasse ao Exmo. Snr. Presidente da Provincia, dando-se-lhe parte do mesmo fato e remetendo-se-lhe uma copia da exposição dos fatos, afim de ser enviada ao Juiz de Direito competente, para mandar denunciar, nos termos do art. 2.º do dec. n.º 1.090 de 1.º de Setembro de 1869 combinado com os arts. 237 e 238 do Codigo Criminal» (157).

Subindo o caso ao governo imperial, Franklin Távora opinou, para despacho do ministro, que os doutorandos não estavam sujeitos á policia academica, nem Silvio impedido de defender tezes perante as outras faculdades de direito do paiz; apenas teria cabimento no caso proceder-se contra ele pelo crime de injurias (158).

O processo, porem, não foi adiante.

Artur Guimarães diz, incidentemente, que Silvio "foi advogado de si mesmo, livrando-se numa habil manobra" (159).

<sup>(157)</sup> Clovis Bevilaqua, ob. cit. pgs. 213-214.

<sup>(158)</sup> Clovis Bevilaqua, ob. cit. pg. 214.

<sup>(159)</sup> Artur Guimardes, «Silvio Roméro de perfil», pg. 34.

Foi pena que não entrasse em maiores detalhes, pois a crença geral é de que o processo não foi instaurado, ou, pelo menos, não teve andamento.

Clovis diz mesmo: "parece que o caso não foi adiante, porque nada mais consta, a respeito, nos papeis do

Arquivo Publico" (160).

\* \* \*

"Uma irritação de parte a parte — comenta Clovis — que veio culminar na arguição de Coelho Rodrigues, motivou a explosão de que resultou se desviar Silvio Romero do proposito de se consagrar ao ensino do direito na Faculdade do Recife. Si o doutorando foi altaneiro e áspero, os doutores não se quizeram mostrar conciliadores. Desta circumstancia procedeu que a renovação das doutrinas filosóficas sobre o direito tivesse de esperar alguns anos e de ser ezecutada por outro que não o autor do "Ensaio de Filosofia do Direito". E não sómente a ruptura de Silvio com a congregação o desviou do ensino do Direito, como ainda do ensino oficial da filosofia no Recife" (161).

\* \* \*

Eis tudo quanto se conhece a respeito do episodio que tanta influencia teve na vida de Silvio.

Não é possivel, entretanto, dal-o como encerrado antes de esclarecermos dois pontos que reputamos decisivos para a compreensão da formação intelectual do grande critico.

<sup>(160)</sup> Clovis Bevilaqua, ob. cit. pg. 214.

<sup>(161)</sup> Clovis Bevilaqua, «Historia da Faculdade de Direito do Recife», vol. I, pgs. 215.

Um — foi que Silvio nunca aceitou que se dissesse que ele afirmára, por essa ocasião, a morte de toda a metafísica.

Outro — que, a esse tempo, ele já não agira como positivista, conforme pareceu a Araripe Junior e o escreveu o proprio Tobias Barreto.

Do primeiro ponto, disse Silvio:

"Não é verdade que, em nosso grupo, se tivesse em toda a linha dado por morta a metafísica. No calor da refréga, numa discusão oral que se tornára incandecente, a minha frase — a metafísica está morta — havia de soar inteiriça, sem atenuantes, sem restrições, sem metas medidas. Era como — la proprieté, c'est le vol! — de Proudhon. Era um brado, uma boutade de dialético, que, para surtir efeito, havia de ter feições de completa intransigencia. Alma placida, de vôo curtissimo, o zéverissimador atual da critica nacional nunca se achou naquelas conjunturas, nem jamais deixou escapar do peito um brado de entusiasmo, um anseio de despreocupada juvenilidade.

"A metafísica, que foi dada por morta em 1875, era a metafísica dogmática, ontológica, apriorística, inatista, méramente racionalista, a metafísica de velho estilo, feita a parte mentis, a pretensa ciencia intuitiva do absoluto, palacio de quiméras fundado em hipóteses trancendentes, construido dedutivamente de principios, imaginados como superiores a toda verificação.

"Esta morreu e está bem morta para todo mundo.

"A metafísica, que se pode considerar viva, é a que consiste na critica do conhecimento, como a delineou Kant nos seus "Prolegômenos", e, mais, a generalisação sinté-

tica de todo o saber, firmada nos processos de observação e construida por via indutiva. Esta vive, e viverá sempre, porque, alem de ser uma disposição natural do espirito, supre algumas falhas das ciencias particulares, mas sem abrir luta com estas e antes nelas se apoiando, mantendo sempre ativos os largos surtos e aspirações da razão para o lado do desconhecido.

"A historia da filosofia fornece os motivos explicadores do nacimento e morte da primeira e as causas da constante renovação da segunda" (162).

Ao segundo esclareceu desta maneira:

"Na sua massuda ignorancia de tudo que é brasileiro e não se ensina e repisa na porta do Garnier, o sr. José Verissimo não sabe patavina do que se passou no Recife nos dias mesmos em que se deu o célebre incidente da defesa de tezes.

Ele pensa que, naquele periodo, estávamos, os revolucionarios do pensamento brasileiro ali, mergulhados ainda profundamente no positivismo de Comte e Littré.

A doutrina era-nos familiar desde muitos anos antes, desde 1868. Já o disse, e repito esta verdade, para dar com ela na cabeça rude de José. O certo é, porem, que, em 1875, ano da defesa de tezes, o positivismo já não nos satisfazia de todo. Leituras de Rénan, Taine, Scherer, Max Muller, Spencer, Mill, Buckle, ao lado das de Büchner, Moleschott, Darwin e Haeckel, tinham-nos emancipado do dogmatismo positivista.

Na "A Filosofia no Brasil", escrita em 1876, um ano após á defesa de tezes, e publicada em 1878, já eu entrei

<sup>(162)</sup> Silvia Roméro, «Zeverissimações», pgs. 88 e 89.

em luta contra o exclusivismo positivista, pugnando pelo naturalismo critico, ou evolucionismo agnóstico do néo-kantismo" (163).

Efetivamente, no capitulo "Conclusão", do referido livro, já escrevia Silvio:

«O meu sistema filosofico reduz-se a não ter sistema algum, porque um sistema prende e comprime sempre a verdade. tario convicto do bositivismo de Comte, não na direcão que este lhe deu nos ultimos anos de sua vida, mas na ramificação capitaneada por Emile Littré, depois que travei conhecimento com o transformisma de Darwin, procuro harmonisar os dois sistemas num criticismo amplo e fecundo. Nem é isto alguma novidade exquisita, quando a tendencia filosofica principal na Alemanha, Inglaterra, França, Italia e Espanha na atualidade é justamente este criticismo independente, firmado nos dados positivos, especie de néo-kantismo, não por ir pedir idéas a Kant, mas por tomarlhe o espirito. Entretanto, certos pequenos e emperrados positivistas brasileiros, incapazes de dar-se conta do estado atual do pensamento de Huxley, Tyndall, Bain e Lewes, cujos trabalhos de todo desconhecem, julgam que a ciencia humana está toda contida no «Curso» de Comte e nos livros de Littré. E quando se lhes diz que o positivismo não é só o deles, e nem é um privilegio seu, porque ele é mais vasto do que o fizeram aqueles dois ilustres francezes, acham o dito de todo ezagerado. por ezemplo, que a transformação do comtismo pela doutrina darwinica é um fenomeno impossivel! A semelhante desconchavo. indigno de pessôas que pensam, não acho que seja preciso subir a uma demonstração detalhada. Basta indicar um fato concreto e salientissimo, quaes são as obras de Spencer. Eu não sei si ainda haverá entre homens que se ocupam de filosofia quem ignore que este celebre escritor inglez, que como pensador é mais

<sup>(163</sup> Silvio Roméro, «Zeverissimações», pg. 93.

profundo do que Littré e cujo monumento filosofico tomado no seu todo é mais imponente do que o do proprio Comte, eu não sei si aiuda haverá quem ignore que ele abraçou muitas idéas deste ultimo e repeliu outras, e que tambem desenvolveu e fecundou a sua doutrina pelo darwinismo, de que foi até um dos predecessores. Eis aí a possibilidade de junção harmonica das duas correntes de idéas, sem duvida alguma, as mais fecundas que nosso século viu surgir. Sou eu, pois, sectario do positivismo e do transformismo? Sim, entendendo-os, porem, de um modo largo e não sacrificando a minha liberdade de pensar a certas imposições caprichosas que os sistemas possam, porventura, apresentar» (164).

Isso, aliás, o proprio Tobias reconhecêra, pois, após declarar que no incidente da defesa de tezes "Silvio falára como positivista" se sente na necessidade de acrecentar que ele "falára em nome de uma escola intolerante, que não estava mais no caso de nutrir um espirito pensador, e que mesmo ele, poucos anos depois (1878), em sua "A Filosofia no Brasil", reduziu a proporções bem pequeninas, censurando-lhe sobretudo a visão maniacal de metafísica por toda parte" (165).

Silvio, porem, ainda não se contenta com isso. E diz:

«Não foi precisamente como positivista que em 1875 eu verberára a metafísica. Foi, antes, como materialista nutrido, então, de Büchner e Vogt, e como transformista entusiasta sob a direção recente de Haeckel.

«E' verdade que do espiritualismo de Jouffroy tinha, desde 1868, passado para o positivismo. Em 1875, porem, já tinha arribado ao transformismo darwiniano, conduzido pelos proprios

<sup>(164)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 183 a 185.

<sup>(165)</sup> Tobias Barreto, «Estudos de Direito», vol. II, pg. 116.

Büchner e Vogt, que tambem o adotaram, e nomeadamente pela «Historia Natural da Creação», de Haeckel, que me havia produzido, quando a li pela primeira vez, em 1874, uma impressão inapagavel. Pouco depois, fui levado a alargar o proprio transformismo de Darwin e Haeckel com o evolucionismo geral de Spencer, para o qual o positivismo, o materialismo e o transformismo se me antolhavam passagens naturaes...» (166)

#### \* \* \*

Emquanto espera pelo segundo concurso no Colegio das Artes, Silvio continúa na sua intensa e ininterrupta atividade intelectual

Escreve muitas das melhores paginas que constituirão, depois, o volume da "A Filosofia no Brasil".

O contratempo da defesa de tezes está, porem, a lhe ezigir uma reprezatia mais pronta, uma vingança imediata.

Daí lhe nace a idéa de publicar, a todo transe, o seu primeiro livro.

Qual possa ser, sobre que versará, com que elementos conta para realizal-o, nada disso ele sabe, nem procura saber.

Sabe, apenas, que tem de dar o livro, seja ele qual for.

E para que o "revide" seja completo, gritante, espetacular, resolve vir ao Rio, o que faz em fins de Junho de 75.

### \* \* \*

Faltam informes a respeito do que teria feito aqui, por esse tempo.

Tudo quanto ele diz é que "em 1875, fazendo uma viagem ao Rio, teve ensejo de vêr que a nota romantica

<sup>(166)</sup> Silvio Roméro, «Zéverissimações», pgs. 94-95.

de José de Alencar Joaquim Serra, Escragnolle Taunay e Machado de Assis era ainda o tom geral" (167).

E', evidentemente, muito pouco.

Sabe-se, todavia, alguma coisa mais.

Desde 1871, quando ainda cursava a Faculdade como aiuno do terceiro ano, Silvio publicára no "Diario de Pernambuco" um longo artigo sobre "O carater nacional e as origens do povo brasileiro" (168).

Era, como já vimos, uma critica séria aos que, entre nos, se tinham excedido no louvor á contribuição do indigena para a composição do tipo etnico brasileiro, tecla em que ele insistiria por toda a sua vida.

Em fins do ano de 74, a memoria de Couto de Magalhães sobre "Região e Raças Selvagens do Brasil" assanha-lhe a critica.

E ele escreve uma série de artigos no semanário "A Escola", de Recife (169).

Em Janeiro de 75, querendo dar maior repercussão a esses artigos reedita-os n'"O Globo", do Rio de Janeiro (170).

Fel-o sem vaidade, como o fazia com diversos escritos de Tobias, simplesmente para lhes proporcionar maior numero de leitores, maior publico, maior raio de ação.

Vindo ao Rio, entretanto, depois da defesa de tezes, em meiados de Junho daquele ano, teve conhecimento de que Couto de Magalhães, ao deparar com a reedição da sua critica n'"O Globo", escrevêra a seguinte nota:

<sup>(167)</sup> Silvio Roméro, «Machado de Assis», pgs.126.

<sup>(168)</sup> Silvio Roméro, «Etnologia Selvageni», apêndice.

<sup>(169)</sup> Silvio Roméro, «Etnografia Brasileira», pgs. 5 a 44.

<sup>(170)</sup> Silvio Roméro, «Etnologia Selvagem», advertencia.

«Um etnóligo brasileiro — Com este titulo, o sr. dr. Silvio Roméro encetou hontem, n'«O Globo», a publicação da análise que fez da minha imperfeita memoria relativa aos selvagens do nosso paiz, análise que cu já tinha tido a satisfação de lêr, em parte, em um jornal do Recife.

Agradecendo ao jovem escritor o ter tomado em atenção, não o livro, mas o assunto, cuja importancia científica é das mais elevadas, e que infelizmeente tem sido pouco cultivado em nosso paiz, eu lhe prometo que o hei de acompanhar na discussão do assunto desde que ele tenha concluido a sua análise, si trabalhos de outra natureza m'o não impedirem.

Ha, em questões de etnografia, um ponto para mim nimiamente importante, e é o de saber-se si a lingua tupi conserva qualquer vestigio dò sanscrito.

Eu disse, ligeiramente, na minha memoria, que não. Quando falo em sanscrito, entendo que o vestigio pode ser provado — quer pela identidade das raizes, taes quaes elas se encontram na velha fórma (que eu não conheço) — quer pela identidade das formas modernas, que eu conheço em algumas das atuaes linguas da Europa.

Quando eu escrevi a memoria, não conhecia senão uma forma das raizes tupis, era a forma austral. Daí para cá, porem, eu tive ocasião de familiarizar-me com o tupí do norte, em cuja lingua eu me posso exprimir com alguma facilidade; recolhi textos de muitos originaes em dois dialetos e por isso disponho de materiaes muito mais completos do que os de que então dispunha.

O estudo sobre esses nóvos materiaes confirmou as minhas convicções, e, logo que eu disponha do necessario tempo, hei de entrar nessa discussão com muito prazer». (171)

<sup>(171)</sup> Silvio Romèro, «Etnologia-Selvagem», loc. cit.

Para Silvio, essa nóta era um regalo. Não só pelo prazer de se saber tratado com toda deferencia por um estudioso do porte de Couto de Magalhães, como, e principalmente, por prelibar o gozo de uma polemica em assunto de sua predileção e para que se sentia perfeitamente aparelhado.

Realmente, a despeito dos seus vinte e tres anos apenas de provinciano, os artigos de Silvio revelavam de sua parte a posse de uma cultura inacreditavel na sua idade.

Será bastante referir, entre os autores citados no trabalho — Rénan, Comte, Brasseur, Martius, Lopez, Max Muller, Chaiquet, Draper, Buckler, Lenormant, Simonin, Marselli, Bagehot...

Não teve duvida, portanto.

A nota "era a promessa a mais franca e simpática de uma resposta".

Certificou-se de que o douto etnólogo não déra ainda cumprimento ao seu "empenho tão benévolo" e quando estava já de malas feitas para o norte endereçou-lhe a seguinte carta:

«Illustrissimo senhor Dr. Couto de Magalhães. Tomo a liberdade de dirigir-me a V. S. participando-lhe que amanhã, 10, pretendo retirar-me para o Recife. V. S., de pronto, compreenderá que, dest'arte, cumpro para com V. S. um dever de lealdade e de gratidão — lealdade, por testemunhar-lhe assim que a critica que tive a honra de escrever e publicar sobre o seu livro a respeito das raças selvagens do nosso país não foi um estudo caprichoso, e, antes, muito sincero — gratidão, por ter eu de fato ficado sumamente penhorado á maneira delicada e honrosa por que prometeu ao publico responder-me. Mas como V. S. não o tem feito até a presente data, sem duvida por causa de suas muitas ocupações, eu tenho a honra de participar-lhe que lá mesmo no Recife tomarei na de-

vida consideração a resposta. Ser-me-á muito agradavel o ter a ocasião de vêr esclarecidos, por meio de uma discussão regular, os pontos de etnologia que se apraz em declarar de nimia importancia e sobre os quaes tenho duvidas tambem. Termino pedindo que haja de enviar-me para Pernambuco a sua resposta, o que será um grande favor a que ficar-lhe-ei grato, como o estou pelo modo delicado e honroso por que tratou-me». (172)

A resposta não foi dada.

Mas o livro estava feito.

Chegando ao Recife deixou decorrer um prazo razoavel a espera da carta de Couto de Magalhães e em fins do mez de Agosto do mesmo ano de 75 fazia imprimir o livro na Tipografia da Provincia.

«Como até hoje a refutação do sr. dr. Couto de Magalhães ainda não safu — dizia ironicamente em «advertencia» na testada do pequeno volume — o autor publica em folheto o seu imperfeito trabalho para melhor facilita-la». (173)

# E acrecentava:

«Vae muito alterado no sentido de tornal-o mais completo e sobretudo mais claro, para que o nobre etnólogo não continue a supor, como parece, que neste escrito se acredita na filiação ariana do tupi.

A exemplo do livro que analisa, onde se lê um «apendice» relativo á posição das tres raças que formaram a base principal da população de nosso país, o autor juntou-lhe um «apendice» sobre o mesmo assunto.

<sup>(172) -</sup> Silvio Roméro, « Etnologia Selvagem», loc. cit.

<sup>(173) -</sup> Silvio Roméro, «Etnologia Selvagem», loc. cit,

E' um artigo escrito em 1871, e publicado desde esse tempo (é o artigo «O carater nacional e as origens do povo brasileiro» a que já aludimos).

E' um assunto mui pouco explorado entre nós, e o autor darse-á por bem pago si por qualquer fórma houver contribuido para o seu esclarecimento». (174)

Não se pode dizer que fosse o livro, o primeiro livro que se esperava de Silvio.

A reunião em volume de qualquer das séries que projetou mais tarde — ou os primeiros artigos que lhe documentariam, de maneira inequivoca, a prioridade na reação ao romantismo, de que tanto, e tão legitimamente, se orgulhava — ou os de critica geral ás correntes literárias da paiz — ou as paginas de critica mesmo avulsa, em comentarios isolados aos livros que surgiam — ou as anotações, que, a esse tempo, já tinha, do "folk-lore" nordestino — ou, mesmo, os versos — qualquer delas seria, sem duvida, mais representativa do seu feitio, da sua personalidade, desde aí tão marcada.

Mas, como bem observou, de uma feita, João Ribeiro, "os primeiros livros raras vezes excelem e são aventuras sempre arriscadas — ha vontade de dizer tudo, e mesmo dizer de mais — o escritor não quer ignorar o seu publico, e os seus diferentes publicos — e, assim, não pode evitar a tendencia do comentario, do arabesco e dos rendilhados que subvertem a simetria e a simplicidade das linhas geraes" (175).

<sup>(174)</sup> Silvio Roméro, «Etnologia Selvagem», loc. cit.

<sup>(175)</sup> João Ribeiro, «Afranio Peixoto», na «Revista do Brasil», vol. III, pgs. 53.

De qualquer maneira, era um livro. E um livro forte, enérgico, onde a crudição não afastava o desassombro nem a ponderação a coragem.

A repercussão foi grande.

E isso, contra todas as previsões possiveis, longe de favorecer concorreria para prejudicar ainda mais a situacão de Silvio.

Os catedráticos ainda sangravam dos remoques do estudante, e, sobretudo, das terriveis insolencias do doutorando.

No seu egoismo despeitado, poderiam, talvez, perdoar a um vencido.

Nunca, a um triunfador.

k \* \*

Seu segundo concurso para a cadeira de filosofia já estava, assim, de antemão, solucionado.

Comquanto as suas provas fossem ótimas, em nada infeniores ás do primeiro prélio, classificaram-n'o em segundo logar, dando o primeiro a um concurrente quasi anonimo, Antonio Luiz de Mello Vieira.

O resultado não constituiu surpresa.

Sabia-se no Recife, abertamente, que a congregação da Faculdade, em hipótese alguma, indicaria o nome do seu injuriador ao governo imperial.

Cincoenta anos depois, Clovis Bevilaqua encontraria nos arquivos da Faculdade o corpo de delito da prevaricação (176): Paula Baptista, em oficio reservado de 26 de Abril de 1876, "recomendava particularmente" aos dirigentes do paiz o nome de Mello Vieira como o unico

<sup>(176)</sup> Clovis Bevilaqua, «Historia da Faculdade de Direito do Recife», vol. I, pgs. 217,

meio de livrar o estabelecimento da presença comprometedora do insubordinado.

"Silvio não se conformou com a classificação --· informa Clovis - que, realmente, não era de justiça absoluta, dados os seus méritos excepcionaes de inteligencia e de preparo, alem do julgamento do concurso de 1875, anterior à defesa de tezes. Mas devemos reconhecer que se não afastou muito da justiça, como costumam pratical-a os homens. Nem sempre tem ela os olhos vendados. No ano anterior, déra-se o escandalo da defesa de tezes do futuro grande brasileiro e já escritor notavel. A congregação fôra injuriada, a magua era muito recente e os julgadores não tiveram a isenção de animo precisa para esquecer o desrespeito e vêr o mérito em sua limpida afirmação. Recorreu Silvio para o Conde d'Eu, escolhendo-o para patrono de seus direitos perante a princeza Isabel. Ignoro o efeito desse apelo - remata Clovis -mas o que é certo é que o nosso vigoroso pensador não obteve a nomeação desejada e teve de emigrar do Recife. para o sul do paiz" (177).

Antes de emigrar, casou.

A noiva, Clarinda Diamantina de Araujo, muito jovem, com 15 anos apenas, era filha de João Firmino Corrêa de Araujo e Ignez Corrêa de Araujo, ambos naturais de Pernambuco.

Um de seus firmãos, Francisco Altino Corrêa de Araujo, fôra contemporaneo de Silvio na Faculdade, tendo depois seguido a magistratura, chegando a Presidente do Superior Tribunal de Justiça de Pernambuco.

<sup>(177)</sup> Clovis Bevilaqua, ob. cit., pgs. cits,

A unica irmã, Maria, casar-se-ia, mais tarde, com outro Roméro, Benilde, irmão de Silvio, que morreu como desembargador em Sergipe.

Desse primeiro casamento — ou dessa "primeira edição", como dizia, pois foi casado tres vezes — teria Silvio quatro filhos: André, nascido em 5.6.1877; João, em 18.1.1881; Edgar, em 6.1.1884, e Clarinda, em 22.12.1885.

A mulher morreria dez anos depois do casamento, an principios de 1886, com 25 anos apenas.

#### \* \* \*

Não obstante, os oito anos que vivêra na capital de Pernambuco assinalariam o que mais tarde representaria a segunda fase da Escola do Recife (1868-1876), a sua fase "crítico-filosófica".

Da primeira, não participou. Recebera-lhe, apenas, o influxo, por Tobias, e, incidentemente, por Abreu e Lima.

Da segunda, porem, foi mais que parte, foi o centro, o eixo, o núcleo.

Vel-o justificar qualquer das suas reivindicações — a reação filosofica pelo germanismo, o folklore, a reforma da critica literária ou o criticismo poetico — é sorpreendel-o em flagrante auto-biografia.

«A' ultra-romantica generosa e entusiástica de Tobias e Castro Alves sucedera, entre outros sistemas, o realismo de Celso de Magalhães, Generino dos Santos e Souza Pinto. Tinham, antes, trabalhado nas fileiras dos adeptos de Hugo, e reagiam afinal. Seu sistema, porém, não repousava na vasta intuição naturalista do mundo e da humanidade, preparada pelo evolucionismo e pela critica. Continuavam os poetas a sacrificar ao romantismo ou ao

estreito realismo, quando eu ofereci a idéa de uma poesia, que, firme na moderna intuição criticista, edificada pelos estudos historicos, de um lado, e pelas ciencias naturaes e filosoficas, de outro, fosse a cristalização das vistas mais adeantadas do espirito contemporâneo. Um critico francez sondando os motivos intimos da poesia cética de Byron e Gœthe, encontrou-os no estado social incongruente dos fins do século XVIII e começos do XIX. Por um raciocinio simples fui levado a concluir para a poesia nova uma intuição diversa. Esta não podia mais ser pedida nem ao decrépito espiritualismo metafisico de Cousin e Jouffroy, nem ás vistas panteistas de Quinet, ou ao socialismo revolucionario de Hugo. Havia, tambem, de ser diferente de outras soluções que começavam a aparecer, como o realismo de Coppée e Richepin. e como o positivismo esteril de alguns outros. Só a concepção àgnóstica do universo, que é o grande feito da ciencia do dia, concepção que tem o triplice apoio do positivismo de Comte, das idéas evolucionistas de Spencer e da critica religiosa alemã, é que podia, a meu vêr, ser a inspiradora da arte atual.

Semelhante idéa, pouco compreendida entre nós, foi atirada á luz na Crença, periódico publicado no Recife em 1870 e desenvolvida nos anos seguintes em diversos jornaes daquela cidade. Um dos indispensaveis recursos da teoria foi combater o romantismo, de preferencia no seu predileto representante — o indianismo brasileiro. Igual oposição foi feita ao falso idealismo e ás unicas pretendidas concepções realistas. Todas as obras, quer de critica, quer de poesia, que tenho publicado no Rio de Janeiro, não passam de documentos dessa intuição literária e em grande parte são reproduções do que havia publicado antes no Recife" (178).

<sup>(178)</sup> Silvio Roméro, «Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 90 e seguintes.

A terceira fase da Escola já não o alcançou mais no Recife. Fel-a Silvio datar de 1882, dilatando-a até 1904. Ser-lhe-iam propulsores — na intuição nóva do direito, Tobias, depois José Hygino, Clovis Bevilaqua, Artur Orlando e João Vieira — na poesia científica, Martins Junior — na critica literária, Clovis, Artur Orlando e Alvares de Costa — na erudição e na historia local, José Hygino.

E' o periodo "juridico-filosofico".

Ainda nele Silvio reivindica, com enternecedora vaidade, o seu quinhão.

«Em 1882, quando já era en no Rio de Janeiro lente do Ginasio Nacional, é que foi iniciada a terceira fase da Escola do Rocife. Já estava dali ausente. Mas fui um precursor do movimento, com a minha defesa de tezes em 1875, especialmente com a dissertação, na qual já largamente caracterizava os novos horizontes do direito e pregava a sua intuição evolucionista, citando um trecho de von Ihering — da «Luta pelo Direito» — aspiração que veio a ser, mais tarde, uma realidade, com o concurso, as lições e o espirito de Tobias, nos ultimos anos de sua vida». (179)

A mesquinharia catedrática cortára-lhe a carreira; porem, mesmo ezilando-o, não o desenrairava da terra.

## 29 — Et circumdebit eum eus tenebris...

Artigo. Publicado no jornal «A Tribuna do Povo», da cidade de Estancia, Sergipe, em 7 de Julho de 1874.

<sup>(179)</sup> Silvio Roméro, «Outros Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 116,

### 30 - Discurso na Assembléa Provincial de Sergipe.

Impresso em folheto numa tipographia de Aracajú, Sergipe, em 1874. Segundo o proprio Silvio — em «nota» aos «Cantos do Fim do Século» — esse discurso «defendia um projeto sobre a historia da Provincia de Sergipe e criticava o método retrógrado e anti-científico dos nossos historiadores».

### 31 — O problema historico das raças.

Artigo. Publicado na imprensa do Recife, em 1874. Aproveitado no livro «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna».

- 32 O Indianismo e o sentimento nacional na literatura.

  Artigo. Publicado na imprensa do Recife, em 1874. Aproveitado, mais tarde, no livro «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna».
- 33 Sintese do movimento literário brasileiro atual. Série de tres artigos. Publicados na imprensa do Recife, em 1874. Aproventados no livro A Literatura Brasileira e a Critica Modernas.
- 34 Um etnólogo brasileiro.
  Artigo. A proposito de Couto de Magalhães. Publicado no semanário «A Escola», Recrie, em 1874.
- 35 Um etnólogo brasileiro: Couto de Magalhães. Artigo. Reprodução ampliada do que foi mencionado anteriormente. Apareceu essa reprodução em tres numeros do jornal «O Globo», do Rio de Janeiro, a 3, 10 e 15 de Janeiro de 1875.
- 36 Razões justificativas do art.º 482 do Codigo Comercial Brasileiro.

Tese de Direito Maritimo. Dissertação apresentada á congregação da Faculdade de Direito do Recife para o doutoramento. Tudo faz presumir que tenha sido publicada em folheto, mas ignora-se os detalhes da edição. Foi, mais

tarde, incluida nos «Novos Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 69 a 79.

#### 37 - ETNOLOGIA SELVAGEM.

1 opúsculo in 16, com 46 pgs. de texto, editado pela tipographia da Provincia, Recife, 1875. E', ainda, uma reprodução dos artigos d'«A Escola» e do «O Globo». Acrescidos de uma «advertencia» e de um «apendice», apresentou-os Silvio, desta vez, como um «estudo sobre a memoria — Região e Raças Selvagens do Brasil — de Couto de Magalhães. Foi, depois, incluido no volume «Etnographia Brasileira», pgs. 5 a 44. conforme declaração expressa de Silvio a pgs. 75. Mais tarde, passou a figurar nos «Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 17 a 46.

#### (1876-1878)

Deixando a Recife — As circumstancias que o retêm ainda alguns meses — De passagem pelo Rio — Juis municipal em Parati — Dois anos e meio de «incubação» intelectual — Sentenças que eram mais arrazoados — O repasse dos estudos filosóficos — Sondando a alma do povo — A «arrumação» do material esparso pela imprensa — Oito anos de jornalismo — Os oito livros que projeta — O aparecimento dos «Cantos do Fim do Século» — A má impressão na Côrte — O prefacio e as notas do volume :— «A Filosofia no Brasil» — Carlos von Koseritz — A «cantilena declamatoria» de Magalhães — Uma sobrecasaca que não esconde uma batina — Setecentas paginas para o aprisionamento da mocidade — Pedro Americo e Rafael — O «comtismo ferrenho» de Pereira Barreto — O Visconde do Rio Grande — Guédes Cabral e o reacionarismo catedrático baiano — A injustiça da critica — Ignorancia, mais do que má fé.

O procedimento da congregação da Faculdade de Direito para com Silvio Roméro, por ocasião do seu segundo concurso á cadeira de filosofia do seu curso anexo, o chamado Colegio das Artes, fôra de molde a conven-

cel-o da absoluta inutilidade de qualquer novo esforço para se fixar no Recife.

Na defesa de tezes, a corporação ainda tinha por si a atenuante, possivelmente mesmo a justificativa, da provocação. O desabafo, que se permitiu, ali, o doutorando, raiou pela insolencia. Os professores ter-se-iam passado a si mesmos o mais triste atestado de insensibilidade moral, si não reagissem da maneira energica, mas legitima, por que reagiram.

No concurso, entretanto, a situação mudara inteiramente. Todos os resentimentos deveríam ser esquecidos. E o moço dava prova de que, por sua parte, os esquecêra, tanto que voltava á presença dos méstres. A estes, a isenção não seria só justiça. Seria, sobretudo, elegancia moral. Perdendo-a, não foram só injustos. Foram mais. Foram covardes. E, acompanhando a covardia da desclassificação com a torpeza do oficio reservado ao governo, recomendando a nomeação do concurrente protegido, foram mais do que covardes, foram irrecusavelmente prevaricadores.

O abandono do Recife impunha-se, portanto, a Silvio, como expediente inadiavel.

Duas circumstancias, entretanto, o retêm, de Março até Novembro de 76.

A principio, a esperança de que a princeza Isabel dê provimento ao seu recurso. Anos depois, quando a ce'ebram nas festas da Abolição, volta-lhe as costas, revoltado. Porque, compreendendo bem que a lei de 13 de Maio nada valia, "absolutamente nada", de vez que "todo o trabalho já estava feito pela propaganda de cincoenta ou sessenta anos", e "os imbecis do ministerio

colheram apenas o fruto que pendia de apodrecido", dirá que é simples "matreirice safada de governichos réles" fazer com que a nação inteira "entumecida e parva, se prostire aos pés de não sei que figura de Enganadora" (180). Naquele tempo, todavia, a despeito das suas ostensivas convicções republicanas, ainda tinha ilusões ácerca da matraqueada magnanimidade da familia imperial.

Depois, quando essas ilusões se desvanecem, o que lhe estorva a vinda é a perspetiva, que lhe é pouco agradavel, de enfrentar a Côrte. Si o Recife, com os seus erros, com o seu romantismo, com a sua metafísica e os seus reacionários "de mil fórmas e matizes" o amedronta — o Rio, com a sua desdenhosa empáfia, com os seus preconceitos, com as suas ""igrejinhas" e os seus "medalhões", o aterra.

Em Novembro, se decide. Não virá, propriamente, para a Côrte. Aproximar-se-á, apenas. Depois de um certo estágio, que aproveitará para revêr os seus trabalhos, orientando-lhes a apresentação em livros, e para completar os seus estudos, reproduzindo a tentativa, malograda no Norte, de ingressar no magisterio oficial, aí, sim, "disputará o seu logar ao sol".

\* \* \*

Chega ao Rio em meiados de Novembro de 1876. Está no poder, desde 75, o gabinete Caxias.

O velho cabo de guerra, vaidoso já então das láureas que o fariam mais tarde o soldado-padrão, inimigo n.º 1 do espirito revolucionário onde quer que se manifestasse nos quatro cantos do paiz, não seria, por certo, o patrono aconselhavel para o moço rebelde.

<sup>(180)</sup> Silvio Roméro, «Novos Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 105.

Os biógrafos de Silvio não esclarecem, entretanto, si ele já veio nomeado juiz municipal em Parati, ou si essa nomeação ele a obteve aqui.

Sabe-se, apenas, que a sua permanencia no Rio foi pequena, pequenissima mesmo.

De alguns dias, apenas.

go.

Ainda em Novembro, seguiu para a vilota fluminense.

Em Parati se demóra dois anos e meio.

A unica referencia que deixou feita ás funções então ezercidas, colheu-a Artur Guimarães de seus labios nestes termos — "Quer você saber? Eu daria um bom advogado. Em Parati, tendo de dizer em autos, era aquela certeza — todos gabavam os meus articulados. Todos me temiam pelas minhas razões, que achavam fulminantes. Que advogado se perdeu!" (181).

Não era, positivamente, um elogio ao juiz.

Seria, antes, uma queixa do advogado, que não fôra, que não quizera ser, o que mais tarde se lhe afiguraria, pelo menos sob a prisma economico, um erro imperdoavel da sua vida.

Não é de crêr, de fato, que se aclimatasse ao car-

Exercido, que fosse, numa capital, em contato com grandes questões e com advogados de valor, talvez lhe seduzisse o espirito rebelde, apaixonado sempre pelos prélios da inteligencia, fossem eles quaes fossem.

Mas no ambito estreito de uma aldeia, que, mesmo hoje, pouco vale, e que, naquele tempo, ainda devia valer menos, era de asfixiar.

<sup>(181)</sup> Artur Guimorães, «Silvio Roméro de perfil», pgs. 150.

E a próva disso é a paralisação quasi completa do seu trabalho intelectual até 1879, quando veio ter definitivamente ao Rio.

\* \* \*

No ano de 1877, o primeiro que passa integralmente em Parati, não publica nada, absolutamente nada.

O tempo que lhe sobra das ocupações judiciárias — e devia ser muito — ele o consome, de preferencia, em tres misteres.

Primeiro — em repassar os seus estudos filosoficos, pois tem sempre presente a idéa de ingressar, por essa porta, no ensino oficial. Lê, fantasticamente. E lê de tudo. "Bacharel, que se interessava mais pelos estudos antropológicos do que pela aplicação a seus jurisdicionados das leis do processo civil" — diria, mais tarde, Araripe Junior — Silvio passou o seu tempo de juiz no interior "lendo e relendo o que achou em toda parte" (182).

Depois — e era outro modo de fugir á monotonia do cargo e á pouca sedução intelectual do meio — se entretinha em procurar no contato direto com o povo as observações que desde o Norte, e ha muitos anos, vinha fazendo, por onde quer que passasse, em torno do sentir e do pensar de nossa gente. Quem o quizesse encontrar, fóra das horas de audiencia, para um despacho ou um conselho, não cuidasse de achal-o nas conversas á porta da farmacia ou da delegacia. Procurasse-o nas praias, de mangas de camisa e calças arregaçadas, metido nas canôas ou para dentro das palhóças em meio aos pescadores. Sobretudo á noite, quando os "chibas" se

<sup>(182)</sup> Araripe Junior, «Silvio Roméro, polemista», Rev. Bras., vol. XVI, pgs. 118.

animavam, entrecortados de rixas, ao som de violas e pandeiros, e á luz de um "potirão", assanhadas as dansas pela "pinga" e multiplicados até o romper da madrugada os improvisos e os desafíos. Vendo as creanças a gritar o "Laranja da China? Tabaco em pó" ou a bater os "pés de pilão" depois de "uma duas argolinhas", e ouvindo, dos maiores, a "D. Infanta", a "Noiva Roubada", o "Bernal Francez", a "D. Maria e D. Arico" ou a "Tria fidalga", nos preparativos espetaculares da Festa do Espirito Santo, alheiava-se de tudo. E não se diga que assistisse, apenas, ás "funções". Participava delas. Cantava as letras, a seu modo, como as aprendera no Lagarto ou no Recife, e divertia-se extraordinariamente no anotar as "variantes", o que fazia em meio á propria festa, com grande espanto dos parceiros. De outras vezes, metia-se nos "desafios", certo de que confundiria facilmente a ingenuidade dos praieiros. Mas, perdia. "Tive repetidas ocasiões de observar e entrar nestes cantos ao desafio - conta ele - onde embalde procurava acompanhar os bardos incultos. Em prontidão de improviso, era sempre ultrapassado por eles..." (183).

O outro trabalho em que costumava ocupar os seus ócios da judicatura era o da "arrumação" do material que espalhara pelos jornaes de Pernambuco. Não o guardava, como toda gente, em cadernos, que lhe facilitassem a consulta em qualquer tempo e o protegessem da destruição. Colecionava-o, ou, melhor, amontoava-o, em grandes caixas de papelão, o que lhe tornava a procura um verdadeiro tormento e frequentemente o expunha a decepções, como se vê em grande numero de seus ensaios, quando se fazia preciso documentar com citações o que

<sup>(183)</sup> Silvio Roméro, Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil», pgs. 35.

alegava a seu respeito e dos seus companheiros do Recife.

\* \* \*

Nasce-lhe, daí, desse trabalho, a que no Parati se entrega, de "arrumar" a sua produção até então dispersa, a idéa da série intitulada — "Oito Anos de Jornalismo" — que ele concebe em oito volumes (184).

No primeiro, com o titulo de "A Poesia Contemporanea e a sua intuição naturalista", enfeixará os seus artigos do periodo da academia (1868-1873), que se ocuparam de corrigir, sobretudo, as directrizes da poesia do tempo, defendendo a poesia critica ou de orientação criticista. Teria sido a documentação da prioridade, de que tanto se ufanava, na campanha contra o romantismo no Brasil. Nunca a realizará, comtudo, a despeito do que ambiguamente publicou no prefacio aos "Ultimos Harpejos".

No segundo — "A Filosofia no Brasil — reunirá os ensaios, que já trouxera escritos do Recife, mas, ao que tudo leva a presumir, nunca divulgára pela imprensa, contra os cultores da filosofia classica entre nós e em defesa das tentativas de insubordinação do Visconde do Rio Grande, de Pereira Barreto, de Tobias e de Guedes Cabral.

No terceiro — "Cantos do Fim do Século" — a produção poética dos primeiros anos.

No quarto — "A Literatura Brasileira e a Critica Moderna" — os artigos de critica geral ás correntes literarias do paiz.

No quinto — "Paginas de Critica" — os que escapavam a essa diretriz mais ampla, a esse "ensaio de

<sup>(184)</sup> Silvio Roméro, «Cantos do Fim do Século», nota no fim do volume.

generalisação", como ele o chamaria depois, e se atinham de preferencia ao comentario por assim dizer particular de livros ou de autores. Não o publicará, tambem. Será, depois, senão no todo, pelo menos o núcleo, dos "Estudos de Literatura Contemporanea", que trazem, aliás, o subtitulo de "paginas de critica" (185).

No sexto — Cantos e Contos Populares do Brasil" — a anotação escrupulosa do nosso "folk-lore", sobretudo do nordestino, em que se interessava desde a meninice.

No sétimo — "O Poema das Americas" — realização poética de grande envergadura, de que ele publicára fragmentos na imprensa do Recife e sempre se mostrava preocupado em concluir. Não o fará nunca. Os fragmentos encontrarão, depois, nova acolhida nos "Ultimos Harpejos".

No oitavo — "A caba de um sonhador" — poesias avulsas, que, tudo faz crêr, constituiriam mais tarde as duas ultimas partes dos "Ultimos Harpejos".

Pensou, ainda, em um nono — "As Ciencias Sociaes e Politicas no Brasil" — em que reuniria apreciações, que nunca teve ocasião de publicar, sobre o "Socialismo" de Abreu e Lima, "A Provincia" de Tavares Bastos, o "Catecismo Constitucional" de Agesiláo, as "Biblias Falsificadas" de Abreu e Lima, "A Igreja e o Estado" de Saldanha Marinho e o "Rom vor dem Tribunal de Jahrhunderts" de Carlos von Koseritz" (186).

Foi um ano, portanto, esse de 77, de pura "preparação".

<sup>(185)</sup> Silvio Roméro, «Estudos de Literatura Contemporanea», frontispicio, pgs. 3.

<sup>(186)</sup> Silvia Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 175-176, nota.

Araripe dirá — de "incubação". "Antes de chegar ao Rio de Janeiro — escreve ele — nova Jericó que devia ruir ao som das trombetas do Josué sergipano, Silvio andou ezercendo o cargo de juiz municipal em Parati. Este periodo, ao que parece, foi-lhe de proveitosa incubação..." (187).

Já o ano seguinte, o de 78, diferiria um pouco.

Não que Silvio voltasse a produzir. Continuou afastado de qualquer atividade creadora. Preocupado, apenas,

em lêr e coligir o que já publicára.

Mas deu inicio ás edições prometidas da serie "Oito Anos de Jornalismo", fazendo imprimir na Tipografia Fluminense, do Rio de Janeiro, os seus "Cantos do Fim do Século."

O livro apareceu em um grosso volume de 232 paginas, de máo aspeto gráfico, desageitado, provinciano, com os titulos em desalinho e inúmeros descuidos de revisão.

Nada do apuro que presidiria, mais tarde, á confecão dos "Ultimos Harbejos".

Um autentico "quarta-pacio".

Intelectualmente, não tinha só a desvantagem de reunir máos versos.

Agravavam-n'o, ainda, dois fatores.

Um, o prefácio, contendo a magnifica profissão de fé que era o ensaio em tempos publicado com o titulo de "A Poesia de Hoje".

Si Silvio o divulgasse, separadamente, em folheto, ou mesmo reunido aos que deviam completar o volume projetado com o nome de "A Poesia Contemporanea e

<sup>(187)</sup> Araripe Junior, «Silvio Roméro, polemista», Rev. Bras., vol. XVI, pgs. 118.

, a sua intuição naturalista", o crítico teria tomado, de assalto, a cidadéla, que sabia hostil, mas que seria impotente para lhe enfrentar o arrojo da investida.

Posto, que foi, porem, á testa de uma coletanea de produções reconhecidamente inferiores, que tinham a ousadia de se apresentar como uma "ezemplificação" das teorias desposadas no ensaio, só serviu para agravar o fracasso, acentuando-o.

Outro, as "notas", que aditou, em post-facio, ao volume.

Algumas se justificavam como explicação perfeitamente admissivel, senão mesmo necessaria, dos propositos a que atendia o livro, das condições em que êle fôra feito.

«O trabalho foi concebido no meio dos majores desvarios romanticos por que uma vez passou a lingua portugueza em Pernambuco (1869-1873), mas o autor procurou reagir, não com o para sempre sepultado classicismo, ou com o pretendido realismo, e sim por um meio mais em harmonia com as luzes do seu tempo. A humanidade e a natureza deram-lhe a materia e uma filosofia mais adeantada forneceu-lhe a arma. A lei da relatividade em todos os fatos naturaes e humanos é a base da obra, é o motivo da distribuição, á primeira vista caprichosa, das suas peças. Todos os assuntos, grandes ou pequenos, foram trabalhados com nobreza, que também tem o seu direito na cidade da poesia. O que o autor fez foi o que a realidade lhe mostrou. O livro não é um poema, no ordinario sentido, porque não tem um enredo, e cada poesia pode ser tomada á parte — não é tambem uma coleção de cantos soltos. sem nexo algum, pois todos os seus têm um nexo que os prende entre si.

São hinos — como o autor os pôde fazer — lançados ao seio da Humanidade e da grande mãe — a Natureza...» (188)

Outras, no emtanto, se mostravam de uma impropriedade a toda prova.

Assim, a que, para fazer valer o escrúpulo, a coerencia filosófica, com que se orientára em sua poesia, que «poderia ser mediocre, mas nada tinha do maravilhoso romantico», punha-se a enumerar as «descaídas» em que, por não ter tido identico cuidado, resvalára o proprio Hugo, na «Legende des Siècles», preocupandose frequentemente com o «infinito», que «nas relações humanas não corresponde a realidade alguma», e com outras fantasias que o mostraram deploravelmente «influenciado pela metafísica estreita do espiritualismo francez»... (189)

Por mais serena, por mais imparcial que fosse, por mais isenta de paixões que se quizesse mostrar a seu respeito a critica da Côrte, de que ele no Recife tanto desfizera, não se lhe poderia ezigir que desviasse os olhos dessas "quixotadas" tão chocantes.

Um mérito não se pode contestar ao livro — o de seu plano.

Raras vezes um poeta terá subordinado a sua inspiração a um roteiro mais amplo e, ao mesmo tempo, mais seguro.

<sup>(188)</sup> Silvio Roméra, «Cantos do Fim do Século», nota no fim do volume.

<sup>(189)</sup> Silvio Roméro, «Cantos do Fim do Século», nota no fim do volume.

Na primeira parte, intitulada "A Humanidade", se agrupavam as poesias — Deus, o Diabo, Jesus, Mahomet, Roma, Mazzini, O Monarca, A Revolução, O Céo, O Inferno, As Cruzadas, Saladino, A Religião, O Pensamento, A Crença, A Duvida, A Civilisação, A Escravidão, O Destino, A Liberdade, A Alma e A Morte.

Na segunda - a que chamou de "A Natureza", reuniu — a Estrela, A Nuvem, A Luz, A Sombra, A Flôr, O Espinho, O Aroma, O Veneno, A Aguia, A Serpe, A Montanha, O Abismo, A Terra, O Mar. A Moça, A Camelia, A Mata, O Pampa, A Manhã, A Noite, O Vergel e A Solidão.

Na terceira e ultima parte, a que deu o nome de "Epílogo", fez figurar apenas duas Poesias - O Infinito e O Nada" (190).

Não resta a menor duvida que é admiravel de concepção. "Seus temas não são desses que se encontram em todos os livros de versos — disse, com propriedade, Clovis Bevilaqua". São seus e falam a todos" (191).

Isso é irrecusavel.

Mas, quando ele passava do plano á ezecução, da teoria á realidade, a desfiguração era cruel.

Foi o que Machado de Assis soube exprimir, com a delicadeza que lhe era tão propria, dizendo que Silvio tinha "idéas de poéta", mas lhe faltava, em absoluto, "forma poética".

"Os Cantos do Fim do Século — escreveu ele podem ser um documento de aplicação, mas não dão a conhecer um poeta, e, para tudo dizer numa só palavra, o Sr. Roméro não possúe a forma poética. Creio que

(191) Clovis Bevilaqua, «Epocas e Individualidades», pgs. 128.

<sup>(190)</sup> Silvio Roméro, «Cantos do Fim do Século», indice, ultimas paginas.

o leitor não será tão inadvertido que suponha referir-me a uma certa terminologia convencional. Tambem não aludo especialmente á metrificação. Falo da fórma poetica, em seu genuino sentido. Um homem pode ter as mais elevadas idéas, as comoções mais fortes, e realçal-as todas por uma imaginação viva. Dará, com isso, uma excelente pagina de prosa, si souber escrevel-a, ou um trecho de grande ou maviosa poesia, si fôr poeta. O que é indispensavel é que possua a forma em que se exprimir..." (192).

\* \* \*

E' interessante assinalar, comtudo, que Silvio, a principio conformado com o seu insucesso poético, insurgiuse, depois, contra os censores, que nada mais faziam do que repetir aquilo que ele proprio já reconhecera.

"O livro — escrevia ele, de fato, entre as notas do post-facio — não tem a minima pretenção de haver atingido, e sim apenas apontado, o alvo que ficou indicado. E' uma sortida no campo de uma poesia mais sã, sem a vaidade de deixar de ser muito vacilante e imperfeita..." (193).

Depois, em 1882, quando publicou os *Ultimos Har-pejos*" foi alem, foi ao ponto de dizer que se ocupára com a poesia dos 18 aos 22 anos, "quando era mais crente ou mais tôlo" (194).

<sup>(192)</sup> Machado de Assis, «A Nova Geração», na «Rev. Bras.», e, mais tarde, em «Criticas».

<sup>(195)</sup> Silvio Roméro, «Cantos do Fim do Século», nota no fim do volume.

<sup>(194)</sup> Silvio Roméro, «Ultimos Harpejos», pgs. V.

Entretanto, mais tarde, não teve duvida em dizer que a critica "não compreendera a sua poesia", a que ainda "haveria de fazer justiça..." (195).

\* \* \*

Ainda em 78 publica Silvio "A Filosofia no Brasil."

Neste, sim, o pensador nos surge em sua plenitude. E' um livro pensado, amadurecido, meditado.

Os oito ensaios que o compõem, escritos todos em 76, quando Silvio ainda estava no Recife, poderiam ter saído, a maneira dos outros que escreveu por esse tempo, nas colunas da imprensa.

Não lhes faltava, para isso, vibração. Nem interesse. Embora não versassem sobre livros de momento, a atualidade lhes seria dada pelo proprio assunto, que era de todos os tempos, e pela combatividade esplendida que os animava, capaz de revitalizar qualquer materia de que se ocupasse.

Um sentimento diferente, todavia, de responsabilidade, como que lhe dava uma conciencia diversa do valor de taes escritos e o convencia da necessidade de os preservar dos riscos da publicidade efêmera e da divulgação precipitada.

Daí a idéa, estranha, quasi virgem, em Silvio, de só os dar em livro, de uma unica vez.

«O titulo deste pequeno ensaio — dizia ele, em «nota inicial», na testada do volume — talvez excite um sorriso de mófa em alguem que saiba qual o estado do pensamento brasileiro, qual a contribuição que o Brasil tem levado ao movimento científico da huma-

<sup>(195)</sup> Silvio Roméro, «Historia da Literatura Brasileira». vol. II, pgs. 467.

nidade. Todavia, ha sério naquelas palavras... Eu quero justamente ocupar-me da filisofia no Brasil. Desejo indicar a evolução dessa materia neste paiz.

Parece-me que, até em razão do pouco caminho que os diversos ramos científicos têm feito entre nós, á critica incumbe o dever de tracar a resenha do terreno por eles percorrido

Da idéa ezata do pouco que temos feito é que, na hora atual, devemos tomar novas forças em busca de um ar mais puro, atraz de um futuro melhor.

Seria vantajoso que cada um, na esfera da sua especialidade, inquiridas as causas de nosso atrazo em matemática, astronomia, física, biologia, filosofia... ezaminasse o que, nos diferentes ramos da cultura humana, havemos produzido, e, dest'arte, habilitasse o espirito nacional a formar uma conciencia mais ezata de seu temperamento.

E' possivel que algum cantor das patrias glorias vocifere contra o engano que, a seus olhos, aí fica do nosso pouco valor nas ciencias enumeradas... Mais calma e mais atenção: como autor destas linhas, não duvido, antes acredito, que tenhamos homens habilitados nalguns daqueles distritos do saber. Afeito, porém, a contar sómente com aquilo que se manifesta no mundo objetivo, inclinado a só discutir o observavel, só aos produtos da imprensa se dirige a minha nota.

Não contesto, por ezemplo, que entre os habitantes, de origem nacional, do vasto imperio americano, alguns ezistam que se achem em dia com as evoluções ultimas da filosofia. Não me repugna acreditar que algum abade possa, entre nós, ezistir que sinta sobre os hombros o peso de uma cabeça de filósofo. Bien puede ser!... São fenomenos, comtudo, que não vêm á luz, e a critica nada sabe das ciencias hermeticamente aferrolhadas.

Tratando, pois, dos filosofos brasileiros, dirijo-me sómente aos escritores da respetiva ciencia entre nós.

E' um tentamen de análise que, talvez, um dia, possa estender a outros ramos do saber neste paíz,

Temos mister destas pequenas monografias». (196)

\* \* \*

"A Filosofia no Brasil" foi editada em Porto Alegre. Tal circumstancia poderia fazer crêr que Silvio andára, pelo menos de passagem, pelo Rio Grande do Sul.

O fato tem, no emtanto, outra explicação.

Em 1876, um alemão, um "distinto escritor alemão — brasileiro", como o chamava Silvio, Carlos von Koseritz — escreveu no "Deutsche Zeitung", da capital gaúcha, um artigo sobre Tobias Barreto, a proposito de uns ensaios que o filosófo sergipano andava publicando em idioma germanico.

Silvio, atento, desde então, a tudo o que se escrevia a respeito de Tobias, comunicou-se com o jornalista do sul.

Nasceu, daí, uma ecelente camaradagem entre os dois, a qual só se interromperia quinze anos depois, quando, por um equivoco lamentavel, Koseritz, intepretando o "germanismo intelectual" de Silvio como adesão implicita ao "germanismo político", que já sonhava então com a Alemanha Antártica, obrigou-o a um rompimento espetacular, anunciado da propria tribuna da Camara dos Deputados (197).

Em 1876, comtudo, sabendo que Silvio, ainda no Recife, cogitava de reunir em livro varios ensaios sobre os cultores de filosofia no Brasil, entre os quaes se con-

<sup>(196)</sup> Silvio Romêro, «A Filosofia no Brasil», pgs. VII e VIII.

<sup>(197)</sup> Silvio Roméro, «Discursos», pgs. 112.

tava um sobre Tobias, Koseritz apressa-se em lhe pedir que o deixasse editar o volume.

A permissão foi dada prontamente, mas só dois anos depois o livro apareceu.

\* \* \*

"E' visivel — diz Araripe Junior — a influencia do livro de Taine, "Os filósofos francezes do seculo XIX\*, nesses estudos de Silvio Roméro: ha, em ambos, a mesma preocupação de matar o pensador pelo ridiculo" (198).

Efetivamente, é essa a nota dominante na sua parte que poderiamos chamar de negativa, isto é, naquela em que se propõe a destruir os medalhões que passavam por flósofos no Brasil.

Ha, porem, ao par dessa, uma outra, positiva, em que são realçados os esforços de alguns espiritos rebeldes aos cánones do tempo.

Aí, as armas empregadas já são outras.

Ou o são, pelo menos, as vitimas do seu sarcasmo impiedoso...

A primeira figura analisada é a de Mont'Alverne.

Foi Mont'Alverne o primeiro autor brasileiro que se ocupou de assuntos filósoficos em livro.

O seu "Compendio de Filosofia", aparecido em 1857, depois de sua morte, foi escrito entretanto em 1833.

Silvio investe, furioso, contra o livro e contra o autor.

<sup>(198)</sup> Araripe Junior, «Silvio Roméro, polemista», Rev. Bras., vol. XV, pgs. 202.

O livro é, apenas, um "livrinho", um "pobre", "desventurado" e "desditoso" livrinho.

O autor não passava de um retórico empolado, confuso, trapalhão e presumido. "A figura do célebre brasileiro torna-se tão minima (através do compendio) que quasi nos escapa das mãos".

A certa altura do livrinho, o padre diz que "abandonou-se, com igual ardor, á eloquencia, á filosofia e á teologia".

eEste pedaço vale uma psicologia — diz Silvio. Ele manifesta a toda luz o estado mental do seu autor. Essa junção, que lhe pareceu, e aos contemporaneos, tão natural, da eloquencia com a filosofia e a teologia, é, hoje, uma extravagancia inaceitavel. A filosofia repele a eloquencia, pois emquanto o filósofo deve ser um homem de estudo, prescrutador e analista, o orador deve ser um homem de imaginação, sintético e brilhantes. Quanto á filosofia e á teologia «ninguem, a não ser um encarcerado da ignorancia, ousa contestar que se repilam. Amigas aparentes e depois irreconciliáveis rivaes, hoje uma delas é uma ruina nociva sobre que a outra passa impávida. (199).

\* \* \*

Ségue-se, na berlinda, o autor das "Investigações de Psicologia", Eduardo Ferreira França.

Para Silvio, esse médico baiano não passava, tambem, de um discipulo de Royer Collard e Cousin, isto é, da "reação espiritualista, superficial e palavrosa" que aqueles mestres "mais parlantes que profundos" haviam inaugurado em França.

<sup>(199)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 1 a 12.

Quer na forma, quer no fundo, o nosso patricio era, apenas, um macaqueador imperfeito.

Na fórma se distanciava enormemente, pois não se pode negar aos vanguardeiros da reação franceza "paginas fulgurantes" de que o baiano, pelas agrúras do seu estilo incorreto se constituia "um éco rouco e débil".

Quanto ao fundo, a assimilação imperfeita do dicipulo compromete os mestres. Tem "vacilações e inconsequencias" que se não encontram neles. "Para bater o pretendido pensador baiano — diz Silvio — é bastante tomar assento no seio de sua propria escola, sem ser preciso pedir as armas a uma ordem superior das idéas em nossos dias" (200).

\* \* \*

Domingos de Magalhães não parece a Silvio mais digno de apreço do que os outros "filósofos" já nomeados.

Nele, "o poeta", a quem reconhece "algum merecimento", "entrelaça aos vôos, um pouco amortecidos, de sua imaginação, tiradas de sua metafísica — o filósofo exibe-nos próvas de uma poesia rançosa nas paginas do seu livro".

«Na historia dos dois dominios intelectuaes, em que se ezercitou, não ha de fazer uma figura muito eminente, como á mania patriotica tem servido parecer. O sr. de Magalhães é um romantico e um espiritualista catolico. Dotado de pouco vigor de imaginação, não tem brilhos de estilo; pouco profundo, não devassou sériamente nenhum dos segredos da ciencia». Como poeta, começou «balbuciando as primeiras palavras de um sistema literario já

<sup>(200)</sup> Silvio Roméro, aA Filosofia no Brasil, pgs. 13 a 21.

decadente». «Quando apareceu como filósofo, sonpreendeu a todos, que o supunham alheio ás especulações sérias e deviam ter
notado a sua incompetencia para as questões graves». «Em tedo
caso, Magalhães é sempre um anacronismo e um dos fatores da
nossa pequenez intelectual. Foi sempre um homem de meias medidas, meio classico e meio teólogo, com intenções a espirito
moderno».

Os seus «Fatos do Espirito Humano» são «uma veleidade», «uma cantilena declamatoria» e nada mais. (20)

\* \* \*

O padre Patricio Moniz, que fôra professor de Silvio no "Ateneu Fluminense", "portuguez que tem vivido desde muito no Brasil", não se filia á escola dos outros "filósofos" ezaminados.

Combate o ecletismo de Cousin, que os outros aceitam.

Elogia Kant, que os outros censuram.

Mas, no fundo, se mostra tão confuso e tão trapalhão como eles...

Logo de inicio opõe uma dificuldade a quem o estuda — é um pessimo escritor.

"O padre Patricio — diz Silvio — é dificil de refutar, porque é dificil de lêr".

Vencida, todavia, essa dificuldade, não oferece nenhuma vantagem em compensação.

«O empenho de Patricio é combater o sensualismo e tambem o panteismo. Para esse duplo mister ele vae buscar as suas armas na idade-média. A teologia catolica, em suas mãos, reveste-se de uma sobrecasaca emprestada pela metafisica moderna, mas deixa

<sup>(201)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 32 a 34.

vêr bem a batina... O todo é grotesco. O filosofo padre-mestre se julga, entretanto, muito adeantado e seguro. Os seus esforços para desenvolver a filosofia no catolicismo são um serviço real á patria. Seu livro é consagrado a Nossa Senhora c dedicado ao sr. Pedro II. Não sei como tão harmoniosa lhe parece essa junção...» (202)

\* \* \*

O tomista Soriano de Souza "é um autor impertinente que nenhum vácuo deixaria no quadro da literatura brasileira, si nunca tivesse aparecido" — diz Sivio. "Ele aí figura para acanhamento nosso. E' certo que ninguem o lê, a não serem, em minima escala, os seus dicipulos de colegio, nos quaes, não raro, percebe-se um riso escarninho quando pegam no enorme bacamarte que se intitula o "Compendio de Filosofia ordenado segundo os principios e o método do Angelico Doutor"... São setecentas paginas votadas ao atrazo e ao encadêamento da mocidade! Ali, respira-se um ar abafado, a inquisição do pensamento irrita e molesta". "Nada eziste a analisar. Um livro cadáver não se discute. A filosofia não é um anfiteatro anatomico". Trata-se apenas, de um "indigesto compilador de teologia, um espirito mefítico e importuno, enclaustrado na idade média" (203).

\* \* \*

Pedro Americo já se apresenta a Silvio com algumas qualidades.

Uma delas, a maior, "è, sem duvida, um certo espirito de liberdade" que o seu livro — "La Science et les Systemes" — revela.

<sup>(202)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 35 a 44. (203) Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 45 a 49.

Outra é "o entuziasmo pelas artes e pela natureza, que tambem transborda do conjunto do trabalho".

Mas, a não serem essas "virtudes", o livrinho nada

apresenta de notavel.

O seu autor é "espiritualista". Pertence "á parte liberal do ecletismo francez, sectario da razão inerravel, um pouco refratario á teologia". "Suas vistas historicas são tiradas de Michelet e Quinet, estes dois fundadores da escola historica franceza da simetria e da declamação".

Trata-se, porem, apenas, de um repetidor.

E isso é imperdoavel a um espirito que se preze.

Depois de Mommsen e de Bukle "è muita ingenuidade andar a repetir os palavrões de Michelet e de Quinet".

Por isso, Silvio o aconselha a continuar como pintor, renunciado ás veleidades de filósofo.

"Rafael, tambem, deixou escritos, mas ninguem deles se lembra hoje, deante de seus quadros..." (204).

\* \* \*

Já a situação de Pereira Barreto, em face da critica de Silvio, é muito diferente da dos outros "filósofos" de que se ocupa.

Estamos em bôa companhia — diz ele, logo no co-

meço do estudo.

"Minha pena não deve mais agitar-se trêmula sobre

o papel. Idéas amigas lhe darão suave curso".

Pereira Barreto é positivista. Isso o aproxima de Silvio, que, até pouco antes, o fôra. "Outróra seu sectario — confessa Silvio — só o deixei quando livros mais desprevenidos e fecundos me chegaram ás mãos. Comte

<sup>(204)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 49 a 65.

só foi largado por amor a Spencer, a Darwin, a Haeckel, a Büchner, a Vogt, a Moleschott, a Huxley".

Pereira Barreto é, porem, mais do que positivista. E' "um comtista ferrenho". Isso o expõe a criticas. E Silvio as faz, sem peias, delineando, desde aí, a sua oposição ao sistema, já como filósofia, já como politica.

Outro ponto, que Silvio tambem louva em Pereira Barreto, é o da sua "grande cópia de vistas e juizos seguros e aproveitaveis no modo de encarar as coisas do Brasil" (205).

Isso explica o extraordinario desenvolvimento que dá á sua critica ao escritor paulista.

O livro "O Fim da Creação ou A Natureza interpretada pelo Senso Comum" não teve autor declarado.

Mas ninguem poz em duvida que fosse de José Araujo Ribeiro, Visconde do Rio Grande, a quem Sirvio apezar de chamar de "membro mudo do Senado brasieiro" considéra "não só um dos nossos escritores filósofos mais originaes e profundos, como dos mais despreocupados dos afêrros da educação".

"Não devemos formar do Sr. Visconde do Rio Grande a idea de que seja um sábio. E', apenas, nas ciencias, um diletante, mas diletante conciente". Ainda assim, não obstante só dispor de uma erudição de segunda ou terceira mão, o nosso autor revela, em todo o seu escrito, uma grande tensão de espirito e um elevado senso critico".

Entre os "grandes méritos" do livro Silvio aponta "o ser franco sectario do darwinismo, o delucidar com

<sup>(205)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 66 a 94.

vantagem muitos pontos obscuros da geologia brasileira e o demonstrar suficientemente o fim principal que se propoz", o que tudo fez com "clareza de exposição", "trabalho metódico" e "estilo simples e chão" (206).

\* \* \*

Domingos Guédes Cabral foi um médico baiano, formado em 1875.

"Escolheu para objeto de sua teze inaugural o espinhoso assunto — "As funções do cérebro — a que deu uma resposta de acordo com as idéas de naturalismo filosofico mais acreditado em nossos dias. Era a primeira vez que um doutorando ousava fazer ouvir, em documento publico, no recinto de uma das nossas tristes academias de medicina, o brado da ciencia emancipada. A teze foi repelida, substituindo-a o autor por outra — Qual o melhor tratamento da fébre amarela?". Entretanto, a mocidade academica reagiu, a seu modo, fazendo publicar o belo trabalho do jovem baiano".

O merecimento do livro, ao que parece, está, principalmente, neste fato, nas circumstancias em que veio a publico.

Intrinsecamente, é apenas "um apanhado ligeiro e claro, feito á luz de muitas citações, de algumas questões momentosas discutidas sobre o cérebro".

Entretanto, alem do estudo propriamente do cérebro e das suas funções, discorria sobre outros temas como "as localisações das faculdades intelectuaes", a "origem das

<sup>(206)</sup> Silvio Romero, «A Filosofia no Brasil», pgs. 95 a 117.

idéas ditas moraes" e até mesmo "a questão das paixões e do crime" (207).

\* \* \*

O ultimo autor de que se ocupava Silvio era Tobias.

E isso a proposito de alguns ensaios filosoficos escritos em lingua alemã.

Na epoca em que escreveu esses ensaios, Tobias vivia arredio numa pequena cidade pernambucana — a Escada — a trez leguas do Recife. Ai mantinham, ele e um sobrinho de 16 anos, uma tipografia onde imprimiam alguns periódicos e pequenas brochuras. Uma destas foi o "Brasilien wie es ist in literarischer Hinsicht betrachet". Carlos von Koseritz, jornalista alemão, publicou no "Deutsche Zeitung", de Porto Aegre, uma apreciação sobre o livro. Silvio aproveitou o fato para focalizar, mais uma vez, o amigo.

Já a esse tempo, a sua admiração por Tobias era enorme. Considerava-o "notavel poeta e não menos notavel filósofo", empolgando-se, sobretudo, pela sua "nobre individualidade", pelo seu "civismo heroico das letras". E dizia — "não tenho ao dr. Tobias Barreto na conta de genio, mas peço que me apotem, a mim que gosto um pouco de estudar imparcialmente a vida intelectual de minha patria, onde se acham os espiritos brasileiros superiores ao desprezado critico de Sergipe" (208).

<sup>(207)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 118 · a 136.

<sup>(208)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 137 a 173.

O livro não se limita, comtudo, a esses oito ensaios, em que Araripe Junior via — "postos de parte os entusiasmos de moço e o espirito de aggressibilidade instinctiva do autor" — "um dos capitulos mais vibrantes da nossa historia literária" (209).

No fim do volume, á guiza de "conclusão", depois de se justificar de "ter deixado á margem algumas obras que entendeu não dever contemplar" por serem "daquelas que estão debaixo da critica e não devem figurar num trabalho serio" (210), passa a tratar dele proprio, da sua posição dentro do quadro que traçou.

E então passa a fazer a "profissão de fé", a que já tivemos oportunidade de aludir, declarando que o seu sistema filosofico "reduz-se a não ter sistema nenhum, porque um sistema prende e comprime sempre a verdade".

Fôra, de inicio, positivista, "sectario convicto do positivismo de Comte, não na direção que este lhe deu nos ultimos anos de sua vida, mas na ramificação capitaneada por Littré".

Depois que conheceu o transformismo de Darwin procurou "harmonizar os dois sistemas num criticismo amplo e fecundo".

Essa era "a sua filosofia".

Todavia — tinha o cuidado de dizer — "eu não me quero dar por mais do que sou em materia literaria e científica, isto é, um simples dicipulo, que busca sómente ser aplicado e conciencioso, diligente e emancipado".

"Quem déra que todos os nossos pretendidos savants tivessem esta franqueza" (211).

<sup>(209)</sup> Araripe Junior, «Silvio Roméro, polemista», in «Rev. Bras.», vol. XV, pgs. 201.

<sup>(210)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 174.

<sup>(211)</sup> Silvio Roméro, a Filosofia no Brasil, pgs. 183.

O-acolhimento que a critica da Côrte fez ao livro do ensaista não foi melhor do que o que dispensára ao

do poeta.

Silvio tinha razão. Não era ás suas obras que se criticava. Era a ele.

E, como ele investira, desde os bancos academicos, contra as leviandades dos seus julgamentos, das suas "côteries", dos seus "elogios mutuos", dos seus "partispris", fosse qual fosse o mérito do que publicasse — ou versos máos ou ótimos ensaios — a reprovação cairía, sempre, sobre ele, sistemática, céga, inevitavel.

Má fé? Talvez em um ou outro. Mas, sobretudo,

ignorancia.

"O espirito que transpirava dos ensaios — observou Araripe — foi tido como truculentissimo e abstruso.

Tal era, com efeito, a ignorancia dos leitores relativamente aos progressos realizados pela critica filosófica" (212).

A Silvio, todavia, desta vez, a critica não desaponta. Pelo contrario, anima.

Ele como que a espera e ezige mesmo.

"A impressão que o livro produziu no Rio de Janeiro — é ainda Araripe quem o diz — não deve ser avaliada senão pelos despeitos daqueles merecimentos que nesse panfleto filosofico eram negados.

Com efeito, Silvio Roméro não faz outro cuidado nesse trabalho violento senão mostrar a ignorancia do

sul relativamente ao norte.

<sup>(212)</sup> Araripe Junior, «Silvio Roméro, polemista», R. B., v. XV, pgs. 201.

Era indispensavel fazer com os próceres da capital o mesmo que fizera na sua defesa de tezes com o dr. Coelho Rodrigues: chamou-os de retrógrados, de atrazados. "A metafísica morrêra e no emtanto eles ainda sorriam deante do seu cadaver".

Alem disso, "Silvio sustentava que no Rio de Janeiro não havia um só homem que pudesse competir em estatura intelectual com Tobias Barreto".

Como é facil imaginar, aqueles que mais de perto eram ameaçados de expropriação nos seus titulos de benemerencia literaria crearam logo um apôdo espirituoso para deprimir as pretenções que o livro denunciava.

Disse-se que Silvio Roméro era o corifeu de uma escola sem discipulos, á qual se deu o nome de teuto-sergipana.

E não houve desproposito que se lhe não atribuisse..." (213).

Não admira que assim fosse.

Anos depois, vinte anos depois, o proprio Araripe Junior, amigo intimo de Silvio, seu companheiro em varias iniciativas communs, escrevia a proposito desse momento decisivo da sua vida:

"Si é verdade que Tobias Barreto deve a Silvio Roméro a reputação de que hoje goza, não é menos ezato que este tem havido daquele seu amigo pretexto para os seus melhores dias de glorias. Não direi que o autor dos "Dias e Noites" representasse o papel de gato morto atirado á cara da Messalina fluminense. Mas penso que o antigo mestre de latim servia-lhe de magnifica funda para arrojar pédras aos gigantes da rua do Ouvidor. Cada

<sup>(213)</sup> Araripe Junior «Silvio Roméro, polemista», R. B., v. cit., pgs. 201.

qual tem o direito de usar dos processos que lhe são mais fáceis. Neste particular, Silvio foi um artista..." (214). De quem mais haveria de esperar justiça?

\* \* \*

Em principios de Abril de 1879 deixa a cidade de Parati e vem se fixar no Rio.

#### 38 - CANTOS DO FIM DO SÉCULO.

1 voli, in 16, com XXII pgs. numeradas em algarismos romanos contendo um prefacio — 232 pgs. de texto e 16 de enotas» de numeração seguida á do texto. Editado na Tipografia Fluminense, Rio de Janeiro, 1878. Compostas de 1869 a 1873, muitas das poesias que formam este livro foram publicadas em jornais do Recife antes de aparecerem reunidas em volume. O livro é dividido em tres partes, contendo ainda uma dedicatoria, em verso, á America.

## 39 - A FILOSOFIA NO BRASIL.

1 v·l. in 18 de X → 192 pys., editado na Tipografia da «Deutsche Zeitung», de Porto Alegre, 1878. Ensaio critico. Publicado com o subtitulo de «Apontamentos para a Historia da Literatura Brasileira no seculo XIX». Subordinado, ainda, á indicação de «Oito Anos de Jornalismo». Os dez capitulos que formam este volume foram escritos em 1876, mas a edição, encomendada a Koserltz para esse mesmo ano, só pôde ter logar em 1878.

<sup>(214)</sup> Araripe Junior, «Silvio Roméro, polemista», R. B., v. cit., pgs. 379,

### (1879)

A fixação na Côrte - A cascavel emboscada na rua do Ouvidors - Labieno e o spárbaro» - João Ribeiro e o caso de Afrânio Peixoto - Enfrentando a velha inimiga - A codiosa ladra» e a sprostituta dos Césares» — Receita para agradar — As quatro parcelas do sucesso dos provincianos no Rio - Ao arrepio da corrente — Como Silvio chegou — A subestimação esagerada do valor da capital !- Lopes Trovão - «O Reporter» - A linguagem genuina do nosso povo - Em busca de editor - Feuerbach - A violencia extrema da critica barlamentar - «A Ciencia Politica e os Pigmeus do Brasila - A batalha política depois da literaria - Como Silvio a inicia - O seu método - José Bonifacio, «doutrinario romantico» — O diletantismo de Nabuco — Sinimbu, o homem do sjuste milieu» - O salfarrabismo juridico» de Lafayete — Ouro-Preto, «chicanista politico» — Osório e a farda de ministro - A cinteligencia moleirona» de Cotegipe -Silveira Martins, jornalista, orador e ministro - Um elogio, de que depois se penitenciaria, a Martinho de Campos — O Visconde do Rio Branco, adversario de bôa fé - João Alfredo, ca mais perfeita incarnação do filhotismo, - A ultima cronica de Feuerbach.

"Quando Silvio apareceu no Rio de Janeiro — diz Araripe Junior — a avaliar pelas antipatías que contra ele se levantaram, tanto entre moços como entre velhos homens de letras, dir-se-ia que uma cascavel vinda dos sertões de Sergipe, tinha se emboscado á rua do Ouvidor e ameaçava a todo o mundo com a violencia de sua mortifera peçonha.

Enganavam-se aqueles que isto supunham: Silvio Roméro, longe de trazer essa enorme soma de veneno crotálico, chegava á capital do Brasil ávido de bôas impressões e cheio de amor pelas coizas pátrias.

Um elemento, comtudo, lhe faltava — e isto é bastante para explicar a grita que se levantou então — um elemento indispensavel a todos aqueles que, propondo-se uma propaganda dificil, são forçados a realizal-a rápidamente e entre gente habituada aos requintes da vida incomparavel das grandes capitaes. Esse elemento é a sagacidade ou a polidez artificial dos centros civilisados, a que se referia Schopenhauer dizendo que, sem ela, os homens se entredevorariam.

Silvio Roméro não a possuia.

Apresentando-se na arena nú como um atleta antigo, e com os seus habitos de franqueza nortista, o critico sergipano foi recebido a maneira de um bárbaro. Pouco importava que esse barbaro trouxesse um cérebro iluminado pelos fócos científicos do néo-criticismo alemão. A dinâmica de suas idéas, a rudeza dos seus argumentos, a negação peremptoria de um regimen literario extinto na Europa, não podiam deixar de produzir em seu espirito indignações indefiniveis, e estas não buscaram contornar a sucetibilidade dos que ainda sustentavam os programas de 1830 como expressão ultima do progresso.

Para evitar os inconvenientes da luta corpo a corpo, teria sido preciso que o critico, alem das eminentes qualidades de analista de que é dotado, alem da proficiencia filosofica que o distingue, tivesse a habilidade artistica.

Silvio Roméro é um pensador, e um pensador audaz. Iludir-se-á, porem, aquele que pretender encontrar nesse pensador um Michelet, um Rénan ou mesmo um Taine. Ninguem no Brasil se tem mostrado mais apto para investigar as origens e estabelecer a filiação do pensamento brasileiro sob o ponto de vista de todas as suas manifestações vis a vis dos produtos da cultura européa. Ninguem no Brasil dispõe de envergadura tão apropriada para empreender trabalhos semelhantes aos que fizeram Teuffel e Bernhardy relativamente ás literaturas romana e grega.

Devo, porem, confessar que as construções de carater estético não são as que mais se amoldam á natureza das suas faculdades. Para isso seria indispensavel que ele fosse mais accessivel á sensação concreta das coisas — isto é — que tivesse em maior escala o sentimento exterior do pitoresco da vida em seu conjunto.

Foi devido a tudo isso que o bárbaro nortista não alcançou desde logo o prestigio a que lhe dava direito não só a sua erudição, mas tambem a responsabilidade de portador de adeantamentos científicos apenas acusados por dois ou tres madrugadores da ciencia no Brasil..." (215).

\* \* \*

Mais tarde, Lafayette insistiria nessa mesma tecla. Para ele, Silvio fracassára logo ao primeiro contato com o Rio de Janeiro porque não passava de

<sup>(215)</sup> Araripe Junior, «Silvio Roméro, polemista», Rev. Bras., vol. XV, pgs. 185 a 187.

um «bárbaro», vindo «das regiões Cimérias», que, «tendo estudado em alguma escola de provincia», falava «uma lingua dura, de uma gramática impossivel, contaminada ainda da ferrugem da aldeia», não podendo, assim, compreender «as delicadezas de um filho da cidade de Minerva».

E sporque Atenas olhe com um certo ar de desdem para os bárbaros do seu feitio» — acrecentava — squeimam-lhe a alma despeitos de toda sorte». (216)

\* \* \*

Para vencer na Côrte eram precisas outras armas. Explicando, por ezemplo, o ezito de Afranio Peixoto, disse, de uma feita, João Ribeiro:

«Para o convivio literario da grande cidade, Afrânio não trazia só comsigo o ornamento do ritmo e da poesia. Já não seria pouco. Ele era, decerto, um poeta, mas juntava a isso outros dons de graça, de eloquencia e de espirito. E' dificil e rara, suponho eu, essa união saudavel de humour, meditação e simpatia. E mais dificil ainda é o sentimento delicado da proporção e da medida. E é claro que não o alcançou de um lance. Pode todavia dizer, com Emerson, «to ascende one step we are better served through our sympathy». O ambiente acaba cedendo a essa pressão. Era, pois, de prever o seu triunfo». (217)

\* \* \*

Com Silvio, todavia, a situação se apresentava inteiramente outra.

<sup>(216)</sup> Labieno, «Vindicia», pgs. 12 a 16. (217) João Ribeiro, «Afranio Peixoto», in Rev. do Brasil, vol. III, pgs. 52.

Silvio não vinha para o Rio cedendo "á gravitação implacavel de buscar a grande cidade onde se formam as reputações e se alcança aquele prazer não raro amargo de ser um dos eleitos da bôa popularidade" (218).

Ele não trazia comsigo, como Afrânio, "pelo melhor

da bagagem, uma infinita esperança" (219).

Trazia, já, tres livros, uma grande tradição de estudioso e combativo, e, sobretudo, uma velha ogeriza pela Côrte, precisamente por aqueles privilegios contra os quaes sempre se batera.

, Teria, assim, de triunfar ou de caír, pelos seus proprios méritos, sem a ajuda de ninguem.

\* \* \*

Para Silvio, o Rio, a Côrte, era "a velha inimiga". Para ele só, não. Para todo o seu grupo. Para todos os seus companheiros. A começar por Tobias.

«E' possivel — diz este — que a centralisação tenha algures efeitos grandiosos. E' possivel que, como diz Dupont White, ela signifique, além de uma capital do governo, uma capital do pensamento. E por isso não admira que escritores francezes defendam esta causa, quando eles têm um argumento vivo, um argumento de fogo, a grandeza intelectual de Paris. Mas, entre nós, o aspeto é outro. A capital, donde partem as leis e os regulamentos e os avisos e as ordens secretas e todo esse tecido administrativo que nos embrulha, não é uma fonte de idéas, não é uma capital do pensamento. Em materia de letras e ciencias, as provincias que obedecem á côrte do imperio parecem planetas que gravitassem em torno do centro, por uma especie de habito me-

<sup>(218)</sup> João Ribeiro, ob. cit., Rev. Bras., vol. III, pgs. 51.

<sup>(219)</sup> João Ribeiro, ob. e loc. cits.

canico, mas que recebessem de outra esfera o calor, a vida e a luz. O Rio de Janeiro é simplesmente uma cidade oficial, onde, por conseguinte, o charlatanismo de todos os generos, a rabulice de todas as fórmas, podem conquistar posições e nomeadas. Conquistar!... dissemos nós — mas é um máo dizer. Ali não se conquista — consegue-se. E os meios são facílimos. E o que na côrte é de uma facilidade vulgar, nas provincias é de uma dificuldade medonha. Queremos falar do engrandecimento e da notabilidade que ali assume, sem trabalho sério, qualquer filho do sucesso e da ventura. A provincia pode ter seus grandes homens, seus talentos aproveitaveis. Nada importa. Não são conhecidos, nem falados, emquanto não fazem uma romaria política, ou mesmo literaria, á capital do imperio, de que se pode dizer o que disse Tacito da prostituta dos Césares — urbem quo cuncta undique atrocia aut pudenda confluent celebranturque... (220)

Silvio, ainda no Norte, escrevia que o que mais admirava em Tobias era o ser ele "o mais completo tipo do escritor provinciano independente".

«Nunca fez romarias literárias á capital do imperio» — acrecentava. «E é sabido o quanto pesa esta lacuna. Não ter escrito para o «Jornal do Comercio» ou para o «Diario do Rio», não ter sido visto por alguns conselheiros e dado o braço ao sr. Alencar... ó, isto é uma falta imperdoavel! Mas o castigo vem logo. Nas classificações de poetas e prosaistas, de literatos e oradores, que na tal côrte se fazem como os alistamentos para o serviço militar, o nome do digno filosofo não aparece nunca...» (221)

No mesmo ensaio, depois de aludir á "aura mórbida e corruta que se ezala da famigerada côrte, em que alguns

<sup>(220)</sup> Tobias Barreto, «Varios Escritos», ed. oficial, pgs. LVI-LVII.

<sup>(221)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 140.

bemaventurados falam com o mesmo acento e unção com que falam os crentes da Côrte Celeste", dizia:

«Os homens que, no Brasil, se hão ilustrado por algum mérito do espirito nada deveram á Côrte. Eles se podem classificar em duas categorias: a daqueles que nunca viveram ali e a dos que lá foram porém já feitos e com suas idéas já firmadas. Ao contato com aquela gente, estes ultimos nada ganharam, si é que não perderam muito. E' evidente que os primeiros tambem não lhe devem coisa alguma. Quanto aos filhos daquele torrão, que se distinguiram por alguma digna qualidade política ou intelectual, são ainda de duas categorias — ou se educaram nas provincias, ou adquiriram suas idéas na Europa. Nada conquistaram ali, a não ser talvez o habito das transações e o desperdicio dos nóbres incentivos que são característicos «da grande ladra que se chama a Côrte». (222)

De outra feita, tendo de falar de escritores do Norte, previnia os leitores contra o seu "barbarismo", os seus cacoêtes de "selvagens", "tão alheios ás delicadezas, ás exquisitices, ás filigranas do pensar cortezão".

E proseguia:

Está assentada por aqui a indispensabilidade da permanencia nesta París ou nesta Atenas brasileira para aprenderem-se as finezas da cultura e a falar o dialeto jonio desta assombrosa capital. Não ha ainda muito lia eu coisas assim muito seriamente ditas numa das gazetas desta metropole. São elas reveladoras da ezistencia de uma certa má vontade dos homens da imprensa da Côrte contra a literatura que se faz nas provincias, especialmente nas provincias septentrionaes. Os nomes provincianos são sistemáticamente postos de lado e escondidos na sombra. São preci-

<sup>(222)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 141-142.

sos vinte ou trinta anos de lutas para um homem do norte ou mesmo do sul gozar aqui de metade da fama desfrutada por um felizardo qualquer da grei fluminense por haver publicado um soneto mediocre ou um folhetim detestavel.

Não é só isto: é observação minha, demonstrada por inumeros fatos, que os maiores adversarios dos pobres provincianos são os seus proprios patricios domiciliados aqui. Julgando-se logo verdadeiros incolas da Côrte celeste entram a desdenhar dos tristes caipiras e matutos que ficaram a mourejar nas ignoradas paragens deste vasto Brasil.

Não quero decer a próvas neste ponto verdadeiramente escabroso; mas, si o quizer algum dia, tenho os documentos precisos e não me hei de sair mal da contenda.

Entretanto, suponho eu, a Côrte devia ser mais sensata e mais justa na sua centralisação, no seu imperialismo, no seu arrôxo literario e científico. Esta pobre neutra, esta entidade comum de dois, este ser sem sexo, esta imensa feira sem pitoresco e sem originalidade, este bazar de quinquilharias usadas e em leilão, esta Smirna do ocidente — devia ser menos pretenciosa e menos ezigente. Além de que, seus melhores escritores, seus melhores artistas, seus melhores políticos, foram em todos os tempos homens das provincias, e estas não lhe pagam só para ser preciosa e ingrata... (223)

Dez anos depois de ter chegado ao Rio, ainda conta esta "anedota":

«Um de meus poucos amigos pediu-me uma vez carta de apresentação para um dos nossos inteligentes funcionarios. Prontamente servido nesse desejo, foi ter com o homem e encontrou-o justamente em ocasião em que, ezaminando estampas, extasiava-se

<sup>(223)</sup> Silvio Roméro, «Novos Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 146 e segs.

deante da figura da Virgem. - Meu amigo - foi logo ele dizendo ao meu recomendado — eu sou atrasado, sou ignorante. sou ainda do numero dos estubidos que acreditam em Nossa Senhora e em Jesus Cristo! O sr., que é positivista, não repare...» O meu recomendado - continúa Silvio - que ja pedir um pequeno obseguio, cavaqueou com a historia e não voltou mais ao beato. E' inteiramente o meu caso. Ainda sou do numero dos atrasados que ousam apreciar e aplaudir escritores das provincias. Ainda tenho a mania de falar, com prazer, de Artur Orlando, Martins Junior, Clovis Bevilagua, Tobias Barreto... e uns poucos mais. Ainda não me emancipei deste defeito e - ó escandalo! - não desejo emancipar-me, e tenho a petulancia de dizer que ainda não encontrei aqui coisa de que me admirasse, nem gente que me infundisse respeito. Os melhorsinhos são, como eu, caboclos daquelas bandas, são nortistas, apenas um pouco mais afetados da gafice fluminense e mais entusiasmados pela nova residencia. Quem quizer encordoar, que encordoe. O remédio é evitar-me. como fez o meu amigo ao crente da estampa...» (224)

### \* \* \*

Não se diga, portanto, que Silvio errou, pisando, aqui, como pisou, em 1879.

Ele o fez concientemente, deliberadamente, certo de que não poderia agir de outra maneira.

Não que desconhecesse o outro caminho, que o levaria ao êzito.

Não.

Ele bem que conhecia a "receita para agradar".

Só não a usou porque não quiz.

<sup>(224)</sup> Silvio Roméro, «Novos Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 147-148.

«A', se tambem eu tivesse querido agradar! Por que não noderia ter concorrido com os outros? A receita foi sempre facil aos escritores provincianos que têm vindo ao Rio tentar fortuna. Nada mais do que procurarem a confraria dos chefes da época, fazer-lhes zumbaias, tratar de lhes caír em graça, o que de ordinario se conseguia e se consegue a troco de alguns elogios habeis, oraes ou escritos, sempre mais oraes do que escritos. A principio, procuravam-se Januario Barbosa, Cunha Matos, Monte Alverne, Evaristo da Veiga. Depois, Magalhães, Porto Alegre, Norberto, Otaviano, Macêdo. Mais tarde, Alencar, Pedro Luiz, Quintino. Pouco mais tarde ainda, Machado de Assis, Taunay, Ferreira de Araujo, sem querer falar nos núcleos mais recentes. O autor destas mal alinhavadas linhas poderia acaso procurar cartões de entrada e gosar tambem da festa. Nunca o fez. Nunca pertenceu a grupo nenhum, a não ser agora áquela singular corporação eclética e amorfa chamada Academia Brasileira, cujas sessões não frequenta e da qual faz parte por honra da firma. Preferiu entrar no Rio de Janeiro trazendo no bolso «A Filosofia no Brasil», livro de ataque a mais não ser, fazendo-o seguir logo da «Critica Parlamentar», ainda mais decisivo no genero, e de bem perto d'«A Literatura Brasileira e a Critica Moderna», que não lhes fica atraz na especie. Estava a desgraça feita. Não poderia haver maior desaso, si o fito do escritor fosse agradar. Mas, Deus louvado, nunca lhe passou pela mente tal desejo. Quiz mesmo concientemente lutar, como, durante dez anos antes, tinha feito no Recife, o que importa dizer que as lutas ali travadas foram proseguidas aqui...» (225)

<sup>(225)</sup> Silvio Roméro, Prólogo aos «Varios Escritos», de Tobias Barreto, pgs. XXII e seguintes.

A próva de que agira com conhecimento de causa não fica, porem, nisso, nessa "receita" sumarissima do que poderia ter feito e na declaração sintética do que fez.

Escalpelando José Verissimo, dissecará "o segredo da sua vitoria", revelando o "tecido manipulado por essa discreta diplomacia que, fingindo sobranceria e indiferença, afetando desdem e despreocupação, sabia pretender, sem o mostrar, apetecer negaceando, adquirir como por acaso, por coincidencia, fortuitamente, inesperadamente..."

O resultado obtido pelo critico paráense representa, para Silvio, "uma soma em que se destacam quatro parcelas".

A primeira delas -cfoi o geitinho manhoso com que se aproximou e se fez camarada de todos os medalhões literarios. principalmente os que aliavam ás prosapias letradas certa influencia politica e social. Poz-se ao lado deles, congraçou-os, reuniu-os, manipulou-os com uma maestria deliciosa de tapuio matreiro. Esta parcela ele a foi preparando desde que saltou no Rio de Janeiro. Com os medalhões fundou revistas, ajudou a formar academias, fez circulos de palestras, nos quaes havia, 6 maravilha rara, um curioso five-o-clok-tea. Com essa guarda de padrinhos, couraçou-se até hoje e habilitou-se para maltratar todos os talentos alheios á panelinha ou a ela infensos. Todos os estreantes. de todas as escolas, parnasianos, naturalistas, simbolistas, decadistas - todos os escritores das provincias, nóvos ou velhos - tornaram-se a cabeca de turco dos seus destempêros e foram atacados veladamente, á socapa, com as meias tintas, as particulas adversativas, as conjunções e adverbios salvadores de embaraços, as idas e vindas, os gólpes e os sópros, as afirmações e negações combinadas, tão de gosto de um espirito malévolo e indeciso, pretencioso e precavido, insolente e cheio de cautelas e receios. Os ataques aos talentos nóveis eram, conciente ou inconcientemente,

para agradar á velha guarda de querençosos medalhões e enfastiados notaveis...»

. Não bastava, porem, isso.

«Teria, ainda, de arranjar a segunda parcela; a insinuação indireta, doce, suave, mansueta e proveitosa no meio jornalistico. Conseguiu-o com um savoir-faire de mestre. Varios jornaes contaram-n'o entre os seus mais impertinentes e massantes colaboradores. E, quando saía de algum, achava logo meio de voltar. Tem sido esse o seu rendoso campo de ataque. As vantagens, advindas por esse lado, são-lhe incalculáveis. Dispara tiros pagos nos outros, que, para lhe retrucarem, têm de fazer despezas e gastar dinheiro».

Mas medalhões e jornaes não eram suficientes.

«A habilissima e veladissima e amistosa atitude perante os governos impunha-se tambem e tem sido a terceira parcela de seus calculos geraes. Aí ele é tanto mais melódico e untuoso quanto mais parece sobranceiro e irredutivelmente independente. Esta facil posição de ilusionismo psicologico e sabia magicatura politico-social, ele a obtem á custa de banalidades de socialismo a retalho, estudadas cóleras e efusões no bater supostos erros de doutrinas e principios, mas sempre com o peculiar cuidado de resalvar as pessôas e manter com elas ecclentes relações. Tal o segredo dos varios postos que tem galgado, sem esforço, sem luta, por obra e graça de prestigiosos amigos. Dest'arte, desfruta sempre dois cu tres empregos ou comissões ao mesmo tempo, todos chegados sem canseiras, pela engenhosa habilidade com que sabe levar certos homens. Por meio da luta, e só da luta, não obteria nada, absolutamente nada».

E ainda não era tudo.

Medalhões que lhe fabricaram renome, jornaes que lhe dão dinheiro e fornecem a arena para ezibições diarias e semanaes, homens poderosos que lhe garantem empregos ou comissões não lhe bastariam. Sua inventiva ciencia de viver, com um faro admiravel, postou-o diariamente na livraria Garnier, obtendo as graças dos empregados: arranjo indispensavel para o empacotilhamento dos embrulhos, a arrumação dos artigos dos jornaes em livros... E a quarta parcela. Assim se explica que editores tão rouvinhosos e cheios de dificuldades, que têm chegado a refugar livros de Araripe Junior, andem a cosinhar as fornadas de um serzidor de logares comuns do feitio de Zé Verissimo! Destinos...» (226)

\* \* \*

Agora, o que ele fez.

"Tinha eu chegado a esta curiosa Sebastianópolis em abril de 1879. Vinha para ficar. Fizera cá os preparatorios (1863-1867) e pareceu-me bom o campo, a arena, para lutar — ouça-se bem — para lutar, e não para cortejar os medalhões. Era, então, o que sempre fui e sempre serei - um revoltado contra a sandice letrada, a tendencia adulatória de certos presumidos, a falsa sabedorrencia de figurões de palha. Entrei, aqui, trazendo um livro, que era, no meio modorrento, apático, atrofiado no terreno das idéas, do Rio de Janeiro, um verdadeiro escandalo - "A Filosofia no Brasil". O livro. escrito durante o ano de 1876, retocado num ou noutro ponto em principios de 1877, tinha estado perto de dois anos em Porto Alegre, em poder de meu amigo Carlos de Koseritz. que pedira para o editar. A publicação demorou e-é por isso que "A Filosofia no Brasil" só em fins de 1878 apareceu. A demora teve certa vantagem, porque a vulgarização da obra veio a coincidir com a entrada do autor no

<sup>(226)</sup> Silvio Roméro, «Zéverissimações», pgs. 16.

torvelinho literario da capital. Koseritz, em longos e fortes artigos, tinha feito na "Gazeta de Porto Alegre" a apreciação do livro e das idéas nele apregoadas. Os artigos do ilustre sabedor alemão foram transcritos no "O Cruzeiro" jornal ezistente nesse tempo no Rio de Janeiro. O reboliço no reino das formigas, como nos contos populares são chamados certos circulos letrados, foi enorme. Antonio Herculano de Souza Bandeira, que tinha sido meu condicípulo da Faculdade do Recife, saíu a campo, com gaudio geral dos basbaques da cotterie, atacando o livro e as doutrinas nele professadas. Retruquei com o calor e a paixão que sempre mantive nas lides do pensamento. A bulha foi grossa e intensa.

Fervia ainda ela em torno da "A Filosofia no Brasil", galeria de estatuas decapitadas pela critica severa, onde se salvaram apenas dois ou treis bustos, quando nas colunas do "O Reporter" surgiram (1879) os terriveis artigos que vieram a constituir outra galeria de notabilidades destroçadas — os "Ensaios de Critica Parlamentar". Era a batalha politica após a batalha filosofica.

Pelo mesmo tempo, ainda em 1879, chegava a vez do "folk-lore", das tradições populares, dos cantos e contos anonimos, tudo com largas ideas etnográficas, filosóficas e sociaes. Era nas paginas da "Revista Brasileira" do grande Franklin Távora, de A. Midosi e outros, e não a de Verissimo, aparecida dezeseis anos mais tarde. Acolá surgiram, pois, em 79 e 80, nos "Estudos sobre a poesia popular no Brasil" e nos capitulos iniciais da "Historia da Literatura Brasileira", ahi publicados tambem, as primeiras tentativas para dar uma base científica á critica, á historia, ao estudo da civilização nacional, em suma: apreciação do meio fisico, indicação da achéga espiritual das raças que constituiram o nosso povo, caracteristica do tipo brasileiro fundamental, e muitas outras idéas. Era a batalha

critico-historico-literaria, depois da luta no terreno da filosofia e da politica.

Logo em seguida, em Janeiro de 1880, teve logar o concurso para o preenchimento da vaga da cadeira de filosofia do Colegio de Pedro II..." (227).

Todas as pégadas desse periodo — aquele em que se completará a formação intelectual de Silvio — aí estão delineados com absoluta segurança.

Seguindo-as, através das multiplas reações que despertaram, teremos concluido a taréfa a que nos propuzemos neste livro.

Não saberiamos, comtudo, tornar compreensivel a figura do grande agitador — o maior que, sem duvida, já teve, em qualquer tempo, a inteligencia brasileira — si, antes de acompanhal-o nesse termo agitado da sua "primeira fase", não fixassemos uma verdade irrecusavel.

E é que si Silvio não ezagerou a conciencia que tinha dos seus proprios méritos e a significação que nunca deixou de atribuir ao movimento nortista em que tanto se empenhára, ninguem contestará de bôa fé que ele tenha subestimado mais do que devia, mais do que a propria tática he aconselhava, o merecimento da Côrte, e do sul em geral, como expressões de inteligencia e de cultura.

Nesse particular, Verissimo teve razão:

«Desde os primeiros anos do decenio de 1870, manifestava-se no Rio de Janeiro o movimento modernista. Foi nos proprios livros francezes de Littré, de Quinet, de Taine ou de Rénan, influenciados pelo pensamento alemão e tambem pelo inglez, que

<sup>. (227)</sup> Silvio Romero, «Zéverissimações», pgs. 55-58.

comecámos, desde aquele momento, a instruir-nos das novas idéas. Influindo, tambem, em Portugal, criára ali a cultura alema uma pleiade de escritores pelo menos ruidosos, como Teófilo Braga. Adolfo Coelho, Joaquim de Vasconcelos, Antero de Quental, Luciano Cordeiro, amotinados contra a situação mental do reino. Além destes, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão vulgarizavam nas «Farpas», com mais petulancia e espirito do que saber, as nóvas idéas. Todos estes, aqui muito mais lidos do que nunca o foi Tobias Barreto, atuaram poderosamente a nossa mentalidade. E o movimento coimbrão, como se chamou á briga literaria do «bom senso e bom gosto», pelo ano de 65, teve certamente muito major repercussão na mentalidade literaria brasileira do tempo. do que a pseudo escola do Recife. Muito mais daquele movimento do que da influencia de Tobias Barreto derivou «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna» (1880) do sr. Silvio Romero, e bem assim os seus principaes estudos da historia da literatura brasileira. O positivismo comtista inaugurava aqui e em S. Paulo a sua propaganda, primeiro sómente do aspeto científico da doutrina. Esta pregação convencida, tenaz, teve desde logo a seu lado, a prestigial-a, alguns bons sabedores das ciencias positivas, particularmente das matemáticas. E, em 1875, estranho a qualquer influencia do exentrico filosofo da Escada, um velho diplomata, Araujo Ribeiro, Visconde do Rio Grande, publicava no Rio de Janeiro o seu volumoso livro «O fim da creação», o primeiro de doutrina darwinista, se não materialista, escrito no Brasil. Na mesma década entrou a instrução publica a ocupar mais sériamente a atenção dos governos e do publico. A Tipografia Nacional tirava em volume as traducões dos livros de Hippeau sobre o ensino publico nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Prussia. Reformava-se, procurando desenvolvel-o, o Colegio de D. Pedro II, unico fóco de estudos classicos que possuiamos, hoje quasi extinto. Criavam-se conferencias e cursos publicos, onde se começaram a agitar as novas idéas filosoficas, científicas e literarias. Remodelava-se o antigo curso da Escola Central, organizando-se a Escola Politecnica, acrecentando-se-lhe aos cursos profissionaes as duas importantes seções de ciencias fisicas e naturaes e ciencias físicas e matemáticas. Para reger as novas cadeiras vieram da Europa professores especiaes, como o fisico Guignet, o fisiologista Couty, o mineralogista e geologo Gorceix, logo depois incumbido da fundação e direção da Escola de Minas de Ouro Preto, nesse tempo creada. Tambem o ensino medico foi reformado, acrecido de materias e cadeiras novas. A reforma que igualmente sofreram o Museu e a Biblioteca Nacional determinou major atividade e mais util efeito destas velhas e paradas instituições. O Museu começou a publicar os seus interessantes Arquivos em cujos tres primeiros volumes (1876-1878) se encontram trabalhos originaes de antropologia, fisiologia, arqueologia, etnografia e historia natural de sabedores brasileiros. Lacerda. Rodrigues Peixoto, Ladislau Neto, Ferreira Pena, e estrangeiros ao servico do Brasil, Hartt, Orvile Derby, Fritz Müller e outros. Simultaneamente com os Arquivos do Museu vêm a lume os Anges da Biblioteca Nacional, ricos de informações bibliograficas e de eruditas memorias e monografías interessantes para a nossa historia literaria e geral. Nos Ensaios de Ciencia (1873) Baptista Caetano de Almeida Nogueira funda o estudo das linguas indigenas brasileiras segundo os nóvos métodos da ciencia da linguagem. recreada pelos alemães, tirando-a do fantasioso empirismo em que até então andou. Os Estudos da Historia do Brasil no seculo XVI (1889), não obstante o seu eziguo tomo, revelavam no sr. Capistrano de Abreu varias capacidades, posteriormente confirmadas por outros trabalhos, para essa ordem de estudos, aqui tambem denois da morte de Varnhagen quasi que entreguas á pura improvisação. Pelo fim do mesmo decenio. Araripe Junior. um dos melhores espiritos deste momento, começara a publicar o seu perfil literario de José de Alencar, uma das obras capitaes da critica brasileira, e no prefacio da primeira edição, em 1882, declarou que a reconstituição das suas idéas datava de 1873. Ceará, donde era e onde residia Araripe Junior, formara-se por aquele tempo um grupo literario composto dele, de Capistrano de Abreu, do malogrado Rocha Lima, de Domingos Olimpio, de Tomaz Pompeu e doutros nomes menos conhecidos, grupo ledor de Spencer. Buckle. Taine e Comte e entusiasta das suas novas idéas. Esse grupo ficou estranho á influencia da Escada e precedeu de dez anos a do Recife. O José de Alencar, de Araripe Junior, inspirava-o manifestamente o criterio critico de Taine. como o Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI (1883), de Capistrano de Abreu, o evolucionismo spenceriano. Em 1874, um médico de S. Paulo, o dr. Pereira Barreto. publicava, sob o titulo de Tres Filosofias, a exposição e discussão que ficou aliás incompleta, dos tres estados do espirito humano. conforme a doutrina de Augusto Comte. E as questões historicas. filosóficas, juridicas, políticas e ainda culturaes que se prendem ao grave tema do poder e autoridade do papa e das suas relações com o seculo eram, em 1877, larga e eruditamente discutidas pelo sr. Rui Barbosa numa copiosissima introdução á sua versão para o portuguez da obra alema do conego Doellinger. O Papa e o Concilio. Nessa prefação, o sr. Rui Barbosa revelava, acaso ecessivamente, a vastidão da sua literatura não só franceza ou alema, mas universal. Destes fatos não é licito senão concluir que a ação de Tobias Barreto, comquanto consideravel, não foi tal qual se tem presumido, e que efetivamente só entrou a ezercer-se pelo ano de 1882. Então, já no Ceará e em S. Paulo pelo menos, e no Rio de Janeiro, desde o principio do seculo passado o nosso mais consideravel centro intelectual, manifestamente se desenhava o movimento a que tenho chamado de modernismo...» (228)

<sup>(228)</sup> José Verissimo, «Historia da Literatura Brasileira».

\* \* \*

Os que estudam a obra de Silvio Roméro não ignoram que ele contestou a autenticidade desse quadro espiritual do Brasil no periodo de 1870 a 1882, isto é, precisamente quando em Pernambuco se fazia sentir mais fortemente a ação da discutida, mas incontestavel, Escola do Recife.

Mas a observação de Verissimo procede, pelo menos em principio.

A Côrte, naquela epoca, estava longe de ser o "grande centro do nosso sistema intelectual" em torno do qual as provincias gravitassem, secundárias e inuteis, como satélites.

Ainda assim, era bem mais que a "pobre" e "presumida ignorante" que proclamava Silvio.

Vejamos, pois, sem mais delongas, os primeiros passos do "bárbaro" nesse outro campo que se abria á sua prodigiosa atividade.

\* \* \*

Silvio chega ao Rio, vindo de Parati, em 16 de Maio de 1879.

Não traz nenhum programa de realização imediata. Espera concorrer, logo que se lhe ofereça ensejo, ao magisterio oficial, reproduzindo, ainda uma vez, as duas tentativas malogradas no Recife.

Até lá, entretanto, exgotadas na mudança as poucas economias que poderia ter feito na vilota fluminense, onde a magistratura era então pessimamente paga, terá de procurar o que lhe baste, ao menos, ao sustento.

A 18 de Maio, encontra Lopes Trovão.

O famoso tribuno popular, que fôra coléga de Silvio ao tempo dos preparatorios feitos nesta capital, acabava de fundar um jornal. Trocam ideas. Trovão se maravilha com a cultura de Silvio. Silvio se entusiasma com a coragem de Trovão.

No outro dia, "O Reporter" contava com um novo colaborador.

\* \* \*

A estréa de Silvio, com o nome a descoberto, se dá a 27 de Maio, do modo o mais original possivel.

«Pedimos a atenção — diz o jornal — para a carta abaixo que nos acaba de dirigir o dr. Silvio Romero, um dos talentos mais aproveitaveis da moderna geração brasileira.

O assunto desta carta é de sumo interesse para todos os cultores concienciosos das letras nacionaes. Nela se anuncía um trabalho que importa em volumoso subsidio para o estudo e consequente conhecimento da nossa nacionalidade literaria, problema cuja solução ha sido retardada na profunda ignorancia das origens.

Ha por aí algumas tentativas inspiradas em tal intuito. Mas, força é confessar, são tão fracas, tão inanidas, tão desprovidas da seiva que se lhes podia adir da moderna ciencia, que quasi se confundem com a propria ignorancia do assunto.

E' muito para desejar que o trabalho do dr. Silvio Romero encontre ensejo de vêr a publicidade».

# A carta era a seguinte:

#### «Honrado sr. Redator.

Tomo a liberdade de vos dirigir a presente carta para darvos conta de um fato — desde muito é sentida, e altamente proclamada, a falta de uma coleção dos cantos e contos anonimos do poyo brasileiro. Quando todos os paizes da velha Europa possuem já amplas coleções de suas poesias e tradições populares, inclusive Portugal, que conta os trabalhos de Almeida Garrett e Teófilo Braga — quando na América, nos Estados Unidos, segundo acabo de lêr na «Révue Literaire» de Paris, creou-se agora uma grande associação sómente para promover o estudo da poesia popular naquele paiz — o Brasil, e sómente ele, não tem dado um só passo assinalável neste sentido.

Levado por meus estudos de critica cientifica e de historia literária a ocupar-me com o desenvolvimento intelectual do nosso povo, para logo deparei com tamanha lacuna e procurei remove-la. Logrei o meu intento, e, depois de quatro anos de constante trabalho e fadigas, consegui reunir e colecionar um vasto repertorio de poesias e historias populares, ótimo subsidio para a moderna etnografia e a que dei o titulo de Cantos e Contos do Povo Brasileiro. Serviu-me de norma e de guia a ecelente coleção italiana dos professores Compareti e d'Ancona — Canti e Raconti del Popolo Italiano.

Neste mister de colecionador fui o mais escrupuloso possivel é aí se acham estampadas com fidelidade a linguagem genuina do nosso povo, suas crenças, seus mitos...

O trabalho foi feito quasi tipográficamente e sua veracidade é completa. Contará tres volumes, na forma que lhe dei. No primeiro — faço a critica de nossa poesia e crenças populares, mostrando as origens de nossas tradições e lendas. Os fatores principaes são — os portuguezes (arianos), os selvagens (turanos provaveis) e os africanos (raças inferiores). Indico as transformações dos costumes e da lingua e finalmente, a adaptação das crenças das tres raças primordiaes ao novo meio em que residem em presença e em luta pela vida. Este volume é original e é o meu trabalho de critico. O segundo — contem Cantos e o terceiro Contos, e são o meu trabalho de coletor. Demais, o segundo volume é dividido em quatro séries, que indicam a abundancia das materias — 1.º — Romances e Xácaras; 2.º — Rei-

nados e Cheganças; 3.ª — Versos geraes; 4.ª — Orações. Reúne, tambem, um apêndice compreendendo algumas peças colhidas por outros autores para estudo comparativo, trazendo, por outro lado, especimens originalissimos de musica popular. O terceiro volume é dividido tambem em quatro séries — 1.ª — Contos de origem portuguesa; 2.ª — Contos de origem indiana tupi; 3.ª — Contos de origem africana; 4.ª — Contos de origem mestiça ou nacional.

Acomece, porém, que similhante trabalho, que considero um patrimonio nacional, por ser um produto direto e espontaneo do nosso povo, e que na Europa constituiria uma fortuna para seu autor, por ser indispensavel para os modernos estudos de filologia, antropologia e ciencia dos mitos, acha-se recluso em minha gaveta, porque eu não sou um felis que disponha de alguns contos de réis e nem pude ainda encontrar um editor...

Compelindo-se, de pronto, que só me dirige neste assunto o interesse de vêr preenchida uma grave lacuna em nossa literatura científica, alvo para o qual concorro desta arte, com o meu capital intelectual, não pondo em contribuição outros capitaes, porque os não possúo.

Peço-vos, sr. Redator, o favor de inserir no vosso conceituado jornal a presente carta, com o fim de despertar a atenção do publico sobre a interessante coleção de cantos e contos do povo brasileiro que tenho em meu poder, e provocar assim o interesse daquelas classes da nação que ainda ligam alguma importancia aos assuntos de alcance científico e não sómente aos máos romances da baixa escola franceza que tanto nos têm depauperado.

Aceitae os protestos de minha estima. Rio, 26-5-1879. Silvio Roméro». (229)

O apelo, feito embora na primeira pagina do jornal, não teve o menor ezito.

<sup>(229) «</sup>O Reporter» de 27 de Maio de 1879.

Só quatro anos depois, Francisco Alves se encarregaria da edição, assim mesmo truncada, desmembrando os "Cantos" dos "Contos", e, ambos, do seu complemento natural — os "Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil".

Já oito dias antes, entretanto, desde 19 de Maio, o jornal publicava, em rodapés, com a assinatura de Feuerbach, uma critica parlamentar "de violencia inaudita, onde ao lampejo de observações brilhantes, a Fialho de Almeida, desfilavam todos os figurões politicos do dia: José Bonifacio, Nabuco, Sinimbú, Lafayette, Ouro-Preto, Osorio, Cotegipe, Silveira Martins, Martinho Campos, o velho Rio Branco, João Alfredo.

"O partido liberal tinha subido ao poder ainda recentemente — explicará Silvio mais tarde — e era o primeiro ano de lutas parlamentares que sustentava. As esperanças de grandes reformas eram patentes, mas a desilusão não se fez muito esperar... Nosso quadro abrange apenas aquele primeiro ano. Não tivemos coragem de entrar pelos subsequentes. Outros estudos, e, em grande parte, certo nojo em falar de algumas figuras trapilhas, impediram-nos de proseguir. E' um charco sui-generis a política deste paiz. Queremos nos conservar longe dele" (230).

O sucesso dessas crônicas, que, mais tarde, reuniu em livro — não com o titulo que tivera, antes, em vista, de "A Ciencia Política e os Pigmeus do Brasil" (231) —

<sup>(230)</sup> Silvio Roméro, «Ensaios de Critica Parlamentar», pgs. III.

<sup>(231)</sup> Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna», sobrecapa.

mas sob a simples denominação de "Ensaios de Critica Parlamentar" — foi enorme.

Poucas vezes o jornalismo brasileiro contára com uma análise tão veemente, e. ao mesmo tempo, tão penetrante, das masélas políticas nacionaes.

"Era a batalha politica após a filosófica" — diria o proprio Silvio, anos depois. Era "outra galeria de notabilidades destroçadas".

Os amigos, como Franklin Távora, viam no terrivel articulista "um revolucionario que não conspira, que não põe o incendio nos cantos da cidade, que não usa arma homicida, que não derrama sangue — o revolucionario digno do século, que aparece na imprensa discutindo importantes interesses da inteligencia, promovendo o gosto pelas doutrinas e ciencias de primeira ordem, trabalhando, com sacrificio pessoal, pela elevação deste paiz, onde ha tanto que cortar e onde muito se deve plantar para que tenhamos bons frutos" (232).

Mesmo entre os inimigos, Machado de Assis não se furtava á justiça de escrever que os artigos d'"O Reporter" si "não eram todos justos, e variavam no mérito, continham entretanto observações engenhosas e ezatas" (233).

Da seriedade dos propositos que punha nessa "critica par'amentar" dizia Silvio no primeiro artigo.

«E' visivel o interesse que toma o povo brasileiro por suas lutas e discussões políticas — começava ele.

<sup>(232)</sup> Franklin Tavora, «Rev. Brasileira», v. III, pgs. 430.

<sup>(233)</sup> Machado dt Assis, «Critica», pgs. 145.

Este interesse, porém, é todo negativo e motivado somente pela paixão do escandalo.

Habituado desde muito á pugna estéril e perniciosa dos partidos políticos, de onde só resulta as mais das vezes o descrédito de algum carater que se julgava puro, a nação acostumou-se a esse novo genero de divertimento.

Todos, de alto a baixo, tratam, para desenfastiar-se, dos sucessos do dia.

A imprensa em peso atira-se ao meio do espetáculo, como a heroina da festa...

Sente-se, então, ou o incenso dos elogios que embriagam ou o ruido dos apôdos que desnorteiam o juizo publico.

Sem querermos irrogar injuria a alguem, tal ha sido o papel da nossa imprensa nos debates políticos. O jornalismo de opesição, que devia ser o mais elevado, só jóga como arma a paixão partidária, ou dê aos seus arroubos a forma jogralesca dos folhetins, ou a da crua impolidez dos entrelinhados.

Já estamos fartos de humour á franceza e de descomposturas á hespanhola.

O governo deste paiz só ha de ser o governo do trabalho e da liberdade quando fór alimentado pelo bom senso publico, e este só será real quando inspirar-se nos principios diretores das idéas científicas.

Sofremos de uma grande indigencia: a falta de critica desinteressada na direção do espirito, a falta do naturalismo na intuição das doutrinas.

O método de injuriar a natureza e a dignidade dos homens ha muito que está banido da historia. Os grandes, como os pequenos fatores do desenvolvimento historico da humanidade, são sempre sinceros. Nossos erros não nacem tanto de nossa maldade, como de nossa ignorancia. As leis moraes não são as operarias do progresso. Este privilegio pertence quasi exclusivamente ás idéias. E' um ponto, hoje, liquido, após Buckle.

E', portanto, pelo àlcance de suas doutrinas, pela força de sua cultura, ou pela inepcia de seu espirito, que devem ser julgados, por exemplo, os trabalhos de nosso parlamento.

Esta idéa tão simples ha sido descurada pelos pretendidos diretores do pensamento brasileiro.

Não se desconhece facilmente a razão por que os escritores de oficio atiram com o livro do poeta, do romancista, do jurista e do filósofo ao aparelho da critica, de onde não raro sáe convertido em poeira inutil, e são complacentes para com o discurso do deputado ou do senador.

Não sabemos onde se firma esta distinção. Um e outro fenomeno são produtos intelectuaes, cujo raquitismo ou viabilidade só podem ser ajuizados pela análise dos competentes.

A primeira condição para isso é arredar para bem longe o interesse partidario, a inclinação por este ou aquele dos grupos que se degladiam.

A segunda é saber alguma coisa mais do que as ingenuidades que por aí diariamente se repetem.

Não se tratará de saber si o parlamentar andou bem ou mal avisado nas idéas dos conservadores ou dos liberaes; porem, si ele é um homem de cultura e si está ao par do progresso intelectual do século.

Não se tratará de justifical-o em face do seu partido; senão em face da ciencia.

Pela mesma forma por que se sujeita a rigorosas inquirições positivas o quadro de um pintor, sobram motivos poderosos para derogar o privilegio dos «faiseurs» de frazes do parlamento.

Pelo menos, estes são muito mais perigosos, porquanto embaladas aos sons dos adjetivos sonoros é que do cáos da retórica surgem as leis que nos hão de envolver ou aniquilar a vida...

Não devemos, como viajores descuidosos, deixar-nos incautos assaltar por um bando de malfazejas declamações, que se transformarão na praga dos projetos, emendas e leis...

A nação que muito legisla — disse von Ihering — dá prova de pouca intensidade e profundeza de carater.

E o que diremos nós outros de uma que, ainda mais do que legisla, fala, ora, discursa... discursa, ora, fala... semanas, mezes, anos, quasi sempre sem um resultado pratico?

Si a sociedade é esse organismo sui-generis, para repetir a grande verdade de que os palradores se apossaram, sem compreendel-a, nosso organismo social está, alem de outros terriveis males, achacado de fraseomanía, e o corretivo para isto não serão as pilhérias dos espirituosos ou pretendidos taes, e sim a critica dos métodos e doutrinas, a indicação de idéas sérias que possam debelar o mal.

E' conhecido o açodamento com que os felizes procuram um logar em nossas assembléas.

Quando se inquire das qualidades de um representante da nação é dar sinal de que se é pouco afeito ás conveniencias da bôa etiqueta indagar si o homem sabe filosofia, historia, ciencias naturaes... Deve-se perguntar si o tipo fala bem. E' tudo. O sujeito fala bem quer dizer quasi sempre tem uma voz sonóra, e, quando recebe algum aparte desaforado, responde logo ao pé da letra.

Formando não sabemos que conceito dos deveres de um parlamentar, alguns individuos que não estudam, que nada sabem, pretendem e alcançam sempre, quando chega a vez do seu partido, um logar na representação nacional.

Estes, ao menos, são os mudos, não falam na mór parte dos casos, o que não é sem utilidade.

Deviamos ter uma lei determinadora das condições de cultura para se ser deputado ou senador, não dizemos tanto uma disposição legal positiva, como uma certa corrente de opinião neste sentido, que ferisse de impossibilidade certas candidaturas.

O parlamento devia ser uma instituição onde só pudessem ter entrada individuos em determinadas condições de ilustração

e adeantamento intelectual, a ponto que os mediocres e ignorantes fugissem dali pelo medo de fazer uma figura ridicula e mesquinha.

Acabar-se-iam, de uma vez, as declamações, os desfrutes, as injurias... e o progresso do paiz seria uma realidade.

O parlamentar brasileiro, com rarissimas eceções, si é que as ha, não tem em mira as vantagens do paiz, como ezibir a sua honorifica individualidade, não porque seja ele um homem máo e ambicioso, mas por ser, quasi sempre, um bacharel ignorante e ingenuo.

Faltam-lhe as bases de uma intuição realista e monistica do universo e da humanidade, o conhecimento das leis naturalistas da historia e do desenvolvimento das nações.

Procura suprir tão enorme vácuo em que labuta com as desacreditadas teorias dualisticas da escola franceza dos primeiros anos deste seculo de que só se alimentam hoje os indigentes da inteligencia.

As grandes mutações da evolução contemporanea são-lhe um livro fechado a sete sêlos, na totalidade dos casos, e eil-o que, com palavras sonantes e tribunicios despropositos, procura iludir os principios e os fatos.

Daí a estreiteza de suas lutas e o ar de inspiração burlesca que assume, discutindo si a eleição diréta se fará por constituinte ou lei ordinária, si os bispos foram soltos por anistia ou perdão, si os deputados são empregados publicos, si a acusação dos ministros pertence á camara ou ao senado, qual a distinção entre crédito ordinario e extraordinario, qual a pronuncia de Pall Mall e outras tantas vigentes galhardias em que temos gasto a nossa seiva portanto já vae para 60 anos!

Daí o triste empenho de governar com frases e progredir ás escuras. Daí a esterilidade dos partidos, que mutuamente se esconjuram e apedrejam sem enxergar a raiz dos proprios desatinos — a falta de completa reforma nas idéas, ditada pela necessidade de uma outra filosofia social. Tal a razão porque, num paiz novo, povoado de raças diversas, ainda quasi desagregadas, onde as doutrinas não chegaram a um gráo elevado de complexa integração, onde portanto, a genese dos fatos é facil de surpreender para o político atilado, os nossos supostos grandes estadistas não compreenderam ainda o sentido de nossas lutas, nem qual a nossa missão historica.

E, todavia, sem este estudo preliminar, sem o conhecimento ezato da civilisação brasileira, si é que de uma tal civilisação podemos falar, nada de realmente duradouro poderão os politicos fundar

Continuaremos a ser no fundo uma nação semibárbara, ainda que trajada á européa.

Não nos iludamos — nós não somos como a Italia, por que ouvimos em nossas viélas as pobres cantoras de rua expulsas de Napoles pela miseria; não somos tambem a Inglaterra só porque os diversistas do parlamento fazem arranhaduras no busto magestoso da historia e do direito inglezes...

E' mister uma reação contra essa nova especie de cosmopolitismo político, provocada pela auto-critica brasileira.

E' mister fundar uma nacionalidade conciente de seus méritos e defeitos, de sua força e seus deliquios — e não arrumar um pastiche, um arremêdo de judas das festas populares, que só serve para vergonha nossa aos olhos do estrangeiro.

Só um remédio eziste para tamanho desideratum — mergulharmo-nos na corrente vivificante das idéas naturalistas e monisticas que vão transformando o velho mundo.

E' contra o estado pernicioso que atravessamos, sómente para provocar a atenção dos competentes, que encetamos a presente série de escritos em cujo contexto aliás muito menor gráo empregaremos da severidade com que temos manejado a critica propriamente literaria e filosofica; não por mêdo dos resultados, senão porque seria uma especie de crueldade aplicar todo o

aperto da análise a certas figuras minimas, como o seria atirar um fardo de algumas arrôbas ás costas de uma creança.

Dentre os discursos do parlamento é obvio que só nos ocuparemos daqueles mais salientes e que encerrem doutrina e não questões pessoaes, deixando os que destas se ocuparem entre gues á exclusiva admiração de seus autores,

Vêr-se-á si muitos dos nossos representantes poderiam repetir com um célebre filósofo e atual deputado francez, já velho e cançado:

«Dans mon horizon, désormais si étroit, rien ne me satisfait plus que d'y voir luire quelque aperçu, grand ou petit, qui étende ma vie et prolonge mon savoir». (232)

\* \* \*

Antes de dar início aos seus perfís politicos, Silvio ainda faz questão de esclarecer o método que adotará na empreza.

"Nosso modo de vêr e de julgar — diz ele — aplicado aos trabalhos parlamentares, é uma experiencia de critico, que nada tem de paixão partidária. A arma que manejamos e os principios que defendemos foram-nos prestados pelo estudo. Esta nóva atitude de aquilatar do mérito dos trabalhos legislativos dista imenso do método antigo, muito conhecido do nosso publico.

Tendo na mão esquerda um feixe de interesses privados, si não seus, ao menos de sua classe, o escritor do oficio, que não se dirije, ás mais das vezes, por idéas, e sim por paixões, percebia de pronto que não tinha a combater, com a direita, doutrinas, mas a acabrunhar caracteres.

<sup>(232) «</sup>O Reporter» de 19 de Maio de 1879; «Ensaios de Critica Parlamentar» qgs. 17 a 29.

Daí o singularissimo espetáculo que, ainda hoje, pode ser apreciado em nosso jornalismo ou em nossas conversações.

Falando-se de um figurão qualquer, diz-nos logo o interlocutor: é um grande talanto, uma assombrosa ilustração, mas é muito máo carater...

Isso é horrivel e só pode ser tolerado em uma sociedade em dissolução.

Esse sistema organizado de injuriar a natureza humana nos ha sido fatal. Dele partiu o abatimento dos espiritos e a relaxação das conciencias. Dele dimana o nosso máo séstro de condenarmos os políticos como um bando de ganhadores quando eles não são, com efeito, senão os operarios da nossa vida publica, encarada por uma de suas faces.

Sejamos generósos. Discutamos as idéas, e não as más qualidades dos homens. Em logar de o ilustrado senhor fulano é um homem máo, digamos, quando o caso o ezigir, o atrazado senhor fulano é um homem de bem, mas que está iludido.

Eis o caso.

Acabemos com a maior de nossas idolatrias, a idolatria do talento, nem sempre forte e real, e discutamos os homens por suas vistas intelectuaes, e não por sua maldade, porquanto é ponto averiguado que, ás mais das vezes, um homem só é máo, em consequencia de falsas idéas.

O que parece maldade não passa de lacuna intelectual. Ataquemos os baluartes da ignorancia e teremos certa a vitória.

Fiel ao nosso método, teremos, ás vezes, de nos mostrar um pouco rudes deante de opiniões que nos parecem anacrônicas, mas seremos prontos a elogiar as bôas manifestações da inteligencia alheia, sine ira ac studio, para

repetir, depois de tantos outros, que a tornaram chula, a célebre expressão de Tácito... (233).

\* \* \*

O primeiro perfil parlamentar que Silvio traça é o de José Bonifacio, o moço.

Foi ouvil-o, em discurso anunciadissimo de oposição ao gabinete Sinimbú.

Voltou decepcionado.

Como orador, o rebento andradino "pouco se eleva acima do nivel da vulgaridade e das amplificações estudadas".

«Não estamos mais na epoca em que qualquer homem verboso, tendo á mão algumas dezenas de frases sonantes e interjeições entusiásticas, podia conquistar os fóres de grande orador. Hoje, depois de tantas revoluções ensanguentadas para os póvos e de tantas crises profundas para os pensadores — depois que os mais graves problemas filosóficos e sociaes passaram das surdas meditações dos sábios para a mente das massas populares — depois da evolução do socialismo, do naturalismo filosófico e das idéas positivas — o orador político e social não é mais o agitador vulgar, o glosador de pobres vacuidades. Deve ser o político profundo, debaixo de cuja palavra vibrante encontre asilo a idéa do pensador».

José Bonifacio não estava nestas condições. Era "um doutrinario romantico, a maneira de Benjamin Constant". E "dize-lo é assinalar o enorme atrazo do pretencioso con-

<sup>(233)</sup> Silvio Roméro, «Ensaios de Critica Parlamentar», pgs.31 a 33.

selheiro e lavrar a condenação de seus ingênuos admiradores".

No seu discurso, "só disse vacuidades metafísicas", entre as quaes as idéas de "soberania popular" e de "eleição direta".

"Não compreendem os ingenvos que os males de uma nação, fundos, palpitantes como as suas proprias entranhas, velhos, crônicos, calósos como a estupidez de um buschiman, não se estirpam de momento e por meio de uma medida que só aféta a superficie, a tona de nossos desconchavos".

José Bonifacio "foi um homem que passou". Ha 15 ou 20 anos, foi um dos operarios de nossa historia politica e intelectual. Hoje — rematava Silvio — nada de fecundo e vasto pode mais prestar. Sua intuição é atrazada, e a nova geração nacional, onde se contam alguns espiritos ousados e resolutos, passou-lhe bem adiante. O conselheiro já nos fica pelas costas, ainda que supondo que nos está apontando para o futuro..." (234).

\* \* \*

Logo na segunda crônica Silvio se ocupa de Nabuco. "O sr. Joaquim Nabuco — diz ele — é um homem de certo talento, porem sem estudos firmes, sem idéas assentadas, sem espirito analítico e prescrutador, sem vistas largas e seguras. O caráter flutuante e indeciso de seus conhecimentos denota ao critico um espirito móbil e ledor, onde as idéas não se acham, por assim dizer, estratificadas pelo trabalho lento da meditação, mas atrapalhadas, incorrétas, confusas, como oriundas de leituras fugaces que são. E' o mais perfeito tipo do diletante juve-

<sup>(234) «</sup>O Reporter, de 26 de Maio de 1879.

nil e vago, que, como critico e filósofo, fará sempre un papel mediocre e como orador conseguirá apenas iludir. os incautos. Ele é ainda a mais completa incarnação da mediania brasileira educada á fluminense. Seu liberalismo é mais um tema para ezibições pedantes do que uma conquista do estudo, é mais um predicamento de sua vaidade ainda não saciada do que um apostolado de homem convicto e intrasigente. Temol-o ouvido por vezes para caracterizal-o e sempre o encontramos elegante, sorridente, luxuoso até, mas frio. Quando expõe suas idéas, abstrátas, flutuantes, fal-o com o desleixo do touriste que desenfastia-se narrando a um companheiro de viagem as cenas que pouco o tocaram. Quando porem, pressente que se põe em duvida o seu dicernimento e a sua curiosidade de viajante da idéa, anima-se um pouco. Fala todos os dias porque não estuda e não medita para falar. E' dizer que ele é mais um ornamento de salão politico, um perigoso enganador das turbas que se está ali creando, aéreo, retumbante, bombástico e nada mais. E' uma nóva sereia mentirosa e falaz. E' da pequena raça dos oradores academicos, vaidosos, inanes. Ha de ser grande, porque dessa madeira é que se fabricam os robustos esteios deste bem aventurado paiz. Quando chegarem, porem, as horas amargas, em que a nação, faminta de idéas e crenças, desiludida, alquebrada, abatida, rôtos os laços dos velhos enganos e prejuizos, venha pedir aos homens que pensam, aos sondadores da verdade, alguma solução, alguma luz para as suas trévas, não côntem com o sr. Nabuco para isso..." (235).

Com Sinimbú, Silvio pouco se demóra.

<sup>(235) «</sup>O Reporter», de 2 de Junho de 1879.

Afigura-se-lhe "um homem do juste milieu".

"Nossos combatentes politicos da ocasião se dividem claramente em tres grupos — conservadores que nada, ou quasi nada, querem de refórmas — liberaes do governo que desejam levar ávante algumas — liberaes da oposição que procuram, ao menos por palavras, aumentar o raio para traçar o circulo dos projetos reformistas. Sinimbú está no segundo grupo, e acha-se aí por conviçção e por indole. Homem, que parece moderado, sereno, pacato, mediocre de paixões e de idéas, ele é justamente um politico eclético, um tipo de ocasião, geitoso, oportuno, que se acha a gosto em epocas transitorias como a que atravessamos. Como quasi todos os nossos estadistas, e nisso ele não está no singular, não subiu á presidencia do conselho de ministros para realizar idéas suas, concepções de seu saber individual de político. Subiu para desenfiar uma das contas do rosário de seu partido... (236).

\* \* \*

Já Lafayette o ocupa por mais tempo. E bem se compreende, lendo-lhe o perfil, a indignação com que mais tarde disputaria o ensejo de tirar a fórra, insinuando-se, no anonimato, como defensor romantico e cavalheiresco de Machado de Assis...

O discurso que leva Silvio á Camara, Lafayette o fará em resposta a José Bonifacio.

«Si o célebre lente de S. Paulo — começa Silvio — é, no dizer do seu proprio adversario, como o condor, que se remonta ás mais elevadas eminencias do pensamento, ao medicere sr. Lafayette está reservado, quando muito, a figura do gavião,

<sup>(236) «</sup>O Reporter», de 9 de Junho de 1879.

que é uma paródia da aguia. Seu vôo não é largo. E' o mais perfeito tipo do legista modorrento, paciente e ledor, que procura trajar as roupagens do tempo, mas que sob as douraduras da época, encobre o busto de um Lobão ou outro qualquer mofento jurista luso. Já chegado á velhice, pouco tem produzido de realmente sério. Desafiamos a qualquer dos seus encomiastas que nos apresente uma só idéa, uma só doutrina original, ou ao menos proveitosa, oriunda das meditações do nosso autor. Ele é mais um compilador, um alfarrabista juridico, do que um iurisconsulto. Não tem filosofia para animar os seus trabalhos. Não tem sistema, nem alto senso critico. Si pela dose de leituras fatigantes é que se deve julgar do mérito de um escritor, ele tem algum merecimento. Si, porem, o criterio em semelhante assunto deve ser a força impulsiva, idealisadora e critica da inteligencia, o sr. Lafayette é um autor de ordem quaternária. Não passa de uma mediocridade feliz, como tantas outras. Consome muito e pouco produz. E' da classe daqueles, de que fala um célebre escritor britanico, que, quanto mais leem, menos realmente sabem - the most they read ,the less they know. Nem se diga que é um privilegio da ciencia que cultiva, o ser atrazada. Ao contrario, nas mãos de um Ihering, por exemplo. apodera-se de todas as armas das ciencias modernas e apresta-se para o combate. Acantcado, lá, com sua vaidade, em uma Babel de textos decrépitos, o jurista atrasado julga-se o senhor das fontes da vida, porque lê as garatujas de um codigo morrinhento. E' uma triste figura. O lavor das largas vistas lhe escapa. E o saber não está em um montão de fatos incoerentes, sem nexo e sem lei. O sr. Lafavette não é um filósofo do direito. cujos dogmas juridicos se elevem á altura de principios, á serenidade de leis que reinam na esféra dos estudos superiores. Nele, não ha o jogo harmonico das faculdades espirituaes, não se aprecia o belo espetaculo da poesia do carater de que fala Ihering. Em vez de subir aos principios das questões, não faz

mais que repisar e cotejar trechos de legislações estrangeiras. E' sempre o mesmo homem que julga que a ciencia está em apontar autoridades e indicar textos...>

Mas não é só o intelectual que Silvio combate em Lafayette.

E', tambem, e sobretudo, o politico.

"O sr. Lafayette é um jano politico. Tem uma face voltada para a monarquia e outra para a sua idolatrada democracia, eufemismo que hoje emprega em logar da palavra republica, que nunca mais ousou pronunciar. Sua politica é um mixto de liberalismo pacato e de aristocracia intolerante. E' ainda um teomano em sua intuição social..."

Voltando á sua apostasia, declarava — "Admitimos que um republicano ezerça entre nós certa ordem de cargos que nada têm a ver, absolutamente, com a politica. Mas ministro, conselheiro, senador e presidente de provincia..."

Por fim, dizia: "As novidades do sr. Lafayette têm sempre a côr do sol posto: ele só as enxerga quando os outros já estão cansados de vêl-as..." (237).

\* \* \*

A Ouro-Preto, de quem mais tarde o saudosismo de Artur Guimarães conseguiria aproximal-o, e quiçá fazel-o amigo, (238) não dispensava Silvio, por esse tempo, maior consideração.

"Com o sr. Afonso Celso — dizia ele, logo de inicio — repete-se um fenômeno muito trivial entre nós. De

<sup>(237) «</sup>O Reporter, de 16 de Junho de 1879.

<sup>(238)</sup> Artur Guimarães, «Silvio Roméro de perfil», pgs. 107-108.

súbito, um individuo de proporções médias, ou até minimas, é apontado, ezatamente pelo apoucamento de seus méritos, como um homem que se deve aproveitar... E eis uma notabilidade feita!"

Si se fossem procurar "os produtos intelectuaes de s. s.. correriamos após uma incognita impossivel".

"Cientificamente, isto é, com vista ás altas idéas que são revolvidas no grande aparelho do século, o sr. Celso é um homem nú, não tem por onde se lhe pégue, e não queremos ter a crueldade de expol-o de todo assim aos olhares da multidão".

Intelectualmente, ainda é dificil, pois a individualidade do sr. Afonso Celso "não se afirma por coisa alguma de sério, profundo e meritório".

Politicamente, mesmo, "quaes as idéas e reformas que ele poz em pratica? Onde os seus titulos de grande estadista? Não os conhecemos. O que sabemos é que ele é um otimo propugnador da politica de coterie".

œEle não tem o olhar penetrante do estadista atilado. E' um cultor de rabulagens. E' um chicanista político, que só se pode achar a gosto nessa região indecisa, refugium dos petulantes e dos mediocres.

O paiz avista-se, na hora atual, com os mais graves problemas politicos, economicos e sociaes. E é para vêr-se como o nosso homem vive azafamado. Súa e fatiga-se. Mas pensaes que seja em busca de alguma solução adequada? Não. Ele não tem tempo para pensar nisso. Ele maquína... Mas, o que? A intriga política. Desloca maiorias. Derrota colégas e promove-lhes a quéda. E' tudo. São estes os remédios que traz para os males do paiz.»

Aliás, «ele faz o que póde, e não mais do que póde». Aquilo é um vicio orgânico. Acreditamos na lei da hereditariedade e cremos nas seleções atavicas. O sr. Afonso Celso

deve, por certo, ser decendente, ainda que afastado, de algum antigo cultor de sua arte a chicana, a intriga política... Sua tônica, sua nota predominante, é a inclinação para os pequenos negocios, as minudencias caricatas, as tramas mínimas. Especie de Roucher le petit, não se define pela sêde insaciavel de saber. Sua ciencia, ele já a tem firme, ossificada em seu cérebro — é mover o aparelho das candongas políticas...» (239).

#### \* \* \*

A Osorio, Silvio elogia. Mas elogia como general.

«Não é somente com a pena ou a palavra que se ilustram os impérios — diz ele. A espada é, tambem, um agente do progresso, como se tem dito tantas vezes. E' um fator poderoso na luta pela vida das nações.»

Mesmo como homem, Silvio o aprecía. Porque ha, nele,

«alguma coisa de épico. Ali, a alma brasileira resumiu, marmorisou tudo o que contava de energia máscula e de impetos gigantescos. Nele ha, tambem, alguma coisa de profundamente sério. E, quando outros motivos não tivessemos para afirmal-o, bastaria o fato de haver ele, mergulhado com o gabinete Sininbú em um pélago de ridículo e ter saído enxuto... O general não conta vitórias só no campo do Paraguai. Possúe mais esta — não ter sido atingido pela desconsideração geral dos seus colégas.»

Como politico, entretanto, lhe parece melhor que nunca o houvesse sido.

<sup>(239) «</sup>O. Reporter», de 23 de Junho de 1879.

«Justamente por isso, pelo que ha nele de épico e de serio, já é tempo de Osorio se afastar de uma posição que o incomóda e comprime. A politica não é a região que lhe convem. Nem a farda de ministro a que melhor lhe assenta. Ele não é decerto uma especie de gaúcho politico, que só deseje andar montado e chegar ao termo da viagem, pouco se importando com as escabrosidades do caminho. O general deve acampanar de uma vez...» (240).

\* \* \*

Cotegipe lhe parece, apenas, um similar de Ouro-Preto.

"O adocicado senador baiano tem mais talento e ilustração do que o mediano mineiro".

Ainda assim, tem, como ele, uma propensão notavel "para as intrigas de camarilha".

De Cheaster disse um escritor que era un petit homme tout nerfs. O nosso Cotegipe é un petit homme tout lymphe. Tem a fleugma de todas as inteligencias moleironas que nunca tiveram um sistema, de todos os talentos mortiços que nunca se apaixonaram por uma grande idéa.»

Por isso mesmo, torna-se impossivel associal-o ao que quer que seja.

«Paraná ligou o seu nome á lei dos circulos. Rio Branco á do elemento servil. Mas, Cotegipe, a que alta concepção, traduzida em fato, já ligou o seu? Si o digno barão tivesse, um dia, de passar á Historia, era esse um problema que, entre-

<sup>(240) «</sup>O Reporter» de 8 de Junho de 1879.

gariamos sem pezar á perspicácia dos futuros historiadores...» (241),

\* \* \*

Um homem por quem Silvio sempre teve admiração foi Silveira Martins.

Achava-o o prototipo do desassombro mental.

Mesmo como parlamentar, não via quem o superasse. Entretanto, nessas crônicas, nem a ele poupou.

Fez-lhe elogios, não ha duvida; mas chega a dar a impressão de que só o eleva para vêl-o depois caír de mais alto...

«E' um homem de talento e de caracter - diz.

De talento, porque em todos os seus cometimentos mentaes revela um espírito senhor de si mesmo, audaz e impetuoso, porque em todas as avançadas que dá no encalço do seu ideal descobre-se nele uma individualidade.

De caráter, porque, a despeito de suas contradições, que são oriundas de uma erronea intuição social, a imaculabilidade de suas intenções apresenta-se evidente.

Tem em alto gráo a coragem intelectual e, conquanto não esteja em condições de cultura para dar uma forma nova aos nossos anhelos politicos e sociaes, ainda assim, pela disposição incisiva da sua eloquencia, é, como demolidor, um agente importante do nosso futuro.

Nos ultimos quinze anos, foi o vulto mais notavel de nossas lutas parlamentares. E' a figura predominante, aquela que se descortina ao longe no maremagnum de mediocridades que é o nosso parlamento.»

<sup>(241) 4</sup>O Reporter, de 15 de Julho de 1879.

Teve, entretanto, tres fases na vida. Na imprensa, foi um fracasso. Na tribuna, uma revelação. No iministerio, um homem morto.

«Como jornalista, pouco vale. Não é um escritor. Faltamlhe as aptidões indispensaveis, e, entre outras, um estilo corrente e limpido. Sua prosa é palavrosa, enfática, tem uma côr oratória que lhe mareia o aspéto.

Como orador, tem a palavra facil e colorida por uma certa impetuosidade meridional que o impede sempre de tocar no trivial. Sua figura é, alem disso, algum tanto simpática, e a sua voz é a mais propria para ferir como um estilete as chagas da nação. Nunca se arrouba ao ponto de tocar ao sublime, nem tambem descamba nunca para o vulgar. Sua eloquencia é quasi igual e apenas de longe em longe se destacam alguns momentos mais impetuosos em que o orador chega a dominar quasi completamente o auditorio.

Como ministro, é, hoje, a sombra do que foi. Essa terceira fase de sua vida matou-o...» (242)

#### \* \* \*

Martinho Campos foi, durante muito anos, outra grande admiração parlamentar de Silvio.

«Não é, decerto, um orador. Repisa os pensamentos, repete os termos, a ponto de fazer, sempre que toma a palavra, dois discursos em vez de um só... Mas tal é a sua dose de bom senso, tal o acerto da sua critica e o faceto de seu espirito, que ouvil-o é sempre um prazer. Junte-se a isso uma energia não vulgar no repelir os atrevimentos dos ministros e um certo ar de segurança firmada na ecelencia de seu caracter, e ter-se-á o seu retrato» (243)

<sup>(242) «</sup>O Reporter» de 22 de Julho de 1879.

<sup>(243) «</sup>O Reporter» de 29 de Julho de 1879.

Com o tempo, todavia, Silvio foi vendo que Martinho não era aquele "eterno censor" que se lhe afigurára.

Assim que se pilhou no poder, perdeu, como que por encanto, todas as qualidades que guardava no ostracismo.

Não foi atôa que, mais tarde, ao reunir em livro as suas crônicas, se viu forçado a apostilar, em nota, que "tinha vergonha de haver escrito" o que escrevêra...

O Visconde do Rio Branco, este ocupou um logar á parte na galeria de Silvio.

Muitos anos depois, no seu ultimo livro, referindo-se a essa série de ensaios de critica parlamentar, dizia ele que "derrocára cinco ou seis estatuas de pretensos grandes estadistas"; no entanto, timbrava em logo acrescentar que fizéra exceção do Visconde do Rio Branco, "e isto me basta — dizia — porque, de todos os ali estudados, ele foi ezatamente o maior e o unico de superior merecimento" (244).

O velho Rio Branco foi, talvez, de todos os parlamentares que chegaram a ministros, o unico que, a seu vêr, não se despiu das suas características para galgar o poder.

Isso bastava para recomendal-o.

Mas o visconde tinha outra virtude, tambem de grande significação para Silvio.

Era "um adversario franco e leal", que não fingia desdenhar do que se passava nos arraiaes contrarios. Ia, até, muitas vezes, ao seu encontro, procurando inteirar-se das idéas que lhe pareciam proveitosas e que não se sentia diminuido em confessar que ignorava.

<sup>(244)</sup> Silvio Roméro, «Minhas Contradições», pg. 140.

Embora se tivesse passado das fileiras liberaes para as conservadoras, ninguem lhe viu no gesto contradição, nem felonia.

E isso porque o seu espirito continuou sempre "algum tanto accessivel aos impulsos largos e ás idéas liberaes. Formado em ciencias matemáticas, habituou-se a dirigir-se pelo raciocinio e a considerar a política uma especie de mecânica".

"Si houvesse sido educado sob o regimen positivo hodierno — asseverava Silvio — seria, agora, um dos maiores auxiliares com que poderiamos contar" (245).

\* \* \*:

João Alfredo foi o ultimo perfil da série d'"O Reporter".

Nem por isso deixou de ser dos mais impetuosos e dos mais vivos.

"Os leitores presumem conhecer bem o sr. João Alfredo — começava Silvio. Mas o que sabem dele? Que foi ministro de D. Pedro II durante quatro ou cinco anos. Que, atualmente, é senador do Imperio. Que poderá, amanhã, ser visconde e conselheiro de Estado. Que, finalmente, poderá morrer marquez ou duque. Ergo, é um grande homem, um espirito superior, uma inteligencia de primeira grandeza..."

Não. "Já é tempo de protestar contra as nomeadas indébitas de que se vão revestindo e couraçando certos espiritos pêcos e incultos, cuja fortaleza consiste apenas em terem sido um brinco da fortuna a principio e mais tarde submissos caudatarios do imperialismo americano.

<sup>(245) «</sup>O Reporter» de 12 de Agosto de 1879.

«Quando e em que o sr. João Alfredo manifestou dotes intelectuaes de grande valor? Como escritor? Não. Na qualidade de lente ou advogado? Ainda não. Como politico ou orador? Tambem, não. Positivamente, é a mais perfeita incarnação do filhotismo, essa medonha molestia social do Brasil. De orador, nada tem. Figura antipática e desagradavel, voz roufenha e denunciadora de perpetuo incomodo do laringe, acionado gélido, estilo trivial, eis os seus dotes oratorios quanto á forma. O fundo é o de um gazeteiro burguez que discute com o visinho os sucessos políticos, essa teia interminavel de apreciações disparatadas, incongruentes, fabulosas, com que se divertem os enfastiados de sempre.

"Qual o ideal do sr. João Alfredo como homem de Estado?" pergunta a final. E responde: "Duvidamos de "que ele mesmo o saiba..." (246).

\* \* \*

A 19 de Agosto de 1879, "O Reporter" publicava a ultima "critica parlamentar" de Feuerbach.

Não era, como as outras, um perfil.

Era um apanhado geral sobre a situação do Brasil no momento.

«Nossa vida historica, politica, economica, social e psicologica, no segundo reinado, é um documento evidentissimo de que a nação não desenvolveu eficazmente os germens de progresso que nos foram legados pelos tempos coloniaes e pelo reinado anterior.

Uma nação se desenvolve e progride quando, no exterior, por sua influencia, auxilia o progresso das outras, contribuindo

<sup>(246) «</sup>O Reporter» de 16 de Agosto de 1879.

para o bem comum da humanidade, e, no interior, quando, dissipando cada vez mais as suas trévas, avança no encalço da justiça e da verdade.

E' esta uma lei empírica que poderemos formular pelo estudo dos povos progressivos.

Entre nós, nos tempos do segundo imperador, ela não tem aplicação.

A vida historica do paiz no exterior tem sido uma constante luta para ter em sobresalto os estados visinhos, por meio de imposições insensatas. Dest'arte, alheiamos todas as simpatias do continente americano, e havemos tentado guerras ruinósas e inuteis, senão de todo fataes. Assim promovemos em 1852 uma guerra extravagante contra Rosas, ingerindo-nos em negocios internos da Republica Argentina. Fizemos a guerra a um homem, gastamos dinheiro, influencia e vidas, e o historiador futuro poderá perguntar — quaes os proventos que a patria lucrou com os seus sacrificios insensatos? E por mais que cave fundo nos arquivos, nada encontrará alem de resultados negativos ou comprometedores. Foi ainda por este modo que caprichosamente nos mesclámos ás dissenções partidarias do Estado Oriental e lhe fizemos a guerra em 1864, ainda sem a menor vantagem, e com desperdicio evidente de bom senso. Mais tarde, levamos tambem a guerra a um homem, guerra titânica a Solano Lopes, e, com o resultado de uma luta feroz, nos ficou somente na historia o feio remorso de havermos tido um governo que foi o sacrificador de uma nacionalidade inteira, o sacrificador do Paraguai... Quaes as vantagens ali colhidas? Não mais do que dar um triste ezemplo ao mundo e aniquilar o povo unico da America que, por sua educação semelhante á nossa, poderia ser nosso aliado natural, quando as republicas do sul e do oeste entenderem que devem cair sobre nós para nos castigarem por nossos desvarios.

No interior, a vida historica da nação tem-se gasto em revoltas inuteis, como as de Minas, S. Paulo, Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Sul, e o Governo, em logar de cortar os germens das discordias, desenvolvendo as franquias provinciaes, caíu no excesso de lhes reprimir cada vez mais a liberdade, preparando a tremenda centralisação atual...

Na esfera política, todos são acordes em proclamar que a nação está moribunda. O descrédito dos partidos, sábiamente preparado pelos oligarcas, é, hoje, uma ação reflexa do organismo nacional. Não eziste mais ninguem que conteste o vergonhoso fato. E, coisa singular, gasta-se o tempo em indicar o mal e nada de aplicar-se um reativo contra a molestia. O indiferentismo penetrou na alma nacional e já hoje ninguem se importa com o que nos possa acontecer de extravagante. A nação está se deixando abater cada vez mais, sem ao menos procurar um desforço. Onde uma prova mais evidente de nossa profunda decadencia?

A vida economica do paiz, que é um dos termometros do progresso, definha estragada e impotente. O comercio está aruinado e a agricultura quasi morta, e, em compensação, o estado tem uma divida enorme e delapida os poucos recursos que tem a mão.

Si da vida economica descermos á esfera social, a mésse de males se ostentará mais imponente ainda. Reflitam os animos independentes e imparciaes sobre o atrazo das nossas populações ruraes, os absurdos da nossa educação teomaniaca, os disparates dos nossos costumes, a multidão dos nossos prejuizos, a morte da vida municipal, o jesuitismo das consciencias — tudo isto preparado e conservado cuidadosamente...

A vida psicologica da nação, finalmente, é ainda eloquente para mostrar a nossa inesperada decadencia. O estudo das tendencias e aptidões atuais do povo brasileiro é grandemente desanimador. Nas camadas superiores, entre os letrados, ou supos-

tos taes, como no povo inculto, formigam os preconceitos, sob a forma de verdadeiras manías nacionaes: a mania das frases, dos empregos, da politicagem, da côrte, do estrangeirismo, da rotina.

A primeira é uma das mais ferozes, é a tendencia irresisvel do espirito nacional para evtar o sério das questões por meio de um séstro peculiar de colorir banalidades, tomando poses oratorias e fazendo tregeitos tribunicios. Essa fatal doença invadiu a nessa pobre literatura, a começar pelo jornalismo, que, em parte alguma do mundo, é tão superficial e palavroso como o nosso. Ao passo que não temos livros de ciencia, aí surgem todos os anos duzias e duzias de livrinhos de versos e contos aéreos, vaporosos, nulos, cloróticos, doentios de histérica fraseomania. E quem não imita tem o estilo descurado... A maneira comum de escrever é arrebicada, campanuda, afetada. Os escritores deixam de lado as preocupações sérias para fazer espirito insõsso nos folhetins, que são um artigo da moda...

A mania dos empregos é tão patente que os ministros de Estado, apezar da sua miopia extraordinaria, já a descobriram. Consiste no abandono dos bons estimulos do trabalho pela satisfação de escravisar-se ao governo. E' a mais hedionda chaga que pode manchar o corpo de uma nação. O mal é tão intenso que individuos bem colocados no comercio, na lavoura, na advocacia, ou na clinica, chegam a deixar as suas posições para se fazerem empregados publicos!

A politicagem é, tambem, uma molestia terrivel do nacional. E' geralmente conhecida a profunda indiferença do brasileiro pela sorte do seu paiz — e, todavia, é mui de vêr a enfase peculiar com que o nacional palestra e ocupa-se dos negocios políticos. Não é que ele tome ao sério o seu papel, tanto que é incapaz de reagir contra a desgraça que o oprime, mas tendo uma pronunciada predileção pelo escandalo, faz da política a sua conversação mais gostosa. Desde o mais alto magnata, efatuado e

nulo, até o proletario, o cafageste das tabernas, passando pelo burguez boçal, todos tem o seu conceito do Estado e dos negocios publicos...

A adoração pela côrte é ainda um sintoma doentio do organismo nacional. Sendo, hoje, um ponto definitivamente averiguado que das pequenas universidades das provincias é que têm saido as conquistas mais notaveis da ciencia européa, e não das grandes capitaes, avalía-se o que poderá ser do Brasil, que, possuindo uma capital absorvente e de impulsos viciades, não conta, por outro lado, nucleos bem organisados nas provincias que possam reagir contra a atrofía que nos invade.

A macaqueação do estrangeiro é, tambem, outro mal publico. A imitação se faz do que de peór eziste na Europa: a submissão portugueza, aliás herdada, e a frivolidade franceza, que não só reproduzimos como ultrapassamos.

O amôr á rotina é, finalmente, outra de nossas doenças cronicas. Não temos impulsos empreendedores. Não pertencemos aos povos inventivos. Si nem temos industrias no paiz...

Juntae a todos estes fatos, e especialmente ás cenas de pirataria de nossas lutas politicas o abatimento das instituições, a moleza do parlamentarismo, a degradação dos costumes. as torpezas da escravidão, o descrédito da magistratura por parte do governo, o atrazo das academias, tudo isto elaborado, desenvolvido, sistematizado, e tereis a prova provada da nossa decadencia... (246)

Brasil de hontem? De 79? De sessenta anos atraz? Quem o imaginaria tão longe dos nossos olhos, tão perto do nosso coração...

<sup>(246) «</sup>O Reporter» de 19 de Agosto de 1897.

### 40 - A Ciencia Politica e os Pigmeus do Brasil.

Série de artigos de critica parlamentar publicados, sob o pseudonimo de Feuerbach, no jornal «O Reporter», do Rio de Janeiro, em 1879. Quatro anos depois, Silvio reuniu esses artigos em volume com o titulo de «Ensaios de Critica Parlamentar», 1883. Não se mostram de acordo os estudiosos da obra de Silvio quanto ao jornal em que teriam aparecido esses artigos. Araripe Junior, sempre tão cuidadoso nas suas informações, declara que eles foram publicados no jornal «O Combate», de Lopes Trovão. O equivoco é evidente. Os artigos foram todos escritos em 1879. Nesse ano ainda não existia «O Combate», que só apareceu em 1880. Silvio, o proprio Silvio, na introdução aos «Ensaios de Critica Parlamentar», assevéra que a publicação se fez no «O Rebate». Verificámos, entretanto, com absoluta segurança, que o jornal que acolheu a série foi «O Reporter», de 19 de Maio a 19 de Agosto de 1879. Não o fez com o nome de «A Ciencia Politica e os Pigmeus do Brasil». Esse nome aparece, apenas, na sobrecapa do livro «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna», quando as crônicas estavam para ser reunidas em volume e Silvio pretendia assim denomina-lo. O titulo com que saíram no «O Reporter» foi, apenas, de «Critica Parlamentar».

41 — O gosto do publico pelos espetaculos parlamentares.

Artigo. Publicado no jornal «O Reporter», Ano I, n.º 132, de 19 de Maio de 1879. Foi o primeiro da série indicada acima. Constituiu, mais tarde, a materia da «advertencia» dos «Ensaios de Critica Parlamentar».

# 42 - José Bonifacio.

Artigo. Publicado no jornal «O Reporter», Rio, Ano I, n.º 141, 2-5-1879. Foi o segundo da série já referida (40). Reunido, depois, aos «Ensaios de Critica Parlamentar», pgs. 17 a 30.

## 43 - A linguagem genuina do nosso povo.

Carta a Lopes Trovão. Publicada no jornal «O Reporter», Rio, Ano I, n.º 142, 27-5-1879.

# 44 - Joaquim Nabuco.

Artigo. Publicado no jornal «O Reporter», Rio, Ano I, n.º 148, 2-6-1879. Continuação da série já mencionada. Incorporado, depois, aos «Ensaios de Critica Parlamentar», pgs. 31 a 42.

### 45 - Cansanção de Sinimbú.

Artigo. Publicado no jornal «O Reporter», Rio. Ano I, n.º 155, 9-6-1879. Continuação da série. Reunido, mais tarde, aos «Ensaios de Critica Parlamentar», pgs. 43 a 54.

### 46 - Lafayete Pereira.

Artigo. Publicado no jornal «O Reporter», Rio, Ano I, n.º 162, 16-6-1879. Continuação da série. Reunido ao livro «Ensalos de Critica Parlamentar», pgs. 55 a 68.

### 47 - Afonso Celso.

Artigo. Publicado no jornal «O Reporter», Rio, Ano I, n.º 169, 23-6-1879. Da mesma séria já aludida. Foi, depois, reeditado nos «Ensaios de Critica Parlamentar», pgs. 69 a 82.

### 48 - Una ministros anonimos.

Artigo. Publicado no jornal «O Reporter», Rio, Ano I, n.º 184, 8-7-1879. Sobre Osorio, Ferreira de Moura, Moreira de Barros e Sodré. Da mesma série. Reunido, mais tarde, aos «Ensaios de Critica Parlamentar», pgs. 83 a 95.

# 49 - O barão de Cotegipe.

Artigo. Publicado no jornal «O Reporter», Rio, Ano I, n.º 191, 15-7-1879. Em proseguimento da série. Reproduzido nos «Ensaios de Critica Parlamentar», pgs. 97 a 110.

### 50 - Silveira Martins.

Artigo. Publicado no jornal «O Reporter», Rio, Ano I,

n.º 198, 22-7-1879. Da mesma série. Reunido, depois, aos «Ensaios de Critica Parlamentar», pgs. 111 a 120.

## 51 - Martinho Campos.

Artigo. Publicado no jornal «O Reporter», Rio, Ano I, n.º 205, 29-7-1879. Ainda da mesma série. Fez parte tambem, depois, dos «Ensaios de Critica Parlamentar», pgs. 121 a 132.

### 52 - O Visconde do Rio Branco,

Artigo. Publicado no jornal «O Reporter», Rio, Ano I, n.º 218, 22-8-1879. Em proseguimento da série. Foi reunido, mais tarde, aos «Ensaios de Critica Parlamentar», pgs. 133 a 142.

### 53 - João Alfredo.

Artigo. Publicado no jornal «O Reporter», Rio, Ano I, n.º 220, 16-811879. Da mesma série. Foi depois incorporado aos «Ensaios de Critica Parlamentar, pgs. 143 a 156.

# 54 — A situação do Brasil sob o Segundo Reinado.

Artigo. Publicado no jornal 40 Reporter», Rio, Ano I, n.º 224, 19-8-1879. Ultimo da série. Foi, tambem, aproveitado, depois,, como capitulo de conclusões, nos Ensaios de Critica Parlamentar.

### (1879 - 1880)

A critica de Souza Bandeira : Uma renovação literaria entre nós - O revide de Silvio - Carlos de Laet - A escola tentosergipana e a escola gal)-fluminense - A investida sorrateira de Machada de Assis - A velha historia do estilo - O que Silvio disse - O que poderia dizer - Como o defenderia, mais tarde. Cociho Neto :-- O curso de alemão de Carlos Jansen --Novas perfidias contra Silvio — A sua réplica — A propaganda de Tobias - As transcrições pagas e as gratuitas - O fim do «O Reporter» - Franklin Tavora - A Revista Brasileira» -A aclimatação do bárbaro - Os estudos sobre o folk-lore · brasileiro - «O Poema das Americas» - Os elogios que lhe fasem e as honrarias que recebe — Em marcha a ré — A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual do Brasil -«A Literatura Brasileira e a Critica Moderna» — O empenho conciliador de Franklin Távora - O revolucionario que não conspira :- Resurge a campanha contra o romantismo -- Manifesto de querra - A necessidade de uma base estavel para a vida - O concurso de filosofia para o Imperial Colegio de Pedro II - Por que foi unulado o concurso anterior - Os ezaminadores e os concurrentes — Um protesto de Paulo de Frontin — O sorteio do ponto para a tese — «Da interpretação filosofica na evolução dos fatos historicos» - Quinze dias de praso — O trabalho de Silvio — Como correu a defesa de teses — A lógica de ferro de Nuno de Andrade — A prova oral — A trova escrita — A classificação dos concurrentes — Os incontestaveis talentos de Silvio — A resalva do seu positivismo — Dois votos vencidos — O imperador e as intrigas — O depoimento de Cesar Marques — A provavel intervenção de Tautphæns — A conquista da cátedra — Consolidando o seu prestigio — Olhado como uma força — Uma frase de Chapot-Prévost — A caminho da segunda fase — A unidade espiritual de Silvio através de toda a sua obra.

O primeiro contato que teve Silvio com os circulos intelectuais da Côrte foi-lhe proporcionado pela critica de Antonio Herculano de Souza Bandeira ao seu livro "A Filosofia no Brasil".

Apareceu tal critica, com o titulo de "Uma renovação literária entre nós", na "Revista Brasileira", de Franklin Távora.

A não serem os artigos de Carlos von Koseritz, que, escritos na "Gazeta de Porto Alegre", Silvio fizera transcrever n' "O Cruzeiro", jornal ezistente nesse tempo no Rio de Janeiro (247), o livro só havia merecido, até então, pequenos registos anônimos, elogiosos mas inexpressivos.

Silvio continuava, assim, a ser apenas o poeta secundário dos "Cantos do Fim do Século", pois as crônicas d' "O Reporter" saíam assinadas com o pseudonimo de

<sup>(247)</sup> Silvio Roméro, «Zéverissimações», pgs. 55-56.

Feuerbach (248) e é bem pouco provavel que ele expuzesse á venda nas livrarias cariócas os raros ezemplares de que ainda dispunha da "Etnologia Selvagem".

Compreende-se, desse modo. o interesse que deve ter despertado o estudo de Souza Bandeira, revelando, de maneira sem duvida apaixonada, com evidente má vontade, mas com incontestavel segurança de conceitos e expressão, um aspecto inteiramente novo do intelectual nortista contra o qual tanto se previnira o nosso meio.

«O sr. Silvio Roméro — dizia ele, logo nos primeiros periodos — apresenta-se-nos com o intuito de indicar a evolução que os estudos filosoficos têm seguido no paiz, e com uma franqueza rude, desde as primeiras palavras, nos desengana, dizendo apenas, em fórma de consolo, que da idéa ezata do pouco que temos feito é que, na hora atual, devemos tomar novas forças em busca de um ar mais puro, atraz de um futuro melhor.

Estamos em presença de uma personalidade que não se ilude sobre os proprios recursos, nem sobre os assuntos em que toca. Com uma sinceridade, muitas vezes ingenua, o escritor brasileiro deixa entrever todo o seu caráter. Não espera que o interroguem, apressa-se em fazer quasi que a sua biografia. Não tem a modestia natural dos escritores que vêm trazer a publico o resultado de seus estudos. Ao contrario, impõe-se como mestre, e, apezar de ligeiros e mal disfarçados protestos, vê-se bem que o nosso patricio não se tem em conta de uma vulgaridade. Não requer a condescendencia de ninguem. E, longe disso, afronta e desafia a severidade dos mais competentes.

<sup>(248)</sup> Machado de Assis, aludindo a essas crônicas em estudo que publicou, a esse tempo, na «Revista Brasileira sobre «A Nova Geração» dizia que eram «atribuidas» a Silvio («Critica», pg. 145.)

E' ele proprio quem diz, a seu respeito, usando da frase de um notavel filósofo moderno, que poucos serão menes dispostos a usar de palavrões. Os seus estudos, é ainda ele quem fala, são oriundos de uma preparação preliminar um tanto rigorosa. A propria pessôa é uma de suas maiores preocupações porque não quer enganar o publico para quem escreve, e assim é que, educado nessas escolas contra as quaes se insurge, avisa-nos que a sua vida intelectual ha sido uma constante e dolorosa luta para arredar da mente o que nela foi depositado pelo ensino secundario e superior e substituir tão frageis e comprometedoras noções por dados científicos.

O sr. Silvio Roméro é poeta e bacharel em direito. E' ainda ele quem lembra essas duas circumstancias e para elas chama especialmente a atenção dos leitores, visto como aos olhos de alguns isso equivale a um sinal de incompetencia.

Eram indispensaveis — diz — estas informações pessoaes para o leitor entrar no conhecimento da individualidade que lhe apresentamos e tanto mais indispensaveis quanto o escritor não faz apenas profissão de critico, não é um méro expositor de sistemas alheios. O seu fim, que não esconde, é uma renovação literaria entre nós. Cumpre, pois, que o publico aprecie não sómente os resultados da viagem científica do autor através do que entre nós se tem escrito sobre filosofia, mas tambem as bases da renovação literaria que propõe».

Passa, depois, a fazer a análise dos diversos capitulos do livro para evidenciar que aos olhos de Silvio nenhum dos nossos filósofos escapa.

«Uns são nulos e frivolos, não resistem ao mais ligeiro ezame. Os outros são destituidos de espirito de observação, não indicam uma só experiencia propria, fazem praça de uma erudição de segunda e terceira mão, repetem o que já era muito corrente

antes de se haverem lembrado de escrever qualquer coisa. Em suma, nenhum deles é filósofo, ou por incapacidade, ou por falta de originalidade».

Qual a razão desse repúdio sistemático? Serão os nossos filósofos, realmente, tão mediocres? Não. Essa pecha só se generalisa para realçar o mérito da unica exceção que o critico admite, que é Tobias Barreto.

«Um pensamento diretor domina o trabalho do sr. Roméro. Apezar da divisão adotada, servindo de tema a cada parte o ezame das idéas de escritor diferente, vê-se bem que ha ali um plano concertado, mas disposto com tal habilidade que o leitor só o percebe quando chega ao décimo capitulo. Rigorosamente por esse devera ter começado a série, pois os anterieres formam uma simples introdução. Ficaria, assim, mais evidente o intuito do autor, e mais completa a homenagem que se propoz render ao brilhante talento do dr. Tobias Barreto, comquanto menos pretencioso se tornasse o frontespicio do folheto. Não foi «A Filosofia no Brasil» o que quiz escrever o sr. Roméro, e, sim, a biografia, ou, antes, a apologia do ilustre sergipano».

Teria Silvio conseguido, comtudo, o que visou? Acha o seu critico que não.

«Essa inocente falta (de fazer de Tobias a idéa central de todo o livro) deu logar a um efeito todo negativo quanto acs fins que teve em mira o autor. Tentando iludir o leitor com a forma de sua exposição, empregou tão grande esforço que afinal só enganou a si. Não lhe contestamos a verdade de muitos de seus conceitos, porém ezagerou-lhes tanto o alcance, e mostrou-se por tal forma preocupado com uma idéa fixa, que não só excitou a suspeição, mas ainda comprometeu a causa cuja defesa tomára.

Não pode deixar de falar assim quem vê desarmada e complacente para um individuo a critica que pesou desapiedada sobre tudo e sobre todos. Ha uma transição tão brusca, a metamorfose é tão rápida no modo de escrever e de pensar, que o leitor, por mais forte que seja, sente a violencia do choque, mas, passada a primeira impressão, é levado a confessar que não valia a pena destruir tanto para construir tão pouco. Depois de ter colocado o seu idolo num deserto, julgando ser o melhor meio de realçal-o, entregou-se á tarefa de ezagerar-lhe as proporções com o intuito de formar uma figura legendária».

# E, ainda nisso, errou.

«Não vá alguem pensar — apressa-se em advertir o sr. Souza Bandeira — que o humilde autor destas linhas pretenda negar a Tobias Barreto o seu incontestavel merecimento. Talento vasto, estudo profundo, ilustração variada, são brilhantes qualidades que ornam o distinto sergipano, cujo bom senso o obrigará a recusar o papel ridiculo que, por desaso, o sr. Roméro quer atribuir-lhe no desenvolvimento literario das duas nações que falam a lingua portugueza. Admiradores de Tobias, entendemos, comtudo, que o sr. Roméro, em vez de prestar um serviço prejudicou-o com o panegirico que lhe fez, principalmente depois do modo por que julgou os outros escritores. As obras de Tobias não estão divulgadas e quem o conhecer pela cA Filosofia no Brasil» formará juizo menos lisongeiro».

A investida era forte. Mas não ficou aí Souza Bandeira. Como o que o preocupa é menos o livro do que o proposito "renovador" que ele revela em Silvio, é contra este que volta as suas baterias para o ataque final.

«Uma renovação literaria entre nós é o fim a que se propõe o sr. Silvio Roméro». Mas qual é o criterio da escolha? — inda-

ga, aflito, o seu contraditor. Não se sabe. Silvio destroe tudo «com uma critica sem norte, caminhando de sistema em sistema, mais desejoso de dialética do que de outra coisa». «Discutiu tudo e tudo poz em duvida» Que ficou? Em verdade, nada.

«O ecletismo do sr. Roméro é esteril e inconsequente. Não chega a resultado proveitoso, nem pode servir para operar uma renovação qualquer. Sómente proprio para destruir, é incapaz de crear, e aí está o seu fraco. Para operar uma renovação cumpria, antes de tudo, assentar principio sólido que servisse de criterio e método seguro para as investigações. O sr. Roméro não faz uma nem outra cousa».

Por conseguinte, «si, como filósofo, o sr. Roméro deixa muito a desejar, como critico duas qualidades principaes o distinguem — é inconsiderado e vaidoso, e o seu estilo se resente de ambos os defeitos.

«Quem lê atentamente «A Filosofia no Brasil» — remata Souza Bandeira — nota, com sorpresa, que o autor incorreu em quasi todas as faltas que censurou nos outros e frequentemente avançou proposições cujo alcance não foi meditado». (249)

### \* \* \*

A resposta de Silvio foi energica, mas não se pode dizer que tenha sido violenta.

Souza Bandeira não lhe era desconhecido. Muito pelo contrario. Foi seu colega de turma na Faculdade de Direito do Recife (250).

Alem disso, sofreu de Silvio, na propria "A Filosofia no Brasil", um arranhão consideravel.

Com efeito, ha, no volume, esta nota:

<sup>(249)</sup> A. H. Souza Bandeira, «Uma renovação literaria entre nós», na «Rev. Bras.», vol. I, pgs. 80 e seguintes.

<sup>(250)</sup> Clóvis Bevilaqua, «Historia da Faculdade de Direito do Recife», vol. II, pgs. 206.

«Sobre a ultima obra do sr. Visconde de Araguaia apareceram no Rio de Janeiro dois pequenos folhetos — um, sofrivel, pelo sr. Teixeira e Souza, moço estudante de medicina, que tem mais de sonhador que de filósofo — outro, devido á pena do sr. dr. Herculano Bandeira Filho, empregado publico do Ministerio da Justiça, opúsculo onde não se pode bem determinar em que o seu autor mais pobremente ezibiu-se, si no desmantêlo da forma, si na trivialidade do fundo. Não sei quem lhe incutiu no animo a vaidade de se ocupar de taes matérias...» (251)

Silvio não poderia silenciar sobre essa circumstancia. E é por ela que começa o seu revide.

«Supunha que tão distinto escritor tivesse pegado da pena para defender-se de uma censura que lhe havia sido feita no meu livro. Não foi assim. O notabilissimo articulista, passando por alto a critica a si dirigida, tomou do livro para dele ocupar-se em sua totalidade. Qual não foi, porém, o meu espanto, quando, em vez de uma analise refletida e destruidora, por parte do escritor adversario, deparei com insinuações malévolas, em que sou mimoseado com os epitetos de arrogante, pretencioso, inconsiderado, vaidoso, etc. Acreditava que taes recursos só tivessem ficado para todos nós, os escritores medianos, mas não para o sr. Bandeira, um vulto de primeira grandesa!

Sendo o meu livro um trabalho de critica e de polêmica, era de esperar que o analista acompanhasse pari-passu os debates ali agitados e mostrasse aos olhos dos bons leitores fluminenses os meus erros e as minhas fraquezas. Não o fez. E' que a passagem que se lê na «A Filosofia no Brasil», a seu respeito, desnorteou-lhe o criterio e ele teve mais em vista ferir o autor do que discutir a obra.

<sup>(251)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil», pgs. 175.

Só esta observação justificar-me-ia de não responder-lhe. Acho, porém, acertado des fazer algumas injustiças e inezatidões que se lêm no aludido artigo.

O trabalho do sr. Herculano se divide em quatro partes. Nas duas primeiras limitou-se a fazer um resumo dos primeiros capitulos do livro. O resumo é capcioso e pouco sério, porquanto o meu censor não refere nenhuma das questões discutidas e colhe só de relance o lado menos simpático das criticas com o fim preestabelecido de mostrar-me sob uma côr desagradavel. Este método oculta uma certa dose de velhacaria literária e um talento de tão fina agua, como o sr. Bandeira, devia deixar a nós outros, epigonos, os processos condenados... Nas duas ultimas partes do seu escrito é que o célebre néo-filosofo ainda foi mais positivo e sua linguagem assume então um certo ar de descompostura, que me abstenho de qualificar.

Passa, depois, a defender-se das principaes acusações que lhe fez o seu critico.

A' primeira, de se haver autobiografado, diz que é falsa. Deu, apenas, "esclarecimentos indispensaveis" a respeito de sua vida. E, nisso, nada havia de censuravel. Si Littré, que era Littré, sentira a necessidade de fazel-o ao se apresentar pela primeira vez em publico, quanto mais ele, "um escritor de provincia, moço e totalmente desconhecido".

A' de haver dado preferencia a Tobias, dele cuidando mais detidamente que dos outros, não néga, nem vê por que negar.

«No proprio livro encontram-se os motivos de tal procedimento. Primeiro — a superioridade de Tobias, que se me antolha incontestavel. Segundo — o fato de ser Tobias um escritor provinciano e obscuro. O primeiro justifica a preferencia que lhe dei. O segundo explica a extensão do capitulo que lhe foi consagrado».

Além disso — diz — «estou em meu direito na escolha de minhas preferencias e emquanto me não provarem que o distinto sergipano não merece o logar de honra que lhe assinalei, aí o hei de conservar, em que pese aos Bandeiras e consocios».

Quanto a dizer-se que ele, Silvio, não se mostra seguro das proposições que avança sobre os filosofos alemães, deve haver equivoco. O articulista, sim, é que "ignora totalmente o estado atual da filosofia de alem Rheno".

«E' necessario que o sr. Bandeira seja um verdadeiro parvenu em assuntos filosoficos, e só tenha lido a meia duzia de autores francezes que andam aí na mão de todos para cair nos irrisórios disparates em que cae».

«Diz o sr. Bandeira que o autor d'«A Filosofia no Brasil» tem ainda muito que estudar. Sem duvida. E tanto que nunca abandona os livros. O ilustre e profundo pensador é que nada mais tem a estudar. Fôra bom, comtudo, que procurasse pôr-se ao par do modernissimo criticismo realista para não dizer despropositos indignos de um ezaminador de filosofia». (251-a)

Acusa-o o seu contraditor de "um ecletismo estéril e inconsequente", que o deixa ao léo entre os sistemas, sem orientação alguma.

«O sr. Bandeira é que não tem doutrina assentada — replica Silvio. Nas suas célebres conferencias da Gloria seguia, ao que

<sup>(251-</sup>a) Souza Bandeira, a esse tempo, acabava de ser nomeado para ezaminador no concurso de Filosofia do Imperial Colegio de Pedro II.

me consta, as idéas do belga Tiberghien. Hoje ora acende-se de amores por Cousin, umas vezes se volta para Comte, que desconhece quasi totalmente, e outras para Spencer, que não está talvez na altura de bem compreender, por mais ciencia que deseje arrotar.

Avança, ainda, o critico, que Silvio "nada funda e só destróe".

«Ora — diz Silvio — queria o sr. Herculano que uma obra de simples critica se dedicasse a outra coisa além de destruir erros e absurdos? E' este, justamente, o fim da critica e dar-me-ei por muito feliz se conseguir algum dia destruir algum abuso. O sr. Bandeira é que nem para tão pouco serve. E' uma inteligencia acostumada á submissão, que nem ao menos ousa destruir. E, todavia, o que é que ele já fundou neste mundo? Eis um problema que lhe deixo a resolver».

Por fim, se ocupa Silvio da increpação de vaidade.

«Chama-me vaidoso sem limites... E' uma trivialidade de mão gosto. Vaidoso, um homem novo, sem fortuna, sem posição, obscuro, malquisto de alguns? Esta só lembraria ao sr. Hercula-no. De certo tempo a esta parte começou-se a falar de escritores vaidosos e não vaidosos. Não sei bem o que isto quer dizer e respondo com Paul Louis Courier: «ce qu'on entend par là je ne sais pas bien et si je le savais peut-être ne le dirais-je pas de peur de me brouiler avec trop de gens...» Não suponha o sr. Bandeira que faço alta idéa de minha capacidade. Não. En sou, por certo, uma das mais completas incarnações da mediocridade brasileira e só difiro de muitos outros em ter a consciencia da propria insignificancia e ser um pouco rebelde em acreditar nas falsas apoteóses dos nossos semi-deuses. Já é isto uma vantagem

— não gosto de ilusões porque elas nos hão sido fataes. Será um crime assim falar? Não o creio. Sou dos primeiros a confessar que em meus escritos ezistem muitas lacunas e defeitos. Mas qual dos nossos os não terá? (252)

\* \* \*

Não podendo vencel-o pela inteligencia, a Côrte procurou subjugal-o pelo ridiculo.

Uma das credenciaes que Silvio apresentava era o seu "germanismo".

A esse tempo, isto é, em fins de 1879, Tobias, tambem, publicava no Norte, primeiro em forma de revista, e só depois em livro, os seus "Estudos Alemães" (253).

Ocorre, então, a Carlos de Laet, chamar-lhes á corrente de "escola teuto-sergipana".

Tobias, distante, não se dá por achado.

Dois anos depois, em 1881, alude ao "claro intuito, que, com a designação, tiveram os literatos fluminenses de produzir impressão comica, pela associação da idéa da Alemanha á da provincia natal dos dois infatigaveis promotores do germanísmo nas letras brasileiras", mas diz que, "sem saber, lhes conferiram, bem como á sua terra, uma honra imensa, cujo valor ezato só ao futuro é dado conhecer e aquilatar" (254).

Silvio, porem, na brécha, em meio aos agressores, se vê forçado á represalia imediata.

(253) Silvio Roméro, Nota 16 á pgs. XXXVIII da edição oficial dos «Estudos Alemães» de Tobias Barreto.

<sup>(252)</sup> Silvio Roméro, «A Filosofia no Brasil e o sr. dr. Herculano Bandeira», no «O Reporter» de 17 de Julho de 1879.

<sup>(254)</sup> Tobias Barreto, «Estudos Alemães», «Como introdução», pgs. XXXVI da edição oficial.

E os rotúla, por seu turno, de "escola galo-flumi-nense".

Escritores fluminenses — escreve ele — homens do jornalismo da côrte imperial, sendo até notóriamente apontado como creador da expressão o sr. Carlos de Laet tentando espirito e com vista ao ridiculo, chamaram á nossa tentativa «escola teuto-sergipana».

Em tempo, nós alcunháramos, em represália, á gente que se nos opunha — a escola «galo fluminense». (255)

O revide tinha tanto mais razão de ser quanto é sabido que, com o seu "germanismo", não pretendiam os dois grandes sergipanos — nunca o pretendeu Silvio, pelo menos — crear para a inteligencia brasileira uma sujeição absoluta aos modelos germânicos, senão, apenas, substituir a influencia franceza pela alemã, ou, melhor, contrapesar uma com a outra.

Isso, aliás, ele teve, por varias vezes, occasião de esclarecer, com o zelo excessivo que sempre punha na demonstração da probidade de todas as suas atitudes.

«Pelo que nos diz respeito — escreve ele — foi aqui no Rio de Janeiro, nos anos de 1863 a 1868, antes de conhecermos Tobias, que se nos despertou o entusiasmo pela gente germanica estimulado pelas lições do dr. Francisco Primo de Souza Aguiar. Este ilustre sábio tinha residido longos anos na Alemanha, era grande sabedor de sua lingua e forte entusiasta daquele povo.

Nossa vantajosa apreciação da influencia do elemento germanico na civilisação moderna e nosso alto apreço pela cultura do

<sup>(255)</sup> Silvio Roméro, «Considerações Indispensáveis» á 2.ª ed. dos «Estudos Alemães», de Tobias Barreto, ed. oficial, pgs. XV e XVI.

povo alemão cresceram pela leitura mesmo dos mais eminentes autores francezes que fizemos no Recife de 68 a 70 — historiadores como Guizot e Thierry; criticos literarios como Ampère, Taine e Scherer; criticos religiosos como Renan, Michel Nicolas e Reuss; publicistas como Lavelleye e Gobineau, escritores esses, que eram, pelo menos até ao ano da grande guerra (1870) entusiastas dos alemães.

Foi então, foi em 1870, que Tobias Barreto se decidiu velos germanicos. Com aquele ardor que ele punha em tudo, com aquela enorme facilidade de aprender que o distinguia, entrou na loia de livros de Laillacard, no Recife, á rua do Imperador, comprou um dicionario e uma gramatica alemães e pediu ao livreiro que lhe mandasse buscar na Europa a Geschichte des Volkes Israel de Ewald. Foi este o primeiro livro alemão que o poeta sergipano possuju. No intervalo entre a encomenda e a chegada da célebre obra o nosso patricio ficou estudando a lingua alema comsigo mesmo. O que depois se seguiu todo o Brasil o sabe. Tobias apaixonou-se pela lingua, pelos autores, pelas idéas, por tudo quanto vinha da Alemanha e não abandonou mais, até morrer, o seu querido alemanismo. Dezenove anos empregou-os ele em sua incessante propaganda. Teve de renovar todas as suas idéas depois dos trinta anos, idade em que quasi ninguem mais tenta semelhante aventura. Literatura, critica, direito, religião, politica, filosofia, tudo teve ele de recompôr e de modificar ao influxo dos autores alemães, seguindo de preferencia a direção monistica, onde, em esferas diversas, julgaram os nomes de Helmholtz, Hæckel, Noiré, Spir, Hermann Post, Fröbel, Ihering e tantos outros, de menor vulto.

Nós ajudamos essa propaganda, como medida tonificante para o nosso espirito popular, recomendando da Alemanha especialmente a critica. Em um artigo publicado em 1875 diziamos nós: «As nações nos tempos de hoje, antes de atender aos seus instintos particulares, devem amoldar-se ás necessidades e aos pro-

gressos da civilisação e concorrer para eles. As que são dotadas de bôas e fecundas qualidades originárias, de elevadas relações. fisiológicas inconscientes, como dizia Mantegazza, podem afoitamente dar largas aos seus impetos subjetivos, porque estes são sempre os mesmos da civilisação. Na ciencia, como na literatura, o que é da época e o que é intimo nelas se enlaça e se completa. Os povos, porém, que são ornados de máos pendores, devem, ao contrario, reprimil-os, sufocal-os, e o corretivo está no ezemplo dos grandes povos. Ao Brasil, que é da classe dos que se devem corrigir, é o que cumore fazer. No que for tocante à ciencia, não digo que se volte determinadamente para este ou aquele paiz volva-se para a verdade, de onde quer que ela irradie. No que fôr puramente literario, amputados os seus velhos vicios, o mesmo deve fazer. O ideal, porém, da Alemanha, como ezemplo a seguir, tem tudo de nobilitante. Dela é que bodem vir melhores idéas que o reanimem, sem tirar-lhe a consciencia do seu proprio ser. A corrente franceza tem sufocado, pela imitação, a individualidade deste povo. O germanismo, que fornece idéas em vez de frases, vivificará a personalidade perdida por meio da critica de nos mesmos».

Eis aí. Nada mais claro. Desde o principio de nossa carreira literaria antepuzemos a tudo a personalidade de cada povo e do alemanismo só aceitavamos a intuição critica apta a revigorar a nossa propria individualidade nacional.

Ainda mais positivos fomos, mais tarde, na «Historia da Literatura Brasileira», no artigo referente a Tobias. Aí, dissemos nós: «Em regra, não é um bom ezemplo aconselhar a uma nação que siga a qualquer outra. Mas isto deve-se compreender com relação aos grandes póvos, áqueles que podem representar um papel original na historia. Para com os póvos médios e nulos a coisa muda muito de figura. Estes devem ser compelidos a tomar os avisos salutares, sob pena de perda irreparavel. Improprios para se reformarem por si, hão mister de uma escola severa, fornecida

pelo estrangeiro. Mas duas são as grandes manifestações no dominio das idéas: a ciencia e a literatura. Quanto á primeira, Tobias é muito ilustrado para pretender que ela seja um patrimonio da Alemanha, como uma inteligencia má do seu pensamento tem podido sugerir. A ciencia contemporanea é um coeficiente da civilisação ocidental, tendo, é certo, na Alemanha, sua séde principal. Não foi, portanto, dela especialmente que o autor quiz falar. Quanto á literatura, ele é muito bom poeta para pretender que o cunho da nacionalidade possa dela no todo ausentar-se. Quer em um, quer em outro ramo, teve sem duvida em vista a disciplina do pensamento, a severidade da investigação, juntas á sinceridade do sentimento e á esatidão da expressão, que constituem o sêlo da inteligencia tedesca. Quer que contraiamos tão salutares habitos no estudo severo da ciencia e da literatura germanicas, incontestavelmente as mais fecundas da atualidade».

Tal a nossa disposição de espirito — concluia Silvio — sobre a vida intelectual alemã, desde os velhos tempos em que começamos a aprecial-a sob a influencia de Primo de Aguiar. Tal a disposição de espirito em que proseguimos em estimal-a mais de perto, sob o influxo que em Pernambuco lhe deu Tobias Barreto, desde 1870». (256)

\* \* \*

Impotente para destruil-o com as armas leaes da critica, como o tentára com Souza Bandeira — ou com as ciladas menos lisas do ridiculo, como o fizera com Carlos de Laet — a Côrte vae aventurar mais um expediente, e, desta vez, com Machado de Assis.

Não ha como negar talento, nem preparo, a Silvio.

<sup>(256)</sup> Silvio. Roméro, «Considerações Indispensaveis» aos «Estudos Alemães» de Tobias Barreto, ed oficial, pgs. XIX e XXII.

Ele é, sem duvida, "um dos mais estudiosos representantes da geração nóva" (257).

Não se lhe pode, tampouco, desconhecer o grande mérito da operosidade.

Ele é "laborioso e habil" (258).

«Falta-lhe, todavia, estilo, e essa é a grande lacuna nos escritos do sr. Silvio Roméro» — pontifica o futuro creador de «Braz Cubas». Não me refiro ás flôres de ornamentação, á ginastica de palavras. Refiro-me ao estilo, condição indispensavel do escritor, indispensavel á propria ciencia — o estilo que ilumina as paginas de Renan e de Spencer, e que Wallace admira como uma das qualidades de Darwin». (259).

Silvio não tem estilo.

E, não o tendo, de nada lhe valem as idéas que possúa.

«Logo que a expressão não traduz as idéas, tanto importa em não as ter absolutamente». «Estou que muitas decepções literárias originam-se nesse contraste da concepção e da fórma — prosegue Machado (260) — o espirito, que formulou a idéa, a seu modo, supõe havel-a transmitido nitidamente ao papel, e, daí, um equivoco».

No grande agitador, Machado descobre esse equivoco,

«essa luta entre o pensamento que busca romper do cérebro e a forma que não lhe acode ou só lhe acode reversa e obscura, o

<sup>(257)</sup> Machado de Assis, «Critica», pgs. 145.

<sup>(258)</sup> Machado de Assis, ob e loc. cits.

<sup>(259)</sup> Machado de Assis, ob. e loc. cits.

<sup>(260)</sup> Machado de Assis, ob. cit., pgs. 146.

que dá a impressão de um estrangeiro que apenas balbucia a lingua nacional...» (261)

· A estocada era forte.

E, vindo de quem vinha, não tardou a substituir as outras.

Já se permitia ao "bárbaro" a legitimidade da re-

novação que trazia em proposito.

Já se lhe não cuidava de saber da fonte em que a bebera. Podia ser germanica. Podia ser franceza. Fosse qual fosse, já não interessava.

O que prendia, agora, as atenções da Côrte — o que a fazia repelir o forasteiro ousado que lhe tentára desmoralizar a cidadela — era a falta de estilo.

Pois, então, poderia atirar-se contra os circulos intelectuais do Rio, desfazendo-lhe nos méritos, menoscabando-lhe da autoridade, um intelectual que nem sabia se exprimir, que para transmitir aos outros as idéas de que se dizia possuidor atrapalhava-se de tal maneira que dava "a impressão de um estrangeiro que apenas balbucia a lingua nacional"?

Não se sabe de nenhum desabato imediato de Silvio.

O recalque, entretanto, foi contraproducente.

Dezessete anos depois, quando lhe coube analisar, por sua vez, o estilo de Machado, a fórra, que tirou, não foi pequena.

Costuma-se citar, apenas, a frase — "ele gagueja no estilo, na palavra escrita, como outros na palavra falada".

Essa mutilação, quando outros inconvenientes não tivesse, teria o de fazer supôr que o pensamento unico de

<sup>(261)</sup> Machado de Assis, ob. cit., pags. 146-147.

Silvio fôra o de "aludir maldosamente" ao defeito fisico do romancista (262).

Ora, essas meias intenções, esses caminhos tortuosos nunca andaram nos habitos de Silvio.

A frase, que, aliás, a rigor, nem se pode dizer sua, veio-lhe incidentemente, como a lhe completar apenas o pensamento.

«O estilo de Machado de Assis — escreveu Silvio — não se distingue pelo colorido, pela força imaginativa da representação sensivel, pela movimentação, pela abundancia ou pela variedade do vocabulário. Suas qualidades mais eminentes são a correção gramatical, a propriedade dos termos, a singeleza da fórma. O periodo não lhe sae amplo, forte, vibrante, como em Alexandre Herculano; variegado, longo, cheio, como em Latino Coelho; imaginoso, fluente, cantante, como em Alencar; seguro, articulado, movimentado, como em Sales Torres Homem; terso e transparente, como em João Francisco Lisbôa; abundante, corrente, colorido, marchetado, como em Rui Barbosa. Machado de Assis não tem grande fantasia representativa, ou, antes, não possúe quasi essa faculdade. O estilo de Machado de Assis, sem ter grande originalidade, sem ser notado por um forte cunho pessoal, é a fotografia ezata do seu espirito, de sua indole psicologica indecisa. Corréto e maneiroso, não é vivace, nem rútilo, nem grandioso, nem eloquente. E' placido, igual, uniforme e compassado. Sente-se que o autor não dispõe profusamente, espontaneamente, do vocabulario e da frase. Vê-se que ele apalpa e tropeca, que sofre de uma perturbação qualquer nos orgãos da palavra. Sente-se o esforço, a luta. «Ele gagueja no estilo, na palavra escrita, como fazem outros na palavra falada», disse-me uma vez não sei que desabusado num momento de expansão, sem reparar talvez que

<sup>(262)</sup> Lucia Miguel Pereira, «Machado de Assis», nota 183, pgs. 332.

me dava dest'arte uma verdadeira e admiravel notação critica. Realmente, Machado de Assis repisa, repete, torce, retorce tanto suas idéas e as palavras que as vestem, que deixa-nos a impressão de um perpetuo tartamudear. Esse veso, esse séstro, para muito espírito subserviente tomado por uma coisa conscienciosamente praticada, elevado a manifestação de graça e humour, é, apenas, repito, o resultado de uma lacuna do romancista nos orgãos da palavra». (263)

Silvio nunca deixou, aliás, de ter como ridicula a increpação que se fazia a um escritor de não ter estilo.

No proprio estudo sobre Machado de Assis, ele teve ocasião de escrever:

«Na literatura — dizia Scherer — ha logar para oitenta sistemas e para cem estilos. E' isto mesmo. Não eziste um limite determinado, um marco preestabelecido para nossas faculdades, nossos temperamentos, nossos gostos. As qualidades primordiaes do estilo — personalidade, desenho, colorido, movimento, correção, simplicidade, propriedade — não são igualmente possuidas por todos os grandes escritores. Este tem algumas, aqueloutro é senhor de outras, e, sempre assim, a variedade é a regra geral nesses assuntos». (264)

"O estilo não é mais do que a fisionomia intelectual de um espirito transmitida pela escrita — dirá ele, de uma feita, a Artur Guimarães. Não lhe vejo outra de-

<sup>(263)</sup> Silvio Roméro, «Machado de Assis», 1.º ed., pgs. 81 a 83.

<sup>(264)</sup> Silvio Roméro, «Machado de Assis», pgs. 81.

finição. (265). Assim sendo, toda gente, todo escritor, o tem, queira ou não queira. Dizer de um autor que não tem estilo é o mesmo que dizer de um homem que não tem cara. Um impossivel..." (266).

De outra vez, falando á Academia, tem oportunidade de voltar ao assunto.

A Academia sabe — diz ele — que isso de estilo e de linguagem é como valentia e honrades. Sujeitos poltrões, covardes, mofinos, mas espertos, entram tanto a blazonar, a proposito de tudo, de sua coragem, de seu ardor para a luta, de sua força, de suas proezas de valentões, que quasi toda a gente acaba por consideral-os taes. Individuos sem dignidade, almas gafadas de vicios e incorreções trazem, não raro, a boca cheia de honra, de moralidade, de nobreza de sentimentos, de dignidade... e são, quasi sempre, acreditados... E' muitas vezes o que se dá na região das letras pelo que toca a essas coisas, algum tanto enigmaticas, de estilo, linguagem, granática... Escritoresinhos, quasi colegiaes em ciencias e letras, surgem a miudo a atroar os ouvidos burguezes com os magicos palavrões tarjados de maiúsculo — Forma, Arte, Estilo, Ritmo, Colorido, Desenho, Harmonia, Melodia do

<sup>(265)</sup> Parece curioso recordar, aqui, que quando Lafayette serviu-se do pretexto de defender Machado de Assis para vibrar contra Silvio o látego da «Vindiciæ», usou de identico argumento. «Cada escritor tem o seu estilo — dizia ele, então, sob a capa de Labieno — porque o estilo é uma resultante inclutavel do temperamento intelectual e moral, do modo de ser e compreender. O estilo é o que o escritor tem de mais intimo e individual e por isso Buson dizia que «o estilo é o homen». Diferem, por isso, grandemente, os estilos. E cada um pode ser perfeito no seu genero. Dizer que um escritor é mão estilista porque não possue certos predicados que distinguem um estilo do outro, é apenas cometer um erro de lógica...» (Labieno, «Vindiciæ», 1.ª ed., pgs. 32 e 33).

<sup>(266)</sup> Artur Guimarães, «Silvio Roméro de perfil», pgs. 102.

Periodo, da Frase — que chegam a iludir os incautos de curta vista nesse luscofusco de coisas indefinidas, de noções vagas e sem firmeza. Na doce ilusão de serem alguns de meus censores, lá de fóra já se vê, pertencentes a esse numero dos fanfarrões de grande estilo é que tenho a ousadia de me apresentar neste lugar reservado aos cultores da bôa linguagem...» (266)

Poderia, de resto, ter respondido ao creador de "Quincas Borba" com as mesmas palavras com que, por aquele tempo, entre 79 e 80, Tobias revidou uma investida identica de Taunay:

«O honrado oficial brasileiro ainda pertence á escola anacrônica dos formalistas e pedantes, que, ao receberem uma cutilada, tratam menos de ezaminar a extensão e profundidade da ferida do que á tempera do ferro que a produziu.

«Estilo difuso e pesado», diz s. s. do meu. Seria soberbo si me concedesse um estilo conciso e elegante! E' mais facil a uma bela e sagaz prostituta concordar no encanto dos olhos e na lindeza dos cabelos da mulher de seu amante do que a um escritor criticado, ferido em sua vaidade, reconhecer qualquer mérito no estilo a seu critico. Estou ainda por vêr semelhante fenomeno.

Lessing, o grande mestre, que, na frase de Landsmann, elevou a critica á altura de uma décima musa, dizia que cada um tem o seu proprio estilo, como cada um tem o seu proprio nariz, e não é civil, nem cristão, zombar do proximo por causa desse orgão, qualquer que seja o seu tamanho e a sua disformidade.

Pelo que me toca, declaro que estou satisfeito com o meu estilo, como estou com o meu nariz. Não quero substituto, nem para um, nem para outro. Compreende-se, portanto, quão pouco valor tem aos meus olhos, como aos olhos de todos que bem pensam, a atrazada revelação do sr. Taunay. E, por major que seja a ten-

<sup>(266)</sup> Silvio Roméro, «Provocações e Debates», pgs. 47-48.

tação, não cumpro o desejo de lhe apresentar um espelho e fazel-o contemplar que enormes ventas ele possue.

Reconheço que ha no seu estilo um defeito capital que o coloca muito longe dos outros. E tudo o que distingue em demasia, já o disse um grande espirito, torna-se um defeito insuportavel. Quando todos trajam á côrte, só eu aparecer de jaqueta – quando todos trazem penacho branco, só eu trazer penacho vermelho — quando todos afirmam que o sr. Taunay é uma notabilidade, ser eu o primeiro a dizer que, em materia literaria, ele é um bôbo... não ha estilo mais defeituoso.

Confesso meu pecado, sem que peça, aliás, perdão para eles. (267)

Assim podia, assim devia ter fa'ado Silvio, si tivesse querido responder a Machado de Assis.

Foi bom, porem, que o não fizesse.

Muitos anos depois, quando ele já deixára de ezistir, outra voz, que não a sua, se ergueu para dizer, insubstituivelmente, o que ele não disséra.

"Acusam-n'o de negligencias de estilo, de vicios de linguagem, de desalinho de fraze, de pobreza verbal... Mas era o estilo refletindo o homem — escreve Coelho Neto. Silvio não era, nem podia ser, um artista — era um desbravador. E o seu instrumento, pesado e de talho largo, derrubava florestas, abrindo caminhos amplos. E quando, detorado o arvorêdo, em desafogada clareira, de se decidia a construir, eram troncos e penedos que os seus braços transportavam. E as edificações avultaçam grandiosas, com portarias largas por onde pudessem entrar multidões, e muros de rochas sobrepostas, que resis-

<sup>(267)</sup> Tobias Barreto, «Polêmicas», edição oficial, pgs. 131-132.

tissem aos séculos. Homem de forças taes não podia lidar com cinzeis e ferramenta frágil. Brandia o machado e o camartelo, e o estrondo do seu trabalho trovejava como tempestade. Falava e escrevia como a terra produz — com a desordem das explosões..." (268).

Ainda não era tudo.

Si se lhe admitira o "germanismo", não se lhe aceitava, sem maior ezame, o conhecimento do alemão.

E, como si uma coisa dependesse da outra, voltouse a debater a primeira por causa da segunda, duvidando-se de ambas.

Servin de ensejo a essa nova perfídia a organização de um curso confiado á Carlos Jansen e em que se interessavam, entre outros, Machado de Assis e Capistrano de Abreu.

Convidado a fazer parte de tão graduado corpo de alunos, Silvio se recusou, alegando que já conhecia da lingua alemã o necessario ao fim que tinha em vista, que era apenas a aquisição da cultura germanica.

Fóra daí, nada mais o seduzia.

Tomaram-lhe a sinceridade por basófia, e entraram a ironizal-o.

"— Coitado do Silvio, teria dito Machado, agora é que nenca mais saberá o alemão!"

E Verissimo, muitos anos depois, ainda repetiria: "Salvo um ou outro, raro, os nossos germanistas não sabiam o alemão e algum se privou logo de o aprender,

<sup>(268)</sup> Coelho Neto, «Discurso de recepção a Osorio Duque-Estrada na Academia de Letras», «Rev. Americana», ano VI, n.º 3, Dez. de 1916, pgs. 79.

gabando-se de que o sabia. Preconisavam, a berros, a lingua, a literatura. a ciencia e a filosofia alemãs, mas, como eu e tu, amado leitor, liam o seu alemão, com que nos envergonhavam e confundiam... em francez!" (269).

Ainda dessa feita Silvio sabe se livrar com a galhardia do costume.

«Por essa epoca — diz ele, referindo-se aos empeços que lhe atravancaram os primeiros passos na Côrte — se reuniu aqui um grupo de individuos para aprenderem o alemão.

Ferreira de Araujo, A. H. de Souza Bandeira, Machado de Assis e Capistrano de Abreu eram os principais do grupo e o professor eleito foi Carlos Jansen.

Este, conhecia-o eu de apresentação feita por Tautphœus, de quem distava assás no saber e na inteligencia.

Como acontecesse por aqueles dias da creação do novo curso, que o encontrasse na Secretaria do Imperio, e o consultasse ácerca de certa passagem arrevezada do Gartenlaube, de Leipzig. Jansen me convidou para ir tambem ser seu discipulo, ao que contestei não o fazer por já ter algum conhecimento da lingua, tomado comigo mesmo no Recife e por estar então tomando lições com o venerando Tautphœus, além de que, preocupando-me imensamente com as idéas, doutrinas, teorias, pouco me importava o aprofundado saber de qualquer lingua.

Eis aí. Boca, que tal disseste l Jansen, na primeira ou segunda reunião que teve com seus discipulos, contou-lhes a historia e esta proliféra maldosamente na cabeça do terrivel intrigante Capistrano. Nunca mais a esqueceu. Cultiva-a com carinho e vae passando a todos os Verissimos que aportam ao Río de Janeiro.

<sup>(269)</sup> José Verissimo, artigo no «Jornal do Comercio» de 15-7-1907.

Do simples fato de recusar fazer parte do grupo dos discipulos de Jansen, a despeito de declarar que tomava lições com Tautphœus, mil vezes mais competente, além de andar, desde anos, procurando comigo mesmo obter conhecimentos da lingua, se concluiu logo que eu dela nada sabia e não a queria aprender para fingir que a conhecia...» (270)

Ora, em primeiro logar, isso era falso porque nos seus escritos até essa data "ocorrem citações e traduções de trechos alemães de livros, jornaes e revistas que nunca foram transladados em lingua alguma" (271).

Em segundo logar, porque estudou o alemão ao mesmo tempo que Tobias, e justamente para "dar-lhe auxilio" no Recife, continuando, depois, sósinho, em Parati e mesmo no Rio de Janeiro. "Cheguei a entender a lingua escrita e a traduzil-a com facilidade" — diz ele (272).

Em terceiro logar, a exploração traía, alem do mais, o desconhecimento de um fato corriqueiro — que para se poder avaliar da achêga de um povo na cultura universal, da sua contribuição para a civilisação, não se precisa conhecer a lingua desse mesmo povo.

«As civilisações, as religiões, as filosofias, as doutrinas politicas, juridicas e éticas, bem como as invenções industriais, propagaram-se sem que tivesse sido indispensavel aos póvos que as adotaram o conhecer as linguas em que foram originariamente pensadas ou elaboradas. Fossem os habitantes da Asia oriental esperar saber o sânscrito para adotarem o budismo — os greges conhecer o egipcio e o assírio para se deixarem influir, como está

<sup>(270)</sup> Silvio Roméro, «Zéverissimações», pgs. 62-63.

<sup>(271)</sup> Silvio Roméro, «Zéverissimações», pgs. 64-66.

<sup>(272)</sup> Silvio Roméro, «Zéverissimações», pgs. 68.

provado, pela civilisação desses paizes — fossem as gentes da Europa aguardar, para receberem o cristianismo, o conhecimento do hebraico em que foi escrito o Velho Testamento e o do grego em que foi produzido o Novo — e teria a civilisação ficado parada». (273)

Mesmo o conhecimento profundo de um povo, ezistente ou extinto, prescinde de tal arma e se faz por "outros meios", com "outras fontes de informação".

«Tal o caso de um Ranke, por ezemplo. Ninguem melhor do que ele condensou, em paginas famosas, a historia e as civilisações da India, da Persia, da Assíria, da Babilonia e do Egito. E não lhes conhecia as linguas...

Ninguem melhor, que eu saiba, escreveu da formação dos grandes povos particularistas do que Henri de Tourville. Sabia, por certo, inglez, mas não conhecia a lingua dos norueguezes, suécos, dinamarquezes, holandezes e alemães que faziam parte do grupo». (274)

Para as doutrinas, então, para as idéas, é mais do que sabido que "uma corrente espiritual pode ser assimilada sem se saber uma palavra da lingua do pensador que a produziu".

Ninguem fez uma exposição mais completa da filosofia de Kant do que Victor Cousin, que não sabia uma palavra de alemão. Lêra os livros do grande pensador de Könisberg numa tradução latina. Ninguem assimilou tão intimamente o idealismo de Hegel como Vacherot que de alemão nem o alfabeto conhecia». (275)

<sup>(273)</sup> Silvio Roméro, «Zéverissimações», pgs. 48-49.

<sup>(274)</sup> Silvio Roméro, «Zéverissimações», pg. 49.

<sup>(275)</sup> Silvio Roméro, «Zéverissimações», pgs. 50.

Ora, "para a especie de germanismo que sempre professei — continúa Silvio — o germanismo relativo ao valor etnográfico, historico, social, politico, mundial, do ramo teutonico — não havia mister aprender a lingua alemã.

«O conhecimento de qualquer idioma só é necessario para a penetração completa das delicadezas da forma na poesia. Até para o sentido geral desta, é dispensavel. Uma tradução basta.

Preocupado, no terreno das letras, pelas idéas, pelas doutrinas, pelas teorias, pelos sistemas, nunca tive tempo, nem lazer, nem gosto, para me entregar, de corpo e alma, ao estudo de linguas. Não faço grande caso delas. O papagaio tambem fala linguas...

Ha por aí muitos sujeitos, incapazes de crear, que tomam a sombra pela realidade, e as palavras pelas idéas, que conhecem muito mais o alemão do que eu. Mas o que não conhecem melhor do que eu são os mais elevados representantes do pensamento germanico. Presumo, modestia á parte, conhecer melhor os mais altos historiadores, filósofos, publicistas, naturalistas, antropologistas, etnólogos, juristas, sociólogos da grande nação do que certos mediocres incapazes de se elevarem acima da sáfara micrologia de verificar nomes, datas e pequenos fatos... > (276)

E assim ficava removido mais um obstáculo á fixação de Silvio na Côrte.

Em meio a todas essas lutas que entibiariam o animo dos mais dispostos, Silvio ainda encontra tempo para pensar nos companheiros que deixára no Norte.

<sup>(276)</sup> Silvio Roméro, «Zéverissimações», pgs. 69-70.

Não lhe basta a certeza de que a sua vitória contra o meio hostil — contra essa "côrte" que ele tanto malsinára, de que tão bem previra as múltiplas resistencias — trará, forçosamente, como consequencia, a imposição de todos os que com ele combatiam sob a mesma bandeira.

A justiça a Tobias, ele quer que seja feita antes mesmo que a sua.

E, ainda que uma tenha de custar a outra, ele não vacilará na escolha.

Pode Araripe Junior, num momento infeliz, asseverar, como já vimos, que, "si é verdade que Tobias Barreto deve a Silvio a reputação de que goza, não é menos ezato que tambem Silvio houve dele o pretexto para os seus melhores dias de glorias". Pode escrever, como escreveu, que "embora não dissesse que o autor dos Dias e Noites representára o papel de gato morto atirado por Silvio á cara da Messalina fluminense" pensava, todavia, que lhe servira, a ele, "de magnifica funda para arroiar pédras aos gigantes da rua do Ouvidor". Pode chegar, mesmo, a dizer, como lamentavelmente disse, que "cada qual tem o direito de usar dos processos que lhe são mais fáceis" e que, agindo como agiu, em relação a Tobias, "Silvio foi um artista" (277).

O que os fatos demonstram é coisa muito diferente.

O que os fatos demonstram é que vindo para o Rio, já como portador de um nome feito e de uma tradição excepcional de desassombro e de cultura, facil teria sido a Silvio, como já o fôra a tantos outros, menos favorecidos do que ele de merecimento proprio — chegar, vêr e vencer — o que, si não logrou, foi tão sómente

<sup>(277)</sup> Araripe Junior, «Silvio Roméro, polemista», «Rev. Bras.», vol. XV, pgs. 379.

por não querer transpor sósinho os humbraes da cidade'a.

O que os fatos demonstram é que não tendo aberto uma só porta com o auxlio de Tobias de muitas recuou por não querer entrar senão na sua companhia e de todas a que foi bater, e em que logrou ser atendido, nunca voltou sem que trouxesse, com a certeza do seu acolhimento, a do agazalho incondicional ao companheiro.

Antes mesmo de vir para a Côrte, já diligenciava por que as folhas cariócas divulgassem artigos de Tobias.

E não se diga que o obtivesse sempre sem esforço, sem sacrificios mesmo.

A dois, sobre Meyerbeer, contestanto afirmativas apressadas de Taunay, teve oportunidade de se referir no prefacio de um dos livros póstumos do amigo.

Taunay publicára na "Revista Brasileira" uma apreciação sobre os "Huguenottes". Silvio mandou á redação os reparos de Tobias. "Depois de muitas delongas, reveladoras da má vontade da gente da redação, chegando eu até a cortar um trecho do artigo para a contentar — diz Silvio — foi-me ele devolvido e pude, não sem dificuldades, fazel-o sair na "Gazeta de Noticias". Como Taunay voltasse á carga, Tobias treplicou. E a sua tréplica Silvio já não consegue vêr aceita pela "Gazeta". "Tive de publical-a — diz ele — nos a pedidos do "Cruzeiro" por dinheiro de contado, custando-me a coisa . . . . 200\$000! Ou aceitar isto ou deixar o escritor sergipano sem desagravo. E' um traço esse das grandes franquias de que sempre gosámos, eu e Tobias, nas ródas jornalisticas do Rio de Janeiro" (278).

<sup>(278)</sup> Silvio Roméro, Prefacio ás «Polêmicas» de Tobias Barreto, edição oficial, pgs. XVII.

Nas colunas d'"O Reporter", em que o acolhe a amizade de Lopes Trovão, basta manusear a coleção do seu unico ano de ezistencia para que se avalie do carinho de Silvio pelo conterrâneo. Ha mais artigos de Tobias, que dele proprio, no jornal. E, que artigos! Só um deles — a "Jurisprudencia da Vida Diaria" — ocupou toda uma pagina, das quatro com que saía a folha...

A 20 de Agosto de 1879, "O Reporter" faz mais. Anuncía aos leitores que Tobias passará a figurar entre os colaboradores efetivos do jornal. A nota, da autoria evidente de Silvio, foi redigida nestes termos:

«O distinto escritor nacional dr. Tobias Barreto de Menezes, a pedido nosso, presta-se a enviar para a nossa folha artigos de sua lavra sobre questões científicas e politicas. Como é sabido, o dr. Tobias Barreto é o mais profundo conhecedor que eziste no Brasil da literatura da Alemanha, cuja lingua ele maneja com facilidade. Ha já muitos anos ele inaugurou na cidade do Recife a mais radical e séria escola critica que possuimos, escola que tem o duplo escôpo de tornar patentes os atrazos de nossa atual cultura e implantar entre nós os sevéros incentivos do espirito germanico. Neste duplo esforço, o dr. Tobias tem concentrado todos os recursos de sua bela inteligencia e, além de quatros brilhantes brochuras em portuguez e alemão, conta variadissimos escritos soltos, distinguindo-se entre todos os relativos a Rudolf Gneist, David Strauss, Hartmann e Carolina Michaelis, onde a par do mais penetrante criterio se revelam as puras qualidades de seu espirito profundamente culto e liberal. O pequeno escrito, que agora nos enviou, e para o qual chamamos a atenção dos leitores. é concernente a uma interessante obrinha do célebre romanista Rudolf von Ihering. Ha muitos anos a esta parte, Tobias Barreto fundou em Pernambuco a nossa célebre escola hugoica e, por certas circumstancias que a historia um dia explicará, seu nome ficou desconhecido, tomando-lhe outros a vanguarda. Agora, com

o alemanismo, acreditamos que o mesmo não acontecerá, pois aos olhos dos nossos incomparaveis sábios e literatos o paradoxo de Tobias é tão evidente que não ha receio de que neste sentido lhe tomem a frente». (279)

Desgraçadamente, já no dia seguinte "O Reporter" deixava de ezistir...

Privado d'"O Reporter", da unica tribuna que se lhe franqueara no jornalismo carioca, Silvio passa algum tempo sem ter onde escrever.

Não tarda, todavia, a que Franklin Távora o admita entre os colaboradores efetivos da "Revista Brasileira".

Para Silvio isso representava um passo agigantado na "aclimatação".

Dirigida por Távora, por Balduino Coelho, Moreira Sampaio, Nicolau Midosi e Candido Rosa, a "Revista Brasileira" contava com a colaboração dos intelectuais mais em destaque no momento: Taunay, Luiz Delfino, Carlos de Laet, Franklin Dória, Machado de Assis, Macêdo Soares, Gama Rosa, Pereira da Silva, Carlos Jansen, Ramiz Galvão, Ribas...

A colaboração de Silvio é das mais variadas.

Começa pelos seus estudos sobre o "folk-lore" a "Visão sintetica do Folk-Lore Brasileiro" (280). "Couto de Magalhães e a influencia dos selvagens no

<sup>(279) «</sup>O Reporter», Ano I, n.º 225, de 20 de Agosto de 1879.

<sup>(280)</sup> Silvio Roméro, «Cantos Populares do Brasil», introdução.

folk-lore brasileiro" (281) "os Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil" (282).

Faz, depois critica ampla, impessoal, objetiva n"A Literatura Brasileira: suas relações com a Portugueza: o néo realismo" (283).

Chega a cuidar da propria poesia, não só contribuindo com alguns versos para o numero comemorativo de Camões (284), como proseguindo na ezecução dos planos primitivos com "O Poema das Americas" (285).

A repercussão, que têm, convence-o da valia do reduto conquistado.

Ferdinand Dénis, "autoridade de reputação universal" em assuntos de folk-lore, em carta a Ramiz Galvão faz "os mais entusiasticos encomios" ao novo colaborador (286).

Machado de Assis fixa o interesse com que os leitores da revista "certamente acompanham" os seus ensaios.

Mucio Teixeira, familiar do Paço, convida-o a prefaciar seu livro, os "Novos Ideais".

Era a notoriedade, que, sem duvida, lhe chegava.

O agitador, comtudo, sente cócegas de mudar de rumo.

<sup>(281)</sup> Silvio Roméro, «Etnografia Brasileira», pgs. 45 a 63. (282) Silvio Roméro, «Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil», 1888, 1 vol. com 368 pgs.

<sup>(283)</sup> Silvio Roméro, Prefacio ao livro Novos Ideais» de Mucio Teixeira,

Silvio Roméro, «Ultimos Harpejos», pgs. 87-88. (284)

<sup>(285)</sup> Silvio Roméro, «Ultimos Harpejos», pgs. 7 a 52. (286) Revista Brasileira, v. III, pgs. 85.

O seu temperamento não se compadece com essa atmosfera carregada de convencionalismo.

E, queiram ou não queiram, alguma coisa de mais alto o chama — o sentimento obsedante das reivindicações nortistas.

De que lhe valem o respeito e a simpatia com que o tratam agora? Representam, porventura, o reconhecimento de seus méritos de lutador, de combativo? Pretendem ser, acaso, o bálsamo trazido em lenitivo ás feridas de outrora?

Não. Tudo faz crêr que sejam, muito pelo contrario, um premio á rendição, que açodadamente lhe presumem, um adeantamento generoso á paga a que fez jús o submisso, o "ambientado"...

Começa, então, a reagir, e o faz da forma imoderada e intempestiva que anda sempre nas suas reações.

Nas proprias paginas da "Revista Brasileira" faz sair o libelo da "A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro".

«De todos os centros intelectuais do Brasil, si é que neste pais os ha, a cidade do Recife, nestes ultimos dezeseis anos, é o que tem levado a palma aos outros na iniciativa das idéas...»

Constrange-o dizel-o, reivindicando um sucesso, de que foi parte, ainda que eziguo.

Mas a tanto o obriga «a surdez de certo chauvinismo cortezão, que pretende tudo haver descoberto ou engrandecido neste paiz, até aquilo que já veio do estrangeiro preparado, como o telefone...

E' mister desfazer certas ilusões, emquanto de todo se não perde a lembrança dos acontecimentos. A meia duzia de idéas mais estimaveis, que, em outros pontos do paiz, como S. Luiz, Baía, Rio de Janeiro e Porto Alegre, vão, na hora atual, agitando os espiritos, desde 1862 que no Recife vieram á luz.

Uma statalidade, que se prende de um lado ao desprezo da côrte para com a imprensa provinciana, e, de outro, á posição pouco vantajosa dos trabalhadores de que vou falar, é a razão explicativa de terem ficado eles quasi ignorades, ao passo que outros mais felizes então, como ainda hoje, foram na capital do Imperio aureolados com o titulo de notabilidades. Não contentes com a centralisação política e administrativa, os pretendidos guias do pensamento nacional hão sonhado tambem com a centralização literaria...» (287)

## \* \* \*

Logo a seguir, publica o seu quarto livro, "A Literatura Brasileira e a Critica Moderna".

E' a reprodução das suas investidas mais violentas contra o romantismo.

Portanto, o arrazamento dos maiores idolos da capelinha fuminense — Alencar, Macedo, Magalhães, Casimiro, Gonçalves Dias, Junqueira Freire, Alvares de Azevedo...

E' em vão que Frankin Távora se apressa em registrar o aparecimento do volume, procurando amortecer o choque, que calcula inevitavel.

«Poucos livros — diz ele — têm vindo a lume no Brasil, que, em proporções modestas, compreendam como este do sr. Silvio Roméro assuntos que demandem tão largo fólego para serem estudados e discutidos. Tem ele 206 paginas. Pode ser lido em poucas horas. Mas as idéas que revela e as que sugere ao leitor dariam para muitos livros.

<sup>(287)</sup> Silvio Roméro, «Estudos de Literatura Contemporanea», pgs. 87 a 98 e «Historia da Literatura Brasileira» vol. II. pgs. 467 e seguintes.

Sejam quaes fórem os pequeninos senões (não de carater, mas de educação mental ou de temperamento) manifestados no livro do sr. Roméro, tenho por de justiça publicar que neste livro a critica, pelo que me parece, está posta na sua legitima esfera. Nenhum dos nossos criticos, para ezercitar essa saudavel disciplina, ainda se colocou no ponto de vista de onde o jovem escritor descortina com sua penetração os principios, as relações e os interesses da nossa sociedade.

A forma adotada pelo sr. Silvio, no seu livro, não é, talvez, das que mais poderiam agradar em nossas rodas literarias. Ao temperamento nervoso do autor, excitado pela luta com a adversidade, com o egoismo e a malevolencia dos homens, não pertence talvez a menor parte na responsabilidade pelo estilo acerado, pela fraze audaz, pelo tom ferino, que dão ao seu trabalho as feições de um manifesto de guerra.

Eu não condeno as idéas sãs, os largos intentos de um jovem de verdadeiro talento, como o sr. Silvio Roméro, pela forma literaria que si, em alguns casos, não guardou a compostura da conveniencia, e em outros chega a acobertar alusões sugeridas pela ezaltação, nem por isso é menos inspirada na elevada paixão de vêr a patria pensar por si mesma, queimar os velhos idolos, elevar o seu nivel mental, tornar-se digna do século e de fazer parte do convivio intelectual das nações.» (288)

O padrinho não poderia ser melhor. Nem a mediação mais habil. Estavam contemplados, por igual, a vaidade legitima do crítico e as suscetibilidades não menos atendiveis do meio.

O livro, todavia, não comportava meias atitudes. Era, em verdade, um autentico "manifesto de guer-ra".

<sup>(288)</sup> Franklin Távora, «Revista Brasileira» vol. III, pgs. 421-430.

«Não deixa de ser coisa perigosa o publicar neste paiz um livro de critica — começa Silvio a sua introdução.

Alem da falta absoluta que eziste aqui desta ciencia e disciplina do espirito, acresce que os nossos ledores, grandes e pequenos, como bons burguezes, estão tranquilissimos com tudo quanto os cerca e repelem soberbamente tudo aquilo que os possa perturbar.

Seus prejuizos contra o espirito critico, quando pretendem revestir-se de um aspeto sério, resumem-se nisto — ceste paiz é novo, sua literatura nascente; a critica, longe de acoroçoar, desanima; ela é, pois, muito prejudicial». E' coisa que se tem repetido algumas duzias de vezes. O disparate, ainda assim, é transparente. Aquilo envolve uma falsa idéa do que seja a nova ciencia de criticar, sua força e seu alcance. Em que pode prejudicar ao desenvolvimento especial de um povo o estudo que lhe mostre quaes as suas conquistas historicas e suas aptidões imanentes? Longe de lhe ser nocivo, é-lhe de todo animador, e, para mostral-o, basta lembrar o ezemplo da Alemanha, cuja literatura só tomou o soberbo ascendente que a distingue fundada na critica, depois do grande movimento provocado por Lessing.

A nós, que temos vivido de contrafações indigestas, a nós que não temos vida propria, que somos um dos povos mais deteriorados do globo, que, especie de contrabandistas do pensamento, não temos a força das grandes conquistas e das grandes verdades da ciencia, só a crítica, a tão desdenhada crítica, nos pode preparar um futuro melhor.

Ela, aqui, não deve limitar-se ao empenho de mostrar o largo caminho que nos cumpre trilhar — deve, antes de tudo, desobstruir o terreno juncado de velhos preconceitos e falsidades — deve alçar o látego destruidor e desfazer as legendas, para afirmar a luz.

Neste ponto interrompe-me um pobre de espirito: «mas isto é escrever com paixão, é ser bilioso...» A frase é da moda,

mas não cheira bem. Sim, é escrever com paixão, isto é, com pureza e verdade; é ser apaixonado, isto é, ter a nobreza das bôas convicções e a fé dos bons estimulos. Para certa gente, escrever sem paixão eu sei o que quer dizer — é faltar á consciencia e á dignidade, é ter a cabeça cheia de parolices que se derramam sobre o papel, é chafurdar-se constantemente no pestilento pélago dos elogios mentidos e das bajulações indecorosas. Escrever sem paixão é repetir, em todos os tons possiveis, as velhas frases louvaminheiras, que povoaram este paiz de genios e prodigios, de sabios e brilhantes, alcatifando os hossos rios gigantescos e as nossas sélvas seculares...

Quem ousa desafinar no meio do geral concerto é apontado como cum invejoso das glorias alheias». A inveja vem a ser, assim, o incentivo que dirige o critico no Brasil! De que vale, pertanto, o sacrificio de proclamar a verdade a este povo, correndo o risco de ser apontado como possuidor de um sentimento repugnante? De nada.

Resta, porem, sempre, a consolação de haver contribuido com alguma coisa para derrocar o podre edificio de velhos erros e limpar a atmosfera que nos sufóca.

A vida espiritual brasileira é pobre e mesquinha, desconceituada e banal para quem sabe pensar á luz de novos principios. Aferida pelo moderno método de comparação, inaugurado ha muito nas literaturas européas, ostenta-se caprichosamente estéril. A' força de desprezarmos a corrente de nossa propria historia e nos pôrmos fóra do curso das idéas livres, eis-nos chegados ao ponto de não passarmos de infimos glosadores de vulgaridades lusas e francezas. Eis-nos dando o espetáculo de um povo que não pensa e não produz por si. Todos os nossos pequeninos monumentos literarios são eloquentes para atestal-o. Basta considerar, por agora, a renovação romantica deste século com o seu ponto predileto — o indianismo. Nas grandes nações da Europa, como a Inglaterra e a Alemanha,

o romantismo foi, em parte, uma volta aos sentimentos populares, uma resurreição do passado no que ele tinha de mais aproveitavel. Entre nós, não. O nosso velho lirismo, com sua veia epigramatica, que teve um cultor em Gregorio de Matos e um representante em Gonzaga, foi esquecido. A velha modinha foi abandonada; seu alcance, desdenhado; sua musica, preterida; e as imitações francezas nos assoberbaram.

Desprezada a vida historica, atiramo-nos aos desvarios do ultra-romantismo, posterior á revolução de Julho, com todos os seus enganos e meticulosas facinações. A critica não nos ensinou a produzir. Os elementos da nossa historia e do nosso pensamento não foram elucidados. O papel dos tres concurrentes da nossa população não foi indicado. E um falso sentimento de nacionalidade jogou-nos para o caboclo e glorificamol-o.

Compreendo que na aridez do século passado, quando a literatura da metrópole déra o triste espetáculo de homens que acalentavam frazes e trópos retóricos, julgando produzir idéas — compreendo que, então, dois homens de talento elevado, Durão e Basilio, escrevendo na Europa, voltados para a patria e aproximando-se da natureza, nos decantassem o selvagem. A romantica brasileira, porem, que não enteudeu nem a Basilio, nem a Durão, apostou-se a desdenhar os outros elementos da vida nacional, encontrando-a exclusivamente no caboclo.

Eis toda a falsidade.

Nossa poesia popular não foi estudada. Nossas lendas, nossos costumes, ficaram desapercebidos. A ciencia da critica, que renovava o antigo terreno da filologia, das creações mitológicas e religiosas, o antigo terreno das primeiras manifestações humanas, nos ficou de todo fóra do alcance.

Dizem que um dos meritos do movimento romantico europeu é haver contribuido para tão fecunda renovação.

No Brasil, passaram-se as coisas diversamente. A romantica brasileira teve o prestigio de falsificar e obscurecer o

estudo de nossas origens e acumular trévas sobre os tres primeiros séculos de nossa ezistencia,

Aqueles que, como o escritor destas linhas, pretendem preparar o balanço do que fomos, para indicar o que devemos fazer
na hora atual, são espiritos que de todo romperam com as tradições do desconceituado sistema. Atravessamos uma epoca de
crise para o pensamento nacional. Na politica e na literatura,
o momento é grave. Numa e noutra, nos falta a força propria.
Bem como na ordem social nos falha a vida do municipio e a
dignidade do trabalho independente, assim nas letras falece-nos
o peso das convicções maduras e a sublime audacia dos espiritos
emancipados. E, todavia, é força dizel-o, a velha romantica
brasileira, com seu indianismo e a pobre filosofia que nos ensinam, com suas sofisticarias indignas, estão mortas, como desacreditados se acham os dois bandos políticos que tanto nos hão
degradado. E é mister caminhar.

O futuro, pois, deste povo não está nos poetas decrépitos, que lhe insuflam os máos instintos; nos seus romancistas fabulistas, que lhe desnorteiam o criterio; nos seus parlamentos e ministros, que o degradam e conspurcam com a mentira, — nos seus grandes mágicos, que sabem todos os truques e todas as ciencias... O futuro deste paiz deve estar nas convicções sinceras, nos caracteres intransigentes, sacrificados á honra, disseminados por aí alem, desdenhados pelos poderosos do dia e que ousam dizer a verdade ao povo como ao rei, não a pretendida verdade dos declamadores, mas a verdade da historia, a verdade da ciencia. Pelo que me toca, ela é — meim eins und alles — na fraze do poeta. Isto só me basta. Estou acostumado com o abandono e com o desdem.

## Para concluir:

Os diferentes capitulos que formam este opúsculo foram quasi todos, em epocas diversas, publicados no Recife e recebidos com indiferença por uns e com indignação por outros. Fiquei

satisfeito... Hoje, que aparecem formando o seu corpo natural num volume, desejo-lhes o mesmo acolhimento. Isto, para mim, é um sintoma. Neste paiz, aquilo que muito agrada tenho a certeza de que não presta.

Este pequeno volume faz parte de uma série de trabalhos meus aparecidos pela maior parte na imprensa provinciana e que agora vão saindo em livros sob a designação de «oito anos de jornalismo». «A Filosofia no Brasil», já publicada, é o primeiro volume da série, a que tambem pertencem os «Cantos do Fim do Século», já aparecidos, e outras obras que se seguirão.

São trabalhos escritos e publicados para ocorrer ás necessidades da colaboração jornalistica durante oito anos (1869-1876) que vivi em Pernambuco.

Hoje, passando por indispensaveis alterações, aparecem formando cada um seu todo compacto e natural. E' que o pensamento de lhes dar, oportunamente, essa fórma, presidiu á sua confecção.

Possa a circumstancia de que foram todos eles escritos entre os 18 e os 25 anos, isto é, feitos por um moço ainda naquele tempo com a alma cheia de todas as santas ilusões da idade, servir-lhes de desculpa aos defeitos, si é que «non le plus esclave, mais le plus valet de tous les peuples», para falar com Paul Louis Courrier, sente ainda algum pendor para a equidade...» (289)

\* \* \*

Depois desse terrivel "manifesto", onde á rude franqueza dos conceitos se aliava uma agressividade extraordinaria de expressão, Silvio deve ter compreendido que o ingresso em qualquer circulo literario da Côrte-lhe estaria para sempre vedado.

<sup>(289)</sup> Silvio Roméro, «A Literatura Brasileira e a Critica Moderna», pgs. 5 a 13.

Não havia, nos quadros intelectuais do tempo, um logar que se prestasse á impetuosidade do seu temperamento.

Os espiritos mais reheldes, os que eram tidos como insubmissos aos cânones da época, distavam muito mais dos seus assomos de desabusado do que da cautelosa compostura das escolas adversas.

Perto da sua artilharia de grosso calibre, os mosquêtes timoratos dos "emancipados" deviam ter o aspeto desconcertante de pacatos buscapés caseiros...

Ou renunciaria, pois, á luta, que tanto ambicionára ou, para proseguil-a, teria de amparar-se a um base mais sólida, mais firme, mais segura do que o jornalismo, sujeito ainda, e sempre, aos caprichos da politica e aos azares da fortuna.

A decisão não lhe tardou: procuraria, ainda uma vez, a conquista da cátedra, certo de que o professorado, a despeito da pessima remuneração que proporcionava, e do esforço absorvente que ezigia, ainda era a unica atividade compativel com a sua vida de intelectual desprotegido e intransigente.

## \* \* \*

Ora, precisamente por aquele tempo se reabriam as inscrições para o concurso destinado ao provimento efetivo das cadeiras de Filosofia do Imperial Colegio de Pedro II.

Seis mezes antes, o concurso se fizera sem chegar a solução satisfatoria. Presidira-o o Barão de S. Felix, como Inspetor Geral da Instrução Primaria e Secundaria do Municipio da Côrte. Completavam a comissão julgadora Vitorio da Costa, como membro do Conselho Diretor, Cesar Marques, como reitor do Internato, monsenhor

Fonseca Lima, como reitor do Externato, e, como ezaminadores. Nuno de Andrade e Antonio Herculano de Souza Bandeira, o mesmo que na "Revista Brasileira" se insurgira contra Silvio. Apresentaram-se nove concurrentes - Fernandes da Cunha Filho, Custodio Marcelino de Magalhães, Antonio Luiz de Melo Vieira (que concorrêra com Silvio, em 1876, ao Colegio das Artes, do Recife, vencendo-o), Vicente de Souza (que substituiria Silvio, em 1900, na regencia interina da cadeira de Logica), Manoel Antonio de Godoy Kelly Botelho, João Pereira Lagos, Sizenando Barreto Nabuco de Araujo, Franklin Cesar da Silva Lima e José de Góes Sigueira. sendo que este desistiu no inicio das próvas. Acabadas que foram estas, a comissão proferiu o seguinte julgamento: "Os candidatos ás cadeiras de Filosofia do Iniperial Colegio de Pedro II revelaram em todas as próvas inteligencia cultivada; mas como do ezame cuidadoso dessas próvas não resulta para nenhum deles a soma dos titulos precisos para os logares a que concorreram, julgamos impossivel a classificação respetiva, visto que nenhum atingiu ao gráo de habilitação que os logares ezigem" (290).

A' vista disso, foi o concurso anulado, determinando o governo que se procedesse a novas próvas.

Silvio não vacilou.

A 12 de Dezembro de 1879 deu entrada ao seu requerimento de inscrição na secretaria do colegio.

E dez dias depois se apresentava para as provas.

<sup>(290)</sup> Livro de Atas dos Concursos Realisados no Imperial Colegio de Pedro II, 1878-1882, pgs. 37 e seguintes.

\* \* \*

Desta vez, a presidencia do concurso coube a José Bento da Cunha e Figueiredo, que substituira o Barão de S. Felix na Inspetoria da Instrução. Como membro do Conselho Diretor, o Barão Homem de Mello tomára o logar de Vitorio da Costa. Cesar Marques e o monsenhor Fonseca Lima continuaram como reitores do Internato e do Externato. Dos examinadores, ficara Nuno de Andrade. Souza Bandeira se afastara, dando logar ao bacharel José Joaquim do Carmo.

A comissão julgadora, assim constituida, reune-se, pela primeira vez, ás 11 horas da manhã de 22 de Dezembro de 1879.

Não dará, entretanto, inicio aos seus trabalhos, porque Homem de Mello deixa de comparecer.

No dia seguinte, ás 2 horas da tarde, substituido Homem de Mello por Pedro José de Abreu, principia o concurso.

São concurrentes, alem de Silvio, monsenhor Dr. Gregorio Liparoni, Rozendo Muniz, o conego José Gomes de Azambuja Meireles e os bachareis Antonio Luiz de Mello Vieira, Joaquim Jeronimo Fernandes da Cunha Filho, Franklin da Silva Lima e Boaventura Plácido Lameira de Andrade.

Este ultimo desiste logo no primeiro dia.

Franklin da Silva Lima, alegando doença e "a circumstancia de já ter feito sacrificios para o concurso anterior que foi nulificado", pleiteia o adiamento das provas por 30 dias, o que a comissão imediatamente indefere.

Em compensação, apresenta-se um concurrente novo — André Gustavo Paulo de Frontin. Não se inscrevêra, porque, a despeito de já ser engenheiro, ainda não atingira a maioridade. Pede, no emtanto, para ser admitido "ao menos condicionalmente". O presidente mostra a impossibilidade, em que se encontra, de atendel-o. Consultara, a respeito, o ministro do Imperio, mas nenhuma resposta obtivera. Só uma providencia lhe facultava a lei: o candidato "poderia ter, naquela mesma ocasião, noticia do ponto que ia ser dado, e dissertar sobre ele por sua conta e risco, até que o governo resolvesse o que entendesse conveniente". Frontin, porem, não se conforma, "protestando recorrer ao Conselho de Estado si o ministro não o atendesse".

Passa, então, a comissão ao sorteio do ponto para a tese. Os ezaminadores organizam uma lista de vinte. Dessa lista os outros membros escolhem estes dez: — Papel da Filosofia no estado atual das Ciencias — Constituição científica da Metafisica — Fundamentos da análise psicologica — Bases da Moral Social: apreciação do socialismo: limites da Teodicéa — Apreciação das próvas da imortalidade da alma — Ciencia do método: criterio da verdade — Da interpretação filosofica na evolução dos fatos historicos — Apreciação da doutrina positivista — Sistema de Descartes e sua influencia no desenvolvimento da Filosofia Moderna".

Chamado o primeiro candidato, monsenhor Liparoni, tira ele da urna o oitavo ponto — "Da interpretação filosofica na evolução dos fátos historicos".

Pelas instruções de 24 de Outubro de 1878, os candidatos tinham apenas 15 dias, a partir do sorteio do

ponto para a apresentação das teses "devidamente impressas" á secretaría do Colegio.

Sem dispôr de linotipos, com a composição ainda toda de caixa, só o trabalho tipográfico consumiria, no minimo, uma semana.

A outra teria assim de fazer face a todos os encargos requeridos pela elaboração intelectual.

A tese de Silvio, editada na "Imprensa Industrial de João Paulo Ferreira Dias", com oficinas á rua da Ajuda n.º 75 (onde, um mez antes, havia sido impressa "A Literatura Brasileira e a Critica Moderna") se compunha de 31 páginas.

Pelo ezemplar que dela eziste na Biblioteca Nacional, pertencente á Coleção da Imperatriz Tereza Cristina (291), a apresentação do opúsculo não poderia ser melhor.

Composto em corpo médio, de 10 sobre 12, a revisão foi impecavel, pois não se verifica um unico senão, a despeito de longas citações em alemão e inglez, de varias frases em latim, de um quadro com dez chaves e uma profusão incrivel de grifos e de aspas...

Alem disso, o papel excelente, de ótima qualidade, empresta á obra uma aparencia que nenhum dos outros livros de Silvio, mesmo os de gestação mais do que ânua, como "A Filosofia no Brasil", jamais conseguiu ter.

Si, materialmente, o trabalho pôde sair perfeito, intelectua<sup>1</sup>mente custa a crêr que houvesse sido concebido e ezecutado em poucos dias.

Pode ser que claudique, mais que nunca, nos pronomes. Que se mostre, como sempre, descuidado na linguagem e no estilo. Que os plebeismos enxameiem. Que

<sup>(291)</sup> Foi o ezemplar oferecido por Silvio a Pedro II nestes termos: A' S. M. I. o sr. D. Pedro II, como cultor das letras, O. D. C. o Autor.

os néologismos se derramem por todas as paginas, por todos os periodos.

Mas, que esplendida ousadia de conceitos! Que desapêgo magnifico ao cuidado, nessa hora tão humano, tão legitimo, já não diremos de agradar, mas, pelo menos, de não desagradar, de não chocar, de não ferir as susceptibilidades notórias de seus julgadores!

Lida depois desse desabusado arremêsso de Silvio, a "Idéa do Ser", de Euclides da Cunha, elaborada trinta anos depois, no mesmo ambiente, quasi nas mesmas circumstancias, perde um tanto da sua grandiosidade...

## \* \* \*

Nada mais vulgar, tratando-se de filosofia — começa Silvio — do que a impertinente pergunta — a que sistema pertence?

Mas isso tem uma explicação.

As ciencias, antes de se constituirem, atravessaram fases preparatorias, em que predominaram, na falta de dados e doutrinas positivas e experimentaes, as opiniões singulares, o modo

Daí, os sistemas.

de vêr subjetivo de cada autor.

As ciencias particulares acham-se hoje em dia livres de semelhante reuma, que ainda agora, para os espiritos superficiaes ou caprichosos, conserva-se enraizado no corpo da filosofia.

E comtudo vae nisto um grosso engano; toma-se o que foi pelo que é, perdura-se em conservar um vicio metafisico que não tem mais razão de ser.

Compreende-se, facilmente, por ezemplo, que a astronomia quando era a astrologia, e a quimica quando era a alquimia, fossem o campo predileto dos debates contraditorios, das questões sem termo, e dessem pasto ás fantasiosas combinações didáticas dos espiritos irrequietos.

Assim, tambem, era a filosofia, quando o seu supremo ideal consistia em afastar-se do curso das verdades ensinadas pela experiencia para atirar-se extática á busca das essencias, dos enigmas irresoluveis.

Agora, porem, desde Kant, não deve passar de uma sintese de todas as ciencias particulares; incumbida, na opinião mais sensata de preparar a intuição geral do universo ela não ha de ter caprichosamente sistemas porque nas ciencias, que lhe servem de apoio, não os ha.

Ezistem sim, verdades, para explicar, fatos obscuros para resolver, mas não devem imperar opiniões fantasiosas e subjetivas; precisamos de ordem e concatenação de doutrinas, e não de teorias individuaes.

Pretender encerrar o universo inteiro no ambito asfixiante de meia duzia de fórmulas, as mais das vezes filhas de uma imaginação desregrada e de um criterio míope, é por certo ainda mais extravagante do que querer encerrar uma vasta ação dramatica entre as quatro paredes de um teatrinho de táboas, como o desejo bufonico do Diretor no «Fausto».

Ainda mais cresce de ponto semelhante anomalia tratando-se de aplicar qualquer dessas teorias que aí andam, como bitola infalivel, á massa complicadissima dos acontecimentos humanos.

O programa que está diante de nós, si bem o compreendemos, pretende, nem mais nem menos, perguntar-nos qual é a teoria que abraçamos para explicar a marcha, a evolução des acontecimentos historicos.

Tanto isso é verdade que um dos majores domus da comissão julgadora, cidadão que não temos a fortuna de conhecer mas que dizem ser um valoroso espirito, dignou-se de informar-nos que o sentido da tese não pode deixar de ser a discussão dos tres unicos sistemas que ezistem de filosofia da historia, isto é, o providencialismo, o livre arbitrio e o fatalismo!

«Os tres unicos sistemas!...» Unicos, por que e como? Todos os que houverem estudado um pouco de filosofia historica e social devem saber que, desde os mais remotos tempos apareceram tentativas de explicar cientificamente a evolução dos acontecimentos humanos.

Mais de oitenta sistemas se hão produzido a tal respeito, e hoje até já eziste uma historia da filosofia da historia.

Correm aí livros elementares, que devem andar na mão de todos, que fazem o historico das muitissimas teorias dos pensadores que hão tentado descobrir e demonstrar as leis que regem os destinos humanos.

Alem do livro superficial e lacunoso de Robert Flint — «The philosophy of history in Europe» — de que parece haver um tal ou qual conhecimento entre nós, ezistem, entre outras, as duas obras importantes «Die philosophische Geschichtsanfassung der Neuzeit» por Mayr e «La Scienza della Storia» por Marselli, que deviam ser lidos por aqueles que entre nós se encarregam de confeccionar as teses, que ás vezes são verdadeiras charadas, de nossos programas de ensino e de concursos.

Como quer que seja, porem, e dado que os sistemas de todos os autores se devam reduzir a alguns poucos principaes, o numero destes é em todo o caso superior aos *tres* lembrados pelo digno ezaminador.

Percebe-se, de pronto, que o nobre lente tomou o assunto na altura em que o deixara Agostinho e Pelagio no seculo V, ponto de vista atrazado, que infelizmente é ainda hoje o mais corrente no gremio dos tomistas de todas as côres e dos sectarios da ciencia oficial, posição sem duvida cômoda mas que indica uma certa dose de inercia intelectual.

Para resolver-se uma qualquer questão dada, nos paizes cultos, de ordinario não é mister fazer uma excursão no estrangeiro: dentro do circulo em que se move o pensamento nacional

deparam-se ao trabalhador os elementos do problema, os dados científicos da cousa.

Não assim entre nós e este é aos meus olhos o mais completo documento de nossa pobreza intelectual — sempre temos necessidade de pedir um guia aos povos ilustrados.

Tal a nossa posição deante do programa que temos a discutir.

Onde estão os trabalhos de filosofia e mais ainda os de filosofia da historia devidos a penas brasileiras, que sirvam de apoio á solução que procuramos?

Não ezistem! Não é sem motivo que esta lacuna é aqui propositalmente lembrada. Desde muito, e sobretudo em materia filosofica, os nossos professores oficiaes têm a veleidade de haver atingido o gráo supremo da ciencia humana, sem se darem comtudo ao trabalho de o atestar por fatos e publicações dignas de apreço.

E' um negocio de camarilha cientifica onde triunfa a chata retorica e a presunção decide dos resultados.

Deante de um tal fato, extravagante e anormal, que talvez só entre nós se repita com tanta afoiteza, cumpre-me desde logo humildemente declarar que tendo de me submeter ao juizo de homens, que podem ser muito ilustrados, eu não duvido, mas que não tenho na conta de meus mestres, porque eles não são, não podem sel-o de quem quer que se afaste um pouco da toadilha comum, cumpre-me logo declarar, digo, que, qualquer que possa ser a estranheza que lhes isto cause, apelo do seu juizo para o bom senso da nação, para o criterio de todos os homens verdadeiramente ilustrados e independentes, que não ocupam posições oficiaes no paiz.

Isto, que não é uma baforada de orgulho, mas simplesmente a centésima repetição do que tenho escrito e publicado pela im-

prensa, é necessario que fique aqui ainda uma vez consignado como uma advertencia e um protesto...» (292).

- - -

Depois de haver, assim, "sacudido a albarda" — na frase de Araripe Junior — entra na tese propriamente dita.

E' como não lhe era possivel numa tese criticar o acaso de Demócrito e Epicuro, os ciclos de Platão, o desenvolvimento organico dos povos de Aristotedes, o messianismo profético dos judeus, a graça de Paulo e de Agostinho, a predestinação de alguns teólogos, a providencia de Bossuet, os ricorsi de Vico, a imanencia panteistica de Spinoza, o optimismo progressista de Leibnitz, e, mais modernamente, o pessimismo de Schopenhauer, o inconsciente de Hartmann, o tragico de Bunsen, a imaginação de Forsschammer", limitou-se á afirmação de que "a concepção dos acontecimentos tem atravessado até hoje quatro largos periodos: a teologia, a metafisica, a fisica da historia e, finalmente, a historia científica".

A seguir, "analiza ligeiramente o transcendentalismo, a imanencia panteistica, a imanencia monistica e fixase no realismo critico, isto é, no evolucionismo historico ou criterio cientifico da historia — ação das leis fisicas e intelectuais. Feitas as reduções naturais aos primeiros sistemas, passa o critico a apreciar "as duas correntes geraes que, na sua opinião, constituem por si só toda a revolução do seculo XIX". São estas, de um lado, o desenvolvimento das ciencias fisicas e de outro, a descoberta dos antigos monumentos do pensar humano, isto

<sup>(292)</sup> Silvio Roméro, «Da interpretação filosofica na evolução dos fatos históricos», pgs. 7 a 13.

é, o sanscrito, os hieroglifos e as inscrições cuneiformes, fundamento da critica historica. Não tem palavras bastante eloquentes para admirar essa construção que se chama o método hitorico-naturalista ou comparativo e do qual resulta a descoberta sempre crecente das leis de filiacão e de coezistencia ou das ezistencias no tempo e no espaço. A obra de Buckle, por isso, parecia-lhe naquele instante representar o que havia de mais notavel como interpretação dos fatos historicos, pois que esse notabilissimo escritor, firmado em Kant, buscava provar "que nossas ações são sempre influenciadas por seus antecedentes, pelo meio em que vivemos, por nosso organismo, nossas aptidões hereditarias e muitos outros moveis obscuros que a ciencia pode dilucidar" e pelo mesmo caminho vira-se enveredarem os mais distintos filósofos e criticos - Schopenhauer, Wagner, Drobisch, Lange, Buchner. Haeckel. Herzen, Ferri, etc. Silvio não cuida de expôr rigorosamente o modus operandi da ciencia nova, nem mesmo se ocupa da feição particular de cada um desses propagandistas; mas levanta as objecções geraes opostas ao método, maximé as que derivam do conceito de liberdade ou do livre arbitrio, que Buckle definia "uma conquista da inteligencia sobre o fatalismo da natureza" e do fenomeno do remorso, aliás reduzido ao sentimento agudo da nossa inferioridade, angustia comum ao reconhecimento dessa quéda, não só quando se trata de ofensas á moral, mas tambem aos erros de ordem intelectual e até as imperfeições físicas" (293).

Essa, em sintese, a tese de Silvio.

<sup>(293)</sup> Araripe Junior, ob. cit., pgs. 189-191.

No dia 12 de Janeiro de 1880, a comissão começa a arguir os candidatos.

O numero desses já diminuiu com a desistencia de monsenhor Liparoni, que nem chegou a apresentar a tese.

A defesa de Silvio tem logar ás 11 hs. da manhã do dia 13, "na Augusta Presença de Sua Magestade o Imperador".

Acompanham-n'o os candidatos Rozendo Muniz e o conego José Gomes de Azambuja Meireles.

Silvio é arguido, primeiro, pelo ezaminador José Joaquim do Carmo, e, em seguida, por Nuno de Andrade.

«Os arguentes — dirá, mais tarde, Araripe Junior — eram um, ortodoxo, e outro, retaliante. Para bater a um, Silvio serviu-se da dialética como massa de combate. Para espantar ao outro, negou tudo, e atravessou-se com o espantalho do positivismo. Um desses arguentes (Nuno de Andrade) era um médico, havia pouco vitorioso em disputadissimo concurso, arguto, sutíl, epigramatico nas discussões, educado na filosofia da Igreja. Não lhe déra quartel o concurrente e maltratara a sua filosofia de maneira a quasi transtornal-o, apezar de se tratar de um dos homens de mais espirito do Rio de Janeiro. Concluida a prova. e porque o médico sustentára o mundo invisivel das categorias de S. Tomaz de Aquino e o bacharel em direito tirára a maior parte dos seus argumentos da biologia. Lopes Trovão aproximouse do primeiro e, batendo-lhe no hombro, disse-lhe que ali se tinha dado uma metátese - o médico passára a bacharel e o bacharel a discipulo de Esculapio... €(294).

Silvio, aliás, foi sempre justo para com o seu grande ezaminador.

<sup>(294)</sup> Araripe Junior, ob. cit. pg. 120.

"Muitos anos depois — conta Osorio Duque Estrada — afirmava ainda que no seu concurso só uma coisa o impressionára — " a logica de ferro do conselheiro Nuno de Andrade" (295).

No dia seguinte, 14 de Janeiro, tem logar o sorteio dos pontos para a próva oral.

São tudo o que se pode imaginar de mais geral — a filosofia de Aristóteles, a de Epicuro, e de Sócrates, a dos Alexandrinos, a dos Estoicos, a da Escolastica, a de Kant, a de Hegel...

Para a turma, de que faz parte Silvio, cái o primeiro ponto — a filosofia de Aristóteles.

A prova tem logar na manhã do dia 15, em presença de Pedro II e de "muitas outras pessôas".

A atuação de Silvio é brilhantissima.

Pode-se dizer que foi daí que o prato da balança começou a pender para o seu lado, pois, como em tempo verificaremos, a tese impressionára mal aos ezaminadores, que lhe deram a nota de "sofrivel", não havendo a defesa conseguido mais que "bôa".

A próva oral valeu-lhe nota "ótima".

No dia 16, a comissão sorteia os pontos para a ultima prova, a prova escrita.

As teses continúam a ser amplas.

Mas, ao contrario do criterio expositivo que presidira á confecção dos temas para a prova oral, as deste

<sup>(295)</sup> Osorio Duque - Estrada, «Revista Americana», Ano VI, n.º 3, pg. 63.

ultimo torneio se modelam por uma tendenciosidade manifesta.

"Da idéa de um ente supremo". "Da creação do mundo e sua conservação". "Moral religiosa: culto interno e externo". "Consciencia moral: imputação, responsabilidade". "Da sanção dos atos humanos: penas e recompensas"...

Por cumulo do azar, o candidato Joaquim Jeronimo Fernandes da Cunha Filho tira da urna o ponto dois — "Da idéa de um ente supremo".

O conego Azambuja, com certeza, não consegue, disfaçar um sorriso de júbilo. Monsenhor Liparoni, si ainda assiste ás próvas, arrepende-se da fuga. Melo Vieira ezulta deante da perspetiva de tirar a fórra sobre as vantagens tribunicias de Silvio. Mesmo entre os ezaminadores, si o "ortodoxo" Carmo se apiéda do hereje, que, si não fosse o poço de Jacob, poderia brilhar com aquele tema, Nuno de Andrade o "retaliante", deve ter visto um dedo pérfido da Providencia nesse ultimo obstáculo oposto á marcha do desabusado ezaminando...

Sorpreendendo a todos, entretanto, Silvio domina o tema, cobre do seu cursivo esparramando as laudas de papel que o conselheiro Figueiredo não se cansa de lhe rubricar e emquanto os outros se atropelam na "sofrivel" e até mesmo na "iná", como sucéde a um deles, arrança dos ezaminadores, com a segunda "ótima", a certeza do triunfo.

As formalidades com que se protege essa ultima prova são de fazer inveja ao mais meticuloso legislador eleitoral.

«Terminada a prova escrita, foi a de cada um dos concurrentes rubricada no verso pelos membros da comissão julgadora e pelos outros candidatos. Em seguida fechou-se e lacrou-se cada prova, escrevendo-se no envólucro o nome de seu autor. Recolheram-se todas as próvas escritas numa urna de tres chaves, uma das quaes foi guardada pelo Presidente, outra pelo Membro do Conselho Director e a terceira pelo Reitor mais antigo do colegio. A urna foi, tambem, cerrada com o selo do colegio impresso em lacre sobre uma tira de papel rubricada por toda a comissão julgadora...»

\* \* \*

No dia 17, pela manhã, tem logar o ultimo ato do concurso — a leitura, em publico, das provas escritas.

Procedeu-se a essa leitura na ordem da inscrição dos candidatos, velando o segundo pela fidelidade do que lia o primeiro, fiscalizando o terceiro a do segundo, a do terceiro o quarto, a deste o quinto e a deste, finalmente, o primeiro.

Em seguida, passou a Comissão Julgadora a uma outra sala e aí ezararam os ezaminadores na prova escrita de cada um dos candidatos o parecer do teor seguinte:

Na do bacharel Joaquim Jeronimo Fernandes da Cumha Filho — tese: sofrivel — defesa: sofrivel — oral: sofrivel — escrita: má. Na do bacharel Antonio Luiz de Mele Vieira — tese: sofrivel — defesa: bôa — oral: bôa — escrita: sofrivel. Na do bacharel Silvio Roméro — tese: sofrivel — defesa: bôa — oral: ótima — escrita: ótima. Na do dr. Rozendo Muniz Barreto — tese: bôa — defesa: sofrivel — oral: bôa — escrita: bôa. Na do conego José Gomes de Azambuja Meireles — tese: sofrivel — defesa: sofrivel — oral: sofrivel — escrita; sofrivel.

Alem do parecer lavrado na prova escrita de cada um dos candidatos, apresentaram ainda os ezaminadores o que vae abaixo transcrito:

«Os ezaminadores nomeados pelo Governo Imperial para ezaminarem as próvas dos candidatos ás cadeiras de Filosofia do Imperial Colegio de Pedro II, tendo acuradamente, e com animo calmo e desprevenido, estudado as mesmas provas, já consideradas em si, já em relação umas com as outras, para conhecimento e apreciacão tanto do seu mérito absoluto como do relativo, convenceram-se que era de rigorosa justica que fossem os candidatos classificados conforme a ordem seguinte: 1.º plano - bacharel Silvio Roméro; 2.º plano - ex æquo, Dr. Rozendo Muniz Barreto e bacharel Antonio Luiz Melo Vieira; 3.º plano - conego José Gomes de Azambuja Meireles; 4.º plano — bacharel Joaquim Jeronimo Fernandes da Cunha Filho. Os ezaminadores cumprem o dever de declarar que para a classificação do bacharel Silvio Roméro atenderam aos seus incontestaveis talentos, lucidez de exposição e aptidão profissional, sem investigar si a filosofia de Comte, da qual o candidato é ardente sectario, vae de encontro á unidade do plano de estudos deste Imperial Colegio, materia esta que o Governo Imperial decidirá em sua sabedoria. E relativamente ao candidato bacharel Joaquim Jeronimo Fernandes da Cunha Filho tambem importa declarar que sobre serem as suas provas inferiores ás dos outros candidatos acresce o haver ele, nas suas ezibições oraes, revelado pouca aptidão para o magiterio. Externato do Imperial Colegio de Pedro II, em 17 de Janeiro de 1880 - José Joaquim do Carmo. Dr. Nuno de Andrade . (296).

A despeito dos seus termos categoricos, o parecer dos ezaminadores não logrou convencer a unanimidade da Comissão Julgadora.

<sup>(296)</sup> Livro de Atas dos Concursos Realizados no Imperial Colegio de Pedro II, 1878-1882, fls. 181.

A discussão foi demorada e, a final, dois de seus membros — Pedro José de Abreu, do Conselho Diretor, e monsenhor Fonseca Lima, Reitor do Internato — votaram vencidos.

Foi esta, em sua integra, a proposta enviada ao Imperador:

«Externato do Imperial Colegio de Pedro II, em 17 de Janeiro de 1880, A Comissão encarregada de julgar do mérito dos candidatos ás cadeiras de Filosofia no Imperial Colegio re Pedro II, considerado o parecer dos ezaminaores sobre a prova escrita, tese, defesa desta e prova oral, bem como a classificação dos mesmos candidatos, formulou seu juizo definitivo em virtude do qual tem a honra de propôr ao Governo Imperial - em 1.º logar, o bacharel Silvio Roméro - cm 2.º logar, ex æquo, o Dr. Rozendo Muniz Barreto e o bacharel Antonio Luiz Melo Vieira - em 3.º logar, o conego José Gomes Azambuja Meireles e em 4.º logar o bacharel Joaquim Jeronimo Fernandes da Cunha Filho. Deus guarde a V. Ex. Illmo. e Exmo. Sr. Conselheiro Dr Francisco Maria Sodré Pereira. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio - José Bento da Cunha e Figueiredo - Monsenhor José Joaquim da Fonseca Lima, vencido quanto á classificação - Dr. Cesar Marques - Pedro José de Abreu, vencido quanto á classificação - José Joaquim do Carmo - Dr. Nuno de Andrades (297).

\* \* \*

Triunfante embora, e pelo modo insofismavel porque o fôra, com superioridade manifesta, em duas próvas pelo menos, sobre os outros concurrentes, a vitoria de Silvio se tornava ainda dependente da "sabedoria" imperial.

<sup>(297)</sup> Livro de Atas dos Concursos Realizados no Imperial Colegio de Pedro II, 1878-1882, fls, 182.

Para os que tinham do monarca a impressão optimista que os seus aulicos alardeavam, de tolerante e justiceiro, o beneplácito á proposta da Comissão Julgadora não devia inquietar.

Silvio, porem, sabia, tinha razão para saber que a magnanimidade do sr. Pedro II era, apenas, um rótulo, incapaz de encobrir seus verdadeiros sentimentos de animosidade hostil, verdadeiramente agressiva, contra todos aqueles que não lêssem pelo bastardinho da cartilha imperial.

Os precedentes se multiplicavam numa frequencia aterradora.

Os de Benjamim Constant não davam margem a qualquer ilusão (298).

<sup>(298)</sup> Ainda recentemente, o sr. Ivan Lins, em conferencia feita a convite do Ministro da Educação, teve a oportunidade. de lembrar esse capitulo negro da historia do imperio. O primeiro concurso que fez Benjamim foi em 1860 para repetidor de matematica no Colegio de Pedro II. Classificado, embora, em 1.º logar, nomearam o concurrente vencido. Creada nova cadeira de matematica, de novo concorreu: já estava inscrito, comtudo, quando o governo imperial resolve prover a cadeira sem concurso. Em 1861, inscreve-se para um terceiro concurso no Instituto Comercial - anulada a sua inscrição, recorre ao ministro — este, atendendo-o, proroga a inscrição por um mez - Benjamim se inscreve, mas, dias depois, o «magnanimo» nomeia, sem concurso, um dos candidatos. Em 1862, concorre ainda á codeira de matemática da Escola Normal de Nicteroi. A classificação dos candidatos foi esta - «Em 1.º logar, com distinção, Benjamim; em 2.º, ninguem; em 3.º, ninguem; em seguida, o outro candidatos — Pois, «apezar dessa original e honrosissima classificação — diz Ivan Lins — foi nomeado o competidor de Benjamim! «Sete concursos fez ele, obtendo em todos o primeiro logar. Foi, porem, injustificavelmente preterido em cinco e só duas vezes conseguiu nomeação» (Ivan Lins, «Benjamim Constant, pgs. 24 a 28).

Mesmo ele, Silvio, já tivera experiencia propria, tres anos antes, quando foi do recurso interposto da desclassificação indecorosa que sofrêra no Recife.

A espectativa era, portanto, desalentadora.

Para agraval-a havia, ainda, os dois votos vencidos na proposta enviada ao governo, e, mais que eles, a deixa manhosamente formulada pelos ezaminadores quanto á incompatibilidade do pretenso sectarismo comtista de Silvio com "a unidade de plano de estudos" do colegio.

Nem faltou o trabalho embuçado dos intrigantes, tão

comum nas antecamaras ministeriaes do Imperio.

Conta Artur Guimarães, monarquista insuspeito, que Silvio "escapou de ser espoliado devido ao seu republicanismo".

Cesar Marques, passados anos — continúa o discipulo de Silvio — com uma voz que já parecia do outro mundo, contava ao méstre a resistencia que Pedro II opuzera ás intrigas levantadas para não ser ele o escolhido.

E Silvio, imitando-o, tinha graça, enchendo a voz e repetindo-lhe as frases:

«— Bem que intrigaram! Bem que intrigaram! O que lhe valeu foi a retidão do Imperador...» (299).

War and Arrest

A retidão do Imperador, sómente, não.

Duas outras circumstancias deveriam, tambem, ter concorrido.

Uma, o depoimento do Barão de Tautphœus, velho amigo de Silvio, em quem Pedro II tinha grande confian-

<sup>(299)</sup> Artur Guimarães, ob. cit. pgs. 34.

ça e sabidamente se amparava para a solução de varios casos em materia de ensino.

Outra, o fato de ser um dos concurrentes --- e tudo leva a crêr, tambem, que um dos intrigantes --- o bacharel Antonio Luiz de Melo Vieira, a quem Paula Batista, com a criminosa conivencia da congregação da Faculdade de Direito do Recife, fizera, havia pouco. professor de filosofia do Colegio das Artes de Pernambuco, preterindo Silvio.

O concurso, que acabava de se realizar, patenteára aos olhos do monarca a injustiça de que o moço sergipano fora vítima.

E não podia haver melhor ocasião de reparal-a.

\* \* \*

Por taes ou quaes razões, o certo é que, tendo recebido a 17 de Janeiro de 1880 a proposta da comissão julgadora do concurso, a 13 de Março do mesmo ano era publicado o decreto nomeando Silvio professor das cadeiras de filosofia do Imperial Colegio de Pedro II, cargo de que tomava posse a 30 do mesmo mez (300).

O ingresso no magisterio oficial consolida o prestigio de Silvio na Côrte.

"Desde esse dia — escreve Araripe — ele passou a ser olhado como uma força. O ridiculo emudeceu" (301).

<sup>(300)</sup> Araripe Junior, «Silvio Roméro, polemista», «Rev. Brasileira», vol. XVI, pgs. 192.

(301) Araripe Junior, ob cit. pgs. 193.

Havia naquele provinciano ousado, que a inveja procurava amesquinhar ás proporções de um simples "arrivista", "filósofo sem idéas proprias", corifeu de "uma escola sem discipulos", com "a alma a queimar de despeitos porque os filhos da cidade de Minerva não podiam tolerar os barbaros que vinham das regiões Cimérias" predicados invulgares de inteligencia e de cultura, "talentos incontestaveis" como os ezaminadores haviam feito questão de consignar, sem os quaes não se podia conceber que, sósinho, desamparado de qualquer ajuda politica poderosa, e ainda por cima duramente hostilizado pelo meio, lograsse conquistar, como conquistou, sem o sacrificio de nenhuma de suas convicções, antes reafirmando-as com admiravel altivez e extraordinario desassombro, uma láurea que todos sabiam reservada a pou-COS.

Muitos anos depois, dirá ele a Verissimo, num de seus desabafos característicos:

«O debate foi largo e, modestia á parte, Zézé de minh'alma, muito diferente do teu concurso de historia. Ainda não ha muito tempo, sabes que ouvi eu da boca de um espirito superior, de um cientista de primeira ordem, o saudoso e laureado Chapot-Prévost, deante de varios médicos? O seguinte: «— A geração de meu tempo foi educada sob a impressão do brilho e firmeza de idéas e do modo de as sustentar de seu concurso de filosofia». Isto me remunera de sóbra de todas as objurgatórias e de todos os aleives!» (302).

O acontecimento fixava, assim, de vez, o adventicio ao meio.

<sup>(302)</sup> Silvio Romêro, «Zéverissimações», pg. 58.

E como que estendia entre os tumultos do passado e o futuro ainda incerto, apenas entrevisto, uma cortina divisória...

\* \* \*

De fato, Silvio, a partir desse momento, fala, diversas vezes, numa "segunda fase" da sua carreira intelectual.

Quaes fossem os contôrnos das duas etapas, que a cátedra dividia, ele teria achado mais prudente não dizelos no momento.

Oito anos mais tarde, todavia, quando traz á luz a "Historia da Literatura Brasileira" — que Araripe apresenta como um empreendimento que ele não realizaria si não fossem os "lazeres do magisterio" — já aí não tem reservas para a demarcação.

eO autor ha passado por tres fases. A primeira foi a do optimismo da meninice e da primeira juventude, idade em que toda gente lê nos livros das classes a famosa descrição do Brasil de Rocha Pita e acredita em tudo aquilo como numa dogmática infalivel. A segunda foi a do pessimismo radical e intratavel a que deu curso em seus primeiros livros. A terceira é a atual, a da critica imparcial, equidistante da paixão pessimista e da paixão optimista, que nos têm feito andar ás tontas, fase essa ultima que parece ser a da madureza de todo espirito que quizer sinceramente servir ao seu paiz.

Não é mais tempo de dizer que o Brasil e os brasileiros são o primeiro paiz e o primeiro povo do mundo, assombrosas patranhas em que nem mais as creanças acreditam; mas, tambem, não é mais tempo de declarar que o Brasil e os brasileiros são a vergomha e a lástima do mundo, pecaminoso brado de

desalento que nem ao menos encontra mais os escravos para o repetirem...» (303)

Não ha nisso um recúo, como pareceu a tantos, e, muito menos, uma retratação.

Ha, apenas, o desejo, o legitimo desejo, em quera lutou demais, de descansar um pouco.

A realidade, todavia, ainda uma vez o trairá.

A propria "Historia da Literatura", onde o proposito se afirma de modo tão peremptorio, já o contraría em varios lances.

Nem poderia ser de outra maneira.

Silvio sempre mostrou pela fase combativa de sua vida uma predileção especial.

E' com ela, a despeito de todos os seus excessos, de todos os seus possiveis exageros, de todas as suas inevitaveis imperfeições, que mais se identifica o seu temperamento, a sua indole inteiriça e inamoldavel de lutador.

Por isso mesmo é que na propria ocasião em que indica os momentos diversos da sua evolução mental, logo após confessar que o estudo mais atento da terra e da gente brasileiras o haviam feito corrigir muitos conceitos que emitira no calor das primeiras impressões, faz questão de frizar, sem demora, imediatamente, a unidade moral de toda a sua obra, identica nos seus alicerces e na sua estrutura.

«Seguir-se-á, daí — pergunta ele — desse desejo de descanso, de repouso, de atenuação e abrandamento nos seus processos de combate, de fórma, e nada mais do que de fórma, na realização da sua critica — seguir-se-á, daí, que ele renégue os seus livros dos tempos da mocidade, dos saudosos dias em que

<sup>(303)</sup> Silvio Roméro, «Historia da Literatura Brasileira», vol. I, pgs. X a XI.

lutava com toda a energia e com toda a indomabilidade da paixão?»

# E a resposta vem pronta:

«Absolutamente, não. Esses livros são tambem seus filhos dilétos. Como verdade, como doutrina, como análise, valem tanto quanto este. Como reação, como ataque, como polêmica, valem mais. Como experiencia, como imparcialidade, como moderação, é que valem menos. Não ha motivos, pois, para os renegar.

Minha obra estará, em seu remate, em contradição com seu incio? Necessariamente, não. Seus principios dirigentes são os mesmos. Sua base filosofica, historica, etnografica, estética e critica é sempre identica. Deixar no caminho, apenas, um pouco de tom agressivo, de violencia no ataque, e assenhorear-se de mais serenidade e cordura, só a extravagantes parecerá contradição...» (304)

\* \* \*

Ninguem definiria melhor o pequenino fosso que separa as duas fases.

Tudo quanto ele fez, em 1880 — ao encerrar, com a conquista da cátedra, ha tanto ambicionada, a sua formação intelectual — foi isso.

"Foi deixar no caminho um pouco de rudeza, de tom agressivo, de violencia no ataque e assenhorear-se de mais serenidade e mais cordura".

Apenas isso.

<sup>(304)</sup> Silvio Roméro, «Historia da Literatura Brasileira», vol I, pg. X a XII.

- 55 Visão sintetica sobre o «folk-lore» brasileiro.
  Artigo. Publicado na «Revista Brasileira», Rio, em 1879.
  Reproduzido nos Cantos Populares do Brasil, de que é introdução.
- 56 Couto de Magalhães e a influencia dos selvagens no «folk-lore» brasileiro.
  Artigo. Publicado na imprensa do Rio de Janeiro em 1879.
  Mais tarde, Silvio reproduziu-o na Etnografia Brasileira, pgs. 45 a 63 e nos Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil. cap I.
- 57 A Filosofia no Brasil e o dr. Souza Bandeira.
  Tres artigos. Publicados no «O Reporter», do Rio de Janeiro, Ano I, n.ºs 193, 194 e 195, de 17, 18 e 19 de Julho de 1879.
- 58 A Literatura Brasileira = suas relações com a Portugueza; o néo-realismo.
  Prefacio ao livro «Nóvos Ideais» de Mucio Teixeira Rio, Novembro de 1879. Publicada, depois, na «Revista Brasileira», vol. II, pgs. 273 a 292. Mais tarde, Silvio ainda reproduziu largo trecho desse estudo no livro A Literatura Brasileira e a Critica Moderna.
- 59 Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil.

  Série de artigos publicados na «Revista Brasileira», vol. I, pgs. 94 a 102, 264 a 274, 343 a 362, 433 a 574; vol. II, pgs. 27 a 39, 112 a 126, 205 a 214, 432 a 437; vol. III, pgs. 51 a 62, 234 a 247, 336 a 339. Posteriormente, Silvio os reunia em livro, com o mesmo titulo (Rio, Laemert & Cia., 1888, 1 vol. com 368 pgs.).
- A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro.
   Artigo. Publicado na «Revista Brasileira», Rio, vol. II,

pgs. 486 a 496. Em grande parte aproveitado na «Historia da Literatura Brasileira.

#### 61 — Poema das Américas.

Versos. Publicados na «Revista Brasileira», Rio, vol. IV, Abril a Junho de 1889. Foram reproduzidos nos «Ultimos Harpejos, de que constituem a primeira parte, pgs. 7 a 52. Escritos desde 1872, Silvio lhes dava grande importancia, apresentando-os como uma prova de sua filiação á corrente «americanista».

# 62 — A LITERATURA BRASILEIRA E A CRITICA MODERNA.

1 vol. in n.º com 207 pgs., Imprensa Industrial de João Paulo Ferreira Dias, Rua da Ajuda, 75, Rio de Janeiro, 1880.

# 63 — DA INTERPRETAÇÃO FILOSOFICA NA EVO-LUÇÃO DOS FATOS HISTORICOS.

Tese de concurso para as cadeidas de Filosofia do Imperial Colegio de Pedro II do Rio de Jaeniro. 1 opusculo com 31 pgs. de texto, Imprensa Industrial de João Paulo Ferreira Dias, Rio, 1880. Foi reproduzido nos «Estudos de Literatura Contemporanea, pgs. 48 a 70, com o titulo abreviado de «Interpretação filosofica dos fatos historicos».



# INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE SILVIO ROMERO (1869 - 1914)

Organizada em colaboração com

SILVIO ROMERO FILHO



### POR ORDEM CRONOLÓGICA:

- 1869 A Poesia Contemporânea e a sua intuição naturalista.
  - A poesia dos «Harpejos Poéticos».
- 1870 O que entendemos por Poesia Critica.
  - Cartas a Manoel Quintiliano da Silva.
  - A poesia das «Falenas».
  - A poesia das «Espumas Flutuantes».
  - Ainda a poesia das «Espumas Flutuantes».
- 1871 Sistema das contradições poéticas.
  - A Poesia e os nossos poetas.
  - A proposito de um livro.
  - O carater nacional e as origens do povo brasileiro.
- 1872 Uma página sobre Literatura Nacional.
  - Realismo e Idealismo.
  - As Legendas e as Epopéas.
  - A Poesia e a Religião.
  - A Poesia e a Ciencia.
  - Camões e «Os Lusiadas».
  - A Rotina Literaria,
  - As cartas de Sempronio e Cincinato contra Senio.
  - Uns versos de moça.
- 1873 A Critica Literária.
  - O Romantismo no Brasil e em Portugal.
  - -- A Poesia de Hoje.
  - Si a Economia Politica é uma ciencia.
  - Discurso na Assembléa Provincial de Sergipe.

- 1874 O espirito novo em Filosofia,
  - Os principios fundamentais da Evolução.
  - A concepção monística do universo.
  - O problema historico das raças.
    - O indianismo e o sentimento nacional em literatura.
    - Sintese do movimento literario brasileiro atual.
    - Um etnólogo brasileiro.
- 1875 Um etnólogo brasileiro Couto de Magalhães.
  - ETNOLOGIA SELVAGEM. (\*)
  - --- Razões justificativas do art. 482 do Codigo Comercial Brasileiro.
- 1878 CANTOS DO FIM DO SECULO.
  - A FILOSOFIA NO BRASIL.
- 1879 Couto de Magalhães c a influencia dos selvagens no «folk-lore» brasileiro.
  - A Filosofia no Brasil e o sr. Souza Bandeira.
  - Visão sintética sobre o «folk-lore» brasileiro,
  - A Literatura Brasileira suas relações com a portuguesa, o néo-realismo.
  - A linguagem genuina do povo.
  - O gosto do publico pelos espetáculos parlamentares.
  - José Bonifacio.
  - Joaquini Nabuco.
  - Cansanção de Sinimbú,
  - Lafayete Pereira.
  - Afonso Celso.
  - Uns ministros andnimos.
  - O Barão de Cotegipe.
  - Silveira Martins.
  - Martinho Campos.
  - O Visconde do Rio Branco.

<sup>(\*)</sup> Os livros vão sempre assinalados em versal para se destacarem das outras indicações referentes aos artigos e demais publicações que não constituiram volumes independentes

- João Alfredo.
- A situação do Brasil sob o Segundo Reinado.
- Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil.
- A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro.
- 1880 O Poema das Américas.
  - A Camões.
  - A LITERATURA BRASILEIRA E A CRITICA MODERNA.
  - Vista geral sobre a Escola Literaria do Recife.
  - DA INTERPRETAÇÃO FILOSOFICA NA EVO-LUÇÃO DOS FATOS HISTORICOS.
  - Programa da cadeira de Filosofia do Colegio de Pedro II.
- 1881 Um poeta do Norte.
  - A questão do dia a emancipação dos escravos.-
  - De uma cajadada, dois coelhos.
  - Uma explicação ao publico.
  - Tobias Barreto de Menezes como poéta.
  - Lira Sergipana.
  - Os Palmares,
  - Introdução á Historia da Literatura Brasileira.
- 1882 O Naturalismo em Literatura.
  - O NATURALISMO EM LITERATURA.
  - A Historia da Literatura Brasileira e o sr. Araripe Junior.
  - Ainda a Historia da Literatura Brasileira e o sr. Araripe Junior.
  - O poeta dos «Idílios Modernos».
  - Teófilo Braga e o turanismo dos indigenas brasileiros.
  - Sobre o «Curso de Literatura» de Melo Morais Filho.
  - -- INTRODUÇÃO A' HISTORIA DA LITERATU-RA BRASILEIRA.

- 1883 A Filosofia e o Eusino Secundario.
  - ULTIMOS HARPEJOS.
  - Dranmor.
  - O elemento plebeu na Literatura do Brasil, I.
  - O elemento plebeu na Literatura do Brasil, II.
  - A situação liberal uma de suas incarnações.
  - Modernas escolas literarias.
  - A «Historia do Brasil» e o sr. Melo Morais.
  - Teorias Historicas e Escolas Literarias do Brasil.
  - -- Ainda as Teorias Historicas e as Escolas Literarias do Brasil.
  - Um moço e um velho poetas.
  - Obrigatoriedade e Liberdade de Ensino.
  - ENSAIOS DE CRITICA PARLAMENTAR
  - Os «Escravos Vermelhos».
  - Sobre o Brasil do Seculo XVI.
  - CANTOS POPULARES DO BRASIL.
  - Programa de Filosofia do Direito.
  - LUCROS E PERDAS.
- 1884 Os Ciganos: contribuição etnográfica.
  - Oradores Sagrados. Poesia Religiosa e Patriotica.
  - Estudos Filológicos.
  - O professor Carlos Jansen e a leitura das classes primárias,
  - - Barbosa Rodrigues e a questão da pedra nefrite.
    - Coças em Valentim Magalhães.
    - VALENTIM MAGALHÃES.
- 1885 Ainda Teófilo Braga e o turanismo dos indigenas brasileiros.
  - CONTOS POPULARES DO BRASIL.
  - ESTUDOS DE LITERATURA CONTEMPO-RANEA.
- 1856 Ladislau Neto e a Arqueologia Brasileira.

- De novo as Teorias Historicas e as Escolas Literarias no Brasil.
- Prefacio aos «Alvéolos» de Osorio Duque Estrada.

### 1887 - UMA ESPERTEZA!

- Sobre o Visconde de S. Leopoldo.
- 1888 Ainda os Oradores Sagrados e a Poesia Religiosa e Patriotica.
  - ESTUDOS SOBRE A POESIA POPULAR NO BRASIL.
  - Funções do Cérebro.
  - O Congresso dos Americanistas.
  - -- ETNOGRAFIA BRASILEIRA.
  - HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA.
  - Uma reforma no ensino da praxe processual.
- 1889 AS TRES FORMAS PRINCIPAIS DA ORGANI-SAÇÃO REPUBLICANA.
  - · Movimento espiritual do Brasil no ano de 1888.
    - A FILOSOFIA E O ENSINO SECUNDARIO.
    - Aos eleitores do 1.º Distrito da Provincia de Sergipe.
    - MANIFESTO AOS ELEITORES DA PROVIN-CIA DE SERGIPE.
    - Organisação do Ensino Secundario o Ginasio Nacional.
    - O martirio de Tobias Barreto.
    - Mensagem dos Homens de Letras do Río de Janeiro ao Governo Provisorio.
- 1890 Programa de Sociologia para o Ginásio Nacional:
  - Notas sobre o Ensino Publico.
  - A Liga Anti Bancária e o Imperialismo Economico.
  - A HISTORIA DO BRASIL ENSINADA PELA BIOGRAFIA DE SEUS HEROES.
  - Tito Livio de Castro.
  - Discurso de saudação a Martins Junior.
  - Luiz Murat.

- 1891 A Imigração e o futuro do povo brasileiro.
  - O Ensino Publico.
  - O Conselho de Instrução Superior.
  - Os dois Conselhos de Instrução Publica,
  - A bofetada no cadaver do Fundador da Republica.
  - Por que desendo a resorma de Benjamim Constant.
  - Provocações e Debates.
  - A Legenda Imperial.
  - As fraquezas do Imperio na questão das Missões.
  - O quádruplo inimigo.
  - As desilusões do sr. Taunay.
  - Ao sr. Visconde de Taunay.
  - O que se deve fazer.
  - Questões de higiene publica.
  - Um programa politico anterior á Republica.
  - Considerações sobre o Ensino Publico.
  - Os contos populares do Amazonas.
  - A IMIGRAÇÃO E O FUTURO DA RAÇA POR-TUGUEZA NO BRASIL.
  - LUIZ MURAT.
  - Politica de Sergipe.
  - Ad perpetuam rei memoriam.
  - Golpe de vista sobre a Questão das Missões.
    - O primeiro erro.
  - Sobre um discurso do sr. Lopes Trovão.
- 1892 Programa de Economia Politica.
  - Programa de Historia do Direito Nacional,
  - Programa de Direito Publico.
  - Parlamentarismo e Presidencialismo na Republica Brasileira.
  - Prólogo aos «Estudos de Direito» de Tobias Barreto.
  - Prólogo aos «Estudos Alemães» de Tobias Barreto.
  - Uma pagina sobre a Literatura Brasileira a raça.
  - Amor e Dolor meus.

- 1893 Prólogo á 2.ª edição dos «Dias e Noites» de Tobias Barreto.
  - A Mulher e a Sociogenia.
  - PARLAMENTARISMO E PRESIDENCIALISMO NA REPUBLICA BRASILEIRA. .
  - Doutrina contra Doutrina.
- 1894 A Nova Concepção do Direito no Brasil.
  - Prefacio ao livro «Palingenésia» de Leonidas e Sá.
  - DOUTRINA CONTRA DOUTRINA -- O EVO-LUCIONISMO E O POSITIVISMO NO BRASIL.
  - Prefacio ao livro «Festas Populares do Brasil» de Melo Morais Filho.
  - Politica de Sergipe.
- 1895 ENSAIOS DE FILOSOFIA DO DIREITO.
  - A verdade sobre o caso de Sergipe.
  - A VERDADE SOBRE O CASO DE SERGIPE.
  - Silencio, caluniador!
  - Intermezo jornalistico.
  - Resposta a um morto.
  - O VAMPIRO DO VASA-BARRÍS.
  - Uma questão de Direito Constitucional.
  - Prefacio ao livro «Cantos do Equador» de Melo Morais Filho.
  - Pela solução amigavel da Questão das Missões.
  - () Dia dos Operarios,
  - DOUTRINA CONTRA DOUTRINA O EVO-LUCIONISMO E O POSITIVISMO NO BRASIL, 2.º ed.
- 1896 Os Nóvos.
  - A Literatura Brasileira.
  - -- Prefacio ao livro «Harpa Noturna» de Rodolfo Teófilo.

- A Inglaterra e o Parlamentarismo.
- Uma suposta lei sociologica.
- -- CANTOS POPULARES DO BRASIL.
- 1897 Contestação Eleitoral na Camara dos Deputados.
  - MACHADO DE ASSIS.
  - Martins Pena.
- 1898 Prólogo á 2.º edição dos «Estudos de Direito» de Tobias Barreto.
  - NOVOS ESTUDOS DE LITERATURA CON-TEMPORANEA.
  - Historia do Direito Nacional,
  - Defesa no Jury.
  - O Marquez de Pombal e a Civilização Brasileira.
  - A Questão do Rio Grande.
- 1899 O Simbolismo.
  - O Haeckelismo em Sociologia.
  - A classificação dos fenomenos em Sociologia.
  - O Direito Brasileiro no seculo XVI.
  - Quatro palavras convictas.
- 1900 A LITERATURA BRASILEIRA
  - Prólogo aos «Varios Escritos» de Tobias Barreto.
  - Apresentação de projetos na Camara dos Deputados.
  - Defesa de projetos na Camara dos Deputados. .
  - Viagem á Europa.
  - O Barão do Rio Branco.
  - Sobre selos em contas comerciais.
- 1901 O Casamento Civil,
  - O Congresso Pan-Americano.
  - ENSAIOS DE SOCIOLOGIA E LITERATURA.
  - Prólogo ao livro «Polemicas» de Tobias Barreto.
  - MARTINS PENA.
  - Concepção da Filosofia.
  - Escragnole Taunay.

- Eduardo Prado.
- Machado de Assis, poeta.
- Codigo Civil Brasileiro.
- 1902 O Elemento Portuguez no Brasil.
  - O ELEMENTO PORTUGUEZ NO BRASIL.
  - HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA, 2º ed.
  - O Codigo Civil.
- 1903 O Barão do Rio Branco como historiador e diplomata,
  - Tobias Barreto bréve noticia de sua vida.
  - As Academias de Coimbra no ano de 1902-1903.
  - O Duque de Caxias e a Integridade do Brasil.
  - O DUQUE DE CAXIAS E A INTEGRIDADE DO BRASIL.

### 1904 - DISCURSOS.

- Origem, elementos, estrutura e evolução da Sociedade.
- PASSE RECIBO!
- Prefacio ao livro «Questões Economicas Nacionaes» de Artur Guimarães.
- PARNASO SERGIPANO.
- Versos, versos e mais versos...
- A Escola Literaria do Recife no ultimo quartel do seculo XIX.
- Prefacio ao livro «O Teatro Brasileiro» de Henrique Marinho.
- Pinheiro Chagas.
- O Momento Literario.
- Prefacio ao livro «A Classificação das Ciencias» de Liberato Bitencourt,
- PINHEIRO CHAGAS.
- O Visconde de Taunay, homem de letras.
- -- Flôres Mineiras.
- 1905 José do Patrocinio.
  - EVOLUÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA.

- A «America Latina» de Manoel Bomfim.
- EVOLUÇÃO DO LIRISMO BRASILEIRO.
- Tobias Barreto,
- 1906 O Alemanismo no Sul do Brasil.
  - A proposito da «America Latina» de Manoel Bomfim.
  - O ALEMANISMO NO SUL DO BRASIL.
  - -- A «Patria Portugueza» do sr. Teófilo Braga.
  - OUTROS ESTUDOS DE LITERATURA CON-TEMPORANEA.
  - Joaquim Nabuco.
  - O meio fisico brasileiro como fator social.
  - A «PATRIA PORTUGUEZA» O TERRITO-RIO E A RAÇA.
  - Carta a Edmond Démolins.
  - As zonas sociais e a situação do povo no Brasil.
  - A Escola de Le Play no Brasil.
  - COMPENDIO DE HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA.
  - Quatro palavras.
  - Discurso na Academia de Letras.
  - O Socialismo no Brasil,
- 1907 DISCURSO NA ACADEMIA DE LETRAS.
  - Realidades e Ilusões do Brasil.
    - A AMERICA LATINA.
    - Edmond Démolins.
  - O BRASIL SOCIAL.
  - A questão da ortografia.
- 1908 ENSAIO DE FILOSOFIA DO DIREITO, 2.º ed.
  - Um livro de viagens.
  - Uma escritora brasileira.
  - HISTORIA DO BRASIL ENSINADA PELA BIO-GRAFIA DE SEUS HEROES, 2º ed.
  - Nosso maior mal.

- Que é um caipira?
- Um livro sobre Tobias Barreto,
- As oligarquias e sua classificação.
- 1909 O concurso de Logica no Ginasio Nacional.
  - -- COMPENDIO DE HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA, 2.º ed.
  - Visionário.
  - ZÉVERISSIMAÇÕES INEPTAS DA CRITICA.
  - Da Critica e sua ezata definição.
  - DA CRITICA E SUA EZATA DEFINIÇÃO.
  - Parecer sobre a obra de Farias Brito.
- 1910 A Mulher e o Instituto Velejano no Brasil.
  - PROVOCAÇÕES E DEBATES.
  - Prefacio ao livro «Vigilias» de Nazareth Menezes.
  - Evolução da Literatura Brasileira.
  - Castilhismo positivista no Rio Grande do Sul.
  - Prefacio ao livro «Dona Dolorosa» de Téo-Filho.
- 1911 Da natureza dos cargos publicos nas democracias modernas.
  - O Teatro em Juiz de Fóra.
  - O que o Brasil tem o direito de esperar do Ezército.
  - DA NATUREZA DOS CARGOS PUBLICOS NAS DEMOCRACIAS MODERNAS.
  - O sr. José Verissimo, novelista.
  - QUADRO SINTETICO DA EVOLUÇÃO DOS GENEROS NA LITERATURA BRASILEIRA.
  - Franklin Magalhães.
  - O BRASIL NA PRIMEIRA DÉCADA DO SE-CULO XX.
  - -- José Pedro Xavier da Veiga e a Guerra dos Emboabas.
  - Teixeira de Melo como poeta.
  - Republica Unitária e Parlamentar.

- 1912 Carlos Frederico de Martius e suas idéas ácerca da Historia do Brasil.
  - Parecer na Academia Brasileira de Letras.
  - Francisco Valadares.
  - Até onde chega o Norte e começa o Sul do Brasil.
  - A GEOGRAFIA DA POLITICAGEM O NOR-TE E O SUL DO BRASIL.
  - Paris avaliado por um brasileiro,
  - Nação ou Colonia? Conquista ou não conquista?
  - O CASTILHISMO NO RIO GRANDE DO SUL.
  - A profecia do Barão de Tautphoeus.
  - -- Prefacio ao livro «Questões e Problemas» de Tito Livio de Castro.
  - Euclides da Cunha.
  - As «Notas e Epistolas» de Estevam de Oliveira.
  - Novas contribuições para o estudo do «folk-lore» brasileiro.
  - Discurso de paraminfo aos alunos do Ginasio O'Grambery.
  - O que o Brasil tem o direito de esperar do Ezército.
  - A BANCARROTA DO REGIMEN FEDERATI-VO NO BRASIL.
  - O Brasil Social.
  - Questões Atuaes.
  - O BRASIL NA PRIMEIRA DÉCADA DO SE-CULO XX, 2.º ed.
  - A luta entre o Paraná e Santa Catarina a verdadeira solução.
- 1913 O Brasil Social..
  - Instrução e Educação.
  - Historia da Literatura Brasileira.
  - Oração de paraninfo aos bacharéis da Faculdade de Ciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro.

### 1914 - MINHAS CONTRADIÇÕES.

- Duas palavras sobre «Aspétos Brasileiros».
- Sobre dois livros de Miguel Melo e Afonso Schmidt.

# SEM DATA - O elemento popular na literatura do Brasil.

- Um livro juridico.
- Minas Geraes,
- Melo Moraes Filho.
- Martins Pena.
- Classification Organico-Didactique des Sciences.
- A raça e sua influencia nas letras brasileiras.
- A poesia fundada na intuição critica moderna.
- Estudo sobre a poesia e os contos populares do Brasil.
- Sobre o livro »Lucas» de Servilio Gonçalves.
- Sobre o livro «Ondas» de Luiz Murat,

### POSTUMOS - O REMÉDIO, 1914.

- A UNIÃO DO PARANÁ E SANTA CATHARI-NA, 1916.
- Pragmatistas e Intelectualistas, 1919.
- MACHADO DE ASSIS, 2.º ed., 1936.

### INEDITOS \* - ATUALIDADES E REINCIDENCIAS.

- CARTAS.
- DIARIO INTIMO.
- Liquidação Forçada.
- Pedagogia e Literatura.
- POEMAS DA EVOLUÇÃO.
- TOBIAS BARRETO O HOMEM E O ES-CRITOR.
- HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA, 3.º volume.

Todos figuram nas relações publicadas por ocasião da morte de Silvio, sendo que uma delas, a mais completa no que se rafara a esses inéditos, aparacou no jornal "O Eco Suburbano", Ano V, n.º 332, de 26-7-1914, do qual era diretorgerente Edgard Romaro, filho de Silvio,

### POR ORDEM ALFABÉTICA:

Araripe Junior e a Historia da Literatura Brasileira. Alegria, A, e a Tristeza na Literatura. Ainda a poesia das «Espumas Flutuantes». A proposito de um livro. Araujo Pinheiro, José, O Visconde do Rio Grande. Afonso Celso, O Visconde de Ouro Preto.

Ainda Teófilo Braga e o turanismo dos indigenas brasileiros Arqueologia, A. Brasileira e Ladislau Neto.

Alvéolos, Prefacio ao livro de Osorio Duque Estrada.

# AOS ELEITORES DO 1. DISTRITO DA PROVINCIA DE SERGIPE.

Ao sr. Visconde de Taunay.

Amazonas, Os Cantos Populares do.

Ad perpetuam rei memoriam.

Amor e Dolor meus, poesia.

Antigo, O, direito em Espanha e Portugal.

Artur Guimarães, «A Fazenda do Paraiso», Prefacio.

Araripe Junior, Em defesa.

Apresentação de projetos na Camara dos Deputados.

Ao Entardecer, do Visconde de Taunay.

Academias, As, de Coimbra no ano de 1902-1903.

Artur Orlando, Carta-Aberta a.

Artur Guimarães, «Questões Economicas», Prefacio.

A proposito da «America Latina» de Manoel Bomfim.

A Camões, poesia.

## ALEMANISMO, O, NO SUL DO BRASIL

Amélia de Freitas Bevilaqua, Sobre dois romances seus.

### AMERICA, A, LATINA.

Apontamentos, Lucio d'Alva.

Artur Guimarães, Sobre os «Estudos Sociaes».

Afonso Schmidt, Sobre o livro «Janelas Abertas».

- Até onde chega o Norte e começa o Sul do Brasil.

Alberto Torres, A proposito de trabalhos seus.

Ação dissolvente das oligarquias e ação possivel do Ezército.

Aspétos Brasileiros, Sobre o livro de João Vampré.

Associação dos Homens de Letras do Brasil, Comunicação feita á.

### ATUALIDADES E REINCIDENCIAS.

Barão, O, de Cotegipe.

Bernardo Guimarães, Sobre as «Folhas do Outono».

Barbosa Rodrigues e a questão da pedra nefrite.

Benjamim Constant e o Ensino Publico.

Bofetada, A, no cadáver do Fundador da Republica,

Benjamim Constant, Por que defendo a reforma de.

Barbosa Rodrigues e os Contos Populares do Amazonas.

Bernardo Guimarães e Matias de Carvalho, Dois Poetas.

Barão, O, do Rio Branco.

Barão, O, do Rio Branco como historiador e diplomata.

Brasil, O, Moderno.

Brasil, O, Social.

BRASIL, O, SOCIAL.

Brasil Social, Contribuições para o estudo do.

BRASIL, O, NA PRIMEIRA DÉCADA DO SECULO XX.

Brasil, O, deve defender-se contra os assaltos á sua soberania.

Barão de Tautphoeus, A profecia do.

BANCARROTA, A, DO REGIMEN FEDERATIVO NO BRASIL.

Corrêa de Araujo, Um poeta do Norte.

Cartas a Manoel Quintiliano da Silva.

Castro Alves, A poesia das «Espumas Flutuantes».

Castro Alves, Ainda a poesia das «Espumas Flutuantes».

Ciencia, A, Politica e os Pigmeus do Brasil.

Carater, O. nacional e as origens do povo brasileiro.

## COMPENDIO DE HISTORIA DA LITERATURA BRA-SILEIRA.

Camões e «Os Lusiadas».

Cartas, As, de Sempronio e Cincinato contra Senio.

Critica, A, Literaria.

### CANTOS DO FIM DO SÉCULO.

Concepção. A. monística do universo.

Couto de Magalhães, Um etnólogo brasileiro.

Couto de Magalhães e a influencia dos selvagens no «folk-lore» brasileiro.

Couto de Magalhães, Repto a.

# CANTOS POPULARES DO BRASIL.

Cotegipe, O Barão de.

Capistrano de Abreu, Sobre os «Capitulos de Historia Colonial».

### CONTOS POPULARES DO BRASIL.

Ciganos, Os, contribuição etnográfica.

Carlos Jansen e a leitura das classes primárias.

Cóças em Valentim Magalhães.

Camões, A, poesia.

Cantos, Os e Contos Populares do Brasil e o sr. Teófilo Braga. Congresso, O, dos Americanistas.

Carta a Carlos Gomes sobre o martirio de Tobias Barreto.

Conselho, O, de Instrução Superior.

Conselhos, Os dois, de Instrução Publica.

Considerações sobre o Ensino Publico.

Contos, Os, populares do Amazonas.

Calazans, José, A proposito de sua deposição.

Cantos do Equador, Prefacio ao livro de Melo Moraes Filho. Contestação Eleitoral na Camara dos Deputados,

Carvalho Arruda, Prefacio ao livro «Eu».

Classficação, A, dos fenomenos em Sociologia.

Casamento Civil, A proposito do.

Congresso, O. Pan-Americano.

Concepção da Filosofia, Samuel de Oliveira, Prefacio.

Criticas e Discussões.

Codigo Civil Brasileiro, Parecer dado como relator geral na comissão encarregada de elaboral-o.

Codigo,O, Civil, Discurso na Camara dos Deputados.

# CAXIAS, O DUQUE DE, E A INTEGRIDADE DO BRASIL

Carta-Aberta a Artur Orlando sobre a ultima fase da Escola do Recife.

Classificação, A, das Ciencias, Liberato Bitencourt, Prefacio. Carta a Ed. Démolins sobre o Brasil Social.

Criticas e Criticos, Liberato Bitencourt, Prefacio.

Carta a José Oiticica sobre a Escola de Le Play no Brasil. Carta a Edmundo Bitencourt sobre o Socialismo no Brasil.

Carta a José Piza sobre o que se deve entender por caipira. Caipira. O que é o.

Carta a Faelante da Camara a proposito de Tobias Barreto. Concurso, O, de Logica no Ginásio Nacional.

CRITICA, DA, E SUA EZATA DEFINIÇÃO.

Comunicação á Camara dos Deputados.

CASTILHISMO, O, NO RIO GRANDE DO SUL.

Comédias, Martins Pena, Prefacio.

Classification organico-didactique des Sciences.

Com franqueza...

CARTAS.

# DISCURSO NA ASSEMBLÉA PROVINCIAL DE SER-GIPE.

De uma cajadada, dois coelhos.

Dias e Noites, Tobias Barreto, Prefacio.

DIARIO INTIMO.

Dranmor, Prólogo á tradução do «Requiem» de Carolina von Koseritz

Dois poétas. Bernardo Guimarães e Matias Carvalho.

Discurso de saudação a Martins Junior.

Desilusões, As, do sr. Taunay.

Direito Publico, Programa da cadeira de.

# DOUTRINA CONTRA DOUTRINA — O EVOLUCIO-NISMO E O POSITIVISMO NO BRASIL.

Direito Constitucional, Uma questão de.

Dia, O, dos Operarios.

Domingos Jaguaribe Filho, Sobre,

Defesa no Tribunal do Juri do Distrito Federal,

Direito, O. Brasileiro no século XVI.

### DISCURSOS.

Defesa de projetos na Camara dos Deputados.

Dramaturgia, A, Brasileira.

Démolins, Carta a.

Discurso na Academia Brasileira de Letras recebendo a Euclides da Cunha.

Discurso de paraninfo aos alunos diplomados pelo ginasio O'Grambery.

Discurso de paraninfo aos bachareis da Faculdade de Ciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro.

Duas palavras sobre Aspétos Brasileiros.

Dona Dolorosa, Téo-Filho, Prefacio.

Discurso de posse no Instituto Historico e Geografico Brasileiro.

Espumas Flutuantes, A poesia das. ETNOLOGIA SELVAGEM.

Espirito Novo, O, em Filosofia.

Economia Politica, Si é uma ciencia.

Evolução, Os principios fundamentaes da.

Etnólogo, Um, brasileiro.

ETNOGRAFIA BRASILEIRA.

Escola Literaria do Recife, Vista geral sobre a.

Emancipação dos Escravos, A questão da.

Ensino Secundario, A Filosofia e o.

Elemento, O, plebeu na literatura do Brasil.

Escolas literarias e teorias historicas no Brasil.

Ensino, Obrigatoriedade e Liberdade do.

ENSAIOS DE CRITICA PARLAMENTAR.

Escravos, Os, Vermelhos, Melo Moraes Filho, Prefacio.

Estudos Filológicos, Os, de João Ribeiro.

ESTUDOS DE LITERATURA CONTEMPORANEA.

Ensino Publico, Notas sobre o.

ESTUDOS SOBRE A POESIA POPULAR DO BRASIL.

Ensino, O, Publico.

Ensino Publico, Considerações sobre o.

Economia Politica, Programa da cadeira de.

Estudos de Direito, Tobias Barreto, Prefacio.

Estudos Alemães, Tobias Barreto, Prefacio,

ENSAIO DE FILOSOFIA DO DIREITO.

Eu, Carvalho Aranha, Prefacio.

ENSAIOS DE SOCIOLOGIA E LITERATURA.

Escragnole Taunay, Sobre.

Eduardo Prado, Noticia sobre a sua morte.

ELEMENTO, O. PORTUGUEZ NO BRASIL.

Escola, A, Literaria do Recife no ultimo quartel do século XIX

EVOLUÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA.

Escola, A, de Le Play no Brasil.

EVOLUÇÃO DO LIRISMO BRASILEIRO.

Euclides da Cunha, Discurso de recepção na Academia de Letras.

Edmundo Bitencourt, Carta a, sobre o Socialismo no Brasil.

Educação, A, Nacional.

Exercito, O que o Brasil tem o direito de esperar do.

Estudos Sociaes.

Eça de Queiroz, Miguel Melo, Parecer na Academia de Letras. Euclides da Cunha.

Estevam de Oliveira, Sobre as «Notas e Epistolas».

Exercito, Ação possível do, e a ação dissolvente das oligarquias.

Elemento, O, popular na literatura do Brasil.

Estudos sobre a Poesia e os Contos Populares do Brasil.

# ESTADO, O, DO IGUASSÚ: A UNIÃO DO PARANÁ COM SANTA CATARINA.

Fausto Cardoso e a concepção monística do universo. Folk-lore Brasileiro, A influencia dos selvagens sobre o. Folk-lore Brasileiro, Visão sintética sobre o.

Ferreira de Moura, Uns ministros anonimos, Critica Parlamentar.

Francisco Altino Corrêa de Araujo, Um poeta do Norte. Francisco Otaviano, A situação liberal. Uma de suas incarnações.

Folhas do Outono, Bernardo Guimarães, Sobre.

Franklin Guimaraes, «Poesias», Sobre.

Faras Brito, parecer sobre a sua obra, no Ginasio Nacional. FILOSOFIA, A, NO BRASIL.

Fraquezas, As, do Imperio na Questão das Missões.

Floriano Peixoto, O primeiro erro.

Festas Populares do Brasil, Melo Moraes Filho, Prefacio. Festa. A. do Trabalho.

Felisbelo Freire e a «Historia Constitucional do Brasil».

Fazenda, A, do Paraiso, Artur Guimarães, Prefacio.

Frota Pessôa, Em defesa.

Flôres Mineiras.

Fatores antropo-etnológicos — o Portuguez.
Folk-lore Brasileiro, Novas Contribuições para o seu estudo.
FILOSOFIA. A. E O ENSINO SECUNDARIO.

Gonçalves Dias, A Poesia e os nossos poetas.
Ginásio Nacional, Programa da cadeira de Filosofia.
Guarani, O, de José de Alencar.
Gama Berquó e o Brasil do século XVI.
Golpe de vista sobre a Questão das Missões.
Ginasio Nacional, Carta á Congregação do.
Guerra, A, dos Emboabas e o sr. J. P. Xavier da Veiga.
GEOGRAFIA, A, DA POLITICAGEM — O NORTE E
O SUL DO BRASIL.

Harpejos Poéticos, A poesia dos.

Historia, A, da Literatura Brasileira e o sr. Araripe Junior.

HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA, INTRO-DUÇÃO Á.

Historia, A, do Brasil do sr. Melo Moraes.

HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA.

Historia do Direito Nacional, Programa da cadeira de.

Harpa Noturna, Rodrigo Teófilo, Sobre a.

HISTORIA, A, DO BRASIL ENSINADA PELA BIO-GRAFIA DE SEUS HEROES.

Historia, A. Constitucional do Brasil e o sr. Felisbelo Freire. Hæckelismo, O, em Sociologia.

Hermeto Lma, «Iris», Prefacio.

Henrique Marinho, «O Teatro Brasileiro», Prefacio.

Historia do Brasil, Martius e as suas idéas ácerca da.

Indianismo, O, e o sentimento nacional em literatura.

Influencia dos selvagens no «folk-lore» brasileiro.

INTERPRETAÇÃO, DA, FILOSOFICA NA EVOLUÇÃO

DOS FATOS HISTORICOS.

Imperialismo, O, Economico e a Liga Anti-Bancária.

# INTRODUÇÃO A HISTORIA DA LITERATURA BRA-SILEIRA

Intermezo jornalistico.

Intervenção, A, nos Estados na Constituição de 1891.

Idilios Modernos, João Ribeiro, Sobre.

# IMIGRAÇÃO, A, E O FUTURO DA RAÇA PORTU-GUEZA NO BRASIL.

Inglaterra, A. e o Parlamentarismo,

Iris, Hermeto Lima, Prefacio.

Instrução e Educação.

Intuição critica moderna, A poesia fundada na.

Joaquim Nabuco, Camões e 40s Lusiadas».

José de Alencar. As cartas de Sempronio e Cincinato contra Senio.

José Bonifacio, critica parlamentar.

João Alfredo, critica parlamentar.

José do Patrocinio, Polemica com, a proposito de Nabuco e a Emancipação dos Escravos.

João Ribeiro Fernandes, O poeta dos «Idilios Modernos».

Jesuitas, Os, e a Escravisação dos Indios.

João Ribeiro, «Estudos Filológicos», Sobre os.

Jacobinismo, O, O quádruplo inimigo.

Janizarismo, O, O quádruplo inimigo.

José Oiticica, Carta a, sobre a Escola de Le Play no Brasil.

José Piza. Carta a, sobre o que se deve entender por caipira.

José Verissimo, novelista.

José Pedro Xavier da Veiga e a Guerra dos Emboabas.

Janelas Abertas, Afonso Schmidt, Parecer na Academia de Letras.

João Vampré, Aspétos Brasileiros, Sobre os.

Koseritz, Carolina von, «Requiem» de Dranmor, Prólogo.

João do Rio, Entrevista com, sobre o momento literario. Legendas, As, e as Epopéas.

Literatura, A, Brasileira e suas relações com a Portugueza — o néo realismo.

Lafayete Pereira, critica parlamentar.

### LITERATURA, A, BRASILEIRA E A CRITICA MO-DERNA.

Lira Sergipana,

Literatura do Brasil, O elemento pleben na.

Linha Reta, Matias Carvalho, Sobre.

Liberdade e Obrigatoriedade do Ensino.

#### LUCROS E PERDAS.

Leitura, A, das classes primárias e o professor Carlos Jansen. Ladislau Neto e a Arqueologia Brasileira.

Liga, A. Anti-Bancária e o Imperialismo Economico.

# LUIZ MURAT.

Legenda, A, Imperial.

Lopes Trovão, Sobre um discurso de,

Leonidas e Sá, «Palingenésia», Prefacio

Livro comemorativo do Centenario de Pombal, Sobre o.

Liquidação Forçada.

#### LITERATURA. A, BRASILEIRA.

Livro do Centenario do Descobrimento do Brasil, memoria.

Liberato Bitencourt, «A Classificação das Ciencias», Prefacio.

Limitação das milicias estaduaes, Discurso na Camara dos Deputados.

Liberato Bitencourt, «Criticas e Criticos», Prefacio.

Lopes Trovão, A Estacada, Sobre.

Lucio d'Alva, «Apontamentos», A proposito dos.

Luta, A, entre o Paraná e Santa Catarina — a verdadeira solução.

Lucas, Servilio Gonçalves, Sobre.

Luiz Murat. «Ondas», Sobre.

Manoel Quintiliano da Silva, Cartas a.

Machado de Assis, A poesia das «Falenas».

Magalhães, Domingos José Gonçalves de, A Pocsia e os nossos poctas.

Movimento literario brasileiro atual, Sintese do.

Mucio Teixeira, Prefacio ao livro «Novos Idcais».

Moreira de Barros, Uns ministros anonimos, critica parlamentar.

Martinho Campos, critica parlamentar.

Melo Moraes Filho, Sobre o «Curso de Literatura».

Modernas escolas literárias e teorias historicas no Brasil,

Mclo Moraes, A Historia do Brasil e o sr.

Matias Carvalho, Linha Reta, Sobre a.

Melo Moraes Filho, «Os Escravos Vermelhos».

Melo Moraes Filho, «Os Ciganos».

Martins Junior, «A intuição romana e a germanica na praxe processual».

Movimento espiritual do Brasil no ano de 1888.

Martirio, O, de Tobias Barreto.

Mensagem dos Homens de Letras do Rio de Janeiro ao Governo Provisorio da Republica.

Martins Junior, Discurso de saudação a.

Mulher, A, e a Sociogenia, Sobre o livro de Tito Livio de Castro.

Melo Moraes Filho, «Festas Populares do Brasil», Prefacio. Melo Moraes Filho. «Cantos do Equador». Prefacio.

Machado de Assis, Introdução ao livro sobre, Os Nóvos.

MACHADO DE ASSIS.

Marquez, O, de Pombal e a civilisação brasileira.

MARTINS PENA.

Machado de Assis, poeta.

Manoel Bomfim, «A America Latina», A proposito de

Meio, O, fisico brasileiro como fator social.

Maria Clara Cunha Santos, Um livro de viagens, Prefacio.

Mateus de Albuquerque, «Visionario», Sobre.

Mulher, A, e o Veleiano no Brasil.

Martius, C. F. de, e suas idéas ácerca da Historia do Brasil. Miguel Melo, «Eça de Queiroz», Parecer na Academia de Letras.

#### MINHAS CONTRADIÇÕES.

Martinho Garcez, «Nulidades dos Atos Juridicos», Sobre.

Minas Geraes,

Melo Moraes Filho, «Quadros e Cronicas», Sobre.

Martins Pena, «Comédias», Introdução.

Murat, Luiz, «Endas», Sobre.

Naturalista, A Poesia Contemporanea e a sua intuição. Narcisa Amalia. «Nebulosas». Uns versos de moça.

# NOVOS ESTUDOS DE LITERATURA CONTEMPO-RANEA.

Néo-realismo, Prefacio ao livro «Novos Ideaes» de Mucio Teixeira.

Nabuco, Jeaquim, e a Emancipação dos Escravos, A questão do dia.

Nabuco, Joaquim, critica parlamentar.

#### NATURALISMO, O, EM LITERATURA.

Notas sobre o Ensino Publico.

Nabuco, Joaquim, e a Legenda Imperial.

Nova, A, Concepção do Direito no Brasil,

Nova, A, Escola Penal, Viveiros de Castro, Sobre.

Nóvos, Os.

Nóvos, Os, Partidos Políticos no Brasil.

Nosso, O, maior mal.

Nazareth Menezes, Wigilias», Prefacio.

# NATUREZA, DA, DOS CARGOS PUBLICOS NAS DE-MOCRACIAS MODERNAS.

Norte, Até onde chega o, e começa o Sul do Brasil. Nação ou Colonia? Conquista ou não conquista? Notas e Epistolas, As, de Estevam de Oliveira. Novas contribuições para o estudo do «folk-lore» brasileiro. Nulidades dos Atos Juridicos, Martinho Garcez, Sobre.

O que entendemos por Poesia Critica.

Origens do povo brasileiro, O carater nacional e as.

Osorio, Uns ministros anonimos, critica parlamentar.

Obrigatoriedade e Liberdade de Ensino.

Oradores Sacros, Poesia Religiosa e Patriotica.

Osorio Duque-Estrada, «Alvéolos», Prefacio.

Organização do Ensino Secundario — o Gina o Nacional.

OUTROS ESTUDOS DE LITERATURA CONTEMPORANEA

O que se deve fazer.

Olimpio de Campos, Padre, Intermezo Jornalistico.

Origem, elementos, estrutura e evolução da sociedade.

Oiticica, José, Carta a.

Oligarquias, As, e sua classificação,

O que o Brasil tem o direito de esperar do Ezercito.

O' Grambery, Discurso de paraninfo aos alunos do ginásio. Oligarquias, Ação dissolvente das, e ação possivel do Ezercito.

· Ondas, Luiz Murat, Sobre.

Paulo Barreto e as Religiões do Rio.

Poesia, A, Contemporanea e a sua intuição naturalista.

Poesia, A, dos «Harpejos Poéticos».

Poesia Critica, O que entendemos por.

Poesia, A, das «Falenas».

Poesia, A, das «Espumas Flutuantes».

Poesia, A, e os nossos poétas.

Peregrinas, As, de Victoriano Palhares.

Poesia, A, e a Ciencia, I,

Poesia, A, e a Religião.

Poesia, A, e a Ciencia, II.

Problema, O, historico das raças.

Poesia, A, de hoje.

Prioridade, A, de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro.

Poema, O. das Américas.

Programa da cadeira de Filosofia no Ginasio Nacional.

Programa da cadeira de Filosofia do Direito na Faculdade de Ciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro.

Pedagogia e Literatura.

Programa da cadeira de Sociologia no Ginasio Nacional.

Programa da cadeira de Economia Politica na Faculdade de Ciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro.

Programa da cadeira de Historia do Direito Nacional na mesma Faculdade.

Palmares, Os, poesia,

Poeta, O. dos «Idilios Modernos», João Ribeiro.

Poesia Religiosa e Patriotica, Oradores Sacros.

Prefacio aos «Alvéolos» de Osorio Duque-Estrada.

Prefacio á «Palingenésia» de Leonidas e Sá.

Prefacio ás «Festas Populares do Brasil» de Meio Moraes Filho.

Prefacio á «Harpa Noturna» de Rodrigo Teófilo.

Prefacio ao «Robinson Crusoe», trad para as creanças por Carlos Jansen.

Prefacio ao «Eu» de Carvalho Aranha.

Prefacio aos «Estudos de Direito» de Tobias Barreto.

Prefacio a «A Fazenda do Paraiso» de Artur Guimarães.

Prefacio aos «Varios Escritos» de Tobias Barreto.

Prefacio ás «Polemicas» de Tobias Barreto.

Prefacio ás «Questões Economicas Nacionaes» de Artur Guimarães

Prefacio a «O Teatro Brasileiro» de Henrique Marinho.

Prefacio a «A Classificação das Ciencias» de Liberato Bitencourt. Prefacio a «Criticas e Criticos» de Liberato Bitencourt.

Prefacio ás «Vigilias» de Nazareth Menezes.

Prefacio a «Republica Unitaria e Parlamentar» de Samuel de Oliveira.

Prefacio ás «Questões e Problemas» de Tito Livio de Castro.

Prefacio ás «l'oesias» de Teixeira de Melo.

Prefacio a «Dona Dolorosa» de Téo-Filho.

Prefacio aos «Dias e Noites» de Tobias Barreto.

Prefacio aos «Novos Ideais» de Mucio Teixeira.

Prefacio a «Um livro de viagens» de Maria Clara Cunha Santos.

Prefacio á «Concepção da Filosofia» de Liberato Bitencourt. Prefadio aos «Quadros e Cronicas» de Melo Moraes Filho.

Prefacio a «A Verdadeira Revisão Constitucional» de Samuel de Oliveira.

Prefacio a «A Mulher e a Sociogenia» de Tito Livio de Castro. Prefacio ao «Iris» de Hermeto Lima.

Prefacio á tradução do «Requiem» de Dranmor por C. v. Koseritz.

Prefacio a «Os Escravos Vermelhos» de Melo Moraes Filho. Por que defendo a reforma de Benjamim Constant.

Provocações e Debates, série de artigos no «Diario de Noticias».

Pedro II, a Legenda Imperial.

Programa, Um, politico anterior á Republica.

Politica de Sergipe.

Primeiro, O. Erro.

# PARLAMENTARISMO, O, E O PRESIDENCIALISMO NA REPUBLICA BRASILEIRA.

Pela solução amigavel da Questão das Missões.

Prudente de Moraes, Saudação em nome da Congregação do Ginasio Nacional.

Pombal e a Ciivlisação Brasileira.

Proibição de concessão de terras a estrangeiros,

Poesias Completas, Machado de Assis, Sobre.

PASSE RECIBO!

Plinio Mota, «Flores Mineiras», Sobre.

PARNASO SERGIPANO.

Patrocinio, José do, A proposito de sua morte,

PINHEIRO CHAGAS.

Phaelante da Camara, Carta a.

PATRIA, A. PORTUGUEZA DO SR. TEÓFILO BRAGA.

Problemas Brasileiros, Estudos Sociaes.

Poesias de Franklin Guimarães, Sobre.

PROVOCAÇÕES E DEBATES.

Parecer em concurso da Academia de Letras.

Paris avaliado por um brasileiro.

Profecia, A. do Barão de Tautphoeus.

Poesia, A. fundada na intuição critica moderna.

Poesia, A, e os cantos populares no Brasil.

Pragmatistas e Intelectualistas.

#### POEMAS DA EVOLUÇÃO

Questão, A, do dia — a Emancipação dos Escravos.

Quectão das Missões, As fraquezas do Imperio na. Quádruplo, O, Inimigo.

Ouestões de Higiene Publica.

Questão das Missões, Golpe de vista sobre a,

Questão das Missões, Pela solução amigavel da.

Questão, A, do Rio Grande.

Questões Economicas Nacionaes, Artur Guimarães, Prefacio.

Quatro palavras cosvictas.

Que é um caipira?

Questão, A, da Ortografia.

Questões e Problemas, Tito Livio de Castro, Prefacio.

Questões Atuaes.

Quadros e Cronicas, Melo Moraes Filho, Prefacio.

QUADRO SINTETICO DA EVOLUÇÃO DOS GENE-ROS NA LITERATURA BRASILEIRA. Realismo e Idealismo.

Rotina, A, Literaria.

Romantismo, O, no Brasil e em Portugal.

Raças, O problema historico das.

Região e Raças Selvagens do Brasil.

Razões justificativas do art. 482 do Codigo Comercial Brasileiro.

Relações da Literatura Brasileira com a Portugueza.

Rio Branco, O Visconde do, critica parlamentar.

Requiem, de Dranmor, trad, de Carolina von Koseritz.

Robinson Crusoe, trad de Carlos Jansen, Prefacio.

Rui Barbosa, Em defesa da sua política financeira no Governo Provisorio.

Raça, A, uma pagina sobre a Literatura Nacional.

Resposta a um morto.

Rodrigo Teófilo, «Harpa Noturna», Prefacio.

Religiões do Rio, Paulo Barreto, Sobre.

Recolonisação do Brasil.

Realidades e Ilusões no Brasil.

Republica Unitaria e Parlamentar, Samuel de Oliveira, Prefacio.

#### REMEDIO, O.

Raça, A, e sua influencia nas letras brasileiras.

Santa Helena Magno, A poesia dos «Harpejos Poéticos».

Sistema das «Contradições Poéticas».

Sempronio, As cartas de, e Cincinato contra Senio.

Si a Economia Politica é uma ciencia.

Sentimento. O. nacional em literatura.

Sintese do movimento literario brasileiro atual.

Sinimbú, Cansansão de, critica parlamentar.

Sodré, Uns ministros anonimos, critica parlamentar.

Sobre o «Curso de Literatura» de Melo Moraes Filho.

Silveira Martins, critica parlamentar.

Schmid, Frederico, Dranmor.

Situação, A, Liberal. Uma de suas incarnações. Francisco Otaviano.

Sobre o Brasil do século XVI

Sobre o Visconde de S. Leopoldo.

Sobre um discurso de Lopes Trovão.

Sergipe, Politica de.

Sergipe, A verdade sobre o caso de.

Silencio, caluniador!

Simbolismo, O.

Sociologia, O Hæckelismo em.

Sociología, Classificação dos fenomenos em.

Selo e prova testemunhal nas transações comerciaes,

Sobre selos em contas comerciaes.

Samuel de Oliveira, «Concepção da Filosofia», Prefacio.

Sobrepartilha, Teoria da.

Situação, A, do Povo e as Zonas Sociaes do Brasil.

Socialismo, O, no Brasil.

Segadas Viana Junior, A Mulher e o Veleiano no Brasil.

Samuel de Oliveira, «A Verdadeira Revisão Constitucional», Sobre,

Sobre dois livros de Miguel Melo e Afonso Schmidt.

Sobre o livro «Lucas» de Servilio Gonçalves.

Sobre o livro «Ondas» de Luiz Murat,

Tobias Barreto de Menezes, como poeta.

Teófilo Braga e o turanismo dos indigenas brasileiros.

Teorias historicas e escolas literarias no Brasil,

Teófilo Braga e os «Cantos Populares do Brasil».

Teófilo Braga, Réplica a.

TRES, AS, FORMAS PRINCIPAES DA ORGANIZAÇÃO REPUBLICANA.

Tobias Barreto, O martirio de.

Tito Livio de Castro. Taunay, A Legenda Imperial. Taunav. As desilusões do sr. Taunay, Ao Sr. Visconde de. Taunay. «Ao Entardecer». Sobre. Taunay, O Visconde de, homem de letras. Tobias Barreto, «Estudos de Direito», Prefacio, Tobias Barreto, «Estudos Alemães», Prefacio, Tobias Barreto, «Dias e Noites». Prefacio á 1.º e á 2.º edicões. Tito Livio de Castro. «A Mulher e a Sociogenia», Prefacio. Tobias Barreto, «Machado de Assis», estudo comparativo. Tobias Barreto, «Varios Escritos». Prefacio. Tobias Barreto, «Polemicas». Prefacio, Tobias Barreto. Bréve noticia de sua vida. Tobias Barreto. Um livro sobre. Teatro, O, Brasileiro, Henrique Marinho, Prefacio. Teófilo Braga, «A Patria Portugueza», Sobre. Teatro, O, em Juiz de Fóra. Teixeira de Melo, como poéta, Tautphœus, A profecia do Barão de. Téo-Filho, «Dona Dolorosa». Prefacio. TOBIAS BARRETO - O HOMEM E O ESCRITOR

Uma pagina sobre a literatura nacional,
Uns versos de moça.
Um etnólogo brasileiro — Couto de Magalhães.
Uns ministros anonimos, critica parlamentar.
ULTIMOS HARPEJOS.
Um moço e um velho poétas.
Uma reforma no ensino da praxe processual.
Um programa político anterior á Republica.
UMA ESPERTEZA.
Uma questão de Direito Constitucional.
Uma suposta lei sociológica.
Um livro de viagens, Maria Clara Santos, Prefacio.

Uma escritora brasileira, D. Amelia Freitas Bevilaqua.
Um livro sobre Tobias Barreto.
Um livro juridico — Martinho Garcez.

Vitoriano Palhares, A proposito de um livro de. Visão sintética sobre o «folk-lore» brasileiro. Visconde, O, do Rio Branco, critica parlamentar. Vista geral sobre a Escola Literaria do Recife. Vicente de Souza, Polemica com, a respeito de Nabuco e a Emancipação dos Escravos.

Valetim Magalhães, Coças em.

#### VALENTIM MAGALHÃES.

Valentim Magalhães, Sobre a Literatura Brasileira de. Visconde de S. Leopoldo. Sobre o.

Viveiros de Castro e «A Nova Escola Penal».

# VERDADE, A. SOBRE O CASO DE SERGIPE.

Varios Escritos, Tobias Barreto, Prefacio.

Viagem á Europa.

Versos, versos e mais versos...

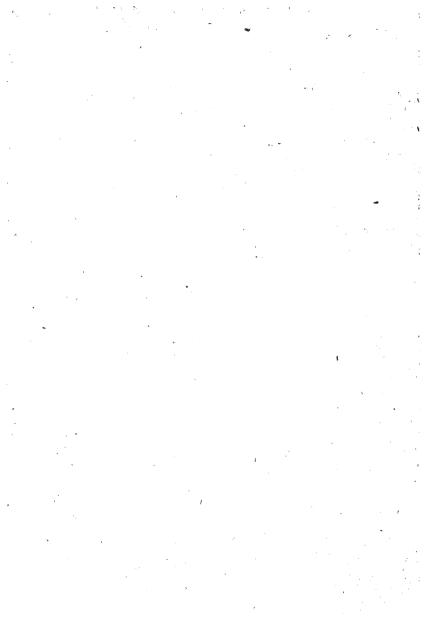
#### VAMPIRO, O, DO VASA-BARRIS.

Vistas sintéticas do Brasil Social obtidas pelos processos de Le Play.

Visionario, O, de Mateus de Albuquerque. Veleiano, O, e a Mulher no Brasil. Vigilias, Nazareth de Menezes, Prefacio. Verissimo, José, novelista. Verdadeira, A, Revisão Constitucional. Valadares, Francisco, Sobre.

Xavier da Veiga, J. P. e a Guerra dos Emboabas.

Zonas, As, Sociaes e a situação do povo no Brasil. ZÉVERISSIMAÇÕES INEPTAS DA CRITICA.



# INDICE

	Pag.
	rag.
Evocação	13
Cap. 1 (1851-1868)	19
Cap. 2 (1868-1870)	42
Cap. 3 (1870-1873)	70
Cap. 4 (1873-1876)	110
Cap. 5 (1876-1878)	156
Cap. 6 (1878-1879)	185
Cap. 7 (1879-1880)	237
Indicação Bibliografica (1869-1914)	305
— a) por ordem cronológica	<b>3</b> 07
— b) por ordem alfabética	320



★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Emprêsa Gráfica da «Revista dos Tribunais», á rua Xavier de Toledo, 72 — São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em Fevereiro de 1938.



SILVIO ROMERO

crayon de Jordão de Oliveira



1. A casa em que nasceu Silvio Roméro — 2. A mãe de Silvio — 3. A velha Antonia, a «mãe-preta». — 4. O pai de Silvio — 5. O «Engenho Moreira» (a casa grande).



Edificio do «Pedagogium», na rua do Passeio (Rio de Janeiro) onde, em 1863, funcionou o aAteneu Fluminense».



1. A Faculdade de Direito do Recife ao tempo em que a cursou Silvio Roméro. — 2. Castro Alves. — 3. Tobias Barreto. — 4. A Faculdade de Direito do Recife, hoje.





A' esquerda, a casa do Fôro em Paratí (E. do Rio). — Ao alto, a casa em que Silvio viveu no Lagarto. — Em baixo, o largo principal da vila do Lagarto.





D. Clarinda Diamantina de Araujo Roméro primeira esposa de Silvio (1861-1886)